

ELLA FIELDS

Autora best-seller do *USA Today*

Mais que amigos



*"Me apaixonar por você
foi a coisa mais difícil,
exaustiva, estimulante e
maravilhosa que já me
aconteceu."*





Mais que amigos

ELLA FIELDS

TRADUÇÃO:
ANA CAROLINA CONSOLINI

1ª EDIÇÃO – 2022
RIO DE JANEIRO

ALLBook
EDITORA

Todos os direitos reservados
Copyright © 2022 by AllBook Editora.

Direção Editorial: Beatriz Soares

Tradução: Ana Carolina Consolini

Preparação e Revisão: Clara Taveira, Raphael Pellegrini e Allbook Editora

Diagramação e produção digital: Cristiane [Saavedra Edições]

Capa: Rebecca Barboza

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

**CIP - BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
GABRIELA FARAY FERREIRA LOPES - BIBLIOTECÁRIA - CRB-
7/6643**

F478m

Fields, Ella

Mais que amigos [recurso eletrônico] / Ella Fields ; tradução Ana Carolina Consolini. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Allbook, 2022.

Tradução de: Kiss and break up

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-86624-87-8 (recurso eletrônico)

1. Romance australiano. I. Consolini, Ana Carolina. II. Título.

22-77534

CDD: 823.4

CDU: 82-31(94)



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA
contato@allbookeditora.com
[HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM](https://allbookeditora.com)

Para Taryn,
que me conhece tão bem e, mesmo assim, ainda
gosta de mim.

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Capítulo 1
Peggy

Capítulo 2
Peggy

Capítulo 3
Dash

Capítulo 4
Peggy

Capítulo 5
Dash

Capítulo 6
Peggy

Capítulo 7
Dash

Capítulo 8
Peggy

Capítulo 9
Peggy

Capítulo 10
Dash

Capítulo 11
Peggy

Capítulo 12
Peggy

Capítulo 13
Dash

Capítulo 14
Peggy

Capítulo 15
Peggy

Capítulo 16
Peggy

Capítulo 17
Peggy

Capítulo 18
Peggy

Capítulo 19
Peggy

Capítulo 20
Dash

Capítulo 21
Peggy

Capítulo 22
Peggy

Capítulo 23
Dash

Capítulo 24
Peggy

Capítulo 25
Peggy

Capítulo 26
Dash

Capítulo 27
Peggy

Capítulo 28
Dash

Capítulo 29
Peggy

Capítulo 30
Peggy

Capítulo 31
Dash

Capítulo 32
Peggy

Capítulo 33
Peggy

Capítulo 34
Dash

Capítulo 35
Peggy

Capítulo 36
Peggy

Capítulo 37
Peggy

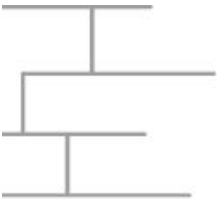
Capítulo 38

Dash: sete meses depois

Agradecimentos

AllBook Editora

Não existe faca mais afiada do que a da traição.



Capítulo 1



Peggy

Passei a língua em meus dentes pela milionésima vez desde ontem, sentindo o esmalte suave, a liberdade que tomou minha boca.

— Se você continuar encarando, cutucando e mexendo neles do jeito que está fazendo, mais cedo ou mais tarde não vai ter mais nenhum dente para ficar alisando.

Meus lábios se fecharam automaticamente, e eu me virei de lado, encarando minha mãe.

— Dois anos, mãe. Quase dois anos inteiros sentindo esse maldito gosto de prego na boca. Me deixa lustrar meus dentes um pouco.

— Mais um dia, e eu quero ver você fazendo algo um pouco mais produtivo com as últimas semanas das férias de verão. — Ela arrumou a cesta da lavanderia no quadril e franziu as sobrancelhas. — E controla essa boca. — Eu sorri enquanto ela ia embora e depois grunhi quando a ouvi gritar. — Me encontra no carro, nossos horários no salão estão marcados para daqui a quinze minutos.

— Nós mal chegamos em casa, estamos aqui há menos de uma hora. Ainda não tive tempo de ver minhas notificações.

— Notificações coisa nenhuma. Seu cabelo precisa de um corte, e meus cabelos brancos já estão começando a aparecer.

Ela tinha, tipo, uns cinco fios brancos, mas se Phil, o namorado da mamãe, ou eu falássemos sobre isso com ela, ganharíamos a maior encarada maligna já testemunhada na história. A verdade é que ela gosta de ir ao salão todo mês. Por mais que nossa vida tivesse mudado muito nos últimos oito anos, algumas coisas da realidade anterior, como se dar alguns mimos, não mudaram.

Meu celular tocou pela segunda vez enquanto eu enfiava os pés de volta nas botas. Eu o arranquei da faixa na minha cintura, mexendo em camadas e mais camadas de tecido para alcançá-lo. Não era muito prático, mas muitas das minhas saias não tinham bolsos, e eu não era muito fã de usar bolsa. Eu guardava qualquer dinheiro que tivesse dentro do sutiã. Enquanto eu destravava o celular, dei uma leve batida por cima do peito para verificar a nota de vinte que tinha colocado ali.

Dash, o Demônio: E aí?

Dash, o Demônio: Sardas, isso não tem graça. Você disse meio-dia. Já passa de uma hora, caso você não consiga ver as horas.

Dash, o Demônio: ... mas você consegue. O que significa que você está ignorando seu juramento.

Com um suspiro, afastei alguns cachos do rosto e respondi:

Eu: Estou indo ao cabeleireiro. Need a trim, Jim.

Dash, o Demônio: Quem cacete é Jim?

Dash, o Demônio: Deixa pra lá. Você é péssima. Eu espero que eles cortem todo o seu cabelo e te deixem careca.

Rindo, eu bloqueei o celular e corri pelas escadas até a porta da frente enquanto ouvia minha mãe ligar o carro. Fechei a porta atrás de mim, verifiquei se estava trancada e depois pulei os três degraus da varanda da frente, aterrissando perto do Honda CRV da minha mãe.

Meu celular tocou de novo no meu colo, mas o ignorei.

— Dash está insatisfeito com algo? — minha mãe perguntou enquanto colocava o carro na rua novamente.

Eu puxei o quebra-sol para olhar meus dentes no espelho de novo.

— Quando Dash está satisfeito com algo?

Ela riu enquanto apertava o volante, os pneus passando por cima dos seixos que escaparam da novíssima demarcação da garagem do vizinho.

— É verdade.

Dashiell Thane era meu melhor amigo desde quando consigo me lembrar. Ele não teria sido minha primeira escolha, mas, de qualquer forma, desde que ele aprendeu a falar e a usar as palavras a seu favor, descobrindo que uma cara feia pode ser uma arma, eu não tive mais poder de decisão.

Uma das memórias mais antigas que tenho dele é de quando estávamos na pré-escola. Ele jogou água gelada dos bebedouros na minha cabeça e depois me disse que fui formalmente iniciada como sua melhor amiga. Eu não queria ser a melhor amiga dele, mas não importou o quanto eu gritei isso para ele ao longo dos anos seguintes, Dash apenas me dava um daqueles sorrisos sarcásticos e simplesmente dizia:

— Como se eu me importasse com isso, Sardas.

E foi basicamente isso.

Eu não tive escolha, e sendo bem sincera, algumas vezes isso me incomodou. Mas conforme os anos foram passando, eu, de algum jeito, comecei a me importar com aquele idiota. Ele é o irmão que eu nunca quis.

— Estou louca para saber se aquele menino já deu algum cabelo branco a May — minha mãe disse com uma ligeira alteração na voz.

Era uma vez nossas mães, May e Peony, as melhores amigas. Elas se conheceram na faculdade, e antes de se formarem, fizeram um pacto. Casar com um homem rico e nunca se apaixonar. A ideia maluca funcionou, embora minha mãe tenha se casado com um homem com quase o dobro da sua idade, meu pai, enquanto May ficou com um que era dez anos mais velho que ela, e isso era nítido.

May não se importava com os casos do marido, que aconteciam com qualquer mulher que usasse uma saia ou blusa muito apertada na empresa dele, porque May era inteligente e não se apaixonara.

No entanto, ela gostava bastante do jardineiro, Emanuel, um homem oito anos mais novo, embora nunca admitisse isso ou deixasse Mikael, o marido, por ele. Isso significaria desistir de tudo que ela amava.

Dinheiro.

— Provavelmente — eu disse através de um bocejo, olhando para a pequena fileira de lojas à frente. — Mas não é como se alguém fosse ver.

Os lábios de mamãe se franziram, e o que pareceu um suspiro escapou quando eles se separaram.

Mamãe conheceu o namorado dela, Phil, quando eu tinha dez anos. Phil dava aulas de inglês na escola pública, a tratava como uma rainha e dirigia um caminhão branco de segunda mão com um amassado no para-choque que ele ainda não havia consertado mesmo depois de tantos anos.

Mudamos da mansão do meu pai, que ficava perto da baía, um mês depois, e embora ela parecesse amar Phil, não fomos morar

com ele. Ele também não morava com a gente, embora muitas vezes estivesse na nossa casa. Em algum ponto dessa história, acho que minha mãe se cansou de ser uma mulher sustentada, e foi então que o fosso entre May e ela se formou.

Minha mãe arranhou um emprego.

Trabalhar na biblioteca local quatro dias por semana não pagava muito, mas era o suficiente para ela fazer um pé de meia, agradecer ao meu pai por tudo que ele tinha feito por ela e então sair correndo de lá assim que o caminhão de mudança chegou.

De mansões, chalés de três quartos e vestidos de baile para All-Stars e jeans usados; quando eu tinha dez anos, minha vida mudou da noite para o dia, e embora eu estivesse em choque, não demorei muito para perceber que ficaríamos bem.

Papai ofereceu que eu ficasse com ele, e por mais que tivesse sido conveniente continuar morando perto de Dash, que permaneceu sendo um dos meus poucos amigos, recusei. Se Dashiell quisesse me ver, ele encontraria um jeito.

E foi o que ele fez. Demorou mais do que eu gostaria para ele parar de reclamar sobre as favelas dos subúrbios, e ele ainda reclamava do cheiro de mofo que vinha do riacho e se infiltrava em nossas janelas.

Eu amava aquele riacho. Corria bem ao longo da borda do nosso quintal, e embora a quantidade de repelente que eu precisasse usar lá fora me deixasse cheirando a um produto químico ambulante, ouvir a água borbulhando rio abaixo pela minha janela aberta foi a melhor canção de ninar que já foi cantada para mim.

O *Hair Repair* era um pequeno salão coberto de tinta roxa. Cadeiras roxas, pias roxas, bancada roxa, secadores roxos... Você entendeu.

Suella sorriu quando entrei, girando uma cadeira que acabara de limpar com uma toalha. Eu marchei e caí direto nela, sorrindo para o espelho.

Ela arquejou, batendo no meu ombro e me girando para agarrar meu queixo.

— Já era hora, menina. Bem a tempo para seu último ano no colégio.

Ela arquejou novamente, as unhas de acrílico cintilante se enterrando em minha pele e o cheiro dominante de Chanel atingindo meu rosto.

— O baile. Ah, me diz que você já está procurando um vestido.

Puxando meu celular, consegui escapar de seu aperto no meu queixo enquanto me virava e endireitava minha saia, ficando confortável.

— Já sei que vestido vou usar.

Mamãe gemeu, se sentando em uma cadeira ao meu lado enquanto sua cabeleireira e amiga íntima, Bev, terminava uma ligação no balcão da recepção.

— Ela encontrou uma coisa horrível no brechó há um mês. O pai disse que compraria para ela qualquer vestido que quisesse, mas, não, é claro que ela tinha que escolher algo que custa quinze dólares e cheira a naftalina.

Eu desbloqueei a tela do meu celular.

Dash, o Demônio: Você já ficou careca?

Enquanto Suella borrifava água no meu cabelo, digitei uma mensagem, ouvindo minha mãe descrevendo o vestido rosa-chiclete no estilo anos oitenta, cheio de camadas de tule e babados.

Eu: Negativo.

Dash, o Demônio: Hmm. Resposta com só uma palavra. Você está brava?

Eu: Não.

Eu ria enquanto ele, sem dúvida nenhuma, analisava com afinho todas as possíveis possibilidades da minha curta resposta. Levaria uma bronca mais tarde, mas não me importei.

— Você não pode usar esse vestido — disse Suella, passando um pente pelo meu cabelo.

Coloquei o celular no colo, estremecendo quando o pente prendeu em um nó.

— Eu posso e vou.

Mamãe suspirou, abrindo uma revista.

Suella apertou os lábios quando encontrei seu olhar no espelho.

— Então, o que vamos fazer? Aparar as pontas?

Prestes a acenar com a cabeça, estudei os longos cachos que caíam em uma confusão enrolada em volta do meu rosto e pelas minhas costas. O cabelo do Hagrid era como as maravilhosas pessoas que iam à mesma escola que eu o descreviam.

As mensagens de Dash vieram à mente. Eu sorri, vendo o branco perolado e dos meus dentes retinhos, e a alegria percorreu meu corpo.

— Vamos cortar tudo.

Mamãe resfolegou, chocada, a revista escorregando e quase caindo no chão de concreto pintado de roxo.

Suella sorriu e imediatamente começou a trabalhar.

Enquanto os cachos loiros caíam, espalhados no chão em volta das botas pretas na altura do joelho de Suella, minhas mãos escorregadias lentamente pararam de segurar o celular.

Enquanto mamãe esperava o tempo de lavagem da tinta, decidi ir à banca de jornal para encontrar a última edição do *Scrapbook & Cards Today*.

A brisa beijou minhas pernas quando saí, meu novo cabelo balançando sobre os ombros. Suella havia secado os cachos em ondas suaves, e a ausência do peso que normalmente caía sobre minhas costas e ombros fez meus lábios se curvarem.

Do lado de fora da loja cheia de pôsteres, esperei que dois caras que reconheci da escola passassem (eles mal me deram atenção, nada de novo) e rapidamente tirei uma selfie.

Lá dentro, o cheiro de revistas fez meu peito vibrar; acenei para Rich atrás do balcão antes de correr para a seção de artesanato. Com uma revista em uma mão e meu celular na outra, parei assim que ouvi o último bipe.

Willa: Desculpa, acho que você errou de número.

Daphne: Né? Esse é um perfeito caso de “quem é você e o que você fez com a minha amiga?”

Respondi as mensagens, tentando conter meu sorriso enquanto alguém se aproximava por trás de mim, parando no corredor que estava vazio.

Eu: Loucura! Me sinto uma pessoa nova.

— Ei. Peggy, né? — uma voz grossa perguntou.

Quase deixei cair o celular, girando lentamente e descobrindo um peito largo e duro. Meus olhos se ampliaram, e o rosto de Byron Woods se voltou para mim.

— Uhn, sim. — Eu dei uma risada nervosa que me fez desejar me dar um soco. — Sou eu, sim.

O que ele quer e por que está sorrindo para mim?

Seus dentes brancos e brilhantes prenderam minha atenção. Tanto, que demorei muito para reparar os lábios macios ao redor deles se movendo.

— Desculpe, o quê?

Ele deu uma risadinha.

— Eu disse que acabei de passar por você do lado de fora, mas você não deve ter me visto.

— Ah, foi mal.

— Eu não queria parecer um stalker nem nada, mas... — Ele parecia estar corando um pouco. — Há uma festa neste fim de semana na casa de Wade. Ah, então, eu pensei em ver se você sabia algo a respeito disso.

Baixei os cílios, virando a cabeça.

— Estou sabendo agora.

— Certo. — Ele passou a mão pelo cabelo cortado curto, soltando uma risada. — Acho que o que eu quis dizer é que seria muito legal se eu pudesse te encontrar lá.

Meu estômago se afundou e minha mão ficou pegajosa contra a capa brilhante da revista. *Ele está me chamando para sair? Será?* Eu não tinha certeza. Tudo que eu sabia era que Byron era fofo naquele estilo “menino da porta ao lado”. Ok, fofo era provavelmente um eufemismo. Ele era alto, musculoso em todos os melhores lugares, graças a sua participação na equipe de lacrosse, e tinha cabelos castanho-escuros e olhos verdes penetrantes.

E, pelo que eu soube quando as aulas terminaram, não estava solteiro.

— Você não tem namorada? — soltei imediatamente me encolhendo.

— Não mais. — Ele olhou para o meu celular, que estava pendurado precariamente entre meus dedos escorregadios, como

se estivesse pensando em me pedir meu número. — Então vejo você na sexta?

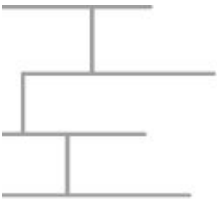
Tudo que pude fazer foi concordar com a cabeça e vê-lo sair em direção ao seu amigo Danny, que o estava esperando.

Não mais.

O que isso significa?

Pânico misturado com empolgação me atingiram, e incapaz de definir quem estava ganhando essa batalha, enviei outra mensagem.

Eu: Reunião de emergência. Minha casa, amanhã.



Capítulo 2



Peggy

— Ele e Kayla aparentemente terminaram há duas semanas, depois que ela foi pega beijando um cara mais velho em uma festa. — Willa tomou um gole de refrigerante. — Tem foto em tudo quanto é canto.

Colocando a lata no chão, ela jogou alguns fios do seu longo cabelo castanho ondulado por cima do ombro e começou a mexer na caixa de renda.

Mamãe estava no trabalho, e foi por isso que esperei para fazer essa pequena reunião hoje, embora estivesse desesperada.

Já era difícil lidar com Dash, que dizia persistentemente que eu estava agindo estranho quando cheguei em casa ontem e me conectei para jogar *Blitz*. Eu consegui despistá-lo, mas ele não ficaria sem novidades por muito tempo. O jeito como se intrometia em cada aspecto da minha vida me enfurecia. Nada era sagrado. Mas quando se tratava dele, Dash me olhava como se eu fosse louca por ousar perguntar sobre o que ele estava fazendo ou com quem tinha dormido.

— Isso é uma merda. — Coloquei a pistola de cola quente na mesa, apoiando meu queixo no punho.

Daphne era a única de nós que estava realmente fazendo algum trabalho. Hoje, ela trouxe alguns selos antigos que comprou por uma pequena fortuna no eBay os estava usando para fazer uma borda no álbum em que estava trabalhando. Embora ela não parecesse se importar, Daphne era a mais popular de nós três. Seus olhos verdes brilhavam de uma forma que chamava a atenção de qualquer pessoa. Junto com o cabelo castanho-escuro, liso e sedoso, ela era quase hipnotizante de se olhar. Sua confiança era outra qualidade notável. Seus modos tranquilos e a maneira como não se importava com a opinião de ninguém foram as coisas que me atraíram nela.

— Para mim chega dessa merda da Kayla — disse ela, um dedo longo alisando uma página. — Ela é do pior tipo de piranha que existe.

— Isso significa que você vai sentar com a gente na escola agora? — Willa perguntou.

As sobrancelhas de Daphne se franziram, e ela se recostou na cadeira.

— Eu sempre me sento com vocês. — Quando não dissemos nada, ela olhou para mim. — Pegs?

— Bem — eu disse. — Quer dizer... às vezes?!

Seus lábios se apertaram enquanto ela absorvia minha resposta por um momento.

— Como eu disse, chega. Então o às vezes agora vai virar o *tempo todo*.

Willa e eu permanecemos quietas.

Não que Daphne tivesse vergonha de sair com a gente. Não éramos exatamente um grupo de fracassadas nem nada. É que ela fez amizade com a gente por causa do nosso amor mútuo por artesanato no início do ano passado, na aula de Artes, mas ela antes andava com a galera descolada durante todo o ensino médio. No ensino fundamental também.

— Voltando para Byron. — Mudei um pouco o assunto. — Ele estava me chamando para sair?

— Ele estava claramente te chamando para sair — disse Willa.

Daphne passou as mãos pelos cabelos.

— Ele não te convidou para sair. Não é um encontro, mas ele quer ter um encontro com você. Essa, minha amiga, foi a maneira menos formal e oficial de pedir.

Willa e eu nos olhamos, então balancei a cabeça.

— E eu deveria ir?

Daphne fez um som de frustração.

— Você precisa de um tapa na cara?

— Ahn...

Ela continuou:

— Você é incrivelmente linda. Ele quer você, assim como muitos caras da escola provavelmente também querem, só nunca falaram. Então pare de agir como se estivesse chocada.

Minha língua ficou seca de tanto que mantive a boca escancarada.

— Mas, hum, eu estou chocada.

Os olhos de Willa se alternaram entre nós enquanto ela mantinha a lata de refrigerante em seus lábios.

A expressão de Daphne suavizou, assim como sua voz.

— Olha, os caras sempre notaram você. Dash simplesmente não os deixa ficar olhando muito tempo.

— Dash?

Willa tossiu.

— Sim, idiota. Ele está sempre cortando o barato de todo mundo, antes mesmo que eles possam fazer algo. — Ela fez uma pausa, os olhos verdes se estreitando na minha direção. — Você já sabe disso.

— Eu acho que percebi. — Não estava mentindo. Eu sabia que ele era protetor comigo daquele seu jeito estranho e idiota, mas não tinha certeza se isso acontecia tanto quanto Daphne estava sugerindo.

Daphne e Willa abriram sorrisos semelhantes, e logo em seguida Daphne murmurou:

— Bem, eu acho que eles não estão, ou pelo menos Byron não está mais dando a mínima para o que Dash Thane pensa.



Depois que elas saíram, eu organizei tudo e levei meu caderno de artesanato para o meu quarto.

Essa coisa de *não encontro* era confusa. Talvez Byron só quisesse ficar comigo, e talvez isso fosse bom. Ou talvez não. Será que existia algum regulamento oficial para ficantes? Fiz uma nota mental para perguntar à Daphne sobre isso mais tarde.

Eu teria gritado ao ver um corpo estendido sobre a minha cama, as botas de combate e a jaqueta de couro amontoadas no chão quando entrei no quarto, mas era uma ocorrência muito comum para me assustar.

— Você não ficou careca.

Eu sorri, me esquivando do pijama da noite passada no chão do meu quarto.

— Nunca disse que ficaria.

— Você também nunca negou. — Dash largou o livro que trouxera e tirou os grossos óculos de leitura de armação preta.

Coloquei o caderno na minha mesa, em seguida caminhei até a cama e rastejei sobre suas pernas, vestidas com seu jeans preto de costume, para me sentar contra a parede perto da janela pela qual ele havia entrado.

— Teria ficado legal em você.

Eu levantei uma sobrancelha para ele.

— Cala a boca.

Dash mordeu a armação dos óculos, estreitando os olhos azuis, da mesma cor do oceano, para o meu rosto.

— Você parece diferente.

Bocejando, murmurei:

— Corte de cabelo, lembra?

Seu cabelo dourado estava perfeitamente penteado, puxado para trás muitas vezes e, portanto, permanentemente arrumado para ficar longe do rosto.

Aquele cabelo, as maçãs do rosto angulosas e a covinha que aparecia quando ele sorria fizeram muitas garotas tolas olharem para além de suas ações vulgares e vocabulário desagradável, com intenção de tentar domar o indomável.

— Quem diria que tirar todo aquele ferro dos seus dentes a tornaria tão corajosa?

— Nem começa com isso.

— Ah, não, eu nem comecei ainda. — Ele se apoiou nos cotovelos e deixou o olhar viajar por mim. — Eu gostava do seu cabelo comprido.

— E eu gosto de poder entrar no meu quarto nua depois do banho, mas não consigo fazer isso há anos.

Ele nem sequer esboçou um sorriso.

— Eu já te vi nua.

— Quando eu não tinha seios, Dash. — Cutuquei o esmalte rosa lascado em minhas unhas.

— Eu não ligaria a mínima.

Aquela voz profunda e aveludada soou.

— Eu ligaria.

Ele pendurou os óculos na gola V da camisa branca.

— O que está te incomodando?

— Nada. — Eu tossi, percebendo tarde demais que consegui errar ao responder só com uma palavra.

— Ora, ora... — Dash arrastou as sílabas. — Você está ficando rosa da cor desse esmalte feio nas suas unhas.

Eu não disse nada e saí da cama. Talvez, se eu pegasse o aspirador, ele interpretaria isso como um sinal para sair. Embora

Dash nunca tivesse feito isso antes. Ele ia e vinha quando queria, vivendo somente de acordo com seu próprio ritmo.

— Se você acabou com os insultos por hoje...

— Sente-se.

— O quê? — Quase gritei.

Ele agarrou meu pulso, me puxando de volta para a cama.

— Você está estranha desde ontem. Fala.

— “Fala”? — Uma risada incrédula explodiu. — Eu não sou uma droga de um cachorro.

Uma sobrancelha grossa se ergueu.

— Eu não disse que você era. Mas sinto que preciso encorajá-la a usar suas palavras, o que é frustrante pra caralho, para dizer o mínimo.

— Vamos jogar *Blitz*.

— Foda-se *Blitz*.

Ah, merda. Se nem isso pudesse atrair sua atenção, então não haveria como sair dessa.

Eu me inclinei, empurrando seus pés para longe.

— Encontrei o Byron, da minha escola, ontem depois de cortar o cabelo.

— Literalmente? Explica melhor.

— Na banca de jornal. Ele, hm... — Eu soltei um suspiro que empurrou alguns dos meus cachos rebeldes de lado. — Ele me convidou para ir à festa de Wade neste fim de semana.

O silêncio dominou o quarto; os insetos zumbindo eram o único som.

Eu olhei para Dash, de estômago embrulhando. Não conversamos sobre garotos. Nunca. Normalmente não havia necessidade. Qualquer paixão que eu tivesse guardava para mim mesma ou falava com Willa e Daphne.

— Que amor — disse ele finalmente, em tom de zombaria. — E você vai a essa festa?

— Estou pensando nisso — admiti, aliviada por ele finalmente ter dito alguma coisa. — Daphne e Willa podem aparecer também.

— Bom. Elas podem ser capazes de evitar que aquele animal imundo tente entrar nas suas calças.

Chocada, respirei fundo.

— Animal imundo?

Dash se sentou, a camisa branca deslizando sobre sua barriga bronzeada, dando um relance dos pelos escuros acima da calça jeans. Eu desviei o olhar. Sempre que me pegava olhando para ele, uma sensação estranha, muito parecida com vergonha, tomava conta de mim. Não só Dash não era meu tipo — porque ele era horrível —, como também era como um irmão para mim.

— Woods só quer uma coisa de você, Sardas. Ele está na fossa. Portanto, não se precipite muito.

Meus ombros caíram, e eu mordi o lábio para conter a decepção que senti dentro de mim.

— Vamos jogar. — Dash ligou minha pequena TV, depois o Xbox e voltou para seu lugar na cama, me jogando o segundo controle.

Fiquei olhando para ele por um momento enquanto ele se conectava, já que sabia todas as minhas senhas.

Eu não queria jogar. Queria perguntar por que os meninos são tão confusos, mas isso seria estranho.

— Não atire em mim dessa vez.

— Foi um acidente — eu resmunguei.

— Claro, lógico.



Capítulo 3

Dash

— Meus saltos estão presos na terra — lamentou Mila.

Jackson girou a moto ao meu lado, o som felizmente abafando as reclamações. Ele me lançou um olhar que dizia “*o que ela está fazendo aqui?*”. Dei de ombros e apontei por cima do ombro para Lars, que estava tragando um cigarro e brincando com os raios duplos das rodas da minha moto depois de ter batido numa pedra do tamanho da cabeça de melão de Mila.

Lars era pobre demais para comprar sua própria moto, então sempre que tínhamos vontade de dar uma volta, ele usava a minha.

Ele já teve uma, uma Honda mais velha que minha mãe, mas admitiu que a vendeu para pagar os uniformes da escola há dois anos.

Isso não significa que eu não rasgaria sua camisa se ele fodesse com aqueles aros. Eles valiam mais do que a própria moto. Meio estúpido, mas tanto faz.

— Lars, você convidou a Melão?

Lars jogou a cinza na terra batida, olhando para trás, por cima das colinas salpicadas de grama onde Mila estava tropeçando. Daria para ver minha casa através das árvores se apertasse os

olhos. Três acres de terra não urbanizada eram inteiramente meus. Papai comprou a casa e nunca deixou de me lembrar que eu deveria andar nas motos que custaram a ele uma pequena fortuna em vez de jogar videogame. Eu não aceitava sugestões ou lembretes muito bem. Então eu acho que dá para dizer que eu não os seguia de jeito nenhum. Eu andava quando queria, e nunca quando ele dizia que eu deveria.

— Merda. — Lars cuspiu no chão e apagou o cigarro.

Eu fiz uma careta, ajustando minhas luvas, quando ele tirou o capacete e passou a perna por cima do assento. Um segundo depois, estava partindo em direção ao pôr do sol manchado de laranja.

Jackson balançou a cabeça, os olhos rindo antes que ele fizesse o mesmo que Lars.

Parada a alguns metros de distância, Mila os observou ir, depois olhou para mim com evidente consternação. Dei de ombros, coloquei meus óculos de proteção e a borriftei com terra enquanto corria atrás deles.

Nós corremos sobre os morros, fendas e valas que criamos depois de horas deslocando a terra com pás ou usando a escavadeira que papai comprou no Natal passado.

Vinte minutos depois, perto do limite de nossa propriedade, paramos perto do pequeno riacho escondido atrás de um punhado de pedras e ervas daninhas.

Lars tirou o capacete, jogando para trás o cabelo encharcado de suor.

— Você acha que ela foi embora?

— Ela provavelmente ainda está mancando de volta para o carro.

— Coloquei o capacete no colo e tirei o maço de cigarros da calça. Ele estava esmagado, como o esperado, mas ainda estavam bons o suficiente.

Jackson se inclinou sobre o guidão, de bochechas coradas, e bufou com força.

— O que ela estava fazendo aqui?

Estávamos em uma forma tão boa quanto possível para um bando de idiotas que bebiam, fumavam e usavam drogas estranhas de vez em quando. Mas eu não me importei. Eu parei de competir quando tinha quinze anos, descobri coisas mais interessantes para fazer com meu tempo. Coisas que, claro, envolviam meu pau.

Jackson ainda competia vez ou outra. Lars nunca competiu. Muito caro para ele.

Lars parecia um pouco chateado.

— Talvez eu tenha dito que estava vindo para cá hoje quando ela me ligou.

— Você realmente atendeu ao celular? — eu zombei. — Idiota.

— Eu estava meio adormecido quando o celular tocou. — Ele olhou por entre as árvores. — Achei que ela tivesse desistido.

Jackson resmungou.

— Você achou errado. Quanto tempo passou desde que você pegou?

— Logo antes das férias. Naquela grande festa na baía.

Eu ri.

As botas gastas de Lars chutaram uma pedra de aparência afiada.

— Ela queria me encontrar, e eu disse que estaria muito ocupado pilotando para conseguir sair com ela. Acho que ela não entendeu a dica.

Eu ficaria preocupado por ela saber onde eu morava, mas todos sabiam onde a maioria das pessoas morava nessa cidade infernal.

Jackson afastou o cabelo para trás, colocando o capacete.

— A palavra “*não*” não existe no vocabulário de Mila Groove.

— Você que o diga, seu selvagem. — Eu dei uma tragada profunda, tossindo uma risada quando ele me mostrou o dedo do meio.

— Eu nunca transei com ela. Isso foi o Rave.

Eu ponderei sobre o assunto, então decidi que não me importava.

— Chega de conversa fiada — disse Lars. — Wade vai dar outra festa na sexta-feira. Estamos dentro?

Senti o corpo ficar tenso quando me lembrei do que Peggy havia mencionado, Byron Woods a havia convidado para ir ao evento. Embora o cara tivesse sido abusado, eu não estava me preocupando. Peggy provavelmente nem iria.

Eu mandei uma mensagem para ela pela manhã, falando para vir dar uma volta. Não era algo que ela fazia com frequência, mas geralmente fazia questão de vir durante o verão. Estávamos a apenas algumas semanas de voltar para a escola, e ela ainda não tinha aceitado a oferta. Peggy não sabia pilotar muito bem, mas gostava de fazer isso comigo. Pelo menos eu pensei que ela gostava. Eu não sabia o que ela estava fazendo e realmente não me importava em saber. Provavelmente fazendo algum artesanato, mexendo no Instagram ou garimpando em algum brechó. Talvez olhando para os dentes, sem todos aqueles fios, no espelho por horas e horas.

— *Levanta.*

Peggy gemeu e rolou, abrindo um olho.

— *Sardas. Você me prometeu.*

— *Prometi o quê? — ela disse, mas saiu como um leve murmúrio.*

— *Que você viria pilotar comigo. — Minhas sobrancelhas se franziram. — O que você tem?*

Sua língua escapuliu para deslizar entre os lábios, e ela estremeceu, então agarrou um travesseiro e enfiou o rosto nele.

— *Tá meio que doendo, Dash.*

Merda. Eu tinha esquecido que hoje era o dia em que ela estava acertando os espaços entre os dentes. Eu nem tinha certeza da razão de estar se incomodando; seus dentes eram praticamente perfeitos. Mas ela queria isso desde o segundo ano, depois de ver os dentes de Daphne lentamente se transformarem em perfeições peroladas. Palavras dela, não minhas.

Eu não precisava disso. Graças. Mas mesmo se eu precisasse, foda-se. Nenhum metal chegaria perto da minha boca, a menos que fosse na forma de um piercing de alguma garota.

Ela mencionou que o pai a estava levando, mas ou o tempo voou ou eu era um idiota esquecido. Eu pensei em uma combinação de ambos.

— O que eles fizeram? Abriram suas gengivas? — Tentei amenizar o clima para ver se ela ria. E falhei.

Ela ergueu o dedo do meio, fazendo algum som grunhido.

— Vá correr sem mim.

— Eu disse aos caras para sumirem porque eu sei que você não gosta quando eles te encham o saco.

Ela corria de moto comigo, mas não gostava de fazer isso com meus amigos presentes.

— Caso você não tenha ouvido da primeira vez, a resposta é não. — O travesseiro roxo abafou sua voz.

Eu me aproximei, subi na beirada da cama e arranquei o travesseiro de seu rosto.

— Me mostra.

Seus olhos cinzentos se arredondaram.

— Não.

— Vamos. A menos que você mude de ideia e arranque isso, irei vê-lo eventualmente. Agora abra a boca.

Seu nariz se contraiu, então ela suspirou e se encolheu ao abrir a boca, forçando um largo sorriso.

O aparelho era de uma variedade de cores, indo do azul para o verde, roxo e rosa.

— Hum — eu disse. — Não é tão ruim quanto pensava.

Ela jogou um travesseiro em mim.

— Dá o fora.

Agarrando-o, eu ri e me joguei ao lado de Peggy.

— Como está se sentindo?

Ela levou um minuto para pensar no assunto.

— Como se algo estivesse constantemente puxando meus dentes.

Eu bufei.

— Dã.

Ela me deu um tapa. Eu apertei sua mão antes de me apoiar no cotovelo para pegar o controle remoto da TV.

— Não deve incomodar por muito tempo, certo?

— Não deveria.

Eu naveguei pelo catálogo da Netflix.

— Vamos andar de moto neste fim de semana então. Sem me dar um bolo dessa vez.

Peggy ficou em silêncio por um momento.

— O que você está fazendo?

Eu me recostei no travesseiro, cruzando os braços atrás da cabeça.

— Assistindo “Bastardos Inglórios”. — Era um dos nossos filmes favoritos.

Quando eu olhei para cima, eu a encontrei sorrindo. Seus lábios estavam fechados, mas Peggy ainda sorria.

— Obrigada.

Eu sorri, voltando minha atenção para a TV.

— Cala a boca, boca de lata.

— ... acho que vou avisar vocês depois — disse Jackson, me fazendo sair das minhas reflexões enquanto dava partida na moto.

Ele ainda não fez os upgrades. Disse que aquilo não era uma moto de verdade se você podia ligá-la com facilidade.

Eu tinha concordado até fazer uma tentativa. Só digo uma coisa: azar o dele.

Lars coçou a cabeça.

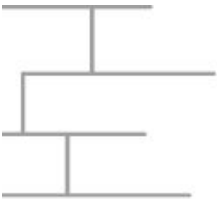
— Dash?

Colocando meus óculos e capacete de volta, fingi refletir sobre o assunto. Mesmo que Peggy não fosse, eu precisava ir. Byron precisava de um pequeno lembrete amigável para não ficar de gracinha com minha melhor amiga.

— Claro, por que não?

Não era nada pessoal.

Eu tinha certeza de que Peggy encontraria um cara legal algum dia, e eu ficaria feliz por ela, mas não seria nenhum dos idiotas do Colégio Magnolia Cove. Sendo assim, até que isso acontecesse, seria meu trabalho garantir que nenhum deles mexesse com ela.



Capítulo 4



Peggy

Um dia antes da festa, acordei de uma soneca à tarde com os fios do meu fone de ouvido enrolados em volta do rosto e meia dúzia de mensagens de Dash.

Eu as ignorei, me desemaranhei e depois desliguei tudo.

Meu cabelo novo estava uma bagunça, um verdadeiro ninho de pássaro, então decidi lavá-lo pela primeira vez desde que o cortei.

Ao sair do banheiro, o vapor que subia pelo corredor cheirava ao premiado espaguete do Phil.

Eu não estou brincando. Ele sempre nos lembrava que quando estava na faculdade, trabalhando como chef quatro noites por semana, entrou com esse prato em um concurso local e ficou em segundo lugar.

Meu estômago roncou. Enxuguei o cabelo, joguei a toalha no cesto, errei e xinguei enquanto fui pegá-la para que mamãe não tivesse um ataque; em seguida, corri para a cozinha.

— Ei, Pegs. — Phil sorriu, mexendo a panela com cheiro delicioso no pequeno fogão verde-oliva.

— Oi. — Olhei ao redor, procurando minha mãe, então vi sua cabeça sobre o encosto do sofá na sala de estar. — Quanto tempo até ficar pronto?

— Cerca de dez minutos. — Sua cabeça se inclinou, e ele coçou a barba curta. — Você cortou o cabelo?

— Com certeza. — Afofei as mechas molhadas.

Ele deu uma risadinha.

— Bem, quando parecer menos com um rato molhado tenho certeza de que ficará incrível.

— Puxa, valeu. — Fui para a sala de estar e me larguei ao lado da mamãe, que estava lendo em seu Kindle.

— Quais as novidades?

— Hmm? — Ela não tirou os olhos da tela.

Bati as mãos sobre minhas pernas, tentando descobrir uma maneira de contar a ela sobre a festa na noite seguinte. Já estive em algumas antes, mas foram mais como pequenas reuniões, e nunca com álcool.

Só solta de uma vez, disse a mim mesma. Então canalizei meu Dash interior. *Fala*.

— Então, ah, vai ter uma festa na casa de Wade Eldin amanhã à noite.

Pronto, feito.

Sua cabeça se ergueu, os cílios tremulando ao redor dos olhos azul-acinzentados, muito parecidos com os meus.

— Wade Eldin?

— Sim.

— Uma festa?

Eu concordei.

— Sim, você sabe, aquelas festas em que as pessoas se pegam, usam drogas e ficam bêbadas?

Seu cabelo caramelo caiu sobre o ombro enquanto ela ria.

— Sim, claro. A que horas devo levá-la? Podemos parar na loja de bebidas no caminho.

Eu ri também, mas depois fiquei séria.

— Tenho certeza de que não é tão ruim assim. Eu quero ir, e você confia em mim, não é?!

Ela soltou um suspiro e colocou o Kindle de lado antes de apoiar uma perna no sofá e se curvar em minha direção.

— Eu confio em você. É nos outros desajustados que frequentam essas coisas que eu não confio. — Seus olhos se arregalaram. — Há não muito tempo, fui jovem e frequentava festas como essa.

Movendo meus pés para o sofá, apoiei o joelho sob o queixo.

— Vou levar uma das meninas comigo.

— Willa? Acho que é menos provável que ela te meta em problemas.

Eu sorri.

— Daphne não é uma meliante.

— Não, mas ela certamente está mais acostumada com aquela multidão do que você.

— Mais uma razão para tê-la comigo. Ela sabe como tudo funciona. O que fazer. O que não fazer. — Eu não tinha certeza se meu argumento me levaria a algo além de um retumbante não.

Fiquei chocada quando ela disse:

— Preciso trabalhar no sábado de manhã. Não posso te pegar tarde. E você não vai pegar carona de volta com qualquer pessoa.

— Ok. — Eu estava prestes a sugerir que Dash poderia me buscar ou que eu poderia pegar o carro dela e não beber, mas mamãe já estava balançando a cabeça.

— Não existe chance de Dash ir a uma festa e não fumar ou beber algo, e você não vai levar meu carro. Eu não quero que você dirija tão tarde.

— Qualquer pessoa também significa não pegar Uber? — Suspirei, sentindo como se os requisitos nunca tivessem fim.

Naquele momento, desejei ser mais rebelde. O tipo que sai furtivamente pelas janelas, liga para um Uber e depois volta antes que alguém perceba a ausência. Senti vontade de me chutar por não ter pensado nisso. Mas mamãe não pegava no antes das dez

horas na maioria das noites, e metade da diversão teria acabado a essa hora. Além disso, tínhamos o tipo de relacionamento o qual sempre me fez acreditar que poderia recorrer a ela para qualquer coisa. Conversar sobre qualquer coisa. Eu não queria estragar isso.

— Ligue para o seu pai. — Meu corpo inteiro ficou em alerta. — Se ele concordar e estiver disposto a mandar Alfie para buscá-la e trazê-la para casa. — Ela levantou um dedo quando viu o início do meu sorriso. — Antes das onze e meia. Então, sim, você pode ir.

Eu mergulhei no sofá, envolvendo meus braços em torno dela.

Rindo, ela me apertou.

— Pare de crescer tão rápido.

— Também te amo.

Ela me empurrou para trás e se levantou para sair da sala.

— Ugh, agora você amassou minha blusa de *cashmere*.

Eu ri enquanto pegava o celular dela a fim de ligar para o meu pai. Você pode tirar uma mulher do luxo, mas não pode tirar o luxo de uma mulher.

O celular tocou duas vezes antes de ele atender.

— Ei, papai.

— Peggy Sue. Como estão essas perfeições peroladas?

Eu sorri, me sentindo meio mal por não ter ligado para ele depois ou até mesmo ido lá para mostrar a ele.

— Boas. Eu cortei o cabelo também.

— Mesmo? — Eu o ouvi tomar um gole de alguma coisa, provavelmente conhaque. — Me manda uma foto.

Senti um arrepio quando ouvi Phil servindo o jantar.

— Você já descobriu como ver as fotos?

— Eu administro um negócio multimilionário, Pegs. Eu dou conta de uma droga de celular.

— Aham. — Fazia pouco tempo que ele havia começado a mandar mensagens de texto, costumava falar que isso era para os preguiçosos que não se incomodam em atender o celular e dar a

alguém a devida atenção. — Que tal eu passar aí no domingo? Você vai estar na cidade?

— Vou estar em casa até a próxima semana, então depois ficarei em Dubai pela maior parte do mês.

Dubai era um dos países que produziam o equipamento médico de sua empresa.

— Eu vou te ver no domingo então. Mas eu queria perguntar uma coisa.

— Então — ele disse — pergunte.

— Eu vou sair amanhã à noite com alguns amigos. Você acha que Alfie pode me buscar?

— Sair? Tipo uma festa? É esse tipo de “sair”?

Eu fechei os olhos, depois os reabri e disse o mais calmamente possível:

— Sim, uma festa. Na casa de Wade Eldin. A grande mansão azul a algumas ruas de distância da sua casa, mais perto da área da baía.

Ele assobiou.

— Aquela família é composta por um bando de idiotas. — Após longos e tortuosos trinta segundos, ele suspirou. — Ok, vou falar para ele buscá-la e levá-la para casa.

— Obrigada, papai.

Ele endureceu o tom de voz.

— Você deveria levar Dashiell com você.

— Claro — menti. — Eu acho mesmo que vou.

De maneira nenhuma eu ia deixar Dash ir comigo à festa.



— Essa jaqueta é um arraso. — Daphne suspirou, passando a mão sobre o couro desgastado que cobria meu braço.

— Achada em um brechó. Estou com medo de ficar com calor. — Eu mergulhei o aplicador de rímel de volta dentro do tubo, para em

seguida pintar os cílios mais uma vez.

— Você não vai ficar com calor — disse Willa, amarrando as botas de salto. — Ele vai deixar o ar ligado a noite toda.

Estávamos nos arrumando na casa de Daphne, uma residência de estilo provinciano francês que ficava perto da floresta do outro lado do riacho que corria por trás da minha casa.

Eu amava ir à casa dela. Não porque fosse enorme e cheia de luxo e comodidades — eu poderia ter qualquer luxo que quisesse visitando meu pai —, mas porque foi reformada com muito bom gosto. Muitos dos detalhes antigos permaneceram no teto, nas luminárias de latão dos ventiladores e nas lâmpadas do corredor. O piso de madeira era original, polido e cuidadosamente mantido. A mãe de Daphne era modelo de lingerie, e o pai era médico no hospital local.

— Ok, selfie antes de irmos.

Franzi o nariz, tampando o rímel e jogando-o dentro da pequena bolsa que eu normalmente nunca usava, mas que era necessária para esta noite.

— Onde você vai postar?

— Quem se importa? — Willa disse. — Estamos ótimas. Precisamos de provas de que podemos nos arrumar desse jeito.

Eu bufei, mas fui para o lado de Willa enquanto Daphne tirava foto após foto.

— Quantas você tirou? Vinte?

— São necessárias mais ou menos vinte para obter pelo menos três que valham a pena compartilhar.

— Certo.

Ela me mandou um beijo, depois começou a postar no Instagram enquanto saíamos do quarto em direção à entrada da casa. A casa de Wade ficava a cinco minutos de carro da dela, então passamos esse tempo olhando o Instagram enquanto o motorista permanecia dirigindo.

— Eu pareço constipada.

— Você está sorrindo um pouco demais — concordou Daphne.
— Você vai se acostumar com a coisa toda de ficar sem aparelho em algumas semanas. — O que ela usava era quase invisível, e só precisou ficar com ele durante o nosso segundo ano.

Willa deu um zoom na foto.

— Você está deslumbrante. Como uma versão mais sexy de Marilyn Monroe sem a pinta. Eu, por outro lado, pareço que levei um tapa de alguém nas duas bochechas. — Ela largou o celular e começou a esfregar as bochechas cobertas de blush.

Daphne agarrou as mãos dela.

— Pare com isso. — Ela riu. — Você está bonita.

O carro parou.

Willa parecia em pânico quando o motorista saiu e abriu as portas traseiras, expondo-nos aos convidados que estavam fazendo hora no gramado da frente.

— Eu acho, de verdade, que preciso arrumar minha maquiagem.

— Sua maquiagem está incrível. Vamos lá — eu disse, mexendo os ombros.

Daphne murmurou algo que soou como *“Ah, Jesus”*.

Juntas, passeamos pela grama. Alguns conhecidos da escola sorriram ou acenaram, principalmente para Daphne, mas eu sorri mesmo assim. Eu estava usando minhas botas florais da Doc Martens, minha marca registrada, uma saia roxa brilhante que mais parecia um tutu e uma camiseta preta rasgada e estampada com a Stevie Nicks. Meus cachos saltaram ao redor do rosto a cada passo que dei, o cabelo alisado de Willa grudava em seus lábios. Ela o tirou do rosto, os olhos ainda marcados pela incerteza quando chegamos à porta.

Leon Franklin, que estava na minha aula de trigonometria no ano passado, se encostou na porta.

— Ingressos, senhoras.

— Tão aqui, Franklin. — Daphne mostrou o dedo do meio e entramos.

— Fodona — Willa disse, pegando uma cerveja assim que nos aproximamos do *cooler* na sala de estar.

— Não beba cerveja — disse Daphne. — Você vai inchar. Aqui. — Ela pegou algumas bebidas provavelmente de frutas, entregando uma para Willa; em seguida, pegou outra para mim. — Beba isso.

Dando de ombros, removi a tampa e cheirei.

— Você cheirou a bebida? — Willa perguntou.

— Cheira a maçãs. — Tomei um gole cuidadoso. — Ei, que delícia.

Daphne abriu sua bebida, e Willa e eu a assistimos secar metade em alguns goles. Ela passou um dedo sobre os lábios vermelhos, inspecionando-o, então acenou com a cabeça.

— Certo. Vamos nos misturar.

Misturar-se não era tão divertido, e cansada de me sentir deslocada por ficar parada ao lado de Willa, já que Daphne conversava com algumas garotas com quem prefiro não falar, decidi pegar outra bebida.

Três drinques depois, eu estava me sentindo um pouco alta, meus membros pareciam flexíveis e meu sorriso estava colado permanentemente no rosto enquanto dançávamos ao redor da pequena Jukebox que encontramos na sala de estar do andar de cima.

Isso até irmos ao banheiro e encontrarmos um bando de caras fumando maconha.

— Dash?

Um sorriso lento se formou em seus lábios, ele jogou a cinza do baseado na pia que estava ao seu lado.

— Sardas.

O calor se alastrou pelas minhas bochechas.

— Não me chame assim.

— Com vergonha? — ele perguntou.

Revirei os olhos enquanto Daphne abria a porta e caminhava direto até Lars. Ela arrancou a ponta do baseado que estava entre

seus lábios e o enfiou direto nos dela.

Eu me virei para sair. Não conseguia acreditar que ele estava aqui.

— Ah. — Eu ouvi suas botas batendo no piso. — Não está feliz em me ver? O que eu sou, seu segredinho indecente?

— Eu não ligo. Você pode fazer o que quiser. — Eu só esperava que Dash me deixasse em paz. Eu agarrei Willa, que estava olhando ao redor do espaço confinado, como se estivesse tentando encontrar algo. Provavelmente álcool, pensei.

— Vamos.

— Não tão rápido, Algodão-Doce — disse Lars quando Daphne se virou para sair com os restos de seu baseado. — Você está me devendo.

Daphne abriu a bolsa, tirou uma nota de vinte e jogou aos seus pés.

Lars piscou olhando para a nota, então para ela, inclinando a cabeça.

— Não preciso do seu dinheiro.

— E eu não preciso de um apelido vindo de um doce inútil.

— Você ainda está brava?

Brava? Eu olhei de um para o outro.

— Estar brava exigiria que eu me importasse com você, e eu não me importo, então... — Ela inclinou um ombro, o vestido coral esvoaçante roçando suas coxas bronzeadas enquanto ela deixava o rapaz falando sozinho, carrancudo.

Willa se virou para mim e comentou:

— Estou tão perdida.

— Eu também. — Suspirei, então puxei Willa comigo para fora, grata pelo ar puro no corredor. Dash que se foda. Eu deveria saber que ele apareceria em qualquer lugar onde houvesse bebida, maconha e garotas cheias de disposição. Olhei em volta, me perguntando onde Byron estava e se ele estava procurando por mim.

Tentamos encontrar Daphne, mas foi impossível. A batida da música soou mais forte, e os cômodos se encheram tanto, que imaginei que metade da cidade devia estar aqui.

Tomamos outro drinque e ficamos no corredor, as pessoas observando os casais se afastarem em busca de privacidade, alguns se apalpando onde estavam, em pé ou sentados.

Dennis Bradley, com quem eu tive três aulas no ano passado, passou, e eu movi a mão para acenar, mas desisti quando ele topou em um enorme vaso de cerâmica e enfiou a cabeça lá dentro para vomitar.

Willa e eu olhamos para ele e então para o que restou de nossas bebidas. Fazendo um balanço geral da nossa tontura, abandonamos os drinques e nos afastamos antes que a área começasse a cheirar mal.

Uma mão agarrou a minha do lado de fora da cozinha, eu já tinha me preparado para rosnar para Dash até perceber que não era ele. Era Byron.

Byron muito bêbado e muito sorridente.

— Ei, estava procurando por você em todos os lugares.

Eu sorri de volta, acenando para Willa quando ela gesticulou que daria um tempo na cozinha.

— Você estava, é?!

Ele tomou um gole de cerveja, balançando a cabeça.

— Ah, sim. Festa louca, né?

— Sim — eu disse, mal me ouvindo por causa da música. Eu estava ficando cansada de gritar. — Louca.

Como se pudesse sentir, ele me puxou em direção às janelas e portas de vidro que davam para a baía além da casa de Wade. Eu o deixei fazer isso, sabendo que estava segura, quando vi sombras de alguns convidados perto da piscina olímpica.

Não havia lugares disponíveis no deck ou ao redor da piscina, então nos aventuramos pelo gramado até a baía. Não querendo colocar areia nas minhas botas, me sentei na pequena beirada

gramada que separava a propriedade de Wade da areia; depois de terminar sua cerveja e jogar a garrafa na água, Byron fez o mesmo que eu.

— Muito alto lá, não?

Senti cheiro de cerveja enquanto ele apoiava nas mãos ao esticar suas longas pernas.

— Definitivamente. Mas você se acostuma depois de um tempo.

Tentei não deixar o comentário me irritar, mas isso meio que aconteceu.

— Pelo menos o tempo está bom.

Falando sobre o clima? Alguém me dê um tapa.

— Sim, está bom, e agora posso ver você melhor. Você está ótima — ele disse, inclinando-se um pouco mais perto. — Você sempre foi tão bonitinha, andando pela escola com suas botas pretas em vez de saltos ou aquelas coisas de balé, como o restante das garotas.

— Ah, obrigada. — Bonitinha. Ele me achava bonitinha.

— Sim, mas agora?! — Ele estendeu a mão, me assustando enquanto agarrava uma mecha do meu cabelo. — Você é como uma gatinha sexy.

— Gatinha? — eu perguntei, tentando não rir.

Ele deu uma risadinha.

— Minha habilidade de flertar está severamente prejudicada agora. Você vai precisar me dar uma trégua.

— Eu acho que posso fazer isso. — A maneira como seu dedo se enrolou em volta do meu cabelo era agradável.

— Você deveria sair mais — ele murmurou. — Me faz sorrir.

— Você sorri bastante.

— Não da maneira que você me faz sorrir.

Eu ri, me virando para encará-lo.

— Não acho que haja nada de errado na sua capacidade de flertar.

— Não? — ele sussurrou, abaixando os cílios enquanto olhava para minha boca.

Byron está prestes a me beijar?

Sua mão se moveu do meu cabelo para minha nuca, aproximando o rosto. *Ele vai me beijar. Merda. Ah, merda.*

Eu nunca tinha sido beijada por ninguém além de Dash, e mesmo assim, ele só me beijou na sexta série para que pudesse reivindicar meu primeiro beijo. Eu disse a ele que selinhos de um segundo não contavam, e ele disse que era melhor me beijar novamente, mas eu o empurrei.

O cheiro de cerveja se misturou com o doce aroma do perfume de Byron, tentei impedir, mas quando seus lábios se aproximaram dos meus, espirrei, recuando bem a tempo de evitar atingir seu rosto.

Os olhos de Byron se arregalam enquanto ele enxugava o ombro e o pescoço.

E, ah, como eu queria correr até a baía e me afundar na água, até que ele desaparecesse.

— Sinto muito — disse eu, e espirrei novamente. Puta merda. — Tem alguma coisa acontecendo com meu nariz.

Ele riu, e então alguém o chamou da piscina atrás de nós.

Continuei olhando para a baía, meu rosto em um incêndio violento de vergonha, mas com o canto do olho, eu o vi se levantar.

— Eu já volto.

Eu sabia que ele não voltaria. Eu fechei os olhos, mortificada demais para colocar em palavras. Um dos caras mais populares da escola tentou me beijar, e eu espirrei meus germes nele.

Uma batida lenta começou, e então um barulho ao meu lado fez meus olhos se abrirem.

Eu gemi quando vi Dash sorrindo como o diabo que era, com dentes e tudo.

— Legal, Sardas. Realmente muito sutil.

— Você estava assistindo?

— Dã. Alguém tinha que se certificar de que o idiota não tiraria vantagem de você.

Eu soltei uma respiração trêmula.

— Você não precisava se preocupar com isso.

— Agora, não preciso, então: de nada.

— Idiota.

Ele me deu um empurrãozinho com o ombro.

— Poderia ser pior. Beijá-lo seria como lambe o interior de um vaso sanitário, ele tem ficado com muitas pessoas ultimamente.

— Não está ajudando, além disso, olha quem fala. — Dash era famoso por deixar as garotas esperando.

— Ei, eu não afastei ninguém tacando catarro e cuspe nos outros.

Meu estômago estremeceu. Lágrimas ameaçaram cair. Eu me levantei, querendo entrar e encontrar o caminho mais rápido para sair da festa. Tirei o celular da bolsa, mandando uma mensagem para Alfie.

— Sardas? — Dash me chamou, cutucando minha bochecha. — Não fique triste. Isso é estúpido. Ele é um babaca.

— É, tanto faz. Estou indo para casa. — Tirei um pouco de areia da bunda e desviei da multidão do lado de fora, mantendo a cabeça baixa.

Willa estava onde a deixei na cozinha, com o queixo apoiado na mão, parecendo fascinada enquanto observava dois caras se beijando contra a geladeira. Daphne apareceu, corada, passando as mãos nos cabelos.

— Aí está você.

Willa se virou, piscando para sair do transe quando nos viu.

— Onde está o Byron?

— Só Deus sabe, provavelmente a meio caminho do México agora.

As mãos de Daphne pararam, e ela se aproximou.

— Hm? O que aconteceu?

— O que aconteceu com o Lars?

— *Touché*. — Ela suspirou. — Vamos conversar no carro. Alfie está chegando, né?

— Acabei de pedir para ele vir mais cedo. Vamos esperar lá na frente.

— Sardas — Dash disse, agarrando minha mão e me girando. — Aonde você está indo?

— Para casa.

— Por causa de um beijo nojento? — Ele tirou um cigarro de trás da orelha e acendeu-o, sem se importar que estava dentro da casa. — Você pode ficar comigo.

— Pra você rir mais de mim ? — Eu balancei a cabeça, me virando para me juntar às meninas. — Não, obrigada.



Capítulo 5

Dash

Peggy Newland era uma constante em minha vida desde o início da minha existência. Na verdade, me lembro das nossas mães rindo disso quando ainda eram amigas, contando a qualquer um que quisesse ouvir como eu aprendi a escrever o nome de Peggy antes de escrever o meu.

Em minha defesa, que tipo de idiota nomeia seu filho de *Dashiell*? Meus pais idiotas, só eles fariam isso.

Então era um fato que eu não me preocuparia em tentar escrever essa merda até que fosse realmente necessário.

Ela era a única constante na minha vida. Um pilar de luz entre as merdas sempre cinzentas que passaram a me perseguir de um dia para o outro. Mas, ultimamente, ela começou a mudar.

Eu não sabia dizer se era o fato de ter tirado o aparelho, o corte de cabelo ou a forma como seu corpo alto ganhava mais curvas no peito e bunda. De qualquer maneira, eu não gostava disso. Eu era um babaca carente, sempre querendo atenção, e ela não estava tão disponível para mim como sempre estive.

E nem vamos falar daquele quase beijo. Nunca estive mais grato por um ataque de espirros em minha vida, de modo que passei os

últimos dias pensando no porquê.

Sim, Peggy era linda. Sempre foi. Mas ela era como uma irmã para mim, o que provavelmente explicava a reviravolta nauseante em minhas entranhas.

Só que eu não tinha certeza se esse sentimento era devido ao seu súbito interesse em namorar idiotas arrogantes ou porque eu podia sentir que ela estava se afastando, tentando fugir do meu alcance.

— Ficar carrancudo o tempo todo vai te fazer envelhecer mais rápido do que eu.

— Provavelmente não, com todas as injeções de Botox.

Mamãe querida nem mesmo suspirou; ela deveria saber que não era bom me provocar.

Eu ainda a culpava pela mudança de Peggy. Embora eu soubesse que não era tecnicamente culpa dela, não gostava da maneira como ficava resmungando sempre que eu ia à casa de Peggy ou dizia seu nome.

O ressentimento tinha entrado fundo em suas veias, e, às vezes, me pergunto se ela alguma vez se cortaria no meio, admitiria que estava sendo uma escrota e se deixaria sangrar.

Nem todos têm a coragem de permanecer em um casamento sem amor, e nem todos têm coragem de abandoná-lo.

Aos olhos de minha mãe, sua ex-melhor amiga a traiu ao deixá-la apodrecer nesse mundo de dinheiro sozinha. Não apenas isso, ela sentia como se não pudesse nem mesmo se aproximar dela devido ao nível na escada social que Peony havia descido.

Ninguém a empurrou. Ela realmente foi por conta própria. Eu não podia mentir, adorava o luxo com o qual nasci, mas isso não me impedia de respeitar os culhões necessários para se fazer o que ela fez.

— Para sua informação, não vejo o dr. Bryant há quatro meses.

Eu desviei para a esquerda, mas era tarde demais, e algum idiota atirou em mim.

— Provavelmente porque você passa muito tempo com Emanuel na casa da piscina. Você poderia ir embora? Estou morrendo aqui, porra. — Literalmente. A porra do perfume dela estava me sufocando.

— Olha a boca.

— Por quê? Não é minha culpa se você nunca foi uma fã da honestidade.

Suas mãos voaram para o ar, os livros e jeans que ela estava recolhendo do chão do meu quarto caindo de volta em uma pilha.

— Eu nem sei de onde você veio.

— Não vamos falar sobre essas merdas nojentas antes do jantar, obrigado.

Com um grunhido, ela saiu pisando duro do quarto.

Pegando a bola de basquete ao lado da minha cama, eu a joguei na porta com força suficiente para fazê-la fechar.

— Bela enterrada, filho da puta. — Eu reiniciei o jogo e esperei ser teletransportado de volta para o ponto de partida. — Finalmente — eu disse, vendo o nome de usuário de Peggy aparecer.

Comecei um bate papo e digitei uma mensagem.

Vaisef*der666: E aí, Sardas? Onde esteve?

Sua personagem andou em círculos, espada embainhada e depois parou enquanto ela me respondia.

PegSue12: Cochilando.

Ela nem me perguntou como eu estava, de tão preocupada com o próprio rabo curvilíneo ela estava.

Eu fiz uma careta, coçando o rosto por um instante. Ela gostava de cochilar, claro, mas essa era sua resposta para tudo nos últimos quatro dias. Desde a festa.

Vaisef*der666: Parece realmente rejuvenescedor.

Ela não respondeu; jogamos algumas rodadas antes que o silêncio finalmente levasse a melhor sobre mim e eu fechasse o jogo.

Ela estava chateada, e embora eu soubesse que tinha tudo a ver com o fato de Peggy se sentir envergonhada com o que havia acontecido com Byron, eu estava cansado disso. Ela nunca tinha ficado chateada com nada antes. Mesmo quando seus avós morreram, ela ainda falava comigo.

Eu me levantei, passei os dedos pelo cabelo, verifiquei os dentes e vesti uma camisa limpa e minha jaqueta de couro antes de pegar as chaves do meu Rover.

Estacionei na estreita estrada de terra perto do riacho que ficava atrás de sua pequena casa, girando minhas chaves no dedo enquanto passava pela cerca de do vizinho para chegar ao seu quintal sem proteção.

Guardei as chaves no bolso e abri a janela, então pulei e mergulhei em sua cama.

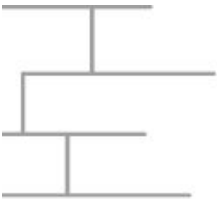
— Ah, meu Deus, cuidado!

Meus olhos saltaram da cara quando tentei encontrar apoio e senti algo grande, macio e... Merda. Seu peito.

Cristo.

Peggy começou a bater no meu peito, e meu pau enrijeceu. Eu congelei, então rapidamente puxei a mão e rolei.

— Foi mal. Jesus. Calma.



Capítulo 6



Peggy

U—m pequeno aviso teria sido bom — eu disse.

— Os avisos tornam a vida muito chata. Mas, ei, seus peitos estão bacanas.

Levantei e saí do quarto para colocar o sutiã que estava pendurado na cadeira da minha escrivaninha.

Quando voltei, Dash estava me estudando, passando um dedo pela testa, com o outro braço atrás da cabeça.

— Então, estou de saco cheio desse comportamento estranho e deprimente.

— Eu não estou estranha nem deprimida — disse, endireitando a camisa. — Estou mortificada. Há uma diferença.

E em pouco mais de uma semana estaríamos de volta à escola, onde eu seria forçada a passar por cima desse constrangimento. Para ser honesta, gostaria que fosse rápido, para que pudéssemos acabar com essa situação.

— Fala sério. Você já se sentiu envergonhada várias vezes antes. Lembra daquela vez na aula de Educação Física no sétimo ano?

A cena se repetiu vividamente na minha cabeça por meses depois, sempre que eu ficava menstruada.

— Isso não é a mesma coisa que ter sua primeira menstruação e seu melhor amigo gritar: “*Deus do céu, quem deixou uma beterraba na cadeira?*”.

Ele girou a mão.

— De nada.

— Beterraba? Na aula? A beterraba é roxa.

— Como se eles tivessem reparado. Eles estavam muito ocupados rindo.

Eu gemi.

— Sim, de mim.

— Porque pensaram que você se sentou na beterraba, não que sangrou no uniforme de Educação Física todo.

— Uh, cala a boca.

Dash me imitou e depois riu quando joguei um tênis em sua cabeça. Errei, e o sapato ricocheteou na parede.

— Você é louca, Sardas. — Dash deu um tapinha na cama. — Venha, me conte todos os seus problemas femininos. Vamos jogar essa merda longe para que possamos voltar a ser a dupla dinâmica que todos temem.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Problemas femininos?

— Da última vez que chequei, você era uma menina. — Ele balançou as sobrancelhas grossas. — E senti.

Meus olhos se arregalaram.

— Ai, credo.

— É realmente tão ruim assim pensar que posso te ver nua?

— É uma pontuação alta na escala de ruim, com certeza. — Embora, felizmente, já tivesse passado algum tempo desde que isso aconteceu acidentalmente.

Dash fingiu engasgar.

— Estou profundamente ofendido.

— Pegs, você pegou meu sutiã *push-up*? — mamãe me chamou, parando na porta com seu roupão roxo fofo. — Ah, ei, Dash. Como está sua mãe?

— Ainda uma quenga superficial, obrigado por perguntar.

Eu podia sentir minhas bochechas corarem quando mamãe olhou para mim, esperando.

Dash bufou.

— Uh, sim. Usei no fim de semana passado, na festa. — Comecei a vasculhar meu cesto, que estava só até a metade porque eu estava largada em casa desde o espirro que me desanimou e arruinou minha chance de, não sei, alguma coisa.

— Está sujo? — Mamãe fez um som choroso. — Deixa para lá. Vou comprar outro com o próximo pagamento. — Ela apontou um dedo para mim quando me endireitei, o sutiã de renda amarelo pendurado no meu dedo. — Fique com esse. Mas não toque no novo.

Então ela foi embora, os canos de água gemendo quando ela fechou a porta do banheiro e ligou o chuveiro.

— Isso me deixaria louco.

— O que, dividir um sutiã com sua mãe?

Ele franziu os lábios.

— Isso também. Mas eu estava me referindo aos canos antigos.

— Estou acostumada — eu disse, deixando cair o sutiã e me jogando na cama.

— Essa festa, o beijo frustrado, tudo isso realmente pegou você de jeito, hein?

Seu tom não era zombeteiro, e só por essa razão eu balancei a cabeça, olhando para o esmalte amarelo nas minhas unhas dos pés.

— Sim.

— Mas por quê? — Dash parecia genuinamente perplexo.

— É só que...

— Fale, Sardas.

Eu engoli meu orgulho. Dash já tinha me visto muito pior do que isso e ouviu coisas muito piores do que eu estava prestes a admitir.

— Eu me sinto tão inexperiente. Vou fazer dezoito anos no próximo mês e não me importo de ainda ser virgem. Mas eu acho...

— Minhas bochechas se encheram de ar enquanto eu suspirava alto.

Ele cutucou.

— Você acha?

Meus ombros caíram.

— Que eu queria ter tido alguns outros, hum, bem, encontros até agora.

— Tipo avançar nas outras bases?

Eu balancei a cabeça, incapaz de olhar para ele.

— Eu cheguei tão perto — sussurrei. — Tão perto de finalmente sentir que poderia ter o que todo mundo parece ter ou fazer aquilo que estão fazendo, e aí...

— Você jogou suas melecas em cima dele. — Eu dei um tapa em sua coxa, e Dash gemeu em uma explosão de risos. — Estou te zoando. Porra.

— Pela primeira vez na sua vida você pode não ser um idiota e ficar sério só por um momento? — Fiquei tão chocada quanto Dash com as palavras meio gritadas; tentei acalmar minha respiração irregular. — Sinto muito, eu...

— Você não sente nada, e não há nada de errado com isso. — Dash se sentou, se aproximando de mim, até que o cheiro de sua loção pós-barba me atingiu, acalmando algumas das minhas emoções descontroladas. — Você está preocupada com isso, mas não deveria.

— Por quê? — perguntei, percebendo que seus cílios eram longos.

— Porque a maioria dos caras não vai se importar com quão inexperiente você é. Especialmente se for o cara certo. — Ele

tossiu, e vi seus lábios se apertarem.

Eu funguei, suspirando.

— Mas você sabe, se você realmente quiser aumentar sua autoconfiança, sempre pode praticar.

— Não se atreva a falar do pôster do Nick Jonas.

Dash ergueu as mãos.

— Nem precisei.

Fui me levantar porque precisava de calorias vindas de chocolate, mas Dash pegou meu pulso e me puxou de volta para baixo.

— Você deveria praticar com alguém.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— O que, beijar? — Seu lábio deslizou entre os dentes enquanto balançava a cabeça. Eu zombei. — Certo, e com quem? A única chance que tive fugiu de mim.

— Comigo.

— O quê? — O barulho do lado de fora da minha janela parou, e o chuveiro foi desligado, banhando o mundo em silêncio. Eu procurei seu olhar azul profundo. — Você está me dizendo que eu deveria ficar com você?

— Quem melhor? — Ele abriu as mãos. — Eu não vou julgá-la, e mesmo que o faça, permanecerá entre nós. É seguro, e nós dois sabemos que serei um bom professor.

Eu não consegui conter o choque por mais tempo, então me levantei, rindo, enquanto uma nuvem de confusão me seguia para fora do meu quarto.

— Muito engraçado.



Capítulo 7

Dash

Muito engraçado.
Acho que não.

Essas palavras, a maneira despreocupada com que Peggy as deixou sair pela boca, com sua risada musical ao fundo, me rasgaram como uma faca serrilhada invisível.

— Reforços — disse Lars. — Não, não, não. Seu idiota. — Ele jogou o controle, caindo para trás contra o sofá enquanto Raven ria, subindo de nível.

Church, meu gato Scottish Fold preto, de alguma forma se esgueirou para dentro da casa da piscina e estava se esfregando nos meus tornozelos.

— Quem deixou Church entrar?

Lars acendeu um cigarro sem filtro, exalando uma nuvem de fumaça enquanto olhava meu gato.

— E eu sei lá?

— Quem se importa? — Raven, ou Rave, como o chamávamos, comentou.

— Eu me importo, porra. — Apaguei meu cigarro, sacudindo a fumaça para longe de Church, então me inclinei para pegá-lo e colocá-lo ao meu lado na poltrona. — Não fume perto do gato. Os pulmões dele não são tão resistentes quanto os nossos.

— Own, seu coração-mole do caralho. — Lars bateu a cinza numa tigela vazia ao seu lado.

— Pau-mandado. — Rave riu, pegando sua bebida enquanto tinha um momento de calma no jogo.

Eu joguei minha bota nele e acertei a lata em sua mão. A cerveja espirrou em seu rosto e caiu na cadeira de couro, deixando uma poça no chão ao lado da lata amassada.

— Sério? — Rave levantou uma sobrancelha, a mão vazia ainda posicionada em direção à boca.

Não me dei ao trabalho de responder, satisfeito quando vi alguém atirar nele no jogo.

— Puta merda. — Ele correu para o controle.

Lars riu, olhando para o nada.

Muito engraçado.

Duas palavras nunca me incomodaram tanto. Peggy me rejeitou. O melhor amigo dela. O único cara com quem ela se sentia confortável o suficiente para ser totalmente ela mesma.

E ela me rejeitou, porra.

Riu de mim.

E se afastou depois.

Eu estava tão chateado, tão inesperadamente abalado com a resposta dela e com a sensação esquisita da punhalada que cortou o interior do meu peito, que pulei a janela do seu quarto e fui para casa antes mesmo que ela voltasse para o quarto.

Então mandei uma mensagem para Ruthie Brooks, o que foi uma péssima ideia. A garota estava aparentemente se recuperando de um término realmente ruim, mas eu precisava do meu pau na boca de alguém. Eu precisava anestesiá-las as ondas de rejeição que não paravam de se chocar contra mim.

E, acima de tudo, eu precisava me lembrar de quem eu era.

O que foi reforçado quando Ruthie ligou e me disse para encontrá-la em sua casa depois das onze, quando os pais já estivessem apagados. Voltei para casa me sentindo melhor. Gozar geralmente faz a pessoa se sentir melhor, mas eu ainda não estava me sentindo eu mesmo.

E eu ainda não queria falar com Peggy.

Estava bravo e sabia que estava agindo como uma garotinha petulante, mas fala sério. Se você não pode beijar seu melhor amigo sem compromisso, quem mais você pode beijar? Além disso, eu não acho que tenha sido imaginação minha a forma como seus longos cílios castanhos mergulharam sobre as sardas sob os olhos, olhos que estavam curiosos olhando para a porra da minha boca.

Ela tinha considerado a possibilidade, eu sabia. Quer dizer, que mulher de sangue quente não faria o mesmo? Mas então ela riu como se eu fosse louco. E, sim, talvez eu fosse. Talvez pudéssemos ter nos beijado, dado uns amassos, acariciado um pouco, e eu teria de lutar contra as memórias de vê-la molhar as calças no jardim de infância ou das competições de peito que tivemos na terceira série. Talvez meu estômago ficasse embrulhado, ou talvez eu não conseguisse parar de rir, para bloquear quem estava me beijando.

Mas, droga, acho que nunca saberemos.

— A que horas vamos encontrar Cad na pista de skate?

— Ele está trabalhando até às quatro — Lars disse a Raven.

Peguei meu celular, verificando a hora, e vi que tinha uma mensagem.

Hm. Eu não estava chapado, pelo menos ainda não. Depois, talvez. Eu não era como Lars. A quantidade de vezes que quase quebrei a porra do pescoço andando de moto por fumar um pouco de maconha era embaraçosa pra cacete.

Sardas: Ei, então, eu meio que preciso de você.

A mensagem foi enviada meia hora antes e algo se agitou no meu estômago.

Church rolou, esfregando a cabeça na minha coxa. Eu acariciei sua barriga, demorando para digitar aquelas seis letras simples.

Eu: Por quê?

A resposta foi imediata.

Sardas: Byron me chamou para sair. Tipo um encontro de verdade.

Minhas mãos ficaram tensas enquanto eu lia e relia a mensagem.

Eu: Quando?

Sardas: Mensagem privada no Instagram.

Put a caralho. Claro que ele a chamou. Ele provavelmente viu a última foto que ela postou, uma que mostrava suas longas pernas e unhas dos pés recém-pintadas de verde-menta e pensou: *“que se fodam os espirros, preciso de um pouco disso.”*

Todos os canalhas da escola sabiam que deveriam ficar longe dela. Raramente precisava ser dito.

Eu teria de matá-lo.

Tudo no seu tempo.

— Você está com a gente? Ou está fazendo sexting com Lizzie de novo?

Ignorando Rave, eu mandei uma mensagem de volta.

Eu: Por que você precisa de mim, então?

— Terra para Dash, caralho! Vamos pegar mais cerveja antes de ir para a pista de skate ou não?

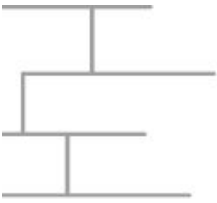
Levou um minuto inteiro, reticências dançando e desaparecendo na tela, mas Peggy finalmente encontrou coragem.

Sardas: Eu preciso praticar.

Uma contração sacudiu meus lábios, e aquela sensação de pontada no peito se dissipou. Guardei meu celular no bolso e peguei Church para levá-lo de volta para casa.

— Vocês, idiotas, se resolvam aí. Eu tenho planos.

Eles não se preocuparam em perguntar para onde eu estava indo, visto que eu nunca me preocuparia em dizer.



Capítulo 8



Peggy

Meu nervosismo surgiu no segundo em que enviei a mensagem, se alastrando quando percebi que ele não iria responder.

Com o estômago azedo, voltei para o Instagram, relendo a mensagem de Byron pela oitava vez desde que ele a enviou há quase uma hora.

“Ei! Você foi embora na outra noite? Não tenho seu número, então tentei te encontrar por aqui. Sinto muito por tê-la dispensado. Wade quase entrou numa briga e depois fiquei tão bêbado, que quase desmaiei na piscina.

Deixa que eu me desculpe por isso com um encontro de verdade? O que você acha desta sexta-feira?”

E a minha resposta?

Eu ainda estava morrendo por dentro por causa dela, desejando ter me acalmado um pouco antes de enviá-la.

“É claro! Totalmente ótimo. Que horas?”

Totalmente ótimo? Ugh, o que eu sou? Alguma espécie de garota fácil? Não estava totalmente ótimo. Longe disso. O constrangimento que estava rasgando tudo o que eu fiz na semana passada,

trazendo à tona com mais força os sentimentos de inadequação que eu sempre lutei desde que entrei na Escola Particular de Magnolia Cove, fez com que estivesse tão distante de estar bem, que às vezes era difícil respirar.

Eu nunca tive problema em sentir que não pertencia a algum lugar. Eu tinha arrumado amigos, mesmo que fossem poucos, e não precisava de nada mais do que isso.

Uma vez, mamãe me disse que tentar caber em um lugar ao qual você não pertencia era como usar uma calça jeans dois tamanhos menores. Ela lentamente te aperta e espreme até a última gota de sua vida. Eventualmente você se veria preso, sozinho, com nada além dos restos irreconhecíveis de quem você era.

Eu não precisava de amizades baratas que iriam se desintegrar no segundo em que deixássemos esta cidade e seguíssemos nossos caminhos. Mas o que eu queria, o que atormentava minhas inseguranças, era saber como era se apaixonar por alguém. Não importava o quanto a paixão doesse, eu estava cansada de me perguntar se estava condenada a terminar o ensino médio sem ter tido um encontro. Sem sentir o friozinho na barriga, os telefonemas noturnos e sem os beijos roubados nos corredores da escola.

Porque eu não tive nada disso. A última vez que pensei que estava perto de conseguir um namorado foi quando Simon Rogers me convidou para sair enquanto estávamos na aula de Biologia na oitava série. Ele não era o cara mais bonito do mundo, mas era fofo com seus óculos de aro metálico e cheirava bem. Como o desinfetante com cheiro de limão que papai usava. Ele disse que mandaria sua mãe me buscar às sete e nos levar ao cinema. Mas ele nunca apareceu, nem mesmo me deu uma olhada na aula na semana seguinte na escola.

Pensava nisso quando chegou uma mensagem de Byron.

“Você é realmente a melhor. Gostaria que todas as garotas fossem tão compreensivas quanto você. Te pego às oito?”

Eu bloqueei o celular e o coloquei com a tela virada para baixo.

Ele poderia esperar mais um pouco depois desse comentário e do meu erro ridículo.

Eu caí na cama no momento em que um baque soou no exterior da casa e Dash se lançou pela janela.

— Você consegue pousar graciosamente? — Ou, sabe, pode usar a porta da frente, talvez. Durante o tempo que vivemos naquela casa ele sempre entrava sorrateiramente. No início, foi devido a não ter certeza se minha mãe ainda iria querer que nós andássemos juntos, mas não demorou muito para ela descobrir o que Dash estava fazendo.

Ela não se importou. Quando eu tremi como um rato encurralado em uma cozinha, ela sorriu e me disse que nunca impediria nossa amizade. E, com isso, a janela sempre ficou destrancada.

Dash tirou as botas, e elas bateram no chão envelhecido com duas pancadas.

— Eu sou homem, *baby*. Não a porra de um gato.

Ouvi-lo dizer isso me lembrou do motivo de Dash ter vindo. Eu me levantei num salto, correndo para o corredor e para o banheiro.

— O que você está fazendo?

Muito ocupada gargarejando com enxaguante bucal, não respondi e cuspi na pia quando ele apareceu no espelho desgastado atrás de mim.

— É sério? — ele perguntou. — Você arrota na minha cara depois de comer pizza de alho, então isso é estúpido.

— Você arrotou na minha cara primeiro. — Coloquei a tampa de volta na garrafa sem encontrar seu olhar. Eu não poderia. Em seguida voltei para a segurança do meu quarto.

Mas eu tive de me perguntar, quando ouvi Dash gargarejando também, se tudo seria considerado seguro depois do que faríamos. Esse momento arruinaria tudo, tornando toda nossa relação estranha?

— Dash — chamei, torcendo minhas mãos enquanto andava pelo chão do quarto. — Provavelmente não deveríamos fazer isso. E se...

— E se for incrível e você se apaixonar perdidamente por mim? Bem, já sabemos que não sou um cara de compromisso.

Uma pequena risada escapou.

— Não, e se ficar estranho? Eu não quero que nada mude.

Ele me pegou pelos ombros no meio do meu tapete tricotado nas cores do arco-íris e colocou meu olhar no mesmo nível dos seus olhos vibrantes.

— Já fizemos algumas merdas muito estranhas antes, então o que um pouco de boca a boca vai mudar?

Eu balancei a cabeça, exalando lentamente; então franzi a testa.

— Por que você está fazendo isso? Quer dizer, eu sei dos meus motivos, mas e você? O que você ganha com isso?

Ele sorriu.

— Você pode ser minha melhor amiga, mas sempre me perguntei como seria enfiar a língua na sua garganta. — Ele inclinou um ombro musculoso. — Digamos que você vai matar essa curiosidade.

— Você sempre se perguntou isso?

— Eu tenho olhos, Sardas. E eu não preciso de óculos para apreciar algo bonito.

Eu pisquei.

— Uau. Isso foi realmente muito legal da sua parte.

— Então cale sua boca inexperiente e me beije.

Eu ainda estava rindo quando ele agarrou meu rosto e então eu gritei quando o mundo mudou de cor e seus lábios baixaram sobre os meus.

Meu coração se tornou uma trombeta, retumbando nos ouvidos ao primeiro toque de seus lábios.

Eu me afastei, assustada e ainda rindo.

— Ai, meu Deus.

As mãos de Dash estavam quentes no meu rosto.

— Tão bom assim? Nós mal nos tocamos.

— Não. — Eu engasguei, afastando suas mãos. — É só... um pouco estranho.

— Estranho? — Suas sobrancelhas se franziram. — Nós mal começamos.

Eu soltei uma respiração instável, incapaz de olhar para ele enquanto minhas mãos batiam ao meu lado. Eu encarei sua camisa branca, olhando para onde o algodão encontrava sua pele bronzeada.

— Eu não sei, Dash.

— Quer tentar de novo?

Eu olhei para ele, para o brilho ansioso em seus olhos azuis.

— Não é estranho para você?

Ele mordeu o lábio inferior, um pouco mais cheio que o superior. E esse mesmo lábio apenas tocou no meu. Ah, que loucura.

— Talvez só um pouquinho. Posso pensar na Margot Robbie e vai ficar tudo bem.

Eu congelei.

— Margot Robbie?

Ele gesticulou em direção ao meu cabelo.

— O cabelo loiro ajuda.

— Jesus. — Eu passei as mãos pelo meu rosto. — Isso é uma idiotice. Vamos esquecer essa ideia.

Dash ficou parado por um momento, olhando ao redor do meu quarto.

— Por que você não imagina alguém? Aquele cara do filme Thor. Você gosta dele.

— Chris Hemsworth?

— Sim. Imagine que sou ele. — Então Dash sorriu, balançando as sobrancelhas. — Faça biquinho, *baby*.

— Você não disse isso. — Eu ri, me jogando na ponta da cama.

— Que se dane. Vamos tentar de novo ou não?

O pensamento de Byron e aquele brilho malicioso em seus olhos verdes, a maneira como ele não perdeu tempo para me beijar... Sim. Eu precisava fazer aquilo.

— Ok. — Eu balancei as mãos, saltando um pouco na cama. — Ok, vamos tentar.

Os lábios de Dash se estreitaram.

— Isso não é motocross. Estamos apenas trocando saliva.

— Você tinha que dizer isso, não é? — Minha animação oficialmente sumiu.

Dash me puxou para fora da cama.

— Feche os olhos e relaxe.

Eu tentei, mas estava dura como uma tábua quando sua boca encontrou a minha novamente. Ele tinha gosto de hortelã e cigarros, mas suas mãos eram gentis enquanto uma segurava meu queixo e a outra deslizava pelo meu cabelo até a nuca. Lentamente, com a pressão suave de seus lábios nos meus e a exploração suave de seu corpo, meus membros relaxaram.

— Abra — ele sussurrou, a voz entrecortada, mais áspera.

Eu fiz, esperando a invasão de sua língua, mas a sensação aveludada dela apenas traçou as bordas internas da minha boca.

De todas as coisas que eu esperava sentir quando Dash sugeriu essa ideia maluca, estar relaxada não era uma delas; e certamente tampouco a sensação de zumbido aquecendo meu interior.

— Isso não é tão ruim — eu disse quando ele se afastou, a voz saindo num suspiro baixo.

— Bom. Agora repita o mesmo comigo. — Meus olhos estavam prestes a se abrir, mas ele rosnou. — Mantenha-os fechados. Não pense, apenas faça e sinta.

Respirando rapidamente pelo nariz, encostei em suas bochechas e me levantei na ponta dos pés. Tentei fazer a mesma coisa que ele fez comigo, mas minha língua mergulhou mais fundo, encontrando a maciez quente da dele. Lambi, acariciando com cautela, até ouvi-lo gemer, o som vibrando em sua garganta e fazendo nossos lábios se esmagarem.

Suas mãos ficaram mais firmes em torno da minha cabeça, sua língua mais gananciosa, varrendo dentro da minha boca antes que

meus dentes encontrassem seu lábio inferior rechonchudo e o mordessem.

Ele gemeu, e isso me fez cambalear para trás, o coração disparado, a respiração um som instável e constrangedor.

Dash engoliu em seco e pigarreou ao se mexer. Seus olhos encontraram os meus, e eu desviei o olhar para o ponto onde meus dedos com esmalte verde-menta estavam enrolados no tecido abrasivo do tapete. Estranho. Aquilo foi tão estranho, que rezei para não termos cometido um enorme erro.

— Então é assim que se faz. — Ele pegou o controle remoto da TV e se jogou na minha cama. — Tem pipoca?

Eu balancei minha cabeça.

— Espere, é, uhn, isso?

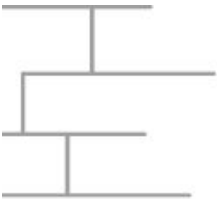
Ele começou a zapear pela Netflix.

— Bem, sim. Não há muito mais do que isso. Podemos praticar novamente antes do seu encontro, se quiser, mas estou morrendo de fome e precisamos assistir novamente a última temporada de Game of Thrones antes que a nova seja lançada.

— Ah, sim — eu disse, lembrando que havia prometido isso a Dash semanas atrás. Com fome também, saí e fiz uma careta para ele da porta.

— Não coloque suas meias perto do meu travesseiro.

Ele resmungou, mas se mexeu e foi para o outro lado da cama.



Capítulo 9



Peggy

— Use o vestido azul. Eu não vejo você de vestido há muito tempo.

Passei para o lado alguns cabides, meu dedo percorrendo o caleidoscópio formado por tule, cetim, jeans e babados. Minhas saias. Minhas peças favoritas. Meus verdadeiros amores.

— Sem ofensa, mãe, mas quando foi que você chegou? — Ela deveria ter entrado sorrateiramente enquanto eu estava distraída.

— Ah, apenas um minuto atrás.

— Ela está certa — disse Daphne. — Você está sempre de saias e com aquelas botas horríveis.

Minhas mãos pousaram nos quadris e me virei para olhar minha amiga.

— Elas não são horríveis. Olha como fala.

Ela passou a língua nos dentes, inspecionando as unhas.

— Só estava comentando. Você tem tornozelos lindos. Deveria exibi-los.

— Não consigo andar de salto. Eu vou cair de cara no chão. — Esquecendo que minha mãe estava presente, acrescentei: — Já me envergonhei o suficiente na frente desse cara.

— O quê? Quando?

— Merda.

— Olha como fala — Daphne disse, curvando os lábios cobertos de gloss. Eu a dispensei com um gesto e puxei o vestido azul-royal do cabide.

— Na festa — eu disse, e os olhos da mamãe ficaram saltando de mim para Daphne.

— O que aconteceu? — Ela fez uma pausa. — Oh, Deus. Você voltou para casa mais cedo. — O pânico atingiu suas feições, causando rugas finas ao redor dos olhos. — Por que você não falou comigo?

Tirei a camiseta masculina extralonga e, em seguida, lutei contra o tecido apertado do vestido.

— Tá tudo bem, sério.

Daphne riu.

— Sério, foi incrível. Ela espirrou na cara dele quando ele foi beijá-la.

— Não foi na cara dele — retruquei, bufando.

Mamãe bufou, acenando com as mãos na frente dos olhos enquanto tentava não rir. Ela falhou, e eu a olhei quando finalmente cedeu e libertou sua risada.

— Desculpa. — Ela ofegou, enxugando os olhos. — Isso é terrível, Pegs, mas não é o fim do mundo. Já ouvi coisas piores.

— Como o quê? — Eu não acreditei nela, mas estava desesperada para acreditar.

Seus lábios se contraíram, assim como os de Daphne, enquanto as duas tentavam pensar em alguma coisa.

— Ahhhh. — Eu puxei o corpete que se abria em uma saia esvoaçante em meus quadris. — Eu odeio vocês duas.

— É por causa desse espirro que você está se lamentando? — perguntou minha mãe. — Eu pensei que você estivesse menstruada.

— Também. Golpe duplo. — Mudei para a frente do espelho, inspecionando meu cabelo, que eu tinha secado, em seguida peguei um hidratante labial de baunilha e passei uma camada extra.

— Ah, Deus. — Mamãe mexeu nos livros na minha mesa de cabeceira, a maioria deles de Dash, e enrolou os cabos pendurados dos controles do videogame que Dash e eu deixamos para fora ontem.

Não tinha havido mais prática de beijos desde o início desta semana, e eu estava feliz. Eu não estava exatamente confiante de que beijava muito bem, mas me senti melhor sabendo o que esperar. Calidez. Muito calor. Um pouco de umidade e falta de ar. Lembrar fez minhas bochechas queimarem, então afastei a memória.

As coisas estavam relativamente normais entre nós. Bem, tão normais quanto normal poderia ser com as mudanças de humor de Dash.

— Vai ficar tudo bem, Pegs. Ele te convidou para sair de novo.

— Eu não estou preocupada. — Mentir era fácil depois que elas zombaram de mim.

Daphne arrancou o hidratante labial da minha mão, então tirou um lenço de papel da caixa e começou a limpar suavemente meus lábios.

— Diz isso pros seus lábios cheios de hidratante e mentiras.

Meus ombros murcharam.

— Ok, estou um pouco nervosa. Esta pode ser minha última chance.

— Se ele não quiser te levar para sair de novo depois disso, o azar é dele, Pegs. — Mamãe apontou o dedo para mim.

— Você é minha mãe. É seu trabalho dizer isso.

Daphne jogou fora o lenço de papel.

— É a verdade. Ele é um pouco idiota, mas foi bacana com Kayla. Se ele pode ser bacana com aquela garota, vai descobrir que tirou a sorte grande com você.

Kayla, às vezes, era difícil, na melhor das hipóteses, mas eu atribuí isso a ela ser capitã da equipe de líderes de torcida, chefe do comitê de formatura e filha de um diretor de cinema.

— Eu percebi isso no olhar dele — disse Daphne.

— E se Byron ainda estiver chateado com o término?

— A mãe dela é uma piranha, então acho que ela também é — mamãe interrompeu. — Não se preocupe.

— O quê? — Eu mirei minha mãe, e ela encolheu os ombros.

— Você já sabia que ela é uma piranha. — Daphne atraiu meu olhar de volta. — Alguém deveria ter pensado nisso antes de traí-lo.

Isso era verdade.

Uma batida na porta nos deixou congeladas, então mamãe saiu correndo do meu quarto. Daphne borrifou um pouco de perfume em mim, e eu tossi.

Mamãe voltou correndo para o meu quarto com um par de sandálias de tiras brancas e começou a colocá-las nos meus pés.

— Sinto que estou prestes a subir num palco.

— Shhh. Toma. — Daphne me entregou minha primeira e única bolsa. — Tem um chiclete dentro. Use-o depois do jantar, mas descarte-o assim que puder. Mesmo se você tiver que engolir.

Mamãe resmungou.

— Não engula o chiclete. Ele fica sete anos nos seus intestinos, Pegs.

Com uma declaração dessas, cambaleei até a porta, balançando a cabeça enquanto respirava fundo.

Byron estava vestindo jeans azul-claro, uma camisa polo azul-escura e tinha um sorriso com covinhas no rosto.

— Bem, olá.

— Oi. — Eu imediatamente me arrependi da minha escolha de vestido. — Olha, estamos combinando.

Ele deu uma risadinha.

— Sua mãe está em casa? Acho que seria melhor cumprimentá-la antes de sairmos.

Mamãe abriu a porta atrás de mim, e eu quase dei um salto de susto.

— Ei, Byron, né? — Ela gentilmente me empurrou de lado com a mão estendida. — Eu sou Peony.

Byron piscou.

— Peony. Olha, vocês têm ótimos genes.

Mamãe bateu com a mão no peito e deu uma risadinha.

— Ah, para.

— Ok, vamos lá. Te vejo mais tarde, mamãe. Tchau. — Eu corri para fora, passando por ela e descendo as escadas para entrar na caminhonete tunada de Byron.

Eu abri a porta antes que ele tivesse a chance, então fechei enquanto ele subia no lado do motorista.

— Eu sinto muito. Deus.

Ele ligou o carro, virando-se para mim enquanto afivelávamos nossos cintos de segurança.

— Por quê?

Eu acenei com a mão em direção à casa onde mamãe ainda estava sorrindo na porta.

— Ah. — Ele riu mais uma vez. — Não se preocupa. Sua mãe parece legal.

Eu franzi os lábios, sem saber se acreditava nele.

— Sério. Eu gostaria que minha mãe cumprimentasse as pessoas assim. Ela prefere se esconder no andar de cima e permanecer automedicada enquanto assiste TV durante o dia. O dia inteiro.

Eu estremeci.

— Eu sinto muito.

Byron recuou, seu braço passando por trás do meu banco, trazendo com ele o cheiro da colônia que formigava o nariz.

— Está bem. Ela está passando por uma fase difícil.

— Há quanto tempo?

Ele mudou de marcha, o braço caindo.

— Cerca de cinco anos.

Bem, torta de climão servida com sucesso.

— Isso é, hum...

— Um pouco pesado para um primeiro encontro? — Ele esfregou a grande mão pelo rosto. — Sim. Desculpa, estou sem prática.

A palavra “prática” me chocou.

— Tudo bem. Prefiro falar sobre coisas reais a falar sobre o clima.

Rapidamente, ele olhou para mim, os olhos brilhantes e sorridentes.

— Certo.

Byron se lembrou, então talvez não estivesse tão bêbado. O que não era um bom presságio para a coisa do espirro.

— Eu ainda sinto muito por, hum, ter espirrado em você.

Ele riu.

— Não vou mentir, foi inesperado.

— Foi nojento. Pode dizer.

Cruzamos a pequena ponte que separava as mansões das casas comuns de Magnolia Cove, as luzes da cidade tremeluzindo à frente.

— Ok, sim. Foi nojento. Mas com sinceridade? — Ele me lançou um sorriso. — Mais engraçado do que nojento.

Mordi os lábios, olhando para seu perfil.

— É o seu perfume.

— O quê?

— Isso que me fez espirrar. Na verdade, meu nariz está coçando agora.

Ele soltou um suspiro, virando-se para mim enquanto passávamos por algumas luzes no caminho.

— Sério?

Eu funguei para dar ênfase, meu nariz se contraindo enquanto eu tentava não espirrar.

— Fala sério — disse ele, o riso tingindo sua voz. — Bem, não vou usá-lo da próxima vez. Eu tenho alguns outros que quero experimentar.

Eu sorri para Byron, e ele sorriu de volta antes de olhar para frente quando o sinal ficou verde.

Dez minutos depois, um garçom na churrascaria nos direcionou para uma mesa nos fundos, longe das crianças que gritavam e batiam na Jukebox perto do bar.

— O que você vai comer?

Passei o dedo pelo menu, parando quando vi os pratos de frango picantes que Dash sempre pedia. Eu não suportava comida apimentada, mas vê-los me fez parar e me perguntar quanto tempo havia passado desde que comemos aqui. Costumávamos jantar nesse restaurante antes ou depois de cada filme que víamos, mas eu tinha certeza de que a última vez que o vi comer algo aqui foi no início do verão.

Afastei meus pensamentos e fechei o menu.

— Acho que vou pedir os wraps de salada. E você?

Ele semicerrou os olhos enquanto estudava o cardápio.

— Eu acho que vou pedir o T-bone.

Ele sinalizou para a garçonete, e nós pedimos, e então a estranheza nos atingiu novamente.

— Então — eu comecei.

— O que há entre você e Dash?

Assustada, me recostei no assento, a madeira beliscando minhas costas.

— Como assim?

Ele parecia escolher suas palavras com cuidado, os olhos verdes pairando sobre meu rosto.

— É tipo um tabu, ninguém pode tocar em você. Mas eu sempre me perguntei por quê. Especialmente porque vocês não namoram.

Uau.

— Como assim?

— Espera. — Suas sobrancelhas se franziram. — Você não sabia?

Achei que Daphne estivesse exagerando. Nunca pensei que fosse real.

Eu ia chutar Dash até a lata de lixo mais próxima, depois ia para a casa dele e bagunçaria sua coleção de cartas de Pokémon; trocava todas de ordem, as colocaria nas pastas erradas e, e... E muito mais.

— Vou interpretar esse olhar chocado em seu rosto como um não. — Uma respiração rápida escapou por seus lábios. — Merda, olha, eu não quis dizer...

— Não, está tudo bem. — Eu precisava esclarecer a situação. — Ele é meu melhor amigo desde que usávamos fraldas. — Forcei uma risada seca. — Não estou brincando, aprendemos a usar o penico juntos. — Eu me encolhi. — Deus, hum, apenas ignore o último comentário.

Byron estava sorrindo.

— Não, relaxa. — Ele se inclinou para frente, os dedos entrelaçados sob o queixo forte e liso. — Me conta mais.

Eu ri, apesar de sentir que estava perto de gritar, então fui em frente:

— Nossas mães eram melhores amigas na faculdade e conheceram nossos pais ao mesmo tempo, não muito antes de se formarem. Elas não se falam mais, mas Dash e eu, bem, ainda somos próximos. — Embora depois de saber daquilo, eu não tivesse mais tanta certeza.

Todo esse tempo, pensei que se eu tirasse o aparelho, usasse um pouco mais de rímel, talvez um sutiã push-up, alguém iria me notar. Eu sabia que não era uma menina horrível, mas por muito tempo achei que existia algo que ninguém me contava.

Que idiota. Claramente eu não sabia sobre Dash.

— Estou surpreso, sabe? — Byron disse, tirando um canudo da embalagem e colocando-o na minha Coca quando a garçonete deixou nossas bebidas na mesa.

Eu agradei, e ela foi embora.

— Surpreso?

— Em saber que ele é realmente seu melhor amigo. Vocês são tão diferentes.

— Talvez em personalidades — eu disse. — Mas nós temos algumas coisas em comum, eu acho.

— Como o quê?

Eu grunhi.

— Nós podemos pular o assunto Dash? Eu não estou exatamente feliz com ele depois de descobrir isso.

Byron concordou.

— Você vai contar a ele, não é?

— O que ele fez exatamente? Avisou às pessoas para ficarem longe de mim?

Byron balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Às vezes. Mas é que isso é um fato amplamente conhecido. Não brinque com Peggy Newland, ou Dash vai acabar com você.

Putz grila.

Minha mão se enrolou com muita força em torno do meu copo, escorregando e quase perdendo o controle quando o arrastei para mais perto e tomei um longo gole.

— Mesmo assim você me convidou para sair.

Seu sorriso fez o canudo cair da minha boca. Seus olhos verdes dançaram sobre os lábios.

— Eu parei de me importar. Deixa ele tentar alguma coisa comigo.

Nossa comida chegou e, felizmente, o assunto mudou para tópicos menos frustrantes. Como filmes, Game of Thrones e o retorno às aulas na próxima semana.

— E quanto a Kayla? — Eu me senti confortável o suficiente para perguntar, especialmente porque Byron se intrometeu no lance do Dash.

Ele torceu os lábios e suspirou.

— A coisa ficou um pouco complicada, foi por isso que não entrei em contato logo após a festa.

O que isso quer dizer?

A julgar pela torção amarga em seus lábios, toquei um ponto sensível.

— Desculpa

— Não se preocupa com isso. Está terminado agora. Para sempre.

— Vocês brigaram? — Embora eu não quisesse me intrometer, estava ali, num encontro. Com ele.

Byron empurrou o prato para longe e esticou os braços para cima sobre a cabeça. Se ele estava fazendo isso para me distrair, estava funcionando. Os músculos se esticaram e contraíram enquanto seus punhos abriam e fechavam. Ele bocejou, colocando as mãos no colo.

— Ela ouviu alguma fofoca da festa, foi até a minha casa e tentou fazer um barraco.

— Ah, merda.

Sacudindo a cabeça, Byron fez uma careta.

— Ela pode dar uma surtada. Eu queria ter certeza de que não haveria nenhum tipo de reação.

— Reação?

Ele se esticou sobre a mesa, segurando minha mão com a sua. Dedos quentes e ásperos enviaram palpitações ao redor do meu estômago.

— Eu quero continuar te encontrando.

— Você quer?

Seus dentes roçaram o lábio.

— Sim, então eu precisava ter certeza de que ela sabia que havíamos terminado. O que significava brigar um pouco mais, com todo aquele “acabou mesmo” tão comum e divertido de se fazer.

Eu não sabia como era, mas não queria ou precisava dizer isso.

Um sorriso caloroso apareceu em seus lábios.

— Posso te mostrar uma coisa?

— Claro.

Ele me estudou por um momento, e eu fiquei extasiada com a ondulação de seus cílios e as manchas douradas em seus olhos.

— Vem, vamos embora daqui.

Ele pagou a conta, deixou uma gorjeta e me conduziu pela mão até o estacionamento.

Abrindo a porta para mim, quando fui subir, senti suas mãos pousarem na minha cintura; e então eu estava no ar, e minha bunda bateu no assento com um sopro.

Eu ri, tonta, enquanto tentava arrumar o vestido e manter a cor da minha calcinha em segredo.

Minha risada morreu quando Byron cuidadosamente virou meu corpo em sua direção, ainda parado na porta, e eu vi a intenção em seus olhos meio segundo antes de ele inclinar meu rosto para cima.

— Era isso que você queria me mostrar?

Um aceno de cabeça, e então sua boca desceu sobre a minha. Seus lábios eram quentes e tinham gosto de molho de churrasco. Eu o deixei tomar as rédeas, me sentindo tonta, enquanto ele pressionava com mais força, com mais fome, e separava meus lábios.

Sua língua não se movia de forma suave, calculada, com movimentos intensos ou cutucões. Não, ela mergulhava fundo, forçando meus olhos a abrirem enquanto eu engasgava e me afastava.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Sim. — O calor subiu pelo meu pescoço, indo direto para as minhas bochechas. Com o momento arruinado, abaixei a cabeça,

derrotada pela verdade. — Eu não beijei muitas pessoas.

— Eu sei.

Minha cabeça disparou, sobrancelhas franzidas enquanto eu o olhava.

— Não é uma coisa ruim. — Seu dedo passeou pela minha bochecha. — Você é linda, mas quando cora, fica quase irresistível.

Eu sorri, mesmo sabendo que minhas bochechas ficariam ainda mais vermelhas. Byron era real. Tão real quanto o sangue correndo mais rápido em minhas veias.

Estava acontecendo.

Depois de dar um sorriso rápido, ele fundiu sua boca com a minha num toque breve e gentil.

Sua mão ficou junto da minha durante todo o caminho para casa, mas desta vez o silêncio não foi estranho. Foi um silêncio confortável; enquanto eu olhava pela janela, para as cores borradas de verão da enseada, não conseguia controlar o sorriso, mesmo que tentasse.

Trocamos o número de telefone antes que eu saísse; eu cheguei na varanda antes que meu sorriso murchasse.

Dash abriu a porta da frente quando Byron estava se afastando, a caminhonete fazendo barulho na rua tranquila.



Capítulo 10

Dash

— Então o que ele fez, te levou para um jantar sofisticado com uma comida que você odeia? — Eu recostei contra a porta, analisando a Barbie que roubou o corpo da minha melhor amiga.

Qual era a daquele vestido? Tudo bem, ficava ótimo nela, abraçando as curvas que eu nem imaginei que Peggy tivesse, mas isso não era ela.

— Saia — ela disse, sua voz tremendo, e algum perfume forte permeando o ar entre nós.

Peggy não olhou para mim. Na verdade, todo o seu corpo parecia tenso e pronto para pular, mas eu não me importava.

— Você não respondeu a minha pergunta.

— E eu não vou responder. — Então seus olhos encontraram os meus, cristais de puro gelo saindo deles. — Saia.

Ela estava chateada. Comigo. O que diabos Woods fez que a deixou chateada comigo?

— Ele tocou em você ou algo assim?

Seus longos cílios, revestidos com uma espessa camada de rímel, batiam quase contra as sobrancelhas. Então ela me empurrou

com o ombro, passando por mim para entrar.

Peggy tentou fechar a porta, mas eu estava no caminho, e não me moveria dali.

— Que porra é essa, Sardas?

A porta de tela se fechou atrás de mim, e Peony ergueu os olhos de seu lugar no sofá enquanto Peggy avançava pelo corredor até o quarto.

— Você se divertiu?

A batida da porta do quarto de Peggy foi a resposta.

Peony olhou para mim, os olhos se estreitaram, e eu inclinei os ombros.

— Não olha para mim. Acabei de chegar. — Isso não era exatamente verdade, e nós dois sabíamos disso. Eu fiquei no quarto de Peggy por quase uma hora, olhando para o laquê, as roupas espalhadas pela cama e o espaço vazio onde ela deveria estar em uma noite de sexta-feira.

— Ela teve muita expectativa com nesse encontro. — Com a cabeça balançando, Peony voltou sua atenção para a TV. — Conserta isso, Dash.

Apostou? Eu quase zombei, mas reuni alguns gramas de autocontrole e fui para o quarto de Peggy.

A porta estava trancada, e eu bati, a incredulidade aumentando minha pressão.

— Peggy, você realmente se trancou comigo do lado de fora?

Sem resposta.

Eu bati com mais força.

— Me deixa entrar ou vou arrombar a fechadura.

Três segundos se passaram antes que eu suspirasse e pegasse minhas chaves, e de repente a porta se abriu.

— Vá para casa, Dashiell.

— Dashiell? — Não conseguia me lembrar da última vez que Peggy me chamou pelo meu nome completo. Um nome que ela sabia que eu detestava. Avancei, sem me importar que ela não

tenha se mexido, e tentei ler sua expressão tensa e ruborizada. — O que aconteceu? — Tentei suavizar a voz. Tentei. Eu deveria ter recebido um prêmio de honra ao mérito, porra, pelo meu maldito esforço, considerando a tempestade crescendo dentro de mim. Não funcionou.

— Você, foi isso que aconteceu. — Ela recuou, e eu entrei em seu quarto enquanto ela fechava a porta. — Você avisou aos caras da escola para ficarem longe de mim?

— Fiquem longe de você? — Recuei, tentando me fazer de bobo, mas ela viu que eu estava mentindo.

Lágrimas brilharam em seus olhos, e sua voz ficou mais áspera.

— Por que você fez isso?

Put a que pariu. Ela realmente estava brava. Brava tipo pimenta no seu frasco de shampoo.

Eu me concentrei em respirar por um instante, odiando a maneira como a visão de suas lágrimas fez meu peito doer.

— Você é muito fácil de se tirar vantagem, Sardas. E, acredite em mim, eles aproveitariam ao máximo.

— Eles não podem tomar à força o que estou disposta a dar. — Ela fervia, seu peito subindo e descendo de uma forma que deixava seus seios esticados no tecido e o decote à mostra.

Engoli em seco e desviei o olhar, me esforçando para falar com os dentes cerrados.

— Vou fingir que você não disse isso de verdade.

— Tá, mas eu disse. Todo esse tempo, pensei que você fosse um pouco superprotetor. Todo esse tempo, pensei que devia haver algo comigo. — Eu fiz uma careta, prestes a dizer que Peggy era estúpida, quando ela mandou a voadora. — Acontece que não tem nada de errado comigo. Mas sim com você.

A dor em meu peito começou a borbulhar, como se meu coração pudesse pegar fogo e se desintegrar. Eu enrijei a mandíbula e tentei reprimir a raiva pela injustiça.

— Você o beijou?

Ela jogou as mãos para o alto.

— Por que diabos você se importa?

— Peggy? — a mãe dela chamou. — O que está acontecendo?

— Está tudo bem. — Peggy esfregou as bochechas. —
Desculpa, mãe.

E esse era o ponto crucial, de fato. Por que diabos eu ainda me importava? Eu mantive a voz baixa.

— Porque ele é um babaca do caralho que vai ficar por perto tempo suficiente para te foder e depois te largar.

Uma risada amarga escapou de seus lábios com gloss, e ela apontou o dedo para mim.

— O sujo falando do mal-lavado, seu idiota hipócrita.

Ela me pegou, mas o ponto não era sobre o que eu fazia com a minha vida. Era sobre ela, suas decisões estúpidas e birras loucas.

— O que diabos deu em você? — Era como se um alienígena tivesse roubado minha melhor amiga. Um alienígena sexy, zangado e emotivo, mas ainda assim um alienígena.

Ela soltou um suspiro e caminhou por pequenos círculos na frente das portas do armário cobertas de adesivos.

— Você não entende.

Eu dei um passo hesitante para frente.

— Tente.

— Você nunca teve que se preocupar com isso, Dash. Como é se perguntar se você não é bom o suficiente.

— Porque eu não poderia ligar menos para o que as pessoas pensam de mim.

— Sim — disse ela, balançando a cabeça. — Bem, nem todo mundo é como você. Eu me importo. — Ela parou, batendo um dedo em seu peito arfante. — Eu me importo. Eu queria namorar. Eu queria experimentar o que a maioria das outras garotas da minha idade já experimentou. Mas você tinha que ser o típico controlador idiota egoísta, me deixando pensar que não sou boa o suficiente...

— Ela balançou a cabeça, enxugando uma lágrima que correu por sua bochecha. — Vai embora.

Milhares de insultos cortantes estavam na ponta da língua, mas eu os engoli, senti-os me cortando profundamente; apenas saí pela porta da frente.

Por incontáveis minutos, me sentei no meu carro e olhei para um pedaço do quintal iluminado pela luz da varanda dos fundos.

Uma vez em casa, estacionei atrás do BMW do meu pai e fiquei lá por um momento, olhando para ele enquanto tentava me livrar da loucura que tinha acontecido. Peggy ficaria bem e, com sorte, voltaria ao normal no dia seguinte.

Uma batida na minha janela me assustou, e eu saí do torpor, vendo o rosto de meu pai ali. Ele gesticulou para que eu abaixasse a janela.

— Você está saindo? Porque se você for sair, estacione-o em outro lugar primeiro. Tenho um jantar de negócios.

Liguei o carro, engatei a ré e coloquei-o atrás do carro da minha mãe.

— O que está te consumindo, garoto? — papai perguntou, encostando-se no carro e girando as chaves no dedo.

O ato familiar me fez estremecer. Eu realmente parecia tanto assim com ele? Como um dos melhores advogados do estado, ele era um idiota, mas, de vez em quando, arrumava tempo para verificar como eu estava, se estivesse em casa.

— Nada. Talvez esse seja o problema.

Ele riu, então alisou o cabelo loiro com fios grisalhos. Ele tinha completado cinquenta anos recentemente, embora parecesse pelo menos dez anos mais jovem.

— Sua mãe está mal, então eu ficaria longe.

— O que você fez desta vez?

— Tudo que eu queria, como de costume. — Ele abriu a porta do carro, piscando para mim enquanto deslizava para dentro do

elegante automóvel. — Não compre uma esposa para você, garoto. A maioria não é reembolsável.

Foi algo que ele me disse inúmeras vezes, e minha resposta era sempre a mesma.

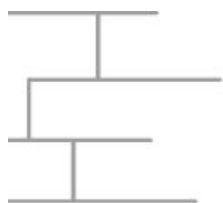
— Anotado.

Assim que entrei, ouvi o som de algo quebrando; segui o barulho pelo corredor até chegar à cozinha.

Em um vestido dourado cintilante, mamãe estava sentada no chão, talheres e pratos quebrados decorando os ladrilhos ao seu redor. O rímel escureceu suas bochechas, e embora eu tenha ficado ali por um minuto inteiro, nenhuma vez ela notou minha presença.

Seus problemas sempre eram grandes demais.

E como eu já tinha problemas suficientes, não tinha espaço para me preocupar com os dela. Não que eu já tivesse me preocupado alguma vez.



Capítulo 11



Peggy

Eu espalhei meu material de colagem diante de mim na mesa de jantar, mas nenhum deles parecia servir.

— Experimente os pássaros roxos — disse Willa, abrindo seu pequeno kit de artesanato. — Combine com um pouco de branco e a foto da festa, e o efeito será impressionante.

Ela estava certa. Puxei a folha roxa para perto de mim e peguei uma das fotos que Willa havia imprimido.

Eu não tinha contado a elas sobre minha briga com Dash. Não tinha certeza do motivo, mas cada vez que tentava, parecia uma traição. Ele era meu melhor amigo, mas Willa e Daphne também. Embora eu não tivesse problemas para falar sobre Dash com elas antes, isso parecia diferente. Grande e assustadoramente pessoal.

— Voltando ao assunto importante aqui — disse Daphne, esguichando um bocado de cola com glitter em sua folha e pegando um pequeno pincel. — Ele te beijou, e você claramente sobreviveu. Então, como foi?

— Você é tão engraçada. — Eu revirei os olhos. — Foi, não sei, bacana?

Willa bufou.

— Borboletas? Dedos dos pés enrolando? Precisamos de mais aqui do que apenas “bacana”.

— Houve arrepios, sim. — Espalhei um pouco de cola na página e coloquei a foto nela. — Ele beija bem. — Não estava mentindo. Eu tinha pensado no beijo algumas vezes. Foi um primeiro beijo decente, se não um pouco demais. Eu não era a melhor juíza acerca do assunto.

— Como você soube o que fazer? — Willa perguntou, não de maneira indelicada.

— Não é exatamente como construir um foguete. Você os deixa ir na frente até que você se sinta confortável.

Olhei para Daphne, desejando ter um pouco de sua confiança. Talvez aí eu não teria me sentindo inclinada a beijar meu melhor amigo para praticar.

— Você já fez aquilo, não é?

— Aquilo? — Willa perguntou.

Tentei não corar.

— Você sabe...

Daphne estreitou os olhos.

— Obrigada por assumir. — Minhas bochechas ficaram vermelhas, então ela suspirou. — Sim, já fiz.

— Willa?

Seus olhos se arregalaram comicamente.

— Hm, não, eu teria te contado.

— Mas você fez outras coisas. — Daphne tomou um gole de sua limonada.

Eu estava feliz que minha mãe estivesse no mercado fazendo compras. Ela tentou falar sobre sexo comigo uma vez, mas como fiquei rindo, ela desistiu. Eu meio que me arrependia disso agora.

— Eu fiz. — O rosto de Willa estava tão vermelho, que não pude deixar de pensar que se a tocasse, me queimaria.

— Você não quer falar um pouco mais sobre isso? — perguntei ao mesmo tempo que Daphne disse:

— Com quem?

— Eu não posso dizer, então, por favor... — As bochechas de Willa incharam. — Só deixa para lá.

Daphne bateu a ponta do pincel contra a mesa enquanto olhava para Willa.

— Isso vai ficar na minha cabeça. Por que você não pode dizer?

Willa se mexeu na cadeira, e uma de suas mãos tremeu.

Decidi dar uma folga a ela.

— O que devo esperar a seguir?

Daphne se virou para mim, e Willa me deu um sorriso agradecido.

— Ele convidou você para sair de novo?

— Bem, não exatamente. Mas deu a entender que queria.

Daphne acenou com a cabeça.

— Ele provavelmente vai guardar as partes mais indecentes e quentes até que te leve a algum lugar privado. Então, se você não estiver pronta, não deixe isso acontecer.

— Indecentes? — perguntei.

— Você sabe, cobrir todas as bases.

Eu balancei a cabeça, tentando absorver tudo o que isso significaria. Eu estava pronta, no entanto. Pelo menos eu pensei que sim. Eu não precisava amá-lo para experimentar e me divertir com Byron.

— Você ir além com Byron? — Willa perguntou.

— Sim, quer dizer... — Tirei um cacho do meu rosto. — Quero saber como é, e Byron é realmente fofo.

Daphne sorriu para mim.

— Nossa menina Pegs está crescendo.

Joguei alguns confetes rosa nela.

— Cala a boca.

Um pouco mais tarde, depois que mamãe chegou em casa, começamos a limpar tudo.

— Pegs, você sabe que Dash está em seu quarto desde que cheguei em casa, não é?

Dash estar aqui não era exatamente novidade para Daphne e Willa. Elas sabiam que ele ia e vinha quando bem entendia. Mas o fato de não ter anunciado sua presença fez minhas sobrancelhas levantarem.

Eu forcei um sorriso.

— Ele pode esperar alguns minutos.

— Eu preciso ir. — Willa fechou seu kit de artesanato, bebeu o restante da limonada e em seguida baixou o copo. — Tchau, Peony.

Daphne se juntou a ela, acenando por cima do ombro.

— Ok. — Mamãe enxugou as mãos em um pano de prato, observando-as se afastar com a cabeça inclinada. — Tchau, meninas.

Mamãe agarrou meu ombro antes que eu pudesse sair da sala.

— Vou arrumar tudo.

— Não é sobre isso. Dash. — Ela pendurou o pano de prato. — O que aconteceu na sexta à noite? Parecia que vocês tinham brigado.

Sua voz estava baixa, mas com ou sem Dash aqui, eu ainda não queria falar sobre o assunto.

— Ele está apenas sendo o Dash normal. Intrumetido e muito mandão. — Tentei fingir, mas sabia que ela notou que ia além disso desta vez.

Mesmo assim, mamãe deixou passar com um aceno de cabeça.

— Peguei o último de seus uniformes hoje.

— Obrigada. — Eu não conseguia acreditar que meu último verão como estudante do ensino médio estava acabando e que estaríamos de volta à escola no dia seguinte. Parecia que eu estava esperando anos para me tornar uma veterana e experimentar essa virada mágica que ajudaria a moldar o caminho da minha vida. E agora que finalmente havia chegado, minha confiança e entusiasmo haviam desaparecido.

— Eles ainda estão no carro, mas vou passar mais tarde e levá-los para o seu quarto.

Papai nos deu um cartão de crédito anos atrás. Não havia chance de mamãe pagar o Colégio Magnolia Cove sem a ajuda dele. Pelo acordo deles, ele pagava pela absurda anuidade, materiais e até prometeu me dar um carro. Mamãe traçou o limite aí, visto que Dash me levava para a escola na maioria dos dias.

Mas meu aniversário de dezoito anos estava chegando, e eu esperava que meu pai a tivesse ignorado. Eu não queria mais depender de Dash. Era surpreendente para alguns que mamãe e papai fossem amigos, considerando que ele ainda a amava. Quando eu perguntei, ele afirmou que estava muito velho para tentar manter por perto alguém que não queria estar ali. Ele respeitou a decisão da mamãe de ter sua própria vida, bem como sua honestidade, não importando o quanto o tenha magoado quando ela decidiu deixá-lo.

Ele nunca se casou novamente. Embora eu soubesse que aos cinquenta e seis isso provavelmente não fazia parte dos planos, eu ainda queria que ele fosse feliz.

Quando a mesa ficou impecável e eu percebi que havia ignorado o demônio em meu quarto por tempo suficiente, endireitei os ombros e decidi acabar logo com isso. Afinal era o meu quarto. Dash não conseguiria me fazer evitar meu próprio espaço pessoal.

Ele estava jogando no Xbox, as botas jogadas no chão e os olhos injetados.

— Você está chapado?

— Quem se importa se eu estiver?

Eu balancei a cabeça e fechei a porta.

— O que você está fazendo aqui?

Ele praguejou quando seu personagem morreu e jogou o controle de lado.

— A escola começa amanhã. Essa birra precisa parar; já se passaram 48 horas.

— Eu não estou contando o tempo. — Andei até minha escrivaninha, empurrando algumas revistas de lado para colocar

minha caixa de materiais de volta no canto.

— Mas você admite que isso seja uma birra, certo?

Contei até dez, de trás para frente, e me virei.

— Eu não estou agindo como uma pirralha chata. Você interferiu deliberadamente na minha vida, nos meus sentimentos e na minha autoestima.

Ele parecia estar prestes a revirar os olhos, então se conteve.

— Se anda como uma pirralha, fala como uma pirralha e ainda está agindo como uma pirralha... — Seu olhar caiu sobre mim, vazio e insensível. — Então provavelmente é uma pirralha.

Foda-se.

— Ok, tchau, Dash. A janela é por ali. — Peguei meu celular e fui em direção à porta, fechando-a atrás de mim, irritadíssima por ter de sair do meu próprio quarto.

Byron tinha me enviado mensagens desde nosso encontro, mas não havia nenhuma nova naquele momento. Eu pensei em mandar algumas para ele, mas não queria parecer muito ansiosa. Dash permaneceu no meu quarto, ou não, eu realmente não sabia. Eu me joguei no sofá e desbloqueei o celular. Quando fui abrir uma nova mensagem para Byron, fiz uma careta ao descobrir algumas marcadas como enviadas por ele que eu ainda não tinha lido.

Byron: Que tipo de flores você gosta?

Byron: Ok, provavelmente isso foi meio aleatório. Mas estou animado para ver você amanhã.

A raiva me envolveu quando percebi o que Dash tinha feito.

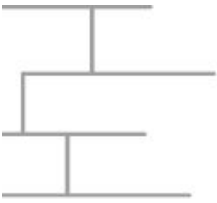
Ele abriu minhas mensagens e leu todas elas. Não houve nada muito constrangedor dito entre nós, mas isso não importava. Ele levou esse jogo estúpido um passo adiante e bisbilhotou minhas mensagens pessoais.

Felizmente, Dash não respondeu.

Eu: Desculpe, Daphne e Willa estavam aqui. Eu amo girassóis. Também estou animada. :D

Byron: Girassóis, é? O que vocês estavam fazendo?

Depois de trocar mensagens por um tempo, finalmente voltei para o meu quarto. Estava vazio e com a janela fechada.



Capítulo 12



Peggy

Os gigantescos portões cobertos de hera do Colégio Magnolia Cove estavam abertos.

Os dois acres em que a estrutura semelhante a um castelo estava localizada, sobre a face de um penhasco, eram de um verde brilhante; o calor do verão não era páreo para o sistema de irrigação de última geração e para os paisagistas mantidos na folha de pagamento da escola.

O prédio de madeira e pedra cinza, que era maior do que a maioria das mansões da região, estava coberto de musgo e espirais de folhagens, disfarçando a idade e revestindo-o de uma beleza clássica.

As sebes foram aparadas, os postes de luz, polidos, e o estacionamento estava quase cheio quando o carro da mamãe se aproximou da área de desembarque.

Pelo menos quando eu ia com Dash ninguém ria, como estavam fazendo agora com o SUV comum da mamãe.

— Deixe que eles sejam idiotas superficiais — mamãe disse, dando um olhar desagradável para alguns espectadores quando paramos. — Já dirigi carros que nem mesmo suas poupanças

gordas tinham condições de comprar. É apenas dinheiro sobre rodas.

— Te amo, mãe. — Joguei um beijo para ela, que ela pegou e guardou, então arrastei minha mochila do banco traseiro e fechei a porta.

Daphne estava esperando perto da fonte, digitando em seu celular enquanto Reese Dillon tentava falar com ela. A blusa verde-clara de Daphne era justa sobre o peito, e a saia xadrez mal chegava ao meio da coxa. Ela usava meias pretas até os joelhos, como a maioria das garotas, e finalizou o conjunto com saltos pretos. Eu? Bem, eu apenas coloquei minha blusa, saia, meias altas e fiz o meu melhor para amarrar minhas botas enquanto ainda estava meio adormecida, como na maioria das manhãs.

Naquela manhã, eu tinha a intenção de acordar cedo para fazer meu cabelo e maquiagem, mas apertei o botão soneca no alarme e desmaiei. Eu pelo menos consegui dar uma rápida escovada no cabelo e passei rímel no carro no caminho.

— Graças a Deus — Daphne disse baixinho, agarrando minha mão e guardando o celular no bolso. — Tchau, Reese.

Acenei para Reese, que ficou olhando para nós duas com as mãos nos bolsos.

— Reese é legal.

— Não quero “legal”. Legal é chato.

— Legal é subestimado, acredite em mim — eu disse, puxando minha saia para baixo quando senti a brisa beijar minhas coxas.

— Dash é aparentemente um partido e tanto, então não julgue o livro pela capa.

Eu fingi ignorância enquanto meu estômago afundava.

— Ai, credo. — Meu nariz enrugou quando nos aproximamos dos degraus. — Não estou acordada há tempo suficiente para isso.

Willa se juntou a nós enquanto caminhávamos para dentro, vestindo seu uniforme quase igual ao de Daphne, mas com sapatilhas pretas no lugar de saltos.

— Bem, espero que você esteja acordada o suficiente para isso — disse ela, gesticulando para a pequena multidão de caras da equipe de lacrosse que, por acaso, estavam parados no meio do corredor olhando diretamente para nós.

Meus olhos se arregalaram com a visão deles.

— Hum.

— Pois é, hum — Willa disse por entre os lábios quase fechados.

— São girassóis? — Daphne perguntou um pouco alto demais.

Meus olhos ficaram maiores a cada passo que dávamos em direção aos nossos armários.

Três semanas atrás, pegamos nossos novos horários e carteirinhas. Depois de compará-los durante o verão, descobrimos que só tínhamos algumas aulas juntas por dia, mas, felizmente, nossos armários não eram muito distantes um do outro.

E Byron estava bem na minha frente.

Seus amigos se afastaram, zombando e enviando olhares sugestivos enquanto avançavam pelo corredor.

— Vejo você no terceiro tempo — disse Daphne, arrastando Willa com ela em direção aos seus armários.

Isso me deixou sozinha com os girassóis gigantes e o gigante que os segurava.

— Então, uau.

Então, uau? Jesus.

O queixo de Byron afundou enquanto ele sorria, cativante e confiante ao mesmo tempo.

— Então, talvez não tenha sido uma pergunta totalmente aleatória. — Ele deu um passo à frente, entregando-os para mim. — Para você.

Eu os peguei, encontrando um pequeno cartão anexado que dizia

“Apenas me avise antes de espirrar”.

Uma risada me escapou, a descrença pintando minhas bochechas.

— Obrigada. Eles são lindos.

— Você não precisava das flores para parecer um idiota. Esses sapatos de sapateado que você chama de mocassins já funcionam muito bem.

Virei, boquiaberta, e encontrei Dash encostado no meu armário.

— Me dá um minutinho, Sardas?

Medo e mortificação uniram forças, e eu me esforcei para dizer qualquer coisa.

— Dashiell, me perdoe. Eu vou me lembrar de suas flores na próxima vez.

Pisquei ao ouvir as palavras de Byron, e a mandíbula de Dash se travou, olhos fixos em Byron.

— Flores não são o modo certo de conquistar meu coração, Woods. E elas com certeza não são o modo certo dela. — Seus lábios se curvaram e os dentes brilharam. — Mas é aquilo, você a conhece há cinco minutos. Então o que realmente sabe sobre ela?

— Dash — eu sibilei.

— Que tal conversar comigo agora?

Eu balancei a cabeça, as palavras fugindo.

— Acho que ela deixou bem claro que não quer falar com você. Então por que você não vai embora e sobrecarrega alguém com sua presença sombria?

Vendo que Dash estava prestes a retrucar, me virei para Byron e coloquei a mão em seu peito, para evitar que Dash, que estava respirando pesadamente nas minhas costas, fosse suspenso no primeiro dia.

— Vou só guardar as minhas coisas, encontro você na hora do almoço?

Byron estava olhando por cima da minha cabeça, mas com um toque em seu peito de granito, ele baixou o olhar. Depois de assentir e, em seguida, um beijo rápido e calculado na minha testa, ele seguiu pelo corredor.

Abri meu armário e minha bolsa, tentando colocar os cadernos dentro e as flores por cima deles. O tempo todo Dash apenas me observava.

— Kayla não parece exatamente feliz hoje, não é?

Eu não tinha olhado e não gostaria de olhar agora.

— Dash, sério.

— O quê? — Ele me empurrou para o lado e esmagou as flores o suficiente para fechar a porta.

— Você as esmagou.

— Quem se importa? Elas são ervas de qualquer maneira.

— Eu gosto delas.

— Você gosta de muitas coisas que provavelmente não deveria.

— Ele me olhou por um momento. — Só que agora você está escolhendo essas coisas em vez de mim.

Ele começou a caminhar pelo corredor até onde Lars, Jackson e Raven estavam, do lado de fora dos banheiros dos meninos.

A culpa me atingiu profundamente, então o chamei.

— Dash, espere.

Ele parou, com a camisa meio para fora da calça e as calças muito baixas nos quadris, enquanto brincava com o colarinho, levantando-o ainda mais.

— Isso é ridículo — eu disse, uma vez que parei na frente dele.

— Por que você não pode simplesmente pedir desculpas?

— Porque eu não fiz nada de errado.

Eu segurei seu olhar duro no meu.

— Interferir na minha vida não é errado?

Ele deu um passo à frente, rosnando baixo na minha cara.

— Não quando é apenas para protegê-la.

Meus cílios se abaixaram enquanto Dash dava a volta por mim para se juntar aos seus amigos.

Suas palavras ficaram lá, pairando como um fantasma, enquanto eu apertava meus livros perto do peito e me dirigia para a aula.



O olhar de Kayla parecia emanar raios lasers capazes de queimar minha nuca durante a aula de Biologia naquela manhã.

— Ela parece chateada — eu disse, não precisando olhar para o refeitório para saber que ela ainda estava me encarando, fofocando e espalhando boatos sobre mim.

Daphne arrastou uma batata frita em sua poça de ketchup.

— Ele marcou completamente o território na frente de toda escola ao te trazer aquelas flores. — O fato de Daphne estar sentada conosco e não com Kayla e seu time de líderes de torcida provavelmente não ajudou.

— Eu não pensei que ela ficaria tão brava.

— Ela o traiu — disse Willa. — Como se ela tivesse o direito de ficar brava por Byron estar seguindo em frente.

Eu não achava que isso importasse muito para Kayla.

Quase gritei quando Byron se jogou na cadeira ao meu lado, mordendo um pedaço de seu wrap.

— Ei.

— Oi — eu disse, tentando não rir quando ele tentou sorrir apesar de estar mastigando.

— Sua garota está louca — disse Daphne.

Byron franziu a testa, olhando para a mesa das líderes de torcida. Ele ergueu um ombro.

— Ela vai superar.

Os lábios franzidos de Daphne disseram que ela pensava o contrário.

Isso, combinado com a maneira como Byron não contestou aquelas palavras, “*sua garota*”, fez com que o sanduíche que eu tinha acabado de comer ameaçasse fazer uma viagem de volta à bandeja.

Byron terminou de mastigar antes de dizer;

— Wade vai dar outra festa nesta sexta à noite. Uma de volta às aulas, no estilo “foda-se o último ano”.

Willa levantou uma sobrancelha.

— Qual é o problema dele com o último ano?

Byron a olhou como se ela fosse louca, depois balançou a cabeça.

— Ei, você pode pedir a Jack para trazer uma verdinha?

Os olhos castanhos de Willa escureceram com a menção de seu meio-irmão.

— Por que você mesmo não pergunta a ele?

— Porque Dash não é meu maior fã agora, o que significa que não sou muito querido pelo resto de seu time de zé droguinhas.

A maneira como disse isso fez minha pele arder. Certo, eles costumavam ficar chapados, muito, mas eu ainda não concordava com o nome dado a eles.

Daphne arqueou uma sobrancelha, mas continuou comendo suas batatas fritas.

Willa suspirou.

— Certo.

Com um tapa na mesa, Byron se levantou.

— Legal, obrigado. — Achei que ele fosse simplesmente sair, e esperava que sim, visto que sabia que vários olhos estavam nos observando, mas então Byron agarrou meu queixo e se abaixou. — Cogite ir à festa. Eu te ligo hoje à noite?

Eu balancei a cabeça, me preparei para um beijo, que temia, mas ele nunca veio.

Eu exalei meu alívio, então tomei um longo gole da minha garrafa de água.

— Ele estava prestes a beijar você — Willa disse com olhos animados.

Daphne sorriu afetadamente.

— Sim, se você não parecesse aterrorizada.

Carrancuda, roubei uma batata frita do prato dela.

— Então, vamos na festa de Wade de novo? — Willa bateu as unhas na mesa.

Daphne concordou com a cabeça, chupando o canudo com os lábios vermelhos.

Olhei ao redor do refeitório, mas não pude ver nenhum sinal de Dash ou de seus amigos. Eles provavelmente estavam lá fora ou fumando um cigarro em uma das salas de aula vazias.

Tive uma aula de inglês com Dash antes do almoço, e embora ele tenha se sentado ao meu lado, como sempre fazia, não disse uma palavra.

Ainda assim, ir à festa era outra maneira de sair com Byron. No entanto, convencer minha mãe a me deixar ir seria difícil.

— Mamãe provavelmente não vai me deixar ir de novo. Não tão cedo.

Willa e Daphne gemeram.

— Diga a ela que você vai ficar na minha casa. Dã.

Eu olhei para Daphne, pensando na facilidade com que ela esperava que eu mentisse, mas conforme o dia se arrastava e eu pensava mais e mais sobre isso, todas as razões pelas quais eu não deveria mentir estavam sumindo.

Até que eu não conseguia ver como a mentira não poderia funcionar.



Capítulo 13

Dash

Imitação fodida de Príncipe Encantado.

Se isso não piorasse mais ainda as coisas com Peggy, eu teria introduzido as bolas de Byron em seu estômago e meu punho teria feito massa de panqueca com aquele nariz.

Church miou, e eu acariciei sua cabeça quando ele se sentou ao meu lado no sofá. Eu queria mergulhar na piscina assim que cheguei em casa, mas depois de sair e ouvir os gemidos de minha mãe, voltei para dentro e bati a porta.

Eu estava tão distraído e refém da raiva, que nem tinha visto o velho Chevy do Emanuel estacionado ao lado da nossa longa entrada de garagem.

Recebi uma mensagem no celular e saí do jogo que estava para ler.

Sardas: Vem aqui?

A parte mesquinha em mim — que, sejamos sinceros, era a maior — queria dizer a ela para ir se foder. Mas meu desespero

para que as coisas voltassem ao normal venceu, e me inclinei para pegar as chaves na mesa.

Church protestou quando eu me levantei e coloquei o celular no bolso no momento em que os saltos da minha querida mamãe soaram contra o chão.

— Como foi seu primeiro dia?

— Não tão bom quanto o seu.

Suas bochechas ficaram vermelhas, a boca aberta.

Corri para a porta antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa.

A janela de Peggy já estava aberta, um sinal de que talvez estivesse aberta a negociações. Meu ânimo melhorou enquanto eu entrava pela janela e rolava para sua cama.

— Pronta para rastejar?

Peggy largou o dever de casa, já estava sem o uniforme da escola, vestia uma de suas camisetas masculinas extragrandes preferidas. A maior parte das merdas que ela usava era de brechó, mas eu não gostava da ideia de ela usar roupas velhas de um cara estranho, então todo Natal eu comprava algumas camisetas novas masculinas tamanho GG.

Tentei manter meus olhos longe de suas coxas enquanto ela se sentava na cama. Realmente tentei. Ganhei pontos por isso, porque, porra, era difícil. Por que parecia que era a primeira vez que as via? Elas sempre tiveram aquela pequena fenda no meio?

Peggy rapidamente colocou um travesseiro no colo e tentou consertar a bagunça que fizera ao prender o cabelo em um coque bagunçado. Não havia mais cabelo suficiente, então os cachos caíram livres, acariciando a elegante inclinação de seu pescoço e passeando pelas curvas finas de seu rosto.

— Não preciso rastejar coisa nenhuma. Mas estou disposta a deixar isso de lado com uma condição.

— Uma? — Tirando minhas botas, olhei para o seu rosto, me acertando na cama e ficando confortável.

— Você não interfere mais na minha vida.

— Você é minha melhor amiga. Você está dizendo que eu não posso mais me importar?

Ela soprou um cacho rebelde dos lábios.

— Estou dizendo que você precisa parar de ser um idiota controlador.

Eu bati a mão no meu peito.

— Bem, vou tentar. Esse não é exatamente o pedido de desculpas que eu esperava.

Fizemos careta um para o outro, mas eu podia sentir meu rosto ficar mais leve enquanto observava seus cílios abrindo e fechando e estudava o pequeno arco em seu lábio superior.

— Certo.

— Certo.

— Podemos jogar agora? — perguntei.

Em resposta, ela pegou um controle e me entregou.



Na manhã seguinte, peguei Peggy para ir à escola, satisfeito porque as coisas haviam voltado ao normal a esse respeito, mas algo ainda estava me irritando.

Foi como sentir uma coceira que não conseguia alcançar. Enquanto eu a observava trocar a música no meu celular e depois caminhar pelo corredor para se encontrar com o babaca colossal, eu percebi que estava em um estado permanente de tensão.

— Os peitos balançaram como se fossem reais — Raven estava dizendo quando me juntei a eles no meu armário. — Cabiam direitinho nas mãos também.

— Quem se importa se são reais ou não? Eles são incríveis. — Lars enfiou um punhado de Cheetos na boca e limpou o farelo na calça.

Jackson mexeu em sua gravata.

— De qualquer jeito, ela ainda tem a porra de um tesão dos infernos pelo Woods.

— Com certeza. Ela provavelmente está pensando nele quando fode com você — acrescentei.

Raven me mostrou o dedo do meio.

— Bom dia para você também, idiota.

— Vamos chegar no Wade de novo nesta sexta-feira? — Jackson perguntou. — E, vejam isso, Willa disse que o time quer que eu leve um pouco de erva.

Eu soltei uma risada.

— Até parece.

— Foi o que eu disse. Os filhos da puta que se virem.

O sinal tocou, e eu puxei meu caderno, batendo a porta do armário e encontrando Byron grudado na cara de Peggy.

Raven se esgueirou para fazer uma provocação em voz baixa.

— Se seus punhos se fecharem com mais força, você vai explodir suas roupas. Estilo Hulk, rapaz.

Fui dar um soco nele, e Raven riu, esquivando-se enquanto deslizava para a multidão, que se dispersava.

— Sem flores hoje, Príncipe Encantado? — eu perguntei enquanto me aproximava de Peggy.

Peggy virou, me empurrando.

— Sai, Dash.

Arrumei minha camisa bagunçada, me certificando de que estava bagunçada, mas do jeito que eu gostava.

— Foi só uma pergunta. Não tem motivo para ficar toda nervosa por isso.

O sorriso de Byron precisava ser apagado daquele rosto presunçoso. Sim, ele pensou que se saiu bem, mas não sabia de porra nenhuma. Ele não tinha ideia de nada.

Peggy murmurou um adeus para Byron e se juntou a mim enquanto íamos para a aula.

— Você vai morrer se for um pouco legal pelo menos?

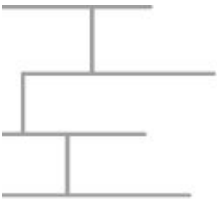
— Não tenho certeza, mas gosto de estar vivo, então é melhor não desafiar o destino, não é?!

Peggy tentou abafar a risada, mas ela acabou escapando, de modo que eu cutuquei seu ombro. Peggy me empurrou para trás, com força, e eu ri enquanto dava um passo para o lado a fim de me segurar.

— Ainda precisamos terminar a última temporada de Game of Thrones — ela me lembrou quando nos sentamos no fundo da sala.

Eu sorri, um pouco da tensão diminuindo.

— Depois da escola.



Capítulo 14



Peggy

Eu caminhei de volta para meu armário no intervalo entre as aulas e congelei.

Um minúsculo pedaço de papel cor-de-rosa estava pendurado em uma das aberturas. Eu olhei em volta, alguns estudantes conversando, e mordi o lábio enquanto o destravava.

O papel flutuou até o chão. Depois de empilhar meus livros lá dentro, eu o peguei, levando-o comigo para minha próxima aula. Com a unha, abri o envelope enquanto sentava na carteira ao lado de Daphne, e então meu coração quase parou.

Termine com ele ou eu vou pegar alguma coisa sua.

Daphne pegou o bilhete antes que o sr. Roth entrasse, franzindo as sobrancelhas ao lê-lo; em seguida, olhou para mim.

— Ela está falando do Dash?

Eu nem tinha pensado a quem ela poderia estar se referindo, mas a ideia de Kayla e Dash juntos fez tudo dentro da minha cabeça e estômago girar.

— Não sei.

Ela o rasgou e jogou os pedaços no chão.

— Ignore. Você e Byron estão namorando?

A sala começou a encher, então eu apenas balancei a cabeça. Não havíamos dado um rótulo para nossos encontros. Na verdade, depois de quase uma semana trocando mensagens diariamente, nem tive notícias de Byron na noite anterior.

Eu achava que poderia ter ido atrás dele, mas ainda estava preocupada em parecer carente. Graças à interrupção de Dash nessa manhã, tivemos menos de um minuto para dizer um “olá”.

Firmes. Se não estávamos ficando ou namorando de verdade, o que estávamos fazendo? Conhecendo um ao outro? Acho que era isso, o que era bom para mim, mas precisava me perguntar se eu realmente queria levar isso adiante com Byron.

Só então ele entrou na sala de aula, bem ao lado de dois de seus companheiros de equipe, e se sentou bem na minha frente.

— Ei, Pegs.

Eu sorri, e o sr. Roth jogou a pasta sobre a mesa.

— Tudo bem, sentem-se, sentem-se.

Meus olhos ficaram colados na parte traseira da cabeça de Byron enquanto pensamentos sobre o bilhete e Dash nublavam meus pensamentos como uma névoa espessa.

Talvez eu tivesse feito algo. Talvez Byron estivesse cansado de tentar competir pela minha atenção. Ou talvez eu estivesse me tornando muito disponível para ele. Resolvi conversar com Daphne sobre isso na hora do intervalo.



Daphne tinha me dito que se não estávamos juntos, então eu precisava recuar. Deixá-lo se esforçar um pouco. Seja lá o que isso significasse.

Portanto, embora eu estivesse morrendo de vontade de mandar uma mensagem para Byron, ver se estava tudo bem e perguntar a ele o que estava rolando entre a gente, não o fiz. Eu gostava dele, claro, mas não era obcecada. Eu poderia esperar que ele me procurasse.

Peguei a tigela de pipoca e a coloquei no meu lado da cama. Meus olhos estavam na TV enquanto os White Walkers desciam para a Muralha, mas minha mente vagava para todo e qualquer lugar.

Talvez fosse como da última vez, eu simplesmente apareceria na festa e eventualmente nos encontraríamos?

Eu esperava que não. A gente podia não usar o rótulo de namorados, mas eu pensei que estávamos no estágio de nos conhecer, quando ele, pelo menos, faria planos comigo.

O rosto de Dash interrompeu meus pensamentos enquanto pairava sobre mim.

— Pelo amor de Deus, você está chapada?

Eu pisquei para ele.

— O quê? Não. — Então eu ri. — Espera, você estava cantando Manfred Mann?

— Você nem precisaria perguntar isso se parasse de sonhar acordada por um minuto.

Seus olhos estavam duros, mandíbula cerrada, e eu o cutuquei na bochecha.

— Não fique bravo.

Sua covinha apareceu, seus olhos indo para a minha boca.

— Quer praticar de novo?

Eu o empurrei de cima de mim.

— Estou bem, obrigada.

Dash se deitou de lado, com a cabeça na mão e a camisa pendurada na cintura.

— Você não acha que seria melhor?

— Eu já o beijei.

Sua mandíbula se apertou.

— Quando?

— Depois do nosso encontro, no estacionamento. — Enfiei outro punhado de pipoca na boca.

Dash me observou, em silêncio por alguns minutos, depois disse:

— Só uma vez?

— Sim. — Eu me inclinei sobre os cotovelos para pegar minha garrafa de água, abrindo a tampa e tomando um longo gole.

Sua voz estava áspera quando perguntou:

— Você o beijou de novo depois?

Eu balancei a cabeça.

— Não, mas acho que ele pode tentar de novo nesta sexta-feira.

Mais silêncio.

Quando eu não aguentei mais, bati a bebida na mesa de cabeceira.

— Ugh, fala logo.

Dash sorriu.

— Só estou querendo saber é como você sabe que está pronta para o que vem a seguir se você o beijou apenas uma vez?

— Você está falando sério? — Eu não sabia a resposta, porque sua expressão não denunciava nada.

— Mortalmente sério. Você precisa do meu treinamento tanto quanto precisa respirar, e você sabe disso.

Eu encarei a boca de Dash, lembrando do toque aveludado dela na minha. Beijá-lo não foi ruim e não tornou as coisas estranhas, mas pensar em fazê-lo agora parecia errado de maneiras diferentes.

— De certo modo, isso não seria considerado traição?

Ele zombou.

— Byron é um cara de dezoito anos que não te pediu em namoro. Até onde eu sei. Quem pode ter certeza de que ele não está saindo com outras pessoas? — Dash suavizou as próprias palavras. — Ele acabou de sair de um longo relacionamento, Pegs.

Toda a coisa de “ele é um cara” não me afetou. De alguma forma, Dash estava certo. Byron não me prometeu nada nem disse que não estava saindo com outras pessoas. Ele nem mesmo havia insinuado nada sobre o assunto. Eu engoli em seco o caroço que tentou bloquear minha garganta.

— Parece errado — eu disse, plantando a mão em seu peito quando ele se aproximou.

Sua mão envolveu a minha.

— Isso torna ainda melhor. — Seu rosto pairou sobre o meu, me dando a chance de interromper, mas eu não parei.

Seu olhar se estreitou, acentuando o azul brilhante de seus olhos. Meu coração bateu mais rápido quando seu nariz roçou o meu, e fios de seu cabelo caíram, roçando em minha testa.

Meus olhos se fecharam no primeiro deslizar de nossa pele, e meu estômago parou de se enrolar em nós quando seu lábio inferior se encaixou entre meus lábios. Movimentos suaves, carinhosos e hipnotizantes deixaram meu corpo flexível e quente, e sua mão deixou minha bochecha e começou a descer pelo meu corpo, até o quadril.

Quando minha boca se abriu mais e minha língua acariciou hesitantemente a parte inferior do lábio superior de Dash, ele gemeu.

— Bom, isso é muito bom.

Eu fiz isso de novo, indo um pouco mais fundo, e seus dentes pegaram minha língua, raspando suavemente sobre ela. Eu borbulhava e ficava maleável embaixo dele, um som necessitado saindo de mim.

— Pegs. — Mamãe bateu na porta, e Dash voou para o outro lado da cama. — Dash vai ficar para o jantar?

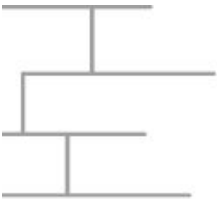
Ela abriu a porta enquanto eu enfiava um monte de pipoca na boca. Colocando uma cesta de roupas limpas no chão, ela olhou para nós, os lábios franzidos.

— Não me diga que você se encheu de porcarias na noite em que eu finalmente decidi cozinhar.

— Eu sempre tenho espaço para sua comida, Peeny.

Dash a chamava assim desde que ele começou a falar, e mamãe, que sempre ficava besta por isso, sorriu.

— Assim que eu gosto. — Ela fechou a porta, e a pipoca saiu da minha boca enquanto nós dois rolávamos de rir.



Capítulo 15



Peggy

Dobrei a esquina do corredor da escola, deixando minha credencial cair no chão enquanto via um casal se pegando encostado na parede.

— Que garota safada da porra — disse Lars contra o pescoço de Daphne.

Meus olhos quase saltaram da cara, um pequeno guincho escapou quando vi onde estava sua mão. Sob sua saia.

Preguiçosamente, como se ele nem se importasse com quem estivesse olhando, ergueu a cabeça, e Daphne abriu os olhos, os seios lutando contra a blusa, os primeiros botões abertos.

Lutei para pegar minha credencial, gesticulando com ela rumo ao corredor.

— Hum, pausa para o banheiro.

Daphne sorriu.

— Vai indo então.

Eu balancei a cabeça, seguindo meu caminho e passando por eles.

Depois de fazer minhas coisas, decidi não jogar água nas bochechas coradas. Em vez disso, encarei meu reflexo, esperando

que esfriassem.

A umidade havia arruinado minha tentativa de alisar o cabelo, mas ele ficou um pouco mais longo, as ondas passando dos ombros graças ao esforço que fiz.

Eu sacudi as gotas de água restantes das mãos, então virei a cabeça para frente e juntei todos os fios em um pequeno rabo de cavalo, usando o prendedor colorido que eu tinha em volta do pulso.

Eu pensava que o lance de Lars e Daphne não era exatamente um segredo, mas foi a primeira vez que realmente os vi juntos.

Lars frequentava a escola com uma bolsa de estudos, e a maioria das pessoas pensava que era por causa do relacionamento de sua mãe com o diretor. Alguns diriam que Daphne estava saindo com um favelado, incluindo ela mesma, e embora Willa e eu tivéssemos pressionado, ela ainda não tinha comentado muita coisa a respeito do relacionamento deles.

Se é que dá para chamar o que eles tinham de relacionamento.

Quem sou eu para julgar? Um encontro e meio, e eu ainda não sabia de nada.

No entanto, quando me lembrei da visão de sua mão na coxa de Daphne, eu sabia que não queria estar naquele lugar. Minhas bochechas ameaçaram enrubescer novamente quando pensei em alguém me tocando daquele jeito enquanto sussurrava palavras obscenas no meu ouvido. Eu marchei para fora do banheiro, pegando o outro corredor de volta para a aula, embora fosse o caminho mais longo.

Dash me olhou por trás da armação grossa de seus óculos, curvado em sua cadeira e com uma caneta presa entre os dentes enquanto eu deslizava pelas mesas até meu assento ao lado dele.

— O que você tem? — ele perguntou quando eu continuei rabiscando círculos na página em vez de ler as cinco páginas que o professor pediu.

— Hmm?

— Você foi ao banheiro, não é?

Eu segurei uma risada.

— Sim.

— Bem, o que diabos aconteceu lá que está fazendo você desenhar como uma criança de quatro anos?

— Senhor Thane... — a sra. Cruthers chamou atrás de sua mesa. — Olhos na sua própria tarefa.

Com um último olhar afiado em minha direção, Dash fez exatamente o que a professora pediu, mas eu sabia que ele ainda estaria esperando por uma explicação.

Quando alguém começou a tossir na frente da sala, eu abaixei a voz quase em um sussurro.

— Eu vi Daphne e Lars.

Suas sobrancelhas subiram enquanto ele se inclinava na minha direção.

— E? — Quando eu senti minhas bochechas começarem a esquentar de novo, ele sorriu, os olhos brilhando. — Ah, você viu os dois se pegando por aí.

— Sr. Thane. Gostaria de dividir o assunto da sua conversa com o restante da turma?

Dash mordeu os lábios como se estivesse pensando sobre o assunto.

— Essa provavelmente não é uma boa ideia, então vou ter que recusar essa oferta.

Sra. Cruthers apontou um dedo para a porta.

— Para fora. Você pode terminar sua leitura no corredor.

Dash ainda estava sorrindo enquanto se levantava e pegava suas coisas.

— Até mais, Sardas.

Todavia ele não me encontrou mais tarde. Eu o procurei pela lanchonete, mas não consegui encontrá-lo.

Desisti da minha busca e fiquei brincando com minhas sobras do almoço.

— O que está acontecendo com você? — Willa perguntou.

— Peggy Sue me viu com Lars no corredor. — Daphne mordeu um pedaço de seu hambúrguer.

— No corredor? — Willa perguntou um pouco mais alto.

— Shhh. Merda. — Daphne pegou um pedaço de alface do lábio, jogando-o na mesa. — Às vezes, nos encontramos rapidamente. Não é grande coisa.

Naquele momento me lembrei de um detalhe.

— Mas tem câmeras.

— Não em cada esquina. — Daphne piscou.

Olhei para a mesa das líderes de torcida, percebendo que Kayla estava realmente comendo, e não me encarando com punhais da morte nos olhos pela primeira vez naquela semana. O que poderia ser devido a Byron não ter aparecido naquele dia.

— Você sente falta dos seus velhos amigos?

Daphne zombou.

— Não, mas os poucos que são realmente meus amigos ainda falam comigo. Quando a Rainha McQuenga não dá as caras, é claro.

— Isso os torna seus verdadeiros amigos?

Ela torceu os lábios.

— Belo ponto. Agora eles estão na minha lista também.

Meus olhos saltaram.

— Ah...

Acenando com a mão, ela agarrou um guardanapo e deu um tapinha na boca.

— Não me venha com essa.

— O quê?

— Aquela cara que você faz quando pensa que fez algo errado.

Willa riu enquanto Daphne tentava imitar meu suposto rosto, as sobrancelhas caindo e os olhos se arregalando.

Eu dei o dedo do meio para elas.

— Cala a boca.

Elas gargalharam ainda mais.

O intervalo terminou, e nós fomos para nossas respectivas aulas. A tarde se arrastou, e eu percebi que meus pensamentos giravam em círculos vertiginosos. Onde estava Byron? Eu poderia mandar uma mensagem para ele e perguntar. Por que aquilo que vi no corredor deixou uma ponta de curiosidade em mim? Parecia meio estranho, sendo que eles eram meus amigos.

Dash estava esperando por mim, fumando ao lado de seu carro enquanto o professor de plantão debatia se deveria caminhar até ele e pedir para apagar o cigarro.

Eu cheguei lá antes e pulei dentro do carro, grata por Dash já ter ligado o motor. O ar frio soprou sobre meus braços. Pela janela, Dash me observou refazer o cabelo, uma nuvem de fumaça borrando o vidro por um momento.

Uma vez lá dentro, ele ficou quieto, os dedos batendo no volante enquanto uma banda de rock hardcore berrava nos alto-falantes. Quando ele se aproximou da ponte, decidi que não queria ir direto para casa.

Abaixei o volume do som.

— Me mostra sua televisão nova? — Aparentemente Dash ganhou uma de aniversário no início do verão. Eu normalmente não ia para a casa dele, mas não era por escolha própria. Dash estava sempre aparecendo na minha antes que eu pudesse pensar em visitá-lo.

Ele olhou para mim, então deu de ombros, virando o carro e indo em direção à baía.

A casa de Dash era uma mistura estranha de arquitetura antiga e nova. Telhados inclinados e planos encontravam colunas de estilo provinciano em vários tons de creme e azul opaco. Nos jardins meticulosamente cuidados, cercas vivas se misturavam com as flores favoritas de May — rosas — e uma fonte gorgolejante no meio do caminho circular de pedra rosa. Quando éramos crianças, costumávamos colocar papel higiênico nela ou desenhávamos bigodes na estátua do homem nu que vomitava água.

— Ainda é a fonte mais ridícula que já vi.

— Eu acho que o pau dele caiu. — Dash pisou no freio, desligou a ignição e saltou.

— Você está brincando. — Fechei a porta, deixando minha bolsa no carro enquanto caminhava até a fonte.

— Parece que Emanuel colou de volta.

Com certeza, parecia que uma linha de cola transparente pairava sobre o membro da escultura. Eu bufei, então me abaixei para passar os dedos pela água fria.

Dash puxou uma mecha do meu cabelo.

— Está mais quente que a sala do capeta aqui. Vamos.

— Você diz coisas tão legais.

Dash bufou, segurando a porta para mim, o que me chocou um pouco.

— Dash, ah... Oi, Peggy. — May estava parada no final do corredor, segurando um martini em uma mão e os óculos de sol na outra.

— Olá, como vai?

— Bem, bem. — Uma pausa estranha se estabeleceu enquanto ela olhava para mim e eu tirava minhas botas, não para ser legal, mas para ter algo para fazer. — Como está sua mãe?

— Ótima, obrigada por perguntar.

Dash pigarreou.

— Por que você não vai terminar esse martini, mãe?

May piscou e depois forçou um sorriso.

— Sim, por que não? — Ela tomou um gole e desapareceu.

— Mulher intrometida da porra — Dash disse enquanto atravessávamos um dos longos corredores até o seu quarto, e então outro corredor, e aí paramos na última porta à esquerda.

— Você é como um velho cínico — eu disse quando ele bateu a porta atrás de nós. — Com os chinelos e o gato para compor o personagem.

— Como assim? Eu não sou porra nenhuma.

Levantei uma sobancelha para Church, que estava dormindo com os ditos chinelos.

— Não fala merda sobre Church.

Seu quarto era decorado em tons de marrom-escuro e cinza, e as cortinas fechadas davam uma sensação de masmorra moderna. Discos emoldurados estavam pendurados nas paredes marrom-escuras. Rolling Stones, Arctic Monkeys e vários discos de outras bandas foram autografados e protegidos por uma camada de vidro. Ele conseguiu ingressos para ver o Arctic Monkeys ao vivo no aniversário de dezessete anos e me levou com ele. Seu pai tinha conseguido o disco autografado dos Stones.

Meia dúzia de pares de botas de um mesmo estilo em diferentes tons de preto e cinza cobriam o chão, escondidas sob jeans, camisetas, gravatas, a jaqueta de couro, embalagens vazias de lanches e livros escolares.

E então havia a televisão gigante pendurada na parede oposta à sua cama king-size gigante, esta última colocada perto do chão.

— Como você consegue assistir alguma coisa nisso? — perguntei.

— Com bastante facilidade — Ele tirou o blazer, jogando-o no sofá de couro marrom no canto.

— É grande pra caralho.

— Já ouvi isso antes.

Eu tossi uma risada, em seguida me abaixei em sua cama, minha saia da escola se abrindo em torno das minhas coxas.

— Você está curiosa, não é?

— Sobre? — Fingi me interessar pelas minhas unhas.

A cama afundou, e depois ouvi sua voz diretamente atrás de mim.

— Se inclina.

— Nós não precisamos...

— Para de enrolação, Sardas. Nós sabemos o motivo de você querer vir aqui, e não foi para ver minha televisão. Agora, se inclina.

Eu deitei, estava nervosa, uma respiração trêmula ficou presa na minha garganta.

— Bom — ele sussurrou quando minhas costas se acomodavam contra seu peito. Suas mãos passearam pelos meus braços, esfregando até que ele pudesse sentir minha respiração estável. — O que exatamente você viu?

Nós dois sabíamos do que ele estava falando, então não me incomodei em fingir o contrário. Meus olhos estavam fechados. O toque suave de suas mãos embalando meu corpo para relaxar e se fundir ao dele.

— Bem, ele a estava beijando.

Uma carícia rápida fez meu rabo de cavalo se mexer, o hálito quente aqueceu meu pescoço.

— Onde?

— Na boca e... — Eu engoli quando seus lábios roçaram meu pescoço. — Sim, e aí.

— O que mais? — Eu poderia ter imaginado isso, mas juro que sua voz ficou mais rouca.

— A mão dele estava... — Lambi os lábios enquanto Dash alisava a curva entre meu ombro e pescoço. — Estava... — Eu parei, um suspiro me escapando quando senti sua outra mão apertar minha saia. — Saia. — Minha respiração saiu rápida quando as pontas de seus dedos atingiram minha coxa.

— Onde você acha que ele estava tocando? — As não palavras eram nada além de um sussurro de ar quente, quase inaudíveis, e meu estômago se encheu de abelhas bêbadas, zumbindo e girando.

— Ela... Ela... — Ai, Deus, eu não conseguia nem dizer isso, mas Dash não me forçou. Ele inclinou minha cabeça para trás, com os dedos no meu queixo, sua boca encostou na minha e sua outra mão subiu entre minhas pernas separadas.

— Abra mais — ele murmurou, e eu as separei ainda mais. — Boa. E eu acredito que a palavra que você estava procurando é

xoxota, boceta, vag...

Enfiei minha língua dentro de sua boca, e ele gemeu, me encontrando em uma exploração sem fôlego.

— Faça isso — eu disse em uma exalação suplicante, puxando seu lábio com meus dentes. — Por favor.

Seus olhos se abriram, encobertos e dilatados. Então, focando-os em mim enquanto respirávamos o ar um do outro, seu dedo deslizou sobre a parte molhada da minha calcinha.

Algo se moveu sobre seu rosto, e seu aperto em meu queixo ficou mais firme, assim como a rigidez que eu sentia pressionada contra minhas costas.

Eu tremi quando seus dedos deslizaram sobre o tecido, fazendo cócegas, esfregando, até que ele alcançou a borda da calcinha e então puxou. O elástico estalou, e uma pontada de dor atingiu meu quadril. Eu ignorei, minhas pernas abertas tremendo quando seus dedos se esgueiraram sob o algodão agora alargado e me encontraram.

— Merda. — A palavra foi um chiado, seus olhos se fechando. Eu o ouvi engolir alto perto do meu ouvido, mas não era páreo para o ritmo acelerado do meu coração. — Caralho. Merda.

Foi tudo o que pude fazer para ficar quieta enquanto ele deslizava os dedos por mim, começando a movê-los. Nunca pensei que ter alguém me tocando ali seria assim. Que poderia ser mil vezes melhor do que eu mesma fazendo.

— Dash — eu resmunguei.

Seu olhar se grudou ao meu, seu peito arfando, cada inspiração levantando meu corpo junto.

— Você acha que eles estavam fazendo isso?

Eu balancei a cabeça, então agarrei o lado de seu rosto, querendo seus lábios nos meus. Nossos dentes e línguas começaram uma dança lenta, em uma tortura suave, enquanto seu dedo pressionava contra onde eu estava mais inchada. O suor gotejava em suas têmporas e escorria pela minha coluna, mas não paramos. Eu não o teria deixado parar se ele tentasse.

— Eu... — Afastei a boca, meus olhos lutando para ficarem abertos. Eu estava quase deitada sobre ele naquele momento, como um cobertor elétrico prestes a pegar fogo.

— Vai gozar? — ele perguntou, então sondou minha entrada. Ele inseriu a ponta do dedo enquanto o outro fazia pequenos círculos sobre mim. — Deus, olha só você.

Respirei irregularmente, ofegante, quando minhas coxas começaram a tremer. Um som lamentável me deixou, e eu fiquei absurdamente relaxada contra Dash, sentindo-o quente e pesado contra minhas costas escorregadias enquanto mil pequenos terremotos balançavam meu corpo e partiam meu cérebro em mil pedaços brilhantes.

Dash praguejou, e quando meus olhos se abriram novamente, o mundo desabou como uma onda gigantesca; eu me virei enquanto ele se afastava. Minha boca encheu d'água quando ele desabotoou as calças, puxando para fora.

A realidade ficou em segundo plano quando olhei para o aço balançando, raivoso e de aparência grossa que sua mão envolveu.

— Você não estava brincando sobre o lance de “grande para caralho”.

Ele riu, mas então o som parou.

— Ah, porra, eu vou gozar a qualquer segundo. Quer colocar a boca?

Lambi meus lábios inchados, então rastejei sobre suas pernas, sentindo o ar frio em minhas coxas nuas.

— O que eu faço?

— Lamba, chupe, faça uma garganta profunda, beije, aperte, acaricie. Não sou exigente.

Eu ri, e vendo seu sorriso dolorido senti que não havia pressão para seguir um determinado padrão. Afinal, prática é prática.

Eu o agarrei, esfregando o polegar sobre a cabeça inchada.

— Uau.

— Você faz bem para o meu ego.

— Bem, considerando que a última vez que o vi era do tamanho de uma passa...

— Não termine essa frase. Vamos começar lambendo.

Rindo novamente, eu abaixei a cabeça, passando a língua na parte inferior do seu membro. Eu parei quando ouvi um ronronar que não vinha de Dash. Espiando para o outro lado da cama, vi Church massageando o colchão, seus olhos amarelos brilhantes em nós.

— Church está assistindo.

— Ele está bem. Ignore-o e ame meu pau.

Passei a língua sobre a cabeça, sentindo o gosto de sal, Dash se contraiu, então xingou quando me afastei.

— Ele está nos julgando, Dash.

— Church, cai fora.

Dash afastou o gato. Church soltou um silvo e então se estatelou no chão e foi em direção ao banheiro.

Eu apertei meus lábios, envolvi a mão com mais força em torno dele e decidi tentar parar de torturá-lo. Eu o abocanhei tanto quanto poderia caber, e então Dash estremeceu, praguejando e gemendo enquanto o líquido quente esguichou pela minha garganta.

Tossi, engolindo rapidamente para não vomitar, depois limpei o lábio.

— Deus. Eca.

Dash abriu um olho, uma onda de satisfação em seu lábio superior.

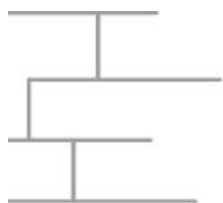
— Foda para caralho. — Ele passou a mão pelo cabelo, exalando um suspiro áspero. — Qual é a próxima? Devo estar bem em alguns minutos.

— Eu preciso ir. Mamãe vai chegar logo. — Eu estalei os lábios, me encolhendo enquanto rastejava para fora da cama para arrumar a saia e endireitar a camisa.

Dash suspirou novamente.

— Tudo bem, só me dê um minuto.

Eu sorri e entrei em seu banheiro para enxaguar a boca.



Capítulo 16



Peggy

Corri para fora de casa assim que o Rover de Dash parou, com uma sacola com meu lanche em mãos, todo amassado.

Depois de subir, enfiei-a na mochila e abaixei o quebra-sol para terminar de aplicar o rímel enquanto ele saía com o carro.

— Cuidado — eu disse, quase arrancando meu olho quando ele dirigiu sobre uma rotatória em vez de contorná-la.

— Você não precisa dessa merda.

Eu o ignorei e rapidamente mergulhei o aplicador para passar um pouco mais nos outros cílios.

— Que cheiro é esse? — Era cítrico e amadeirado ao mesmo tempo.

Dash jogou o cigarro pela janela.

— Nova loção pós-barba.

Guardando o rímel dentro do bolso da frente da minha mochila, olhei para ele. Seu colarinho estava puxado para cima, como de costume, mas o cabelo não parecia com a bagunça típica de “eu-acabei-de-sair-da-cama”. Naquele dia era uma bagunça estratégica; mechas loiras douradas jogadas para a direita como se ele as

tivesse penteado corretamente por cinco minutos na frente do espelho.

Ele estava barbeado, o que nem sempre era o caso. Dash não era do tipo que se barbeava todos os dias, mas sim daqueles que deixava a barba crescer durante a noite, sombreando a mandíbula definida. Suas maçãs do rosto estavam mais rígidas, mais proeminentes, e a linha forte de seu nariz implorava que um dedo passeasse por ali. Não tinha certeza se sempre foi assim, ou se, depois do que fizemos juntos, comecei a prestar mais atenção.

— Não que eu esteja reclamando ou algo do tipo, mas por que diabos você está me olhando com tanta atenção?

— Seu rosto parece extremamente macio — eu menti, mais ou menos. *Extremamente macio?* Deus, eu era o máximo.

— Eu vou considerar que esse papo aleatório é realmente isso: aleatório. Continuando... — ele disse, dirigindo pela ponte e virando à direita para a escola. — O que você vai dizer para o seu quase namorado? Que você está em uma relação de “amizade colorida” e que não precisa mais da atenção dele?

Bufei, pegando minha bolsa e soltando o cinto de segurança enquanto Dash dirigia pelos portões da escola.

— Com certeza não. — Depois que ele estacionou, abri a porta, pulei e coloquei a mochila no ombro.

— Por quê? — Ele bateu a porta e agarrou sua mochila.

— Como assim “por quê”? — Atravessamos o estacionamento e pisamos na grama, minhas botas afundando no verde felpudo.

Dash demorou para responder enquanto eu olhava para frente, procurando por Daphne, Willa ou Byron.

— Eu não entendo. Você e eu...

— Ei, Thane! — Lars correu, a camisa desabotoada e balançando com a brisa. Ele estava usando uma regata por baixo. Reduzindo a velocidade assim que nos alcançou, ele sacudiu a cabeça para mim. — E aí, Pegs?

Eu acenei, então vi Daphne parada com Willa nos degraus.

— Vejo vocês mais tarde.

Eu pulei para longe, ignorando o brilho ardente no olhar de Dash contra minhas costas.



— Eu ouvi que ela estava se pegando com o treinador Lenton depois da escola — Daphne disse, lambendo molho *ranch* dos dedos.

Dash e os amigos estavam sentados nos fundos, jogando fora embalagens de comida e esmagando latas de refrigerante. Annika, da equipe de líderes de torcida, se aproximou, ficando ao lado de onde Dash estava sentado, em cima da mesa, com as pernas separadas. Uma pontada cutucou meu estômago quando ela colocou a mão em sua perna, seu lindo rosto oval se contorcendo com uma risada forçada.

Willa largou o garfo, desviando minha atenção de Dash.

— Não brinca.

— De quem você está falando? — Eu retornei ao meu sanduíche.

— Kayla. Aparentemente ela está passando o rodo.

Eu olhei de volta para Dash, que estava carrancudo, olhando para Annika — não que ela parecesse se importar.

Um baque atingiu a mesa ao meu lado, e meu nariz formigou quando senti o cheiro da colônia de Byron. Eu o vi na aula de química naquela manhã, mas apenas retribuí seu aceno.

Ele se sentou, deslizando pelo banco, os olhos brilhando.

— Você é um colírio para os meus olhos.

Eu ofereci um sorriso.

— Como você está?

Ele soltou um suspiro.

— Estou tendo de lidar com umas merdas em casa. Eu ia mandar uma mensagem para você ontem à noite, mas era tarde

demaís. Tive que ir à academia para compensar a falta ao treino.

— Já está tudo certo?

— Sim. — Embora Byron não parecesse tão bem. — Só precisava garantir que minha mãe comparecesse a algumas consultas, só isso.

Elas devem ter sido importantes para ele matar aula e o treino.

— Ela está bem?

— Chegando lá. Então... — ele continuou enquanto roubava uma batata frita do prato de Willa. — O que eu perdi?

Willa e Daphne deram de ombros, a primeira delas dizendo:

— Ah, quase nada.

Mordi os lábios e espiei Dash, que agora estava olhando carrancudo para mim, ou melhor, para Byron.

— Você está livre para conversar esta noite?

O sinal tocou, e os alunos começaram a jogar fora o lixo antes de seguirem para as portas.

— Acho que posso arranjar um tempo.

Sim, mandei bem em me tornar um pouco menos disponível.

Fora do refeitório, ele me puxou pelo corredor, e eu gritei quando Byron me pressionou contra o meu armário. Sua mão suavizou o aperto na minha, os dedos se curvando e causando uma onda de arrepios no meu braço.

— Não vou mentir, fiquei meio desapontado por você nem ter me enviado uma mensagem ontem.

Lutei para encontrar seu olhar.

— Bem, eu não tinha certeza se você queria receber...

— Você ainda quer ir adiante? — Seus olhos caíram para os meus lábios, então voltaram para os meus olhos, trazendo uma série de perguntas implícitas. — Porque eu realmente gosto de você.

Eu ainda queria ir adiante? Sim. Pelo menos, tinha certeza de que sim.

— Sim, claro.

Byron levou minha mão aos lábios, e Dash fez um som de engasgo ao passar por nós.

Eu direcionei às suas costas um mordaz. Os dedos de Byron agarraram meu queixo, direcionando meu foco de volta para ele.

— Ignore-o. Dash está com ciúme.

Eu recuei, quase batendo a cabeça no armário.

— Com ciúme? — Eu ri alto, muito chocada. — Eu acho que não. Ele é apenas um idiota.

O olhar de Byron se estreitou no meu, então ele balançou a cabeça.

— Isso também. Vai comigo na festa amanhã à noite?

Droga. Eu quase me esqueci disso. Eu ainda precisava dizer à mamãe que iria dormir na casa de Daphne.

— Por que não encontro você lá? Vou me arrumar na casa da Daphne.

— Como você preferir — disse ele, o braço apoiado no armário atrás de mim, a cabeça, o corpo inteiro se aproximando do meu. Ele correu um dedo pela minha bochecha. — Estou pensando em tornar essa coisa entre nós um pouco mais oficial.

Meu estômago deu uma cambalhota, eu esperava que meus olhos não estivessem esbugalhados.

— Você está?

Ele concordou com a cabeça, seu dedo alcançando meus lábios.

— Quero tanto beijar você.

— É, tá, você não pode — disse Dash. Então Byron foi empurrado para longe. — Ela precisa ir para a aula antes que seu rabo idiota crie um problema para ela, imitação barata de Romeu.

As mãos e a mandíbula de Byron cerraram-se.

Eu queria dar um tapa em Dash, em seguida puxar seu cabelo estúpido, perfeito e bagunçado.

— Que isso, Dash? Para de empurrar o Byron.

Dash me afastou e abriu meu armário para pegar meu livro de história.

— Eu estava claramente te fazendo um favor. Você pode me agradecer por não se atrasar. — Desde quando ele se preocupava em chegar na hora certa para as aulas?! Batendo o armário, Dash nem me deixou olhar para Byron, então eu acenei por cima do ombro enquanto Dash agarrou minha mão e me puxou com ele para a aula.

— O que foi isso?

Dash não me respondeu. Ele abriu o livro e tirou os óculos do bolso da camisa, colocando-os enquanto o sr. Andrews se dirigia à classe.

Continuei lançando olhares furtivos para ele, mas conforme o relógio avançava e o sr. Andrews começava a se empolgar com os antigos egípcios, acabei me distraindo.

Mais oficial. Isso significaria o que eu estava imaginando? Eu tinha certeza que sim. E a tempestade de borboletas batendo e saltando em uma dança maluca dentro meu estômago também.

Estava acontecendo. Byron era meu namorado.

Ah, meu Deus.

Depois que as aulas terminaram, encontrei Daphne e rapidamente repassei o plano. Eu encontraria Byron na casa dela ou perto da residência e pegaria uma carona com ele. O importante é que ele me pegaria lá.

Daphne estava sorrindo como o gato de Cheshire.

— Seu primeiro namorado oficial.

Eu fiz uma careta.

— Não vamos falar assim mais, ok?

Ela riu, e então eu corri para o estacionamento, entrando no carro de Dash, que já estava parado na área de embarque e desembarque.

— O que está te fazendo sorrir desse jeito estranho?

— Uma garota não pode sorrir? — Coloquei o cinto de segurança, empurrando minha mochila entre os joelhos.

— Depende do que a está fazendo sorrir, se quer saber. E você quer saber. Então quem? Ou o quê?

Eu não via motivo para não ser honesta. Minha excitação era muito real. Um inferno ardente de alegria.

— Byron quer que sejamos oficiais.

O carro sacudiu quando Dash pisou no freio com muita força, quase entrando na traseira do Skoda de Annika na nossa frente.

— Parece fascinante.

— Então, você vai à festa de Wade amanhã?

— Eu não tinha planejado, mas acho que você vai, certo? — Dash saiu da escola. — O que sua mãe pensa a respeito da festa número dois em questão de semanas?

— Eu não vou contar a ela.

Dash ficou quieto por um momento, e o silêncio, geralmente confortável entre nós, tornou-se sufocante. Abaixei a janela e tentei pensar em algo que suavizasse as arestas pensantes e endurecidas de suas feições.

— O que você vai fazer esta tarde?

— Pensei em passar um tempo na pista de skate, então depois eu iria para sua casa e pediria que você acariciasse meu pau.

Eu tossi uma risada.

— O quê?

— Você ouviu.

Pisquei cinco vezes antes de me virar para Dash, ainda rindo.

— Dash, não podemos mais fazer isso.

— Porque o garanhão Romeu é seu dono agora? — Ele riu, o som seco. — Estávamos nos divertindo. Ele que se foda.

Estudei sua expressão, a rigidez em sua mandíbula, mas não conseguia ver seus olhos por trás dos óculos Ray-Ban.

— Isso seria definitivamente traição e, bem... — eu disse. — Eu gosto dele. Eu não quero estragar as coisas.

— Como Kayla fez — disse ele. — Você tem razão. Ele não parece ser o tipo que suporta traição muito bem.

Um gosto azedo corroeu minha língua quando essas palavras fluíram por mim. Byron realmente não lidaria bem. E mesmo que eu fosse nova nisso tudo, e não estivéssemos namorando oficialmente, eu sabia que Dash tinha razão. Byron provavelmente não aceitaria muito bem o que estávamos fazendo.

— Estou curioso. O que esse cara tem de interessante? — Dash perguntou. — Seu péssimo gosto para sapatos? Sem mencionar que Kayla não terminou com ele ainda. Drama, drama e mais drama.

— Parece que terminou, sim. — Abri a porta quando ele chegou à minha casa, puxando a mochila comigo. Inclinando-se para dentro do carro, suspirei.

— Dash, por favor, me deixa seguir adiante.

Seu cotovelo estava apoiado na porta, a cabeça inclinada enquanto me examinava por trás das lentes escuras.

— Só não consigo entender por que você quer.

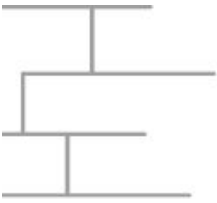
— Eu já disse o motivo.

Ele acenou com os dedos.

— Sim, você gosta dele. Supostamente. Mas você sabe... — Sua cabeça baixou, o olhar se movendo sobre meu corpo. — Muita prática nunca fez mal a ninguém.

Eu sorri, e então fechei a porta.

— Tchau, Dash.



Capítulo 17



Peggy

Tossindo, molhei o cabelo com outra camada de spray fixador e empurrei a lata para baixo da cômoda.

Eu vesti o tutu verde água e combinei com uma camiseta branca rasgada no ombro.

Uma mensagem chegou no celular e eu abri, sorrindo.

Byron: Uma hora. 😊

Eu: 59 minutos 😊😊

Meu medo de parecer uma louca carente se foi, e, em seu lugar, a excitação cresceu continuamente, mantendo um sorriso quase permanente no meu rosto. Eu me perguntei se teríamos fugido, como Byron disse quando me ligou na noite anterior. “Encontrar nosso próprio lugar para festejar”, ele disse com uma voz cansada, mas muito sexy.

Embora eu não estivesse pronta para dar o passe-livre V para ele ainda, eu me sentia mais do que pronta para tentar todas as

coisas que Dash e eu fizemos. Eu estava confiante de que seria muito bom, bastante estimulante, de roubar o fôlego e digno de devaneios, talvez até melhor.

Largando meu celular, escolhi brincos de argola prateados e os coloquei enquanto tentava evitar que meus pés dançassem no lugar. A janela ao lado da minha cama estava aberta, para ajudar com o cheiro do spray, a brisa soprando do riacho agitava as cortinas de renda.

Dash tinha ficado quieto no trajeto para a escola esta manhã, e eu peguei uma carona para casa com Daphne depois que ele me mandou uma mensagem dizendo que estava saindo mais cedo devido a uma dor de cabeça. Eu perguntei se ele estava bem, mas não recebi uma resposta.

Eu estava prestes a mandar uma mensagem para ele novamente, para ver como ele estava, quando as tábuas do piso de madeira rangeram com os passos da mamãe. Meu batimento cardíaco parou por um segundo, então disparou, crescendo erráticamente. Ela deveria estar na casa do Phil jantado.

— Peggy — disse ela, mais como um suspiro do que como uma saudação, inclinando-se para o meu quarto. — Tire os brincos. Você está de castigo.

Minhas mãos caíram, o coração ainda batendo forte.

— O quê?

— Não levante a voz para mim. Eu disse que você não vai. Agora troque de roupa.

Atordoada, fiquei parada. Eu perguntei se poderia dormir na casa de Daphne na noite passada, e ela havia dito que sim instantaneamente. Eu dormi na casa de Willa várias vezes, de Daphne, algumas, e nenhuma vez ela questionou minha ida. Droga, ela nunca negou, então não era nem uma questão de perguntar novamente, mas sim de deixá-la saber quais eram meus planos.

— Eu não entendo — pensei em voz alta.

— A festa de Wade? — Sua sobrancelha se ergueu bruscamente. — Eu não nasci ontem, querida.

Eu gemi, arrancando meus brincos.

— Mãe, eu não teria...

— Você deveria ter me perguntado como da última vez.

— Eu não pensei que você diria sim para outra festa, não tão cedo — implorei, sentindo meus olhos lacrimejarem.

Seu próprio olhar suavizou ligeiramente.

— Acho que agora você nunca saberá. Agora troque de roupa e tire a maquiagem. Você está de castigo por uma semana.

Uma semana era bom demais, pensei, considerando toda a situação. Mas eu só fui castigada uma vez antes, e foi quando Dash decidiu que eu deveria experimentar um pouco de maconha durante o último feriado de Ação de Graças, enquanto estávamos perto do riacho.

Eu deveria saber que não teria sido fácil esconder, visto que eu ri para caramba por qualquer coisa por uma hora inteira, comi tudo que estava à vista e depois vomitei.

Eu não tinha tentado de novo desde então.

Suspirei, o som foi uma lufada de ar lamentável, jogando meus braços ao redor do meu corpo como uma criança de seis anos que não conseguia o que queria.

— Isso é tão injusto.

— Eu ouvi isso.

Eu franzi meu nariz e gritei:

— Como você descobriu?

Ela levou um minuto para responder, e eu arranquei minha saia, jogando-a no canto do quarto.

— Magnolia Cove, Pegs. Você acha que só vocês, crianças, é que fofocam?

Touché.



— Nós vamos pensar em alguma coisa. Seu aniversário está chegando, certo? — Gritos se seguiram ao fundo. — Mark, seu insano fodido, como você está? — O riso chegou aos meus ouvidos, e comecei a balançar as pernas no ar na minha cama. — Né? É foda pra caralho. Tudo bem, vejo você mais tarde. Você está aí, Peg?

— Sim. — Eu não poderia ir a nenhum outro lugar. Por uma semana inteira.

— Desculpa, não vejo esse idiota há anos. Ele estuda na escola pública.

Ótimo, então não apenas houve uma festa que eu não pude ir com meu novo namorado, como foi potencialmente uma das maiores festas deste ano. Eu fingi um bocejo.

— Você deveria ir, vai se divertir.

— Eu estou me divertindo — disse ele, engolindo algo, provavelmente álcool. — Queria que você estivesse aqui. Eu não posso acreditar que te pegaram.

— Pois é.

Fizemos planos para conversar amanhã, e eu desliguei antes de jogar o celular no pé da cama. Mandeí uma mensagem para Daphne mais cedo, dizendo a ela que nosso plano tinha ido pelo ralo. Ela queria saber como aconteceu, e eu contei que foi por causa de uma fofoca. Ela não parecia acreditar nisso, mas, naquele momento, eu realmente não me importava.

Liguei o Xbox, mas não tinha ninguém online. Jogar com um bando de estranhos era até legal, mas não tão divertido. Desliguei dez minutos depois e fui procurar um lanche.

Eu estava na cama antes das dez, não querendo nada além de dormir a noite toda, assim não teria que pensar em Daphne, Willa, Byron e provavelmente Dash se divertindo sem mim.

Por volta da meia-noite, eu estava quase dormindo quando o som de um xingamento seguido por um corpo duro veio pela janela.

— Dash?

— O primeiro e único — ele se arrastou, rastejando no estilo militar até a cama.

— Você está cheirando a bebida.

— Provavelmente porque eu bebi uma tonelada dessa porcaria.

— Ele desabou ao meu lado. — Que *tals* um beijo?

— Que *tals* você ir para a casa?

Ele piscou lentamente e depois riu.

— Boa, mas não, eu consegui chegar até aqui, e aqui é bom.

Resmungando, puxei o edredom de volta sobre o meu corpo, bem ciente do fato de que estava apenas de calcinha e camiseta.

— Como foi a festa?

— Louca pra caralho. Como foi a festa sem festa?

Eu bufei, então parei.

— Espere, como você soube que eu não fui?

Suas sobrelanceiras se juntaram, os olhos se fechando.

— Ah, porque você não estava lá, talvez?!

Isso me fez rir, e ele também, embora fossem mais risos bêbados do que outra coisa.

— Quietos — eu sussurrei. — Mamãe já está chateada comigo.

— O que aconteceu? — ele perguntou, rolando para me encarar. Seus dedos alcançaram minha bochecha, e sua mão inteira permaneceu sobre ela, acariciando pesadamente.

Eu a empurrei para longe.

— Ela descobriu que eu estava indo para a festa, então agora estou de castigo por uma semana.

— Que merda.

— Uh-huh.

— Quer dar uns amassos? — Sua mão foi para baixo do edredom, encontrando meu quadril e me puxando para mais perto. Meu nariz quase tocou o dele, e tudo que eu podia sentir era o cheiro de Bourbon e cigarros misturados com sua nova loção pós-barba.

— Não — eu disse, não tendo certeza se era verdade quando sua mão agarrou a curva do meu quadril, se encaixando perfeitamente.

— Tem certeza? — ele perguntou com um sussurro. — Porque estou como maior tesão em você agora.

Eu ri, então virei o rosto, tentando abafar o som no meu travesseiro.

— Deus, como chegamos até aqui?

— Bem, eu vim caminhando. Estou supondo que você esteja aqui desde que as aulas acabaram. — Eu dei a ele um olhar que dizia não ser esse o sentido do meu comentário. Dash exalou, seu hálito quente alcançando meus lábios. — Quem se importa? É um ótimo lugar.

— É, não é?

Seu lábio se curvou, dentes e covinha aparecendo.

— Melhor não pensar demais.

Com a boca insuportavelmente perto da minha e chegando mais perto, eu levei as mãos contra seu peito.

— É sempre melhor pensar demais quando você tem um namorado.

Sua boca se fechou, e eu pude ouvir seus dentes rangendo.

— Ele não parecia sentir muito a sua falta esta noite.

Eu sentei.

— O que quer dizer?

Dash rolou de costas, colocando o braço atrás da cabeça. A lua dançou através da janela, destacando o olhar atormentado gravado em seu rosto e os músculos tensos em seu braço.

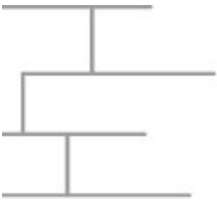
— Deixa para lá.

— Mas eu quero saber. Ele fez alguma coisa?

— Além de agir como um imbecil fodido? Não, nada com que você precise se preocupar.

Deitei de costas, e ambos ficamos olhando para a pintura borrada no teto por um longo tempo.

Dash desmaiou antes de mim, o som de seu ronco me embalando em um sono agitado. Quando acordei, ele tinha ido embora.



Capítulo 18



Peggy

Depois de ficar vigiando meu celular como um falcão o sábado inteiro, imaginando se Byron ligaria, eu quase perdi sua ligação, naquela noite, quando decidi jogar o aparelho na gaveta de meias.

Ele estava cansado e de ressaca, por isso, e só por isso, Byron pareceu não se interessar por qualquer coisa que eu falasse. O que era compreensível.

Ele me ligou de novo no domingo para se desculpar, dizendo que nunca bebeu tanto em sua vida e que metade da noite era um borrão.

— Ah, céus — Dash disse, mesmo depois de estar quieto durante todo o caminho até a escola. — Mais ervas.

Eu o mandei ficar quieto e depois coloquei um sorriso no rosto enquanto caminhava na direção de Byron, que estava segurando mais girassóis na frente do meu armário.

— Obrigada. — Peguei as flores, brincando com uma das pétalas brilhantes.

Ele enfiou as mãos nos bolsos, sua gravata ainda desamarrada.

— Abre o envelope?

Eu abri o pequeno envelope e li a mensagem que estava dentro.

Quer ir ao baile comigo?

O baile seria em menos de duas semanas, e eu nem tinha pensado no assunto até aquele momento. O que foi estranho, visto que eu já tinha comprado meu vestido.

Eu olhei para ele e balancei a cabeça.

— Eu ficaria muito feliz em ir ao baile com você.

Byron sorriu, passando um braço nas minhas costas. Esmagamos as flores entre nós quando ele agarrou meu rosto e rapidamente pressionou seus lábios nos meus, se afastando antes de sermos pegos.

— Eu queria fazer isso há dias. E parecia que você estava me provocando.

Mordi o lábio, então destranquei meu armário para pegar meus livros e colocar as flores dentro.

— Te vejo na hora do almoço?

Ele ergueu o queixo e piscou o olho para mim enquanto caminhava de volta para o seu armário.

— Com certeza

— Caramba — disse Daphne atrás de mim. — Alguém está caidinha.

— Ou alguém está se esforçando demais — Dash entrou na conversa, destrancando meu armário e inspecionando o cartão. — Baile? — Ele lançou um olhar acusador para mim. — Você disse no início das férias que íamos juntos.

Não me lembrava disso, mas talvez eu tenha dito. Felizmente fui salva de responder quando Lars se aproximou com um resto de baseado pendurado entre os lábios.

Daphne se irritou, e eu fiz uma careta quando ele deu uma olhada nela, então sacudiu a cabeça para Dash o acompanhar até a aula.

— Essa conversa não acabou, Peggy.

— Ah, tenho certeza disso. — Acenei.

Ele parou, o tom duro, os olhos ligeiramente enlouquecidos.

— Estou falando sério. Eu vou levar você. Então conserta a situação que você criou com o Príncipe dos Sapatos Cagados ali. — Ele desviou os olhos para Byron, que estava rindo com Danny, um de seus companheiros de equipe, no final do corredor.

Então ele se afastou, Lars olhando para mim por cima do ombro enquanto caminhavam para a aula.

— Eu te disse — Daphne cantarolou.

— Disse o quê?

Ela e Willa reviraram os olhos e começaram a falar sobre a confusão que algumas das líderes de torcida fizeram na festa de Wade.



— Então, o que você quer ganhar de aniversário? — Byron perguntou, desembulhando um wrap de frango e dando uma enorme mordida.

Eu o observei mastigar, em seguida olhei para os jardins, com rosas alinhadas na área externa de convivência. Agora que estávamos no outono e o calor tinha começado a diminuir, não era uma sentença de morte sentar lá fora para almoçar. Graças a Deus, porque ficar confinada, tendo os olhares das pessoas dirigidos a você quando se está simplesmente tentando comer não era como eu desejava ter uma boa pausa das aulas.

— Você não precisa me dar nada, de verdade — eu disse enquanto mastigava um pedaço de queijo.

— Você está de brincadeira? É claro que preciso.

Fiz uma pausa na mastigação, engolindo tudo de uma vez.

— O que te faz pensar isso?

Suas sobrancelhas franziram, o rosto enrugou.

— Ahn, porque quando uma garota geralmente diz que está bem ou não quer nada é exatamente o oposto.

Eu não disse que estava bem, mas deixei para lá.

— Com sinceridade, fico feliz com bolo. Muito bolo.

— Que tipo?

Tirei algumas migalhas do meu colo.

— Caramelo. Chocolate com cobertura. Eu não sou exigente. —
Essas últimas palavras eletrificaram meu peito, e eu rapidamente sufoquei a memória.

Byron pareceu refletir sobre o que eu havia dito enquanto terminava seu wrap.

— Então... — eu disse, lembrando da declaração de Dash sobre o baile. — Sobre o baile...

— Ah, sim. Já falei com meu pai, e ele alugou uma limusine para nós.

— O quê? — Merda.

Ele balançou a cabeça, engolindo o último bocado de comida e amassando o papel.

— Sim, demais, né? Podemos usar sozinhos ou você pode convidar Daphne e Willa para virem com a gente.

Aquilo era legal.

— Uau, bem, obrigada.

Ele sorriu e abriu a tampa do meu refrigerante para mim.

Eu não tinha certeza do que fazer com Dash, mas estava claro que não poderia exatamente trocar meu namorado pelo meu melhor amigo. Especialmente quando o melhor amigo era Dash.

Daphne e Willa se juntaram a nós no fim do almoço, e eu não pude deixar de notar a maneira como Willa continuou olhando para o celular na mesa.

— Algo errado?

Willa ergueu os olhos.

— Hm?

— Se continuar olhando para essa coisa, vai ficar vesga — disse Daphne, virando a página de seu livro.

— Esperando uma ligação? — Byron perguntou, olhando ao redor dos jardins, o joelho balançando sob a mesa de madeira.

— Não — Willa retrucou, em seguida, afastou o celular. — Não é nada. Só precisava marcar uma consulta, mas o consultório médico não me retorna.

Eu não acreditei nela, mas dava para perceber que não contaria a verdade. Não aqui. Possivelmente por causa da presença de Byron, ou porque ela simplesmente não queria compartilhar o que a perturbava.

Decidi deixar como estava, mas fiz uma anotação mental para manter os olhos abertos.

Entramos quando o sinal tocou, Byron me puxou para ele, mantendo o braço sobre meus ombros.

— Eu já te disse que essas botas que você usa, a maneira como as usa, fazem coisas realmente incríveis em mim?

Eu corei, balançando a cabeça.

— Não. — Eu ri. — Mas obrigada?!

Uma pergunta. Um agradecimento como uma pergunta. Quem raios diz isso?

Byron apenas riu, depois me deu um beijo na lateral da cabeça.

— Bem, elas fazem. Coisas realmente incríveis — ele sussurrou na minha pele. — Eu te mando uma mensagem mais tarde.

Eu o observei ir até as portas do refeitório, então me juntei a Daphne e Willa em frente aos nossos armários.

— O que você vai fazer no seu aniversário? — perguntou Daphne. — Sendo que você está de castigo e tudo mais.

— Que saco — disse Willa, pegando seu estojo de pelúcia e tirando uma caneta de dentro. — Nós precisamos fazer alguma coisa.

— Peony é legal — disse Daphne. — Ela vai deixar a gente se encontrar e pelo menos assistir a alguns filmes, talvez com um pouco de suco de laranja.

Mamãe foi bem legal sobre a coisa toda de eu quase conseguir sair escondida, mas definitivamente eu ainda estava de castigo.

— Não tenho certeza...

Parei quando um flash rosa chamou minha atenção. Meu coração batia forte enquanto olhava ao redor do corredor, mas havia muitas pessoas pegando seus materiais para que eu pudesse ver onde ela estava. Abri o armário e tirei a nota de dentro; desdobrei o papel com um tremor percorrendo minhas mãos.

Último aviso.

— Que porra é essa? — Daphne arrancou de mim o papel. — Último aviso? Quem ela pensa que é?

— Como você sabe quem é? — Willa perguntou, olhando furtivamente por cima do ombro de Daphne, os olhos escuros se alargando.

— Fui BFF de Kayla durante anos. Eu conheço a letra dela.

Eu peguei o bilhete de volta, mas então Daphne o arrancou dos meus dedos.

— Ah, não, você não vai fazer isso. Onde ela está?

— Podemos deixar isso para lá? Eu não quero nenhuma confusão.

Daphne estava olhando ao redor.

— Tarde demais para isso, Pegs.

— Houve outros bilhetes? — Willa perguntou.

— Um. — Eu exalei asperamente, então passei a mão pelo cabelo. — Dizia que ela pegaria algo meu se eu não terminasse com Byron.

Daphne gargalhou, então me deu meus livros e fechou meu armário.

— Vamos.

— Hm... — Willa começou. — Você realmente acha que é uma boa ideia?

— Pois é — eu disse, andando rápido, enquanto a multidão se afastava para Daphne passar e nós a seguirmos. — Deixa isso para

lá. Ela não pode fazer nada comigo mesmo.

O segundo sinal tocou, e eu fiquei ainda mais tensa.

— Ela pode, mas vamos garantir que ela não faça.

Kayla estava checando a maquiagem no espelho preso dentro de seu armário. Ela abaixou o batom e o tampou quando nos viu chegando.

— Ei, ex-amiga. Como vai a vida nas trincheiras? — Com um golpe, ela fechou o armário.

— Muito menos infeliz, obrigada por perguntar. — Daphne segurou a nota entre dois dedos apertados, as unhas douradas cintilando. — Que merda é essa?

Kayla tirou uma mecha de cabelo preto da testa.

— Ah, isso? Apenas me certificando de que uma certa pessoa saiba seu lugar.

— E que lugar seria esse? — Willa nos surpreendeu ao perguntar.

Eu queria fugir para a multidão que se desvanecia, de preferência correr para casa e esquecer que isso estava acontecendo.

— Que quando as pessoas tentam pegar algo que não lhes pertence, é provável que haja — ela fez uma pausa, dirigiu seu olhar congelante para mim — consequências.

— Você o traiu e depois vocês terminaram. Supera.

Kayla fez uma careta para Daphne.

— Eu não o traí. Byron disse que estávamos dando um tempo.

— Dane-se. Fique bem longe da Peggy. Não é culpa dela que Byron esteja a fim dela.

Annika deu uma risadinha.

— Ah, você não disse isso.

— Eu disse — disse Daphne. — E, a propósito, não parece que você se preocupa tanto com ele como diz, já que está transando com metade da população masculina de Magnolia Cove.

Annika e Annabeth engasgaram, as mãos bem cuidadas tentando esconder os sorrisos enormes.

Kayla rosnou, se aproximando do rosto de Daphne.

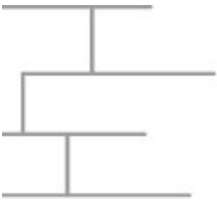
— Com ciúmes? Fala sério, nós duas sabemos que você adora minhas sobras. Vou tentar me certificar de deixar algum outro cara falido para você usar depois.

Daphne se lançou sobre ela.

Willa e eu a seguramos, e uma professora passou por nós.

— Não há uma sala de aula esperando por vocês, meninas?

— Sim, sra. Truncheon — todas nós dissemos ao mesmo tempo, então rumamos para nossas respectivas aulas.



Capítulo 19



Peggy

Os avisos de Kayla e Dash me atormentaram, mas, por mais que tentasse, não consegui descobrir uma maneira de consertar tudo.

Tudo se resumia a Byron. Eu não queria terminar com ele. Ele era doce, bonito e me mandava mensagens de boa noite.

Eu sempre quis mensagens de boa noite.

Dash agiu de um jeito estranho durante toda a semana com olhares sugestivos e palavras e olhares raivosos. As viagens de carro para a escola consistiam em falar sobre *Blitz*, suas motos, meu aniversário e discutir alguns livros que ele estava lendo.

Como costumávamos ser.

Eu não sabia por que isso me incomodava.

— Então, pego você às sete? — Dash gritou pela janela depois de me deixar em casa na sexta-feira. Iríamos a um restaurante mexicano e depois veríamos novo filme dos Vingadores. Byron tinha feito reservas para jantar na cidade no dia seguinte, então quando Dash disse que me levaria ao cinema, avisei a ele que teria de ser hoje à noite.

Para minha surpresa e um pouco de aborrecimento, Dash não protestou.

— Sim, até mais tarde. — Acenei e arrastei minha mochila para dentro, então quase gritei quando mamãe e Phil surgiram de trás do sofá.

Phil estava segurando um grande bolo de chocolate, e mamãe estava segurando dois balões metálicos rosa com os números um e oito.

— Parabéns pra você, nesta data querida...

Eu fiquei parada, tentando suportar o ataque bem-intencionado da melhor maneira que pude, mas sorri de alívio quando tudo terminou.

— Obrigada.

Os dois me deram um abraço, e Phil colocou o bolo na mesa de centro.

— Eu mesmo que fiz.

— Graças a Deus — brinquei. — Porque parece muito bom, e eu realmente quero comê-lo.

Mamãe deu um tapa no meu ombro.

— Meus bolos não são tão ruins.

Phil e eu fizemos uma careta, e ela deu um gritinho, jogando as mãos para o ar enquanto saía da sala para pegar alguns pratos.

Depois que terminamos, os ajudei a limpar e colocar o bolo na geladeira.

— Então Dash vai sair com você?

Parei na porta, percebendo que não tinha dito isso a ela.

— O castigo já acabou, não é?!

Ela se aproximou, tirando alguns cachos do meu rosto. Eu era pelo menos quinze centímetros mais alta do que ela agora, cortesia dos genes de papai.

— Já, querida. — Ela espetou uma unha de acrílico entre meus olhos. — Mas não minta para mim de novo.

Com um estremecimento, eu gentilmente afastei seu dedo.

— Não vou.

— Venha, vamos abrir seus presentes — disse mamãe, agarrando minha mão e me puxando para a sala de estar.



— O que você ganhou? — Dash perguntou quando entrei em seu carro.

— Um shampoo especial, uma nova chapinha, meu próprio sutiã push-up e um cartão presente para uma loja online.

— Legal. — Ele saiu para a rua. — Por acaso você está usando esse sutiã agora?

E então o flerte estava de volta.

— Não. Precisa lavar primeiro.

Ele forçou um beicinho.

— Que cor?

— Não vou dizer.

Ele gemeu.

— Sério? Qual é o problema em me dizer a cor?

Suponho que nenhum.

— Rosa-claro.

— Rosa-claro — ele repetiu, quase perdendo um sinal vermelho.

— Dash, o sinal. — Eu me agarrei na alça “puta que pariu” do carro.

— Por acaso você ganhou calcinhas combinando?

— Essa conversa já deu. Eu gostaria de viver para ver meu décimo nono aniversário, obrigada.

— Tão cheia de si.

Eu comecei a rir, então franzi a testa quando vi que Dash tinha virado no sinal errado. — Aonde você está indo?

— Apenas fazendo a rota turística. Então, o que você fez com os balões que Romeu deu pra você?

— O nome dele não é Romeu, e, merda... — Eu me encolhi. — Eu os deixei na sala dos professores.

Dash soltou uma risada.

— Ah, isso é muito bom.

— Cale-se. — eu gemi. — Isso é tão ruim. O que eu vou dizer a ele quando pegar os balões na segunda?

— Que você não queria, então largou de lado.

— Você não está ajudando. Eu amo balões.

Ele soltou o ar com a língua entre os lábios, fazendo um gesto para me dispensar.

Meus olhos se estreitaram quando Dash virou em uma rua longa e arborizada que ficava em frente à baía.

Eu quase bati em seu peito, meu braço voou pelo carro quando ele entrou no longo caminho de cascalho que levava à casa do meu pai.

— Ok, o que diabos você está fazendo?

— Pensei em dar uma passada aqui e ver seu coroa. — Dash não disse mais nada quando saltou do carro.

Vestido com sua usual camiseta branca apertada, jaqueta de couro, jeans preto e coturnos, ele parou na garagem, passando a mão pelo cabelo grosso enquanto esperava que eu saísse do carro.

Confusa, eu o segui até a casa vintage restaurada, de três andares, amarela e branca do meu pai.

Eu costumava jurar para meus pais que era mal-assombrada. Eu ouvia rangidos e gritos murmurados no terceiro andar, muito depois de meus pais terem ido dormir. Mas seja lá quem tenha andado pelo sótão, escritório e quartos de hóspedes nunca se aventurou a descer para os outros andares.

— Meu pai está viajando.

— Ah, ele voltou mais cedo.

A porta da frente se abriu, e lá estava ele, um sorriso tão brilhante quanto o sol em seu rosto envelhecido. Vestindo jeans e uma camisa xadrez, ele verificou o Rolex.

— Bem a tempo, aniversariante.

— Para quê? — Eu balancei a cabeça, então corri, jogando meus braços ao redor de seu pescoço e inalando o cheiro que só podia pertencer a ele. Charutos e algum tipo de sabão com aroma de cereja usado para lavar suas roupas.

Seu aperto era forte, e quando recuei, sorri ao ver seus olhos verdes.

Eu herdei dele o cabelo loiro, mas o dele agora estava uniformemente misturado com fios brancos.

— Você está bonito, pai.

— Parece que você cresceu em questão de meses, não anos. — Suas mãos pousaram em meus ombros. — Dezoito. — Seu sorriso era nostálgico. — Trouxe uma coisa para você. — Ele se virou e se dirigiu à garagem para quatro carros, clicando em um botão nas chaves que havia tirado do bolso.

Meus pulmões quase entraram em colapso, eu respirei fundo e rapidamente.

Na garagem estava um New Beetle da Volkswagen, vermelho e brilhante. Eu me preparei, o ardor em meus olhos, me virando para ele com um sorriso que ardeu meu rosto.

— Eu não sabia que você era fã de vermelho. — Os outros dois carros na garagem, um Lamborghini e um Porsche, eram pretos.

Ele soltou uma risada, então se aproximou e passou um braço em volta dos meus ombros.

— Muito engraçado. É seu.

— Pai... — Eu não sabia o que dizer.

— Sua mãe ficou um pouco irritada, mas ela vinha me impedindo desde os seus dezesseis anos.

— É incrivelmente lindo.

Isso me rendeu outra risada, e ele me puxou para mais perto, destrancando-o e me forçando a entrar.

Minhas mãos deslizaram sobre o volante de couro, o dedos flutuando sobre cada mostrador no painel.

— Eu mal posso acreditar.

— Em breve, você não precisará de mim para nada.

Quase tinha esquecido que Dash estava lá, então saí do carro, sorrindo para ele.

— Tenho certeza de que você vai dar um jeito.

Seu sorriso fez meu coração bater forte e o calor se espalhar pelo meu pescoço. Olhando para trás, para papai, passei meus braços em volta dele novamente.

— Obrigada. Eu amei.

— Dashiell me ajudou a escolher. — Meu pai era uma das únicas pessoas que tinham permissão para chamar Dash por seu nome todo, mas o nariz do meu amigo ainda tremia sempre que isso acontecia. — Escolheu a cor, o modelo, tudo.

— Mas não paguei do meu bolso — Dash disse, rindo. — Felizmente.

Eu dei um passo para trás, olhando para meu pai.

— Você não precisava fazer isso, especialmente com um carro tão caro.

As sobrancelhas espessas do meu pai se juntaram.

— Não me diga o que posso ou não fazer. Ninguém ia tirar essa oportunidade de mim. — Ele sacudiu a cabeça para Dash. — Apesar de ser todo espertinho, se ele não gostasse de passear com você pela cidade o tempo todo, provavelmente também teria feito isso.

Dash encolheu os ombros.

— Nah, eu dei a ela um passe anual para o Hooters. Muito mais barato, e vamos combinar, com coisas mais agradáveis de se olhar.

Os lábios de papai se torceram.

— Seu pai ainda não te expulsou?

— Você vai cuidar de mim quando ele fizer isso? — Os olhos de Dash se iluminaram.

Papai riu e deu um tapinha nas costas de Dash.

— Vamos, Peggy Sue. A diversão ainda não acabou.

Lutei para afastar meu olhar do carro. Meu. Próprio. Carro. Mas eu consegui, alcançando-os enquanto eles subiam as escadas e entravam.

— Surpresa!

Eu gritei, levando as mãos ao rosto quando mamãe, Phil, Daphne, Willa, Suella, Lars, Raven, Jackson, os amigos mais próximos de papai e mais pessoas da escola pularam para o hall de entrada.

Bandeirinhas voaram no ar, as câmeras dispararam e a música começou enquanto todos eles me cercaram. Todo mundo estava vestido com saias, vestidos, saltos, blazers e camisas bonitas.

Ainda me sentindo frustrada pelo fato de ninguém ter visto minha roupa, eu estava usando o mesmo modelo que planejei usar na festa de Wade no final de semana passado. Mas depois de ver alguns dos convidados se misturando e passeando pela casa do meu pai, me senti porcamemente vestida.

Meia hora depois, ainda mais pessoas da escola chegaram; encurrelei mamãe na cozinha antes que ela saísse.

— Como você fez tudo isso?

— Não fui eu. — Ela colocou a bolsa no ombro e afofou meu cabelo. — Se você for beber, não fique muito doida.

Eu balancei a cabeça, abraçando-a com força, e depois Phil também, até enfim perguntar:

— Então papai organizou isso?

Mamãe sorriu.

— Ele topou, mas, não. — Ela olhou pela cozinha, e eu segui seu olhar para Dash, que estava empilhando presentes na mesa da sala de jantar.

Ela e Phil foram embora. Um nó se formou na minha garganta, alojando-se ali enquanto eu sentia meus olhos ficarem úmidos. Coçando a cabeça, Dash recuou, estudando sua obra de arte. Ele fez uma torre com todos os meus presentes com cores coordenadas.

Quando ficou satisfeito, pegou sua bebida e virou, congelando ao me ver olhando.

— Sardas, aparentemente as pessoas gostam de você.

Eu não confiava em mim mesma para falar, então não o fiz.

Ele se aproximou, apontando com o polegar por cima do ombro para a pilha.

— Achei que você gostaria de uma foto para aquela merda de cortar e colar que você faz. Falando nisso, trouxe uma coisa para você. Vem comigo.

Eu o segui até a sala de jantar e parei quando ele puxou uma caixa desembrulhada. Ele colocou um laço roxo no topo e deu de ombros enquanto a entregava.

— Se eu tivesse embrulhado, teria ficado pior.

Eu a peguei, colocando-a na cadeira da mesa de jantar.

— Ei, aniversariante — Daphne chamou. — Alguém perdeu o convite e chegou tarde.

Virei-me para encontrar Byron vindo em minha direção com uma expressão neutra no rosto.

— Ei, você. — Fui até ele enquanto Byron estendia os braços.

Ele beijou minha testa.

— Desculpa, me disseram para estar aqui às oito.

Eu gemi, me afastando para olhar para Dash, mas ele já tinha ido embora. Minha expressão foi murchando enquanto tentei procurá-lo.

— Eu sei que você disse que não queria nada além de bolo, então... — Dois cavalheiros carregando um bolo extragrande entraram atrás dele, meu pai os direcionando para a cozinha.

— Puta merda. — Eu corri até lá enquanto eles colocavam o bolo na mesa, meus olhos vagando pelas quatro camadas gigantes.

Pendurado no topo estava um envelope. Byron o agarrou, entregando-me enquanto meu pai acompanhava os dois responsáveis pelo transporte.

Puxei um cartão que dizia “Feliz Aniversário” com girassóis amarelos brilhantes. Lá dentro, dois pedaços de papel quase caíram

no chão.

— Eu sei que você provavelmente precisa perguntar isso para sua mãe, mas eu pensei, se ela concordar, se você não gostaria de vir ver um pouco de neve comigo nas férias de inverno.

— Eu amo snowboard — disse, sorrindo.

— Eu sei. — Ele sorriu, cutucando minha bochecha. — Willa e Daphne me disseram.

— O que não significa que eu seja boa. — Eu dei a ele um olhar penetrante.

Byron riu, e eu fiquei na ponta dos pés para beijar sua bochecha. Sua cabeça se virou, e eu fiquei grata por meu pai não estar mais no cômodo, pois sua boca abriu a minha e seus braços prenderam meu corpo ao dele.

Seus lábios me devoraram, e sua língua deslizou. Mordi seu lábio inferior antes de sorrir contra sua boca.

— Obrigada.

— Você abriu meu presente?

Eu tropecei para trás com a pergunta de Dash e não consegui encontrar seus olhos quando vi que ele estava encostado na porta da cozinha. Como se ele tivesse ficado ali por muito mais tempo do que eu gostaria.

— Eu vou, em breve — eu finalmente disse, colocando as passagens aéreas dentro do cartão.

— Te pediram para comprar um bolo, não para sacudir seu pau e mostrar a todos quão grande você gostaria que fosse.

Byron ficou imóvel.

— Qual é a porra do seu problema? Por que tenho certeza de que você resolveu tudo com Annika na sexta-feira passada, não é?

Annika? Minha cabeça se ergueu, voando para Dash. Ele veio logo depois da festa e tentou ficar comigo. Uma sensação amarga me tomou, azedando aqueles minutos que eu tinha engavetado como uma doce memória.

Dash coçou a bochecha, rindo baixinho.

— Golpe baixo, mas estou me sentindo generoso, então vou deixar você levar essa. Até mais, Pegs.

— Aonde você está indo?

— Molhar meu pau. Quer que seja você desta vez?

Os olhos de Willa saltaram quando ela parou do lado de fora da cozinha e ouviu as palavras de Dash.

Ela olhou para ele recuando, então depois para mim, as perguntas zumbindo em seus olhos assustados.

— Até mais — eu murmurei.

Byron esfregou o queixo.

— Ele é realmente...

— Ah, meu Deus. É incrível! — Willa propositalmente cortou Byron, e eu dei a ela um pequeno sorriso em agradecimento. — Quando podemos partir? — Ela bateu palmas, pulando nos saltos.

— Que tal agora? — papai disse, entrando na cozinha com um pacote de velas e um isqueiro nas mãos.

Depois de ficar mortificada na frente de Deus sabe quantas pessoas enquanto todos cantam “Parabéns pra você” e depois pegavam uma fatia de bolo, papai e seus amigos se retiraram para a casa da piscina, para nos dar um pouco de espaço.

Mas quando a batida começou a vibrar pelas paredes, comecei a me sentir insegura. Uma coisa era ir a festas, outra totalmente diferente era fazer a sua própria. Especialmente enquanto seu pai estava presente, mesmo que ele não estivesse na casa principal.

Passei as horas seguintes limpando enquanto todos dançavam, riam e bebiam — embora eu não soubesse de onde eles estavam tirando o álcool.

Byron me encontrou quando eram quase onze horas, com uma cerveja na mão e uma bebida frutada na outra.

— Você é como a pequena fada da limpeza, desaparecendo sempre que eu acho que finalmente te encontrei.

Aceitei a bebida, cansada, um pouco suada e um tanto irritada.

— Eu não quero estragar ou quebrar nada. — Byron acenou com a cabeça, depois cambaleou um pouco. Eu fiz uma careta. — Você está bem?

— Acho que bebi um pouco demais. — Ele apertou os dedos.

Oferecendo um sorriso fraco, abri minha mistura de melão, jogando a tampa no saco de lixo que carregava de sala em sala.

— Como vocês conseguiram o álcool, afinal?

Ele usou a cerveja para apontar para alguns dos caras na piscina.

— Irmão mais velho do Danny.

— O irmão dele está aqui? — Mais e mais pessoas apareciam, e para ser honesta, estava começando a me deixar ansiosa.

— Nah, só comprou para ele. Vem dançar. — Ele tentou me agarrar, mas eu desviei para o lado.

— Estou bem. Vou limpar um pouco mais.

Byron fez beicinho, depois recuou quando alguém o chamou e me deixou lá.

Não esperei que ele voltasse, então rapidamente peguei alguns sacos de batata frita vazios na mesa de centro e, em seguida, algumas latas de refrigerante velhas rolando sobre o tapete indonésio.

Eu as joguei no saco de lixo, então tomei um longo gole da minha bebida, parando com ela no ar quando avistei Dash na piscina.

Um pouco da ansiedade se dissipou de meus ombros quando vi que ele não estava fazendo o que eu temia que estivesse. Embora por que eu temesse isso, por que ainda me sentia mal com o que Byron disse que Dash fez na festa de Wade, bem, eu não sabia.

Ele estava andando e recolhendo garrafas e latas e levando-as para a lixeira que empurrou até a cerca da piscina.

Dash estava sem camisa.

Embora não tivesse o abdômen que os caras das equipes esportivas gostavam de exibir na escola, tinha músculos e estava

em forma. Sua pele era macia e suavemente bronzeada. Ele desenvolveu músculos magros com a pequena quantidade de treinos e exercícios cardiorrespiratórios que fazia — quando se importava com isso — enquanto andava em suas motos de BMX.

Suas costas douradas me encararam, seus ombros se expandindo, estreitando-se gradualmente até os quadris. O peito estava quase sem pelos, mas quando ele se virou e meus olhos baixaram, minha boca secou. Seu abdômen definido se contraiu quando ele abaixou para pegar uma garrafa, e então Dash se levantou novamente. A pequena trilha de pelos dentro de sua calça me fez pensar se eu tinha tocado em seu abdômen em alguma de nossas sessões de prática.

Na verdade, não pude deixar de pensar que talvez tenha deixado passar muita coisa.

Levei o saco de lixo para fora, um sorriso cauteloso pronto quando ele me viu indo em sua direção, embora o que Byron tivesse mencionado antes ainda trouxesse um frio na barriga.

Ele segurou a tampa aberta para mim, fechando-a quando o saco estava lá dentro.

— Esse não é o comportamento esperado da aniversariante.

— Não consigo relaxar — disse eu.

Ele passou a mão pelo cabelo úmido e arrastou o lixo para a área de lazer perto da varanda. Com um movimento de cabeça, ele gesticulou para que eu o seguisse para dentro.

Eu o segui, tomando longos goles da minha bebida enquanto tentava ignorar as sessões de amasso, esfregação e grande quantidade de bebida que permeavam o quintal meticulosamente cuidado do meu pai.

— Você molhou o seu você-sabe-o-quê? — eu perguntei, a bebida na minha mão aquecendo meus membros enquanto Dash subia as escadas.

—Dash bufou.

— Pau? Sim.

Quase tropecei nos degraus, de modo que ele segurou meu braço.

— Quantos dessas você já bebeu?

— É minha primeira. — Tirei alguns fios de cabelo dos olhos, incapaz de encontrar os dele, e continuei subindo as escadas.

— Eu dei um mergulho. Fazia tempo que não entrava naquela piscina.

Eu ri.

— Isso é o que você quis dizer com molhar o pau?

Ele me alcançou quando chegamos ao patamar superior e fomos até o final do corredor coberto de tapete até o meu quarto. Janelas arqueadas alinhavam-se no corredor, e eu me lembrei de sentar na maior delas, no topo da escada, quando criança, fingindo que era uma princesa em um castelo e ficando irritada com Dash quando ele se recusou a bancar o meu príncipe.

— Você sempre quis ser o vilão — comentei.

Dash seguiu meu olhar por cima do ombro até a grande janela em arco, sabendo o que eu estava pensando.

— E você sempre tentou me tornar algo que eu não era.

Eu bati em seu ombro com o meu, sorrindo.

— Ou talvez a pessoa que você sempre deveria ser.

— Cuidado, hein? Se você me der esse crédito todo, só vai se decepcionar no final. — Eu ri quando encontramos meu antigo quarto. Ele acendeu a luz e fechou a porta até a metade.

Era rosa. Todo ele. O edredom, as paredes, a velha casa de bonecas de madeira no canto, até as cortinas. Nada mudou. Minha cama de solteiro branca estava exatamente da mesma maneira desde o dia em que mamãe e eu partimos.

Eu exalei um suspiro melancólico, em seguida localizei a caixa que Dash tinha me dado na ponta da cama e fui até ela.

— Você trouxe até aqui?

— Eu não queria arriscar que alguém estragasse tudo. Você verá o motivo quando realmente abrir.

Suas últimas palavras continham uma pequena dose de irritação, fazendo com que a culpa me corroesse rápido e forte.

Peguei a caixa, me sentando com ela no colo enquanto Dash começava a mexer na minha velha coleção de Goosebumps.

— Me desculpe — eu disse. — Eu me distraí. Eu não queria...

— Só abre.

Eu puxei a fita roxa de seda e abri as abas de papelão para ver o que estava dentro. Fotografias, possivelmente centenas, de quando éramos recém-nascidos.

Lágrimas se acumularam, e eu não pude contê-las enquanto começava a vasculhar as memórias.

— Dash — eu resmunguei, fechando os olhos para tentar me equilibrar.

— Você faz toda aquela merda de artesanato com suas amigas, mas ainda não vi você fazer um álbum para a gente. Então é um presente egoísta, mas eu nem me importo.

Foi a coisa menos egoísta que ele já fez. Dash deve ter levado semanas, talvez meses, para encontrar, organizar e imprimir tudo aquilo. Nós dois sabíamos disso, mas eu o deixei manter seu escudo de tijolo e argamassa no lugar e reabri os olhos para terminar de olhar as fotos.

Em seguida, Dash pegou mais bebidas para a gente, depois se sentou ao meu lado enquanto repassávamos e lembrávamos do máximo de eventos que conseguíamos.

— Eu não usei fralda até os quatro anos.

— As imagens não mentem, Sardas.

Eu o empurrei.

— Era halloween. — Eu mandei bala no resto da minha terceira bebida. — Eu estava vestida de Pedrita, e você era o Bam-Bam.

Seus lábios se contraíram enquanto ele estudava a foto.

— Eu não estava de fralda, eu era George, o Rei da Selva.

— Você era o Bam-Bam.

— Bam-Bam e Pedrita não usam fraldas.

— Sim, fraldas fofas da Idade da Pedra.

Ele sacudiu a fotografia, e eu a tirei dele, passando o dedo sobre seu rosto rechonchudo de quatro anos.

— Por que diabos eles nos vestiram assim?

— E eu lá sei? — eu disse. — Provavelmente porque ficávamos lindos como os bebês dos Flintstones.

— Eles não acabaram juntos?

Eu olhei para ele, sorrindo.

— Cale-se. Você já assistiu?

— Uma ou duas vezes — disse ele com um encolher de ombros, em seguida terminou seu uísque, provavelmente roubado do escritório do meu pai. — Não fique muito animada.

— Então eles se casam? — Eu fechei a aba da caixa, deslizando-a para o outro lado da cama.

— Eu acho que sim. Assim como você e eu.

Eu caí para trás, dando uma sonora gargalhada.

— Você acha uma ideia ridícula, não é? — Ele se inclinou sobre mim, sorrindo até com os olhos.

— Imagina só. — Semicerrei os olhos para Dash, minha cabeça flutuando.

— Na verdade. — Ele engoliu em seco, o pomo-de-adão se movendo. — Sim. — Suas palavras fizeram meu coração parar. — Eu imagino.

Minha respiração ficou presa.

— Dash. — Ele estava bêbado, tentei argumentar com a queimação no meu peito.

Com as sobrancelhas abaixadas, ele lambeu os lábios.

— Você não deveria estar com ele.

Meu coração disparou, e meus pulmões não conseguiram acompanhar.

— Por quê?

— Porque... — Sua cabeça abaixou, o cabelo caindo para a frente e roçando meu rosto, seu nariz encostando no meu. — Você deveria estar comigo.

Colidimos em um emaranhado de lábios aquecidos, mãos ásperas e sons desesperados.

— Eu te quero tanto. Juro que é tudo em que consigo pensar — disse ele, sua voz sexy e pausada entre as respirações pesadas. Sua língua lambeu meu pescoço enquanto a mão afundava atrás da minha cabeça; seu corpo se abaixou sobre o meu, se esfregando entre minhas pernas abertas.

Elas se enrolaram em suas costas, e eu ofeguei, as mãos gananciosas em seus cabelos grossos.

— Não sei o que estamos fazendo, mas...

— Mas? — ele perguntou, os olhos encontrando os meus enquanto se esfregava em mim.

Eu gemi.

— Mas isso me assusta.

— Bom — ele falou, os dentes beliscando meu lábio. — Porque você me deixa aterrorizado.

Suas palavras cessaram.

— É?

— Sim — disse ele, os olhos eram como tempestades gêmeas de eletricidade estática. Então sua língua mergulhou em minha boca, e a minha estava pronta para esse encontro.

Minha perna subiu mais em suas costas, e uma de suas mãos deslizou para baixo, rastejando entre nós dois e mergulhando dentro da minha calcinha. Ele congelou, os lábios deixando os meus desolados e frios.

— Você está depilada.

Meus olhos se estreitaram, e eu pisquei até que névoa que me envolvia se dissolvesse.

— Hum, sim?

A testa ficou enrugada, seu olhar, escuro e cheio de algo inominável.

— Para ele?

E assim, o que estávamos fazendo, o que eu estava sentindo, aproveitando o momento em seu abraço brutal, tudo se desfez. Caiu como pétalas largadas ao vento, espalhando-se em um milhão de direções, longe demais.

Eu me joguei para fora da cama, tropeçando.

— Espera, aonde você está indo?

— Eu tenho namorado — eu disse, enquanto esfregava minhas mãos nas bochechas. — Eu não posso, ugh. — Desisti de tentar falar, envolvida demais em meu último erro e no que isso poderia significar para Byron e para mim.

— Odeio destruir essa sua fantasia — Dash sorriu, seus lábios inchados pelos nossos beijos se uniram enquanto ele me olhava passear pelo tapete cor-de-rosa no centro do meu quarto. — Mas ele não é seu namorado.

Eu parei.

— O quê?

— Ele não é mais seu namorado do que eu sou. No mínimo, estamos mais juntos do que você e Woods.

Exasperada, eu ri, parecendo uma doida, balançando a cabeça e contendo uma resposta mordaz. Não foi culpa de Dash que eu tenha estragado tudo; foi minha. E embora ele não estivesse tornando mais fácil passar por esse momento confuso, eu não ia colocar a culpa nele.

Precisando recuperar o fôlego e organizar os pensamentos, caminhei até a porta, parando na metade do caminho quando ouvi um estrondo no corredor.

Virei meus olhos arregalados para Dash.

— Achei que as pessoas soubessem que não tinham permissão para subir aqui!

Dash se levantou da cama, demorando para me encontrar na porta.

— Elas sabem. Espere aqui.

Eu não esperei, o segui pelo corredor até a sala localizada entre o meu quarto e o do meu pai.

As portas de vidro estavam fechadas, mas isso não significava muito. Ainda podíamos ver as costas nuas de uma mulher pressionada contra elas, e definitivamente podíamos ouvir seus gemidos:

— Jack — uma voz suave disse.

A porta bateu, um gemido masculino nos alcançou enquanto a mulher soltava um gritinho. Eu agarrei o braço de Dash.

— Ela está bem?

As portas começaram a bater, e Dash sorriu, dando um tapinha na minha mão.

— Ah, sim, eu diria que Willa está muito bem.

— O quê? Espera — eu disse quando ele começou a me puxar de volta para o corredor. — Willa? Jack. — Meu queixo caiu. — Ela está fazendo sexo com o irmão?

— Não são irmãos de sangue — Dash corrigiu. — Agora vamos chutar esses idiotas daqui. Eu não quero limpar a casa até três da manhã.

Meus pés conseguiram se descolar do chão.

— Mas eles convivem como irmãos desde que eram bebês. É, é... — O silêncio de Willa sobre os meninos e o brilho de devaneio em seus olhos; tudo se encaixou de um modo chocante.

Dash parou no topo da escada, com uma sobrancelha levantada.

— Tipo o que acabamos de fazer?

Eu gemi.

— Não é a mesma coisa.

— Continue dizendo isso a si mesma, e talvez você supere qualquer obstáculo que a impeça de fazer o que quer.

— É o que, Dash? — Eu o segui até a cozinha, onde ele pegou mais alguns sacos de lixo.

— Calma, é seu aniversário. Vamos apenas... — Ele suspirou, a resignação fazendo seus ombros murcharem. — Terminar com estilo.

— Limpando?

Ele olhou pela janela para todos os convidados, muitos dos quais eu nem mesmo conhecia.

— O primeiro a conseguir um saco cheio decide onde pediremos pizza.

Peguei a sacola e corri para fora da cozinha, rindo, enquanto Dash praguejava e depois saía correndo.



Capítulo 20

Dash

Issso me assusta.

Eu a esperei o restante do fim de semana, completamente confuso sobre o que eu deveria fazer. Ou se eu deveria de fato fazer alguma coisa.

Quando a manhã de segunda-feira chegou, e eu percebi que Peggy iria sozinha de carro para a escola, irritação, ansiedade e raiva me atingiram como uma enorme bola, me deixando propício a estourar com qualquer coisa ou qualquer pessoa.

Cheguei tarde na escola de propósito, não querendo correr o risco de ver Woods marcando um território que ele não tinha e nunca teria. No momento em que entrei furtivamente no segundo tempo, estava preparado para uma briga, meus pés se mexendo agitados sob a mesa.

— Dash — Annika balbuciou quando o professor saiu para usar o banheiro.

Eu não me incomodei em virar a cabeça.

Depois de um toque no meu ombro, uma caneta de gel rosa subiu pelo meu pescoço.

Eu a dispensei, e Annika deu uma risadinha.

— Ouvi dizer que Peggy deu uma festa no fim de semana passado.

— E? — perguntei, pegando um punhado de balinhas azedas do bolso e colocando-as na boca.

— E você não me convidou — disse ela. — Nós nos divertimos na festa de Wade, não lembra?

Ela chupou meu pau como uma viciada, mas nem mesmo sua boca habilidosa se comparava com a exploração hesitante que rolou no meu quarto com Peggy.

Minha melhor amiga estava transformando minha cabeça em uma pilha de lama de desespero angustiante.

— Não quero repetir, se é sobre isso que você está pensando.

Ela fez um ruído de desprezo.

— Você gozou tão forte. Não acredito nisso.

— Foi porque eu não estava pensando em você. — Eu não me senti mal por dizer isso, nem um pouco. Ela merecia, só por causa dessa insistência. — Vê se entende e vai caçar as bolas de outra pessoa para perturbar.

— Você é um filho da puta, Dashiell.

Cerrei os dentes, mas ignorei o xingamento quando vi que o sr. Denkins entrou novamente na sala.

Eu não tinha certeza de quanto tempo mais eu aguentaria. Aquela sensação no meu peito, deixando nada além de uma necessidade incessante.

Ela me queria, disso eu tinha certeza cada vez que colocava as mãos nela, mas assim que as tirava, eu caía na friendzone de novo. Um lugar que pensei que ficaríamos, que me contentaria em ficar, pelo resto de nossas vidas.

Mas agora isso mudou.

Eu não conseguiria vê-la se transformar em uma mulher com outra pessoa. De jeito nenhum. Eu não sabia como nunca tinha visto isso antes, ou quando exatamente mudou, mas talvez seja por isso

que eu evitei qualquer coisa que se assemelhasse a um compromisso.

Porque deveria ser com ela desde o começo.

Peggy e Dash — mais do que apenas melhores amigos.

Enquanto todos saíam depois da aula, fui para a sala de estudos para pensar nos meus sentimentos até a hora do almoço. Lá, resolvi deixar meus amigos idiotas de lado e roubar o lugar ao lado de Peggy antes que Byron chegasse.

Entramos no refeitório ao mesmo tempo, e quando nossos olhos viram Peggy se sentar com Willa e Daphne, atacamos.

Ele me empurrou, eu devolvi. Byron praguejou, me empurrando mais uma vez. Risos soaram quando eu quase tropecei no chão e corri, meus sapatos colidindo com a parte traseira de seu joelho, jogando-o no chão antes que ele chegasse à mesa das meninas.

Eu deslizei para o assento, roubando um pedaço da cenoura da Peggy.

— O quê?

Peggy piscou, seus cílios enrolados sobre os olhos cinzentos me fazendo refém de seu olhar.

— Que merda foi aquela?

— Uma pequena competição amigável nunca fez mal a ninguém.

— Competição? Dash. — Ela fez uma careta, seu olhar se movendo para Byron. — Você está bem?

Byron estremeceu, abaixando-se para sentar ao lado de Willa, que mexia na bolsa à procura de alguma coisa.

— Sim. Não tenho tanta certeza sobre meu orgulho.

— Acho que o treinador Gorerro não está te treinando duro o suficiente, Romeu. — Eu mordi a cenoura, exibindo o máximo de dentes que pude.

Byron se eriçou, em seu olhar, uma promessa de revide. Ele que tentasse.

Enquanto ele fazia isso, falei ao pé do ouvido de Peggy:

— Eu quero que você me chupe de novo.

Seus olhos se arregalaram em choque, preocupação e uma pitada de excitação.

— Dash! Ah, meu Deus. Cala a boca.

— O que, eu falei muito alto? — Sua mão agarrou minha coxa sob a mesa, apertando. E, puta merda, ela tinha unhas afiadas. — Ai, merda. Ok. Recolhe suas garras.

Ela me soltou lentamente, e eu fiz uma careta para Daphne, que estava nos encarando com um olhar astuto. Sim, ela sabia, talvez até Willa soubesse também.

Embora ainda faltasse muito para Peggy enxergar. Eu não ligo. Eu ficaria em pé naquela mesa e gritaria para todos no refeitório como sua boceta e sua boca eram maravilhosas, se eu não estivesse tão preocupado com a possibilidade de Peggy nunca mais falar comigo.

— Você se divertiu na sexta-feira, Willa? — Roubei outro pedaço de cenoura, sem ter o que comer porque fui lutar pelo meu lugar ao lado de Peggy.

Peggy resmungou, batendo na minha mão, mas era tarde demais.

Os olhos de corça de Willa saltaram de seus pedaços de maçã.

— Ahn, sim?

Eu balancei a cabeça, meu sorriso mais brilhante que o sol.

— Sim, de fato.

Sua boca se abriu quando ela percebeu que eu sabia. Eu sabia há um tempo que algo estava acontecendo entre Jackson e ela, mas eu não tinha nenhuma prova até a última sexta. Que safados indecentes e sorrateiros. Não é à toa que o cara estava sempre chapado ou parecia não saber o que era sua bunda, o que era sua cara. Foder a irmã, tecnicamente meia-irmã, que viveu sob o mesmo teto que você por quase toda a sua vida, provavelmente faz isso com o sujeito.

Fez com que eu me sentisse muito melhor em relação às coisas obscenas que queria fazer com Peggy. Não que eu tivesse me sentido tão mal, na verdade.

— Você não tem um baseado para fumar? — Byron perguntou, seus olhos ainda pesados em mim, a mandíbula se contraindo com uma raiva pouco disfarçada.

— Está guardado para mais tarde. Eu gosto mais da minha erva depois de comer ou... — Meus olhos deslizaram para Peggy. — Depois do sexo.

Byron realmente rosnou.

— Algum problema? — Eu cutuquei a onça.

Seu rosto estava ficando corado.

— Eu não sei, me diz você.

— Estou bem, obrigado por perguntar. — Voltei minha atenção para Peggy, que estava ficando rosada.

— Bem, né? Foi por isso que você dedurou Peggy para a mãe dela sobre a festa de Wade?

Eu virei o rosto na direção dele, meus punhos e coração apertados. Ele não sabia disso. Ninguém sabia disso, a não ser Peony, quando expressei minha preocupação a ela ao celular um dia antes da festa.

Eu me senti mal por ser a razão pela qual Peggy ficou de castigo por uma semana? Pode ser. Ok, não. Nem um pouco mesmo.

Peggy engasgou.

— O quê?

— Não sei do que você está falando — disse a Byron, embora um pouco tarde demais. Ele me pegou e sabia muito bem disso.

Ele cruzou os braços musculosos.

— Eu não tinha certeza, mas, ei, agora eu tenho. Foi de fato você.

Eu me levantei, inclinando-me sobre a mesa e mostrando os dentes.

— E eu vou, realmente, arrancar seu pau fora e enfiá-lo em sua garganta infestada de herpes.

— Chega. O que está acontecendo aqui? — disse o sr. Andrews, aproximando-se da mesa.

Com cada grama de força que eu tinha, me arrastei para longe do rosto presunçoso de Byron.

— Nada.

— Você pode terminar seu almoço lá fora, sr. Thane.

Não retruquei dizendo que não tinha almoçado; me levantei, olhando para Peggy.

— Pegs.

Ela não olhou para mim.

— Vai embora..

Porra.



Lars saltou como um coelho, então girou na borda da pista, fazendo a bicicleta parar ao lado da minha.

— Você vai andar com essa coisa ou apenas ficar sentado nela a tarde toda?

Eu tinha ido até lá para limpar a cabeça, esclarecer alguns pensamentos e descobrir como fazer Peggy falar comigo.

Pela primeira vez em muito tempo, ela trancou a janela.

Passaram três dias desde que ela decidiu que não queria nada comigo, e embora eu esperasse alguma reação, como um idiota ingênuo, Peggy ainda não tinha se livrado do idiota que usava mocassim.

Na verdade, o que eu fiz só a fez se aproximar ainda mais dele.

— Vai se foder — eu disse com o cigarro pendurado entre os lábios.

Jackson desceu pela pista, andou até onde estávamos, enxugando gotas de suor de sua testa antes de colocar o boné de volta na cabeça.

— Ele está com dor de cotovelo por causa da Peggy.

— Eu disse para você ir se foder.

Um grupo de crianças mais novas entrou, deu uma olhada na gente e nos dedos do meio que dei a eles e voltaram para as quadras de basquete. Não somos bons com isso de compartilhar, especialmente eu. Eles podiam esperar pela porra da vez deles.

Lars rolou sua bicicleta para frente e para trás, os braços pendurados nas barras.

— Eu preciso te dizer, Thane. Nunca pensei que você fosse esse tipo.

Jackson bufou.

— Viadinho.

Eu não queria morder a isca, mas não é como se eu pudesse evitar.

— Elabora o que quer dizer ou se manda.

— E deixar você ficar deprimido sozinho? — Jackson verificou o celular, franzindo a testa, então se inclinou para colocá-lo no bolso.

— Porque é isso que você está fazendo, sabe. Se deprimindo.

— Deprimindo pra caralho. — Lars concordou com a cabeça.

— Eu não estou deprimido. Eu estou pensativo.

Jackson riu.

— Isso com certeza não é estar pensativo. Parece que alguém te diagnosticou com uma doença incurável.

O amor era uma doença.

O pensamento acendeu, enviando ondas de choque por todas as terminações nervosas do meu corpo e eletrizando meu coração.

Eu não poderia estar apaixonado. Eu não pensei que isso fosse possível, mas se fosse para acontecer com alguém, as últimas semanas deixaram bem claras que seria com ela.

— Bem, vão em frente, idiotas. — Eu pisei no cigarro. — O que vocês fariam no meu lugar?

— Para começar, pare de deixá-la te ignorar.

Lars concordou.

— Quanto mais você deixar isso acontecer, mais espaço você dá para eles ficarem ainda mais unidos.

— Você realmente quer deixar Woods se meter entre as pernas de Peggy?

Eu rosnei para Jackson.

— Cuidado com a boca suja.

— O sujo falando do mal-lavado.

Minhas sobrancelhas se encontraram.

— O quê?

Jackson acenou com a mão.

— Que seja. Vai atrás de sua garota ou deixa tudo para lá.

— É isso o que você está fazendo?

Prestes a descer na pista, ele congelou, seus *Vans* derrapando no concreto.

Eu ri.

— A fruta proibida sempre tem um gosto melhor.

Lars olhou para nós dois.

— O que você quer dizer com isso?

Eu mantive os olhos grudados em Jackson, e ele engoliu em seco, um apelo vindo de sua expressão. Eu não era o tipo de pessoa que guardava os segredos de alguém, mas, neste caso, sabendo que as consequências seriam devastadoras demais e potencialmente arruinariam suas vidas, eu sorri.

— Só a propensão de Jackson em flertar com o que não está disponível.

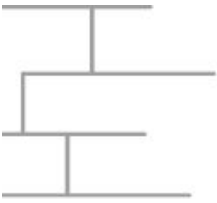
A carranca de Lars dizia que ele não estava acreditando muito na história, mas ele era muito narcisista, todos nós éramos, para se importar por muito tempo.

— Então, o que você vai fazer? — Lars perguntou enquanto tirávamos nossas bicicletas da pista de skate uma hora depois.

— Não sei, mas tenho certeza de que vou pensar em algo.

Eu ainda estava atordoado com aquela revelação. Ainda tentando aceitar a verdade que estava adormecida por sabe-se lá quanto tempo.

Uma verdade oculta tinha sido revelada. Era oficial. Eu me apaixonei pela minha melhor amiga, e ela estava partindo a porra do meu coração sombrio.



Capítulo 21



Peggy

Estacionei o carro na rua em frente à minha casa, não querendo bloquear a entrada da garagem.

Parecia um pouco estranho que meu carro custasse mais do que o da minha mãe e Phil, mas, na escola, ele se encaixou perfeitamente. Embora a apatia que me dominou quando parei no estacionamento da escola na manhã de segunda-feira tenha me feito perceber que eu realmente não ligava para aquilo.

Eu estive muito envolvida nos eventos que explodiram minha cabeça e confundiram meu coração no fim de semana. Dash gosta de mim? Repetidamente repassei tudo o que aconteceu naquela noite e nas semanas anteriores. O ponto culminante de tudo aquilo fez meu peito apertar enquanto jantava com Byron, conversava com papai ao celular e até mesmo dias depois.

Dash gostava de mim mais do que um melhor amigo deveria gostar. Embora o que mais me assustou foi descobrir que eu tinha de me perguntar se eu gostava dele também.

Principalmente porque não havia necessidade de perguntar ou responder. Eu não sabia como isso tinha acontecido, mas, de alguma forma, eu entreguei ainda mais o meu coração a ele. Mais

do que uma melhor amiga deveria entregar. Mas seria um erro levar isso mais longe do que já tínhamos ido.

Do jeito que estava, poderíamos perder muito mais do que aquilo que poderíamos ganhar.

Dash Thane não era capaz de amar ninguém além de si mesmo, e eu faria bem a mim mesma se me lembrasse disso.

— Você não me contou que Dash foi quem te contou da festa — eu disse, arrastando meu garfo pelo espaguete na quarta-feira após meu aniversário.

— É por isso que você não o deixou entrar? — mamãe perguntou, bebendo seu vinho. Dash tentou usar a porta da frente na tarde de segunda-feira depois que eu tranquei a janela do meu quarto.

— Ele me traiu.

Phil estava mergulhado no celular, cuidando da própria vida. Ele nunca tentou interferir em assuntos relacionados à relações familiares, e acho que mamãe preferia assim. Eu sabia que sim, e acho que Phil também. Ele não tinha filhos, e depois de ensinar adolescentes na escola pública o dia todo, provavelmente estava feliz por não ter de lidar com mais nenhum drama de jovens.

A sobrelha da mamãe se arqueou.

— Ele estava preocupado. Não é seu estilo mentir para conseguir o que quer.

Suspirei.

— Eu sei, mas ele fez isso para que eu não visse Byron. É tão estúpido, que nem consigo entender.

Phil soltou o ar pelo nariz, e mamãe e eu olhamos para ele.

Sentindo nossos olhos nele, olhou para cima, assustado.

— Desculpe, só, ah, uma foto engraçada no Facebook.

— Não me marque nela — disse mamãe. — O que você acha engraçado geralmente não é.

Eu sorri pelo comentário, colocando mais comida na boca.

Phil franziu a testa.

— Como é?

Mamãe acenou com o garfo para ele.

— Deixa pra lá. De volta ao Dash. Não o deixe na geladeira por muito tempo. Não é bom para aquele menino. — Eu sabia que ela estava se referindo ao modo como seus pais sempre se esqueciam de sua existência até que isso lhes conviesse.

Phil fez outro som, e mamãe gemeu.

— Vai em frente, pode parar com isso.

Ele hesitou, olhando para mim. Eu me inclinei, esperando.

— Vai me dizer que você não percebeu? — ele perguntou, seu olhar indo e voltando entre meus olhos e os da mamãe.

— Percebi o quê? — perguntei.

Phil piscou, e minha mãe deu a ele um olhar de advertência. Seu rosto estava ficando vermelho, então fiz um gesto para que ele falasse logo.

— Ele gosta de você.

Eu revirei meus olhos.

— Ele é meu melhor amigo. Ele só gosta de mim porque outro cara está marcando o território que ele pensa ser dele.

Mamãe tossiu enquanto tomava um gole de vinho.

— Você está bem? — Phil veio até ela dar um tapinha nas costas dela, mas ela empurrou a mão dele.

— Tudo bem — disse ela, abanando o rosto enquanto colocava a taça na mesa. — Peggy, eu realmente acho que talvez você devesse conversar com Dash sobre isso. Eu entendo o que você está dizendo, de verdade, mas...

Eu empurrei a cadeira para trás.

— Não há nenhum “mas” aí. É só isso. — Não poderia ser outra coisa, porque tudo mudaria. Dash não era cara para namorar. Nós estragaríamos tudo e perderíamos a amizade que passamos a vida inteira criando. — Vou terminar meu dever de casa.

— Aquela coisa horrível que você chama de vestido foi lavada a seco — mamãe gritou enquanto eu levava meu prato para a pia e o

enxaguava. — Está no seu armário.

— Não é horrível, mas obrigada. — Empilhei meu prato e talheres na máquina de lavar louça, em seguida peguei uma garrafa de água da geladeira para levar ao meu quarto.

— Byron vai levar você ao baile?

— Com certeza.

— Você vai ao jogo de futebol?

— De jeito nenhum.



Meus tênis rangeram no piso polido enquanto eu me afastava do som de bolas de basquete quicando e fechava a porta do ginásio.

Eu estava no fim da menstruação, e embora estivesse grata por não precisar me preocupar com ela amanhã à noite no baile, ainda odiava fazer qualquer atividade física durante esse período.

Meu absorvente caiu da minha mão, e me inclinei para pegá-lo, deslizando-o dentro do bolso do short de educação física depois de ter certeza de que ninguém viu.

Virei a esquina, caminhando pelo corredor que levava aos banheiros femininos.

Uma mão agarrou meu pulso, me puxando pelo corredor oposto.

— Você precisa terminar com ele.

Seu toque era como querosene, mas eu não queria que me incendiasse.

— Eu não estou falando com você. — Puxei a mão e cruzei os braços.

O sorriso de Dash era irritante.

— Você acabou de falar.

— Argh. Não temos mais dez anos.

— Porra, eu sei disso — disse ele. — Termina essa história, Peggy. Ele é um idiota superficial.

Eu deixei meus braços soltos, fazendo uma careta para Dash.

— Byron é fofo. Ele me compra flores.

— Flores? As flores morrem, Sardas. Eu vou te dar meu pau. Ele é um cara que só precisa de dez minutos após cada rodada para voltar à vida.

— Cara? — Uma risada escapou. — Você não acabou de chamá-lo de “cara”.

Dash ergueu as mãos.

— Pare com isso, Dash.

— Não. — Dash me empurrou de volta para o armário. — Se você acha que vou te deixar em paz e deixar aquele idiota ficar com você, você está louca.

— O único idiota que vejo é você. Você me traiu.

Ele riu.

— Foi uma festa. Grande merda, você não conseguiu ir. Foi para o seu próprio bem.

— Mentira. — Nós dois sabíamos por que ele fez isso.

— É? Então você está me dizendo que ele não teria tentado se aproveitar de você?

— Eu sou a namorada dele, seu idiota. Eu queria encontrar com ele.

Dash fez um barulho sibilante, seu rosto se contorcendo.

— Você não sabe o que quer.

— Eu sei que não quero você.

Seu peito inchou e depois voltou ao normal.

— Você está mentindo e sabe disso, Sardas.

Dash não entendeu. Ele não estava pensando em todos os piores cenários. Ele estava agindo com base no que sentia nesse momento, no que ele queria agora. Meros momentos no presente não valem o risco de sabotar um futuro.

— Eu não vou me sujeitar, nos sujeitar a isso. Nós nunca daríamos certo. A única pessoa com a qual você se preocupa é você mesmo.

— Não é verdade. Quem te ajudou a limpar a casa depois da festa? Não aquele filho da puta. Fui eu. — Ele engoliu em seco, um som espesso, e então baixou a voz para um rosnado. — Quem te deu um presente que vai durar, em vez de apenas tentar te impressionar? Eu. E quem continuou beijando você, sabendo que você só estava fazendo isso para beijar outra pessoa? — Ele pontuou suas palavras batendo o dedo no peito repetidamente. — Eu, porra.

Meus olhos doíam, mas não era nada comparado à queimadura no peito.

— Para com isso.

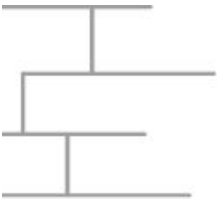
— Nunca. Eu sempre estive por perto e sempre estarei. Quem se importa se eu sou um pouco convencido? Um pouco honesto demais? Eu sou verdadeiro com você porque você é uma das únicas pessoas de quem eu gosto. Não é o suficiente?

— Somos amigos, Dash. Não estrague isso. — Minha voz estava arranhada, se partindo. — Por favor. Você não me quer; você só me quer agora porque se sente ameaçado.

Sua mão bateu no armário ao lado da minha cabeça, me fazendo pular.

— É isso. Continue mentindo para si mesma, porque aí talvez você não me queira tanto quanto eu quero você, não é? — Ele balançou a cabeça, procurando, esperando minha resposta, mas manteve a boca fechada. — Tudo bem.

Dash se afastou, me deixando mole contra o metal frio e com o coração batendo forte enquanto tentava segurar as lágrimas.



Capítulo 22



Peggy

A limusine parou no meio-fio, e mamãe rapidamente nos colocou em posição na frente do pequeno arbusto de hortênsias em nosso jardim.

Os pais de Byron não estavam presentes. Ele disse que o pai estava viajando a negócios, e, bem, sua mãe ainda estava resolvendo algumas coisas.

Eu não me intrometi. Em parte porque sabia que Byronalaria comigo sobre a mãe quando se sentisse confortável, e em parte porque Dash, embora não estivesse presente, continuou invadindo cada pensamento meu.

— Ok, um pouco mais perto — disse mamãe. — Aí mesmo! Digam xis!

Nós sorrimos, e eu mal senti o braço de Byron em volta de mim enquanto mamãe tirava foto após foto; quando ele mudou de posição para me dar um beijo na testa, minha mãe firme atrás da tela de seu celular, eu lutei contra uma onda de exaustão.

Daphne e Willa chegaram alguns minutos depois, e eu agarrei as camadas de tule cor de chiclete, as botas raspando na grama, e me juntei a elas, analisando seus vestidos.

Elas decidiram combinar os vestidos de noite, visto que decidiram abrir mão de ir com meninos para irem juntas. Em bronze cintilante e ameixa, suas saias eram fofas em volta das coxas, como se elas estivessem usando anáguas por baixo.

Eu levantei a bainha do vestido de Willa, descobrindo uma abundância de tule, quase me arrependi de não ter ido às compras com elas no último domingo.

— Esses vestidos são fantásticos.

— Dê uma olhada nas costas — Daphne disse, girando para exibir um grande laço, com caudas penduradas nas laterais da saia e terminando na bainha. — Fofo, hein?

— Vocês, meninas, parecem princesas da Páscoa muito sensuais — disse mamãe, tirando foto após foto.

— Princesas da Páscoa? — Daphne questionou, os lábios vermelhos se estreitando.

— Ignore. Você está incrível. — Estendi a mão e toquei em um dos cachos longos de Willa.

Ambas estavam com cílios postiços, e embora eu desejasse ter feito o mesmo, apenas usei o curvex e apliquei uma dúzia de camadas de rímel.

— Foto em grupo. — Mamãe gesticulou para que nos amontoássemos.

Assim que sorrimos, outro carro parou. Assim que ouvi portas se fechando, observei o rosto de mamãe perder a cor.

— May?

— Boa noite, Peony.

Nós nos viramos e vimos Dash e sua mãe caminhando pela calçada em nossa direção.

May fungou, erguendo o queixo enquanto examinava nossa pequena casa.

— Minha nossa. É pior do que eu pensava.

— Ótimo ver você também. Você pode ir agora — mamãe disse, de mãos nos quadris.

— Desculpe, Peeny. — Dash puxou suas mangas. — Ela insistiu em vir para tirar algumas fotos.

— Bem, é o último ano do meu filho na escola. Eu acho que é perfeitamente compreensível. — Ela abriu a bolsa, tirando uma câmera do tamanho da minha cabeça. — Agora, como faço pra essa coisa funcionar?

Dash suspirou, puxando as lapelas de seu smoking cinza-ardósia, então pegou a câmera dela e clicou em alguns botões.

Lentamente, fechei a boca, engolindo saliva para me livrar da secura que a infestou.

Byron pigarreou.

— Hum, Pegs? O que ele está fazendo aqui?

— Levando Peggy para o baile — Dash disse.

Minhas mãos tremeram quando vi que ele estava usando uma gravata-borboleta. Uma gravata-borboleta da mesma cor do meu vestido. Byron não topou fazer isso quando eu trouxe a ideia, dizendo que não era fã de rosa. Dash definitivamente não era fã de rosa, mas ainda assim... Eu balancei a cabeça, piscando rapidamente.

— Dash, nós já falamos sobre isso.

— Você falou, eu escolhi não ouvir. Egoísta, lembra? — Ele piscou, mas estava tudo menos feliz quando seus olhos pousaram em mim e depois se moveram para Byron.

May deu um tapa em seu braço.

— Malditos mosquitos. Podemos nos apressar antes que eu pegue malária ou algo do tipo?!

— Pegar malária? — mamãe perguntou, incrédula.

Sabendo que aquilo poderia dar errado, a menos que todos nós entrássemos na limusine parada perto do meio-fio e saíssemos, eu me arrastei até Dash.

— Vai rápido.

May franziu a testa, segurando a câmera.

— Não me lembro de você ser tão arrogante, Peggy Sue.

— Provavelmente porque você nunca prestou atenção em ninguém além de si mesma. — Mamãe estava ao lado dela, o celular já preparado. A visão das juntas pela primeira vez em anos foi surpreendente. Tão diferentes, mas era quase como se nada tivesse mudado.

— Você não tem fotos suficientes? — May resmungou enquanto tirava a vigésima ou trigésima foto. Byron permanecia parado, e Willa e Daphne mexiam no celular.

— Não seja tão usura.

— Eu não acredito que você realmente disse isso.

May abaixou a câmera, voltando-se para mamãe.

— Acredite, usura.

— Quantos anos você tem, quatro?

— Você não saberia porque perdeu muitos dos meus aniversários, sua, sua, bruxa favelada egoísta.

As bochechas de minha mãe coraram, e eu agarrei o braço de Dash com um pouco mais de força, me confortando com o cheiro de sua loção pós-barba.

— O que te deu na cabeça para trazer sua mãe aqui?

Dash grunhiu.

— Eu não pensei em nada. Além disso, ela veio escondida. Eu não sabia que ela estava no banco traseiro até que cheguei na metade do caminho para cá.

— Ah, eu sou a egoísta, não é? — minha mãe disse.

— Hm, sim. Sim, você é. — May concordou com a câmera em mãos. — Você nem me disse que meu filho ia para o baile com Peggy.

— Porque você me disse que eu era uma prostituta sem classe por não ficar com um homem que eu não amava e por dar adeus à minha fantástica mansão.

— Será que ela realmente disse isso? — perguntei a Dash pelo canto da boca.

— Provavelmente.

— Eu não disse que você era uma prostituta. Eu disse que você era uma idiota. Tem uma grande diferença.

— Ah, porque isso é muito melhor.

— Seria melhor que a gente...? — Eu apontei para a limusine.

Dash acenou com a cabeça.

— Sim.

Chamei Daphne e Willa, que pareciam querer ficar e continuar assistindo aos anos de dor e frustração explodirem na frente da minha casinha aconchegante.

Todos nós entramos no carro, a porta se fechou ao som da competição de gritos, e então Dash começou a rir.

— O quê? — perguntei, sentando ao lado de Byron.

Dash se acomodou do meu outro lado, apontando para a janela. Elas ainda estavam gritando, mas tudo o que podíamos ver eram rostos vermelhos e enfurecidos junto de mãos voando para lá e para cá.

— Quem quer um pouco de champanhe? — Daphne perguntou, tirando a rolha da garrafa, que estava esfriando em um balde de gelo.

Ela serviu um copo para todos nós, e Willa suspirou.

— Você acha que elas vão se reconciliar?

Dash e eu falamos ao mesmo tempo.

— De jeito nenhum.

— Nem ferrando.

— Que pena — ela resmungou, tomando um gole de sua taça.

Byron sentou-se em silêncio ao meu lado, pude sentir a tensão começar a crescer dentro do espaço com ar-condicionado.

— Então, que limusine legal.

Byron bufou, ninguém mais disse uma palavra.

Daphne ergueu uma sobrancelha para mim, bebendo seu champanhe para esconder o que eu sabia ser um sorriso de “eu-te-disse”.

O silêncio se estendeu. Minhas mãos ficaram úmidas.

Dash se inclinou para mim.

— Então, sua casa ou a minha depois?

Eu poderia ter dado um soco no nariz dele.

— Cale-se.

— O que você disse? — Byron perguntou, se inclinando para se afastar e ficar próximo de mim ao mesmo tempo.

Dash passou um braço atrás da minha cabeça, e eu sabia, mesmo sem precisar olhar, que ele estava com um sorriso zombeteiro.

— Só para ver quais são os planos da nossa garota para hoje mais tarde. Nada com que sua bela cabecinha tenha que se preocupar.

— E por que você acha que esses planos te envolveriam?

Eu me virei para Dash, implorando com os lábios apertados e olhos enormes. Ele não estava olhando para mim. Dash estava olhando diretamente por cima da minha cabeça quando disse:

— Você não sabia? Peggy e eu tínhamos esse maravilhoso acordo de amizade colorida.

Daphne ou Willa tossiu.

Eu morri.

— Peggy? — Byron perguntou atrás da minha cabeça. — Do que ele está falando?

— Nada — eu disse com os dentes cerrados. — Não é nada. Não mais.

Dash fixou seus olhos em mim, as sobrancelhas franzidas.

— Nada, você diz? — Seus lábios se curvaram enquanto seu olhar permanecia firme no meu. — Eu não diria que garantir que nossa Peggy Sue estivesse pronta para você não fosse nada. Mas você pode me agradecer mais tarde.

As meninas arquejaram, e ouvi um baque no chão da limusine.

— Dash, Jesus. — Eu estava prestes a chorar ou dar um tapa nele. Eu não conseguia me decidir sobre qual dos dois.

— Pronta? — O tom de Byron estava cheio de advertência.

Dash o ignorou.

— Você sabe, se certificar de que ela obteve a quantidade certa de conhecimento. — Ele baixou a voz, inclinando-se sobre mim. — Quando você a beija, precisa ter certeza de que atingiu aquele toque suave e doce, se esforçando para arrebatá-la do jeito que estamos morrendo de vontade de fazer. Você sabe o que estou dizendo?

Eu dei um tapa forte no peito dele, sem palavras e incapaz de recuperar o fôlego quando a limusine dobrou uma esquina.

Dash me segurou, e eu puxei meu braço antes de me virar para Byron.

Ele engoliu em seco, os punhos iguais a duas bolas de concreto no colo.

— Você o beijou, Pegs?

A risada veio de Dash.

— Ela fez mais...

Willa praticamente gritou.

— Ah, olhe. Chegamos.

Eu nunca estive tão grata por ver os portões da escola antes, e quase pulei sobre Dash para sair e tomar ar fresco.

Eu sorvi uma respiração rápida após a outra, resistindo à vontade de abanar minhas bochechas aquecidas.

Depois de me enviar olhares questionadores, Daphne e Willa deram os braços, indo em direção à entrada do ginásio.

Um arco repleto de rosas e um caminho forrado de pétalas conduzia à entrada. Havia serpentina espalhada pelo terreno. A música ecoava pelas portas. Risos, vaia e alguns gritos avançaram sobre os jardins, que escureciam. Eu parei de andar bem distante da entrada, não exatamente certa do que eu deveria fazer com meus dois acompanhantes improváveis, especialmente agora que Dash abrisse sua boca traía.

Dash não havia sido convidado para ir comigo. Depois de apenas aparecer sem ser chamado e do que fez no carro, a coisa certa a fazer seria deixá-lo sozinho e entrar com Byron.

Mas Byron descartou essa possibilidade quando andou na frente, nem mesmo olhando para trás para ver se eu estava seguindo o mesmo caminho.

Uma mão agarrou a minha, e Dash me puxou com ele em direção ao percurso crivado de pétalas de rosas macias. Quase me matou esmagá-las com o peso das minhas botas, embora tenha ajudado a imaginar as bolas de Dash enquanto eu tentava remover a mão de seu aperto mortal.

Paramos para tirar nossas fotos, e me vi sorrindo de verdade quando Dash sussurrou em meu ouvido.

— Você está maravilhosa.

A câmera disparou, e então nós seguimos adiante, minha palma ficando úmida na dele enquanto as pessoas se viravam para nos ver entrar na multidão. Antes de nos perdermos nela, Dash nos levou até um canto vazio, e antes que eu pudesse me afastar, ele pegou em meu rosto.

— Você adora causar problemas para mim, não é? — sussurrei, me perguntando se Byron falaria comigo depois daquilo tudo.

Seus lábios se contraíram, seus olhos azul-escuros sob as luzes dançantes da pista de dança acima de nossas cabeças.

— Isso nunca vai mudar.

Lambi meus lábios.

— Nunca? Dash...

— Eu amo você. — Sua expressão não refletia sua confissão, mas ainda me surpreendeu. — Mais do que um amigo deveria. O tipo de amor o qual você cai duro e tenta desesperadamente escapar, mas é difícil pra caralho.

— O quê? — Eu balancei a cabeça, tentando me desvencilhar de seu aperto. — Não, você está mentindo.

— Pensa nisso, Peggy. Volte à realidade e pense no assunto. — Seu aperto aumentou, e ele deu um passo à frente, sua voz com um tom determinado que atrapalhou qualquer resolução que eu ainda tivesse. — Você sabe que não estou mentindo. Não vou mais causar problemas para você essa noite, mas se você acha que pode me amar também, termine com Byron. Pelo amor de Deus, por favor, acabe logo com essa história. — Ele deu um beijo firme e desesperado na minha testa. — E então venha me encontrar.

Então Dash foi embora, uma grande sombra que se perdia em um mar de cores.

A umidade escorreu pela minha bochecha. Eu a limpei, tentando lutar contra as emoções que queriam que eu saísse correndo atrás dele.

Eu não podia. Eu não conseguia entender nada, e quanto mais eu ficava ali, com meus pensamentos girando e o coração batendo forte, mais confusa, assustada e isolada eu me sentia.

Olhando ao redor, vi Byron perto das mesas de petiscos.

Peguei a saia do meu vestido, reuni um pouco de coragem e fui até lá rapidamente para não o perder de novo.

— Ei — eu disse, batendo em seu braço. — Que jeito de me deixar do lado de fora. — Eu ri, tentando fazer parecer que não era grande coisa, quando meio que era.

Ele levou um momento para responder, e quando o fez, seus olhos miraram com raiva e dureza meu rosto.

— Você não parecia precisar de mim.

— O quê?

Ele suspirou, ajeitando o paletó azul-claro.

— Quando você o beijou?

Minha boca se abriu e fechou. Eu não queria mentir, mas não conseguia dizer a verdade.

— Não o beijei desde que começamos a namorar. — O desejo de admitir que não era exatamente verdade contraiu minhas cordas vocais, embora eu soubesse que admitir isso só causaria mais

problemas. Medo, muito medo, cresceu dentro de mim. Receio inabalável. Eu gostava de Byron. Eu gostava de Dash. Eu odiava esse jogo de indecisão em que acabamos nos metendo.

Uma sobrelhaça acentuada se ergueu enquanto Byron estudava meu rosto.

— Eu quero acreditar em você.

— Então acredite em mim. — Endireitei os ombros. — Eu não posso te obrigar, mas não o convidei hoje. Eu não tinha ideia de que Dash apareceria daquele jeito.

— É? Bem, eu acho que não importa o que você fez ou deixou de fazer.

— O que isso quer dizer?

Ele acenou com a mão, forçando um sorriso para alguém atrás de mim, então voltou sua atenção para mim, a voz áspera e baixa.

— Isso significa que você não se importa o suficiente para impedi-lo, e estou começando a me perguntar quem ou o que você quer. Eu? Ou ele?

Com isso, ele saiu para falar com alguns de seus companheiros de time.

Eu queria gritar para Byron que tentar impedir Dash de fazer qualquer coisa era uma viagem só de ida à terra da insanidade, mas isso não era totalmente correto e não fazia diferença.

Passei a maior parte da noite sentada na parte externa do salão, me perguntando o que fazer; me perguntando a respeito de todas as coisas que eu deveria ter feito de um jeito diferente.

Willa e Daphne me pressionaram, tentando conseguir informações sobre Dash, mas eu apenas balancei a cabeça. Elas tentaram me persuadir a dançar com as duas, mas eu não estava interessada. Meus olhos continuaram patinando sobre a pista de dança, mas se eu estava procurando por Dash ou Byron, não conseguia ter certeza. Dash estava longe de ser encontrado, e Byron estava ocupado dando goles de um pequeno cantil que ele enfiara dentro do bolso do paletó enquanto pisava em balões com seus amigos e conversava com algumas das líderes de torcida.

A situação estava longe de terminar quando todos foram dispensados e mandados de volta para suas casas. Eu fui com Daphne, Willa, Byron e alguns de seus companheiros de equipe para uma festa a duas ruas de distância da escola, em um antigo armazém que os pais de algum aluno alugaram.

Porém não conseguimos entrar.

Depois que todos saíram, Byron fechou a porta e disse ao motorista para dar a volta no quarteirão até que ele o mandasse parar.

— O que está acontecendo?

Ele me serviu uma taça de champanhe, e eu a peguei, tomando um grande gole enquanto ele se sentava ao meu lado.

— Eu fui um escrota antes. Acho que precisamos conversar.

Franzi as sobrancelhas e apoiei minha taça no colo.

Os olhos de Byron pareciam se afogar em remorso, de modo que suas palavras seguintes me desanimaram.

— Kayla realmente me ferrou, você sabe disso. — Ele soltou uma risada. — Todo mundo sabe disso. E também tem a merda com minha mãe e com o meu pai. — Ele tomou um longo gole de champanhe, a garganta ondulando enquanto engolia; então passou a mão pelo cabelo. — Acho que só estou com medo de ser sacaneado de novo.

Sem saber o que dizer, bebi um pouco mais e coloquei a taça na mesa. Meus dedos se curvaram, e encontrei seus olhos, a confusão me envolvendo como um tsunami quando tentei pensar no que dizer ou fazer.

— Entendo.

Peguei o copo de volta, bebendo o que sobrou. Afundando para trás contra o assento, exalei lentamente, meus membros e coração pesados. Onde estava Dash? Eu o imaginei esperando por mim na festa, caso ele fosse. Talvez ele e os amigos tivessem ido para a pista de skate para beber e fumar maconha.

— Byron — eu disse quando olhei para cima e encontrei seus olhos em mim.

Minha respiração travou quando ele pegou meu copo vazio e o colocou junto ao seu na pequena mesa antes de se aproximar mais.

— Talvez possamos conversar mais tarde. — Sua mão levantou, acariciando minha bochecha com os dedos. — Talvez eu precise sentir que você quer isso também. — Então ele me beijou, o corpo encostado no meu, forçando-o para trás no banco. Eu mal podia sentir o couro sob minha pele quando ele puxou meu vestido até meus quadris com uma mão e usou a outra para puxar as alças para baixo. O vestido não cedeu, e como era velho, a alça arrebentou, enquanto sua língua explorava minha boca.

— Caralho, já não era sem tempo, Peggy Newland. Abra essas coxas bonitas para mim — ele murmurou em minha boca.

Seus dedos encontraram minha calcinha, e eu fechei os olhos enquanto as rachaduras se alargavam em enormes fissuras em meu peito.

Eu esperei pelo calor, pela eletricidade que senti com Dash ou até mesmo a palpitação que sentido com em Byron.

Não vieram. Talvez fosse melhor assim. Você não pode se queimar se não pegar fogo. Byron era bom. Byron era seguro. Byron não destruiria anos de amizade.

Nada foi como deveria. Nada como eu sonhei que seria. Medo e desespero guerreavam para me manter sob ele enquanto seus dedos tocavam minha pele. Memórias de Dash fazendo a mesma coisa se infiltraram, e todas as minhas falsas garantias caíram por terra como um castelo de cartas. Eu engasguei, tentando me afastar de sua boca. Byron se ergueu sobre mim, e eu pisquei, formigamentos nublando minha corrente sanguínea devido às poucas bebidas que tomei. Antes que eu pudesse falar, minha calcinha havia sumido, e seus dedos estavam entre minhas pernas.

Por longos momentos, eu me perdi, uma camada de gelo derretendo quando prazer se acendeu. Meus olhos se fecharam, e meu corpo se transformou em mingau enquanto ele beijava e explorava suavemente.

— Deus, você é muito gostosa. Você vai gozar?

Eu mal pude engolir, muito menos responder, enquanto ele tentava inserir um dedo, e a dor, acompanhada pelo som de sua voz, me mandaram cambaleando de volta à realidade. Sua língua mergulhou profundamente em minha boca enquanto ele tirava o dedo e me esfregava.

— Mal posso esperar para estar dentro de você.

Achei que sabia o que significava ficar enjoada até aquele momento. Até que eu percebi o que estava acontecendo e o que iria acontecer. Tentei arrancar minha boca da dele. Tentei fechar as pernas e puxar a mão dele. Quando isso falhou em chamar sua atenção, afundei meus dentes em seu lábio, com força.

— Porra — Byron rosnou, e o gosto de sangue encheu minha boca. Eu cuspi, evitando, por pouco, seu rosto.

Ele rolou de cima de mim para o chão.

— Merda, Peggy. Que porra é essa?

— Desculpe, mas eu não posso — disse eu, a culpa me ardendo nos olhos.

Ele sibilou entre os dentes cerrados, passando um dedo no lábio.

— Você é uma selvagem. — Bati na janela, querendo sair do carro. — Você disse que gostava de mim.

Eu ri de verdade quando as lágrimas começaram a cair pelo meu rosto.

— Eu quero, mas não posso fazer isso agora. Eu estou muito...

— Eu funguei, as palavras me escapando. — Confusa.

Seus olhos se arregalaram, e ele deslizou pelo chão até o assento.

— Confusa? Não sai assim, conversa comigo.

Chuei o lábio, olhando para seu colo, onde a calça era uma tenda; mas depois forcei meus olhos para longe.

— Não sei como explicar. Ou até se eu deveria. — Tentei sorrir para Byron. — Nós dois bebemos, então talvez seja melhor esperar.

— Você estava gostando...! — disse ele, um pouco veementemente demais para o meu gosto. — O que fiz de errado?

Arrependimento, eu aprendi, era algo que não chegava devagar. Ele atingiu meu estômago com a força de mil facas afiadas e despedaçou tudo lá dentro.

Byron era meu namorado, e eu gostava dele. Então por que, de repente, senti como se fosse vomitar a qualquer momento? Eu não sabia muito no que se tratava de relacionamentos, mas entendia o suficiente para compreender que não deveria me sentir desse jeito. Como se talvez eu estivesse errando. Talvez eu estivesse no lugar errado com a pessoa errada.

Contendo um estremecimento, balancei a cabeça e ignorei a mão que tentou me alcançar.

— Apenas peça ao motorista para encostar, por favor.

Algo bateu no para-brisa, e a limusine parou bruscamente. A porta se abriu e Willa gesticulou para que eu saísse. Sem olhar para Byron, corri até Daphne, que estava calçando o sapato.

— Você jogou isso no meu carro? — Eu ouvi o motorista perguntar.

Arrumei meu vestido e tentei arrumar meu cabelo enquanto cambaleava um pouco. Eu nem estava usando calcinha.

— Você não parou quando eu acenava para você, então, sim, eu joguei. E a porra do seu limpador de para-brisa arranhou. Eles custam mais do que o seu salário semanal, idiota.

O motorista recuou, sentindo, pelo olhar de Daphne, que ela seria desagradável se ele tentasse discutir. Ele voltou para dentro.

— Peggy, por favor. Espera um minuto, cacete — disse Byron, saindo da limusine.

— O que ele fez? — Willa disse, me ajudando a ficar estável enquanto tudo que havia acontecido naquela noite ameaçava me mandar direto para o chão duro.

— Nada. Vou chamar um táxi e voltar para casa.

— Peggy! — Byron veio em minha direção, quando um grupo de caras começou a vir até onde estávamos.

— Ei, Woods! Carro maneiro. — Eu reconheci um deles da aula de matemática. — Acha que pode nos dar uma carona? Temos algumas paradas para fazer.

Byron olhou para mim, e eu sorri, esperando que não fosse uma careta, então virei de costas para tirar meu celular do sutiã.

— Seu vestido. — Willa engasgou. — Ele tentou...?

— Não. Está tudo bem. Eu só quero ir para casa — eu disse, cedendo à tentação e me sentando no chão de concreto enquanto a limusine se afastava.

Elas se sentaram comigo, e eu chorei ao explicar o que aconteceu enquanto esperávamos por um táxi.



Capítulo 23

Dash

Eu esperei do lado de fora do ginásio, bebendo com os caras na outra extremidade do campo de futebol, enquanto o resto da escola agia como um bando de idiotas, todos arrumados como pavões enquanto apontavam quem se vestia melhor e quem cagava cheiroso.

Então corremos para onde a verdadeira diversão começaria depois da festa.

Mas eles nunca apareceram.

Nem Peggy, nem Byron, droga, mesmo Daphne e Willa ficaram lá apenas por alguns minutos. Durante todo o fim de semana, tentei não deixar que, seja lá o que aquilo era, não me fizesse ultrapassar o limite onde eu estava me equilibrando por semanas. Mas, porra, estava ficando cada vez mais difícil de me controlar.

— Sem amigos para agir como um adolescente imbecil neste fim de semana? — papai perguntou enquanto folheava o jornal de domingo.

Tirei meus óculos e coloquei o livro de lado, beliscando a ponte do nariz enquanto mamãe passeava pela sala de jantar fingindo reorganizar as coisas para parecer ocupada.

— Vá fazer um martini, mãe. Você está me deixando nervoso só de olhar.

— Então não olhe para mim, e olhe como fala.

— Dashiell — papai disse em um tom que transmitia que ele não queria me repreender, mas estava prestes a fazer isso. — Não fale assim com ela.

Afastei meu prato meio acabado de ovos mexidos.

— Ela te contou sobre a briga que teve com Peony?

Papai olhou para minha mãe, baixando os óculos sobre o nariz para olhar para ela.

— Briga?

Ela deixou cair a moldura que estava segurando, de modo que o porta-retrato bateu no armário com um estrondo.

— Foi uma briga boba.

— É isso que você chama de dizer a alguém que ela é uma prostituta sem classe?

Papai tirou os óculos, inclinando a cabeça.

— Como é?

— Eu não a chamei assim. Eu a chamei de idiota sem classe.

Eu sufoquei uma risada com a mão. Meu pai piscou enquanto olhava para ela.

Ela afastou uma mecha de cabelo rebelde do rosto.

— Ah, qual é. Não me olhe assim.

— O que mais você disse?

Foi uma daquelas raras ocasiões na minha vida em que vi as bochechas da minha mãe ficarem vermelhas com algo diferente de maquiagem. Sentimentos.

— Não foi grande coisa.

— Ela disse que Peony era uma usura egoísta. — Eu terminei meu suco de laranja. — Entre outras coisas.

A boca do meu pai ficou escancarada.

— Mesmo?

Mamãe fez um som raivoso, aproximando-se de mim.

— Pela primeira vez na sua vida, você poderia pelo menos fingir que me ama?

— Fingir exige esforço.

Agora foi papai quem fez um barulho como se estivesse com raiva, e eu empurrei minha cadeira para trás.

— Ok, estou indo.

Com o livro e os óculos nas mãos, caminhei para o meu quarto, mas o que ouvi quase me fez tropeçar..

— Venha aqui.

— Mikael, não preciso de sua reprimenda ou sermão agora.

Papai disse de novo em um tom que não dava margem para discussão.

— Venha aqui. — Eu quase podia imaginar seu suspiro dramático antes que ela fizesse o que ele pediu. — O que aconteceu? — ele perguntou, a voz suave.

Então vieram as lágrimas.

— Ah, foi simplesmente horrível.

Eu balancei a cabeça e fugi para o meu quarto.

Chutando a porta, deixei o livro na mesa de cabeceira e coloquei os óculos no rosto enquanto ligava a TV e esperava o jogo carregar. Por mais que eu não quisesse ligar para Peggy e descobrir por que ela não veio me ver — e se isso significava o que eu temia —, estava me matando não ter certeza de nada.

Mas acho que preferia morrer lentamente a confrontar minha infelicidade ao ouvir o som da voz dela.

Peggy não estava online, e depois de jogar algumas partidas com Jackson, joguei os óculos e o controle na cama e decidi me distrair com pensamentos mais felizes. Ao menos para me impedir de mandar mensagens para ela até meus dedos sangrarem.

Pensamentos de quando Peggy esteve ali, naquele mesmo quarto, correram pela cabeça. Suas pernas se abrindo entre as

minhas, como uma flor que desabrocha para meus dedos explorarem suas profundidades suaves.

Minha mão entrou debaixo da minha calça xadrez de pijama, envolvendo meu pau. Meus olhos se fecharam, a cabeça caindo para trás quando me lembrei de como ela parecia toda inocente, olhos curiosos e bochechas coradas de luxúria, enquanto passava a língua no meu pau.

Combinado com o som de sua respiração ofegante, os gemidos de prazer surpreso que arranquei dela, e a maneira como encharcou minha mão, eu gozei freneticamente, alcançando a caixa de lenços de papel ao lado da cama para limpar tudo que ela havia feito entrar em erupção.

Depois de jogá-los no lixo e rolar para olhar para uma foto nossa pregada na parede ao lado da minha cama, desejei que todos os outros sentimentos que Peggy evocava pudessem ter sido gastos da mesma forma.

Tortura.

A incerteza, a esperança, a queda livre em que me joguei de boa vontade — não era nada além de tortura.



A multidão se separou com alguns sussurros e risos. Todas as besteiras de sempre em uma manhã de segunda-feira.

Meus olhos procuraram Peggy, mas ela não estava perto do seu armário, nem Byron. Eu cheguei bem a tempo de o sinal tocar, então fiz a rotina sozinha, destrancando meu armário e trocando os livros antes de me arrastar para a aula.

Peguei meu celular enquanto uma professora conversava com outra na porta, e pela primeira vez desde sexta-feira, entrei no Facebook.

Eu não era um grande fã disso, mas assim como a maioria das pessoas que não curtem, eu ainda usava quando dava ou quando não tinha nada melhor para fazer. Passando o dedo sobre a tela,

senti o ar sair de mim quando vi que alguém havia marcado Peggy em uma postagem passivo-agressiva sobre garotas boas que ficam más.

Ela não respondeu a postagem. Por que não se desmarcou? Fiquei olhando para ela até que uma mão bateu na mesa e Annika se recostou na cadeira, sorrindo como se tivesse comido um arco-íris e unicórnios no café da manhã.

— O quê? — Eu rebati quando ela não disse nada.

— Só estou tentando descobrir se você sabe o que nossa querida Peggy Sue fez com um certo alguém em uma limusine na sexta à noite!

Meu coração se desintegrou, caindo como cinzas no estômago.

Annika fez um beicinho.

— Acho que não. — Ela baixou a voz para um sussurro quando a professora voltou para a sala. — Vou ser a portadora de notícias tão alegres então. Ela brincou com Byron. Ouvi dizer que ele tem dedos experientes e que Peggy tem um gosto terrível para calcinhas.

Ela se virou quando eu não fiz nada além de olhar para ela, perplexo e fora da realidade.

A professora chamou meu nome duas vezes antes que eu finalmente levantasse a mão. Assim que o sinal tocou, eu saí de lá.

Estar no corredor cercado pelo corpo discente fofoqueiro não era muito melhor. As paredes pareciam derreter, armários e portas se aproximando a cada passo que eu dava rumo à frente da escola.

Meu coração estava afundando a cada passo vacilante, minhas mãos tremendo, enquanto eu enxugava as gotas de suor do couro cabeludo ao passar por um grupo de atletas.

— Ei, cuidado, Thane.

— Vai se foder — eu retruquei.

A risada de Hennessy me incomodou.

— Você está bravo por sua amiguinha ter se dado bem na última sexta? Não fique. Ela está preparada para você agora.

A palavra “preparada” foi o gatilho.

Eu me atirei nele, prendendo o braço contra seu pescoço volumoso.

— Você quer morrer?

Ele gaguejou, o rosto adquirindo um tom opaco de vermelho enquanto lutava para respirar.

— Relaxa. Eu só estava brincando com você.

Mãos puxaram minha camisa, e eu a senti rasgar quando Lars e Raven me tiraram de cima dele.

Hannessy sacudiu os ombros, sorrindo ao mesmo tempo em que tossia. Como se ele quase não tivesse levado uma surra.

— Lá fora, cara. Vamos. — Lars me empurrou em direção às portas enquanto os alunos começavam a se dirigir para a aula.

Eu me afastei, as mãos afundando no cabelo assim que respiramos ar fresco. Caminhando até os degraus, me inclinei.

— Porra. — A palavra saiu de mim com um gemido rouco.

Parecia que meu coração estava preso em um torno, sendo esmagado, embora nada mais tivesse sobrado. Eu tinha sido torcido, esvaziado e não conseguia respirar sem sentir a porra de cada inspiração.

— Quer um baseado? Eu tenho alguns guardados no carro — sugeriu Rave.

— Cara, ele não precisa de maconha. — A voz de Jackson chegou através da névoa.

— Parece que ele precisa de alguma coisa.

Eu gemi novamente e me endireitei. Foda-se tudo isso.

Foda-se isso, fodam-se eles.

Talvez nem fosse verdade. Se não fosse por tudo aquilo que praticamos, eu definitivamente não acreditaria nessa merda. Mas era isso que ela queria de mim. Era a única coisa que ela queria de mim. Experiência para usar com ele.

— Você falou com Peggy depois de sexta-feira? — Lars perguntou.

— Não — eu disse, limpando a garganta quando a palavra saiu arranhando. — Pensei em dar a ela algum espaço. Eu disse a ela... — Eu parei. — Pedi a ela... — Parei novamente, meus olhos nublados com uma névoa de descrença.

— Você perguntou o que a ela? — Lars perguntou.

Passei a mão pelo cabelo.

— Não importa.

— Eu nem a vi — disse Raven. — Mas se ela está aqui, vá procurá-la, cara. É só falar com ela ou algo assim.

— Não sei se tem algo para conversar. — E eu não queria falar sobre isso com eles ou com qualquer outra pessoa.

Eu caminhei de volta para as portas, então parei quando vi o carro de Peggy entrar no estacionamento.

Os caras ficaram em silêncio atrás de mim enquanto ela descia com calma, de botas,, o cabelo enrolado e se movendo sobre os ombros.

Ela trancou o carro, a bolsa de couro mostarda pendurada no braço enquanto cruzava o gramado.

Raiva e traição fermentaram dentro de mim, criando um fogo selvagem de calor que precisava de uma válvula de escape. Silenciosamente, implorei para Peggy apenas olhar para mim, levantar a cabeça e me mostrar que o que eu ouvi não era verdade.

Quando ela chegou nas escadas, olhou para cima, inclinando-se, enquanto quase tropeçava no primeiro degrau. Eu vi seu peito arfar enquanto ela inspirava, e então aconteceu. Olhos encharcados de lágrimas procuraram os meus, e eu soube.

Não eram fofocas sem fundamento. Sempre havia uma verdade entre as mentiras, e a verdade de hoje envolvia melhor amiga.

A garota por quem eu estupidamente me apaixonei.

Eu me dirigi para o outro lance de escadas, percorrendo o caminho mais longo ao redor dos jardins até o estacionamento.

— Dash? — Sua voz era como gelo sobre uma queimadura, mas eu não deixaria isso me acalmar, não quando foi ela quem causou a

dor. — Dash!

—Eu ouvi Lars dizer a ela para me deixar em paz, e então não ouvi mais nada além do baque silencioso e lamentável do meu próprio batimento cardíaco enquanto eu me fechava no meu carro e saía da escola.



Eu não fui muito longe.

Não, isso seria impossível.

Eu estacionei e esperei. E quando o relógio bateu duas horas, dirigi de volta e estacionei ao lado da horrível caminhonete de Byron.

As árvores pararam de balançar, e o ar parecia mais pegajoso do que deveria quando eu fechei os punhos ao lado do corpo, abrindo e fechando a mão, enquanto ele levava seu tempo para chegar ao carro.

Vamos, cuzão. Olhe para cima e veja a ira que o espera.

Como se tivesse ouvido o comando silencioso, Byron diminuiu a velocidade da caminhada, o sorriso que exibia ao digitar algo no celular sumindo tão rápido quanto ele o guardou no bolso.

— Estava me perguntando onde você estaria.

Isso era resignação em sua voz? Bom. Ele deve se sentir assim. Mas não foi o suficiente. Eu estalei os dedos, e seus passos diminuíram mais quando ele ouviu o som. Eu não queria que ele se conformasse. Eu o queria morto ou o mais perto possível disso.

Byron jogou as mãos para cima, a bolsa de ginástica caindo no asfalto.

— O que posso dizer, cara? — Seus lábios se abriram em um sorriso. — Estou tão longe de me sentir arrependido, que não sei nem mais soletrar essa palavra.

Eu me lancei nele, nos levando ao chão. Meu cotovelo bateu no concreto, fazendo meu braço sacudir, mas não me importei. O baque e o som de dor que veio de Woods quando ele atingiu o chão

foi música para meus ouvidos. Meu punho bateu em seu rosto, e ele acertou um soco no meu queixo. Minha cabeça girava, mas minha raiva não me deixava parar; às cegas, continuei acertando golpe após golpe. Seu peito, sua bochecha, sua boca, e então eu ouvi um estalo, e sangue jorrou sobre meus punhos.

Gritos e berros se seguiram, mas eu estava distante demais para ouvir qualquer coisa, preso sob ondas de agonia que precisavam ser liberadas.

Mãos agarraram meus ombros, e um punho encontrou o lado da minha boca, o gosto forte de sangue atingindo minha língua enquanto eu gritava, lutava e xingava seja lá quem me prendia.

— Para, porra. — A voz de Raven penetrou minha névoa.

— Você vai matar o cara ou ter um ataque cardíaco. Calma, caralho. — Lars deu um tapa na minha cara enquanto Rave e Jackson me seguravam; um professor ajudou Byron a se sentar no chão.

— Senhor Thane. — O diretor Denham veio pisando com força, o sapato de crocodilo falso ressoando. — Minha sala. Agora.

Eu o ignorei, e o olhar com fogo vindo diretamente do inferno que tomou seu rosto fez com que eu soltasse meus braços das mãos dos meus amigos.

— Não há necessidade disso. Eu posso ir sozinho. — Limpei o lábio, o coração batendo como uma besta ferida enquanto eu observava Byron se levantar, um de seus olhos já fechados pelo inchaço.

Não foi o suficiente. O fato de ainda estar consciente e, talvez, ser capaz de ver uma fenda de luz do sol me fez acreditar que não estava nem perto de ser suficiente.

— Senhor Thane, eu não vou falar de novo.

— E aquele escroto ali? — Lars apontou para Byron enquanto eu cuspia sangue no chão; então finalmente dei uma boa olhada na multidão que se reuniu.

— Olhe a boca, Lars — disse Denham.

Metade da escola tinha ido embora, mas a outra metade estava toda lá, sussurrando ou rapidamente escondendo seus celulares depois de terem gravado a briga.

— Ele não começou.

Eu soltei uma risada seca, mas realmente não dei a mínima. Eles poderiam fazer o que quisessem, e eu faria o mesmo. Abri a porta do meu carro e pulei para dentro. Lars e Jackson bateram nas janelas, mas eu tranquei as portas. Eu não precisava que eles viessem comigo ou me seguissem como se eu estivesse em algum tipo de grupo de prevenção ao suicídio. Quando o diretor pegou o celular, provavelmente para falar com minha mãe ou meu pai, eu saí do estacionamento, forçando os alunos a pularem para fora do caminho enquanto gritos e mais gritos saíam de suas bocas.

O sangue pingou na minha bochecha, e eu percebi que provavelmente tinha sido atingido mais vezes do que me lembrava. O cara ia à academia todos os dias e treinava fora da temporada também, então fazia sentido que ele soubesse como usar os punhos.

Pena que ele usou seus músculos para conquistar a garota errada, consequentemente arruinando a minha vida.

Eu dirigi pela cidade por sei lá quanto tempo. Tempo suficiente para ser capaz de pensar um pouco mais racionalmente.

Tudo foi para o inferno quando vi o Volkswagen vermelho estacionado do lado de fora dos portões de ferro forjado que protegiam minha garagem. A visão dela — com os braços cruzados sobre o peito, o lábio entre os dentes e o rosto vermelho de tanto chorar — foi quase o suficiente para me mandar de volta à escola para terminar o que comecei.

Quase.

Os portões se abriram, eu entrei, e ela correu atrás de mim antes de ser trancada do lado de fora. A poeira voou, algumas pedras atingindo o carro enquanto eu acelerava para a garagem, então pisei no freio.

Ela surgiu em segundos, estacionando, ofegando e respirando pesadamente.

O som me trouxe pensamentos atormentados, o que me fez cerrar os punhos.

— Por que você foi embora? — sua pergunta soou como uma acusação, e eu balancei a cabeça, uma risada sinistra saindo de meus lábios finos e ensanguentados.

— Vá se foder. Você conseguiu o que queria, não é? — Eu me aproximei dela, percebendo como seus olhos estavam inchados. — Eu te treinei corretamente?

Ela balançou a cabeça, os lábios tremendo.

— Eu sinto muito. Eu sei...

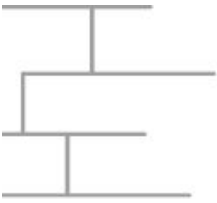
— Eu te odeio. — eu disse com cada gota de devastação que eu sentia.

— Dash... — Sua voz falhou. Seu rosto, ombros, tudo dela parecia se dobrar quando Peggy deu um passo vacilante para trás.

A visão de sua infelicidade estava prestes a me deixar de joelhos, mas minha repulsa me manteve de pé. Eu bati no controle remoto do portão, meu peito arfando.

— Eu te odeio pra caralho, Peggy.

A porta se fechou e escondeu sua expressão despedaçada.



Capítulo 24



Peggy

Eu te odeio pra caralho, Peggy.

Como se não fosse ruim o suficiente que rumores sobre a minha noite tivessem se espalhado por toda a escola, a pessoa de quem eu mais precisava tinha acreditado sem nem mesmo me ouvir. O olhar em seu rosto, a raiva em sua voz, tudo isso doeu mais do que qualquer coisa que tivesse acontecido desde o baile.

Eu espreitei pelos corredores em silêncio, a cabeça baixa e o coração cansado enquanto sussurros e gestos nojentos me encontravam a cada passo. Eu queria gritar com eles, mas sabia que isso só lhes daria mais munição contra mim. Em vez disso, passei muito tempo chorando no banheiro feminino, me afogando em minhas próprias decisões imprudentes.

A aula dificilmente foi um momento de alívio, porque até mesmo os professores olharam para mim como se eu os tivesse decepcionado.

Eu queria um namorado para me sentir desejada, para experimentar o que era ter outro ser humano me tocando e me olhando de uma forma que fizesse meu mundo se encher de cor.

Eu nunca imaginei que isso fosse acontecer.

Eu cometi um erro, o que ficou evidente na maneira como Byron compartilhou tão facilmente o que aconteceu entre nós. Nem uma vez pensei que elealaria sobre algo tão pessoal, e talvez, em circunstâncias diferentes, especial entre nós. Independentemente disso, eu não poderia viver com esse tipo de culpa por muito tempo.

Fiquei sentada em casa durante todo o fim de semana, tentando bolar uma maneira de eu mesma contar para Dash. Dizer a ele que também sinto algo por ele.

Isso era inútil agora, e eu me perguntei se Byron de alguma forma esperara ou planejara isso, ou se ele mesmo se importava por ter tornado minha vida um inferno nos dias que se seguiram. Talvez eu nunca soubesse o motivo, porque toda vez que tentava entrar em contato, ele se afastava e ignorava minhas ligações.

As palavras tinham muito poder. Estava claro que Byron usava esse poder em benefício próprio, sem se importar em como isso afetaria alguém além dele mesmo.

Não era justo, e tudo que eu pude fazer foi me arrastar para fora da cama na terça de manhã e me jogar no covil dos lobos mais uma vez. Eu permiti que isso acontecesse. Eu até estava gostando, antes de tudo o que estava me sufocando ser trazido à tona. Reclamar e bancar a vítima não me levaria a lugar nenhum, no entanto era impossível evitar que esse problema não causasse dor a cada batida do meu coração.

Dash não estava em lugar nenhum, e na hora do almoço, espalharam a notícia de que ele havia sido suspenso e que Byron havia recebido uma semana de detenção.

O boato era que Byron aparentemente precisaria de um cirurgião plástico para tratar do nariz, e foi por isso que ele não apareceu na escola na terça-feira. Achei difícil acreditar, embora não totalmente impossível. Eu só peguei o final da briga antes de ir para casa de Dash para esperá-lo, mas eu tinha visto o suficiente para saber que Dash deixara Byron com uma bela de uma cara amassada.

Dash estava com um lábio arrebitado e um inchaço embaixo do olho direito, mas estava claro que não importava quantos músculos

Byron pudesse ter, ele não seria páreo para a raiva que corria por Dash na tarde de ontem.

Raiva provocada por mim.

Raiva que nem deveria existir, porque embora eu tenha permitido que as coisas entre Byron e eu fossem longe demais, não permiti que ele pegasse nossa sessão de amassos e a transformasse em um entretenimento para as massas. Byron me traiu, e agora eu não conseguia nem chegar perto o suficiente para terminar com ele, muito menos para expressar minha dor.

Era Dash, mas talvez, apenas talvez, ele não tivesse sido suspenso, talvez não me odiasse, não inteiramente, se descobrisse o que fiz me ouvindo, e não dando atenção à fofoca de todo o corpo discente.

— Isso vai passar — disse Daphne enquanto caminhávamos para a nossa última aula do dia. — Assim que alguém fizer alguma coisa fodida, o que, sejamos honestas, vai ser rápido.

— Não foi uma merda qualquer — Willa tentou defender. — Ele era o namorado dela.

Eu sorri para ela, um sorriso fraco, mas agradecido.

Daphne riu.

— Ninguém se preocupa com os detalhes sutis, especialmente quando Dash e Byron estão envolvidos.

Isso não fez com que eu me sentisse exatamente melhor.

— Isso é estúpido.

— É a fofoca da vez.

— Ainda nada do Dash? — Willa perguntou, parando do lado de fora da porta.

Eu apertei meu livro contra o peito.

— O celular dele está desligado.

Elas sabiam o que tinha acontecido. Bem, tanto quanto eu estava disposta a admitir, o que era quase tudo, exceto perseguir o Range Rover de Dash em sua garagem como uma louca.

Mas não tinha realmente me atingido até que eu vi que ele iria fechar os portões para mim — até que ele fechasse a porta da garagem e vomitasse aquelas palavras venenosas na minha cara — exatamente o que eu fiz. Que ao tentar evitar que as coisas crescessem entre nós, ao tentar salvar a amizade de uma vida inteira e ao tentar encontrar algo dele que eu desejava em outra pessoa, eu tinha arruinado tudo.

Não, eu não apenas estraguei tudo, como joguei um galão de gasolina sobre uma fogueira que já estava queimando e fiz nosso mundo inteiro explodir.

— Ele vai se acalmar. Você vai ver. — Daphne colocou uma mecha de cabelo brilhante atrás da orelha. — Eu sei que parece clichê, mas você só precisa dar a ele algum tempo. Dash é um cabeça quente, mas ele está obcecado por você, então não vai ficar bravo para sempre.

Eu queria acreditar nela, e uma pequena parte de mim acreditou, mas conforme os dias passavam e o fim de semana se aproximava, eu estava começando a perder as esperanças, até que fiquei sem lágrimas e sem paciência.

Cansada de tanto que minha mãe me mimava e constantemente me enchia para que eu contasse o que estava acontecendo comigo, eu fui para a casa do meu pai no sábado e fiquei lá para o brunch.

— Você vai me dizer por que parece que comeu minhas balas azedas? — papai perguntou, bebendo seu café.

— Não — eu disse, então empurrei o prato quase cheio de frutas e bacon de lado. — Apenas besteira de adolescente.

Seu bigode se contraiu enquanto ele tentava conter um sorriso.

— Besteira de adolescente? — Ele balançou a cabeça, pousando a caneca de café. — Contanto que você não subestime seus sentimentos, Peggy Sue. — Uma sobrancelha espessa se ergueu. — Não adianta fazer isso, só vai te corroer de dentro para fora.

Suspirei e me levantei da mesa.

— Não foi nada. — Foi, tipo, algo imenso. — Vou pegar alguns presentes no meu quarto.

Depois de me olhar por um longo momento, papai assentiu.

Meus pés pareciam chumbo enquanto eu subia as escadas e seguia pelo corredor do segundo andar em direção ao meu quarto sempre rosa.

Uma respiração trêmula me deixou quando fechei a porta e vi a caixinha marrom ainda na minha cama.

As memórias impressas em papel brilhante entre as pontas dos meus dedos se fundiram em imagens vívidas, que se desenrolaram como um rolo de filme na minha mente. Folheando-as, parei em uma de quando tinha nove anos, vestida com meu uniforme escolar; senti algo se abrir em meu peito.

O escorrega prateado brilhava ao sol do meio-dia enquanto criança após criança gritava, se jogando no metal quente, e batia na parte detrás das coxas, gemendo e rindo.

— Ei, prendedor de roupas — Louis Charles chamou, com as mãos em volta da boca. — Venha dar uma volta.

Eu coloquei minha lancheira de lado, insegura, mas animada por ter sido convidada. Lentamente pisei na grama aquecida pelo sol furioso, depois entrei na área de recreação onde o cascalho se espalhava pelo chão.

— Não está quente? — eu perguntei, aproximando-me de onde ele estava com os braços cruzados sobre o peito rechonchudo.

Ele ergueu os ombros.

— É, talvez um pouco.

Eu olhei para seus pequenos olhos castanhos, o brilho neles perturbando meu estômago.

— Não sei...

— Ah, vamos lá — ele gemeu. — Só uma vez não vai doer. — Ele gesticulou para as outras crianças que não estavam mais perto

do escorrega, mas brincando de pular corda na sombra. — Eles fizeram isso.

Eles fizeram, e se eles fizeram, eu também poderia. Dash era um dos meus únicos amigos, mas Dash era mandão e mau. Talvez isso me faria desse jeito um pouco. E assim, com o lábio entre os dentes, subi a escada de corda, meu tênis batendo no patamar de madeira. Eu não costumava brincar nesse tipo de brinquedo, porque geralmente estava lotado com outras crianças. A excitação correu por dentro, enviando uma sensação vibrante por meus membros, até que meus lábios se curvaram em um sorriso quando cheguei ao escorregador. Estava quente, com certeza, mas eu poderia ser rápida, assim como os outros foram.

Minhas mãos bateram no metal quando me sentei e pude sentir o calor queimar através da saia da escola. A excitação se transformou em dúvida. Eu olhei para Louis, que estava balançando a cabeça com um sorriso ansioso brincando em seus lábios.

— Vai em frente, é só ir rápido.

Certo. Eu conseguiria. Minhas mãos pousaram na borda do escorrega e a queimadura atingiu minha pele, mas era tarde demais. Eu já tinha me impulsionado para baixo, e minha saia escolar subiu, minhas coxas nuas roçando o metal o tempo todo em que descii. Minha calcinha deslizou pela minha bunda, fazendo minha pele encostar em todos os lugares.

Eu berrei, me afastando dele assim que cheguei ao mergulho final. Eu nem tinha chegado ao final; tive de rastejar em direção ao final porque minha pele grudou em vez de deslizar.

— Peggy Newland — disse a sra. Primrose. — Você sabe que o escorrega está fora dos limites quando está tão calor.

— Desculpe — eu disse, com a garganta bloqueada. — Eu esqueci.

Ela acenou com a cabeça, passando os olhos por mim em um breve olhar.

— Não faça isso de novo.

Risos e gargalhadas encheram o ar, e a sra. Primrose deu uma mordida em sua maçã antes de ir para o outro lado do parquinho.

— Bela calcinha rosa, Peggy Sue. — Louis zombou.

Bryce Humling deu um tapa na perna.

— Sim. Minha avó usa o mesmo tipo.

Uma bola de basquete surgiu do nada, acertando Louis na lateral da cabeça e jogando-o na grama.

— Ai!

Bryce se virou para ver de onde veio e recebeu uma bola de tênis na testa. Sua mão foi para a cabeça, e ele estremeceu, dando um passo para trás.

Eu olhei e vi Dash e Jackson se aproximando, o último comendo um sanduíche.

— Como você sabe que tipo de calcinha sua avó usa, Bryce? Seu doente.

Jackson riu, assim como as crianças que estavam rindo de mim um minuto atrás.

Dash parou ao meu lado enquanto eu ajustava minha saia.

— Você realmente caiu na provocação daquele idiota?

Minhas bochechas estavam vermelhas.

— Eu queria descer.

A expressão dura como pedra de Dash se suavizou, então ele me deu um soquinho na lateral do braço.

— Papai mandou fazer um na lateral da piscina. Vamos experimentar neste fim de semana.

Ele então tirou um punhado de chicletes azedos do bolso e estendeu-os para mim. Eu os peguei, sorrindo enquanto os enfiava na boca.

— Você quase me nocauteou, seu psicopata! — Louis esfregou a cabeça enquanto nos dirigíamos para um banco vazio sob um velho bordo.

— É mesmo? Lute comigo, nariz de porco.

Mordi os lábios para não rir.

Dash se virou para mim quando nos sentamos.

— Como está sua bunda?

— Dói um pouco — eu disse com a boca cheia do chiclete que incendiava minhas papilas gustativas.

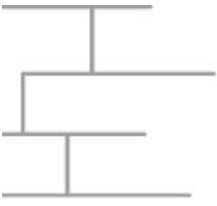
Dash e Jackson riram, mas isso não me fez com que eu me sentisse uma perdedora. Isso me fez rir também.

Eu guardei as fotos de volta dentro da caixa, em seguida passei os dedos nas bochechas úmidas. Dash sempre esteve presente, não importava qual boato se espalhara ou quem havia tentado mexer comigo. Sempre.

Menos agora.

Tudo mudou, e era tudo minha culpa.

Raiva queimou no meu coração pela maneira como ele tão facilmente me excluiu e pela maneira como eu acidentalmente nos coloquei nessa situação. Eu derrubei a caixa da cama, observando as fotos se espalharem pelo tapete e pelo chão de madeira.



Capítulo 25



Peggy

Dizer que a escola parecia estranha sem a presença taciturna de Dash seria um eufemismo.

Os corredores pareciam menores, o chão sem seu brilho usual, e eu mal conseguia olhar para Lars, Jackson ou Raven.

Eu queria muito perguntar a eles como Dash estava, se ele ainda me odiava e se eu poderia usar seus celulares para ligar para ele. Talvez Dash não o deixasse desligado sempre. Talvez ele não estivesse online. Talvez estivesse simplesmente me evitando.

As palavras que me acertaram bem no fundo do meu ser não podiam ser apagadas. Assim como aquilo que eu fiz. Ele nem mesmo me deu a chance de explicar, porque Dash não era Willa ou Daphne. Ele não lidaria de maneira racional como elas fizeram.

Ele era meu melhor amigo, mas não da mesma forma. Ele não entenderia.

Não quando me disse que se apaixonou por mim poucas horas antes de ter seu coração partido.

Kayla girou os dedos para mim, então murmurou a palavra “prostituta”.

— Jesus — eu respirei, desviando o rosto do olhar satisfeito em seu rosto bonito.

— Ignore, Peggy — disse Willa.

Eu mordi um pedaço do meu sanduíche, sem sentir gosto de nada enquanto mastigava, então o forcei a descer com um pouco de água.

— Não é justo — eu disse, a cabeça doendo enquanto a conversa e as risadas me golpeavam. — Ele pode continuar sua vida como se não fosse um completo cuzão, e eu tenho que simplesmente levar essa sozinha?

Daphne olhou por cima do ombro para alguns dos caras da equipe de lacrosse sentados nos fundos do refeitório.

— Eu sei, mas pelo menos ele parece uma uva esmagada.

Byron não parecia muito bem. Seus olhos ainda estavam inchados, assim como metade do rosto, mas ele tentou diminuir isso com um sorriso, como se não fosse nada.

Quando seus olhos encontraram os meus, ficou olhando por meio minuto, então se voltou para os amigos.

— É isso — eu disse, me levantando. — Foda-se.

— Uau — disse Daphne, me seguindo enquanto eu forçava minhas pernas trêmulas para a mesa.

Estava a poucos metros de distância, mas parecia que eu estava andando uma milha enquanto todos os olhos observavam minha abordagem.

Eu endireitei os ombros.

— Podemos conversar, Byron?

Alguns caras riram, tentando se esconder abaixando a cabeça. Byron demorou para me dar atenção, e eu quase vacilei ao ver todos os hematomas multicoloridos de perto.

— Você finalmente vai terminar comigo?

Eu segurei uma risada chocada.

— Só me segue.

Eu não sabia se ele faria isso, mas quando me aproximei de uma mesa vazia no canto oposto e Daphne voltou para seu lugar na nossa, senti seu olhar nas minhas costas.

Eu só me incomodei em sentar porque todos já estavam prestando atenção em nós. Ficar de pé só tornaria esse momento mais um espetáculo, potencialmente atraindo a atenção do sr. Andrews.

Byron suspirou enquanto se sentava com as pernas de costas para a mesa, como se estivesse pronto para cair fora.

— Então, e aí?

— E aí? — eu repeti.

Ele inclinou o ombro.

— Já sabia que isso ia acontecer, então vamos acabar logo com isso.

— Você sabia? — Acho que nunca havia sentido tanta raiva, tão rápido, em toda a minha vida. Nem mesmo a vez em que Dash ofereceu uma festa do pijama em sua casa na sétima série se comparou. Quando ele disse a todos que eu tinha piolho, então não podia brincar de verdade ou consequência. Nada em comparação com a tensão efervescente de cada membro enquanto eu olhava para a expressão indiferente de Byron. Bem, tão indiferente quanto alguém poderia parecer com metade do rosto machucado. — Se você pensou que precisava de um rompimento formal depois de tudo isso, você não é apenas um covarde, é um idiota também.

Ele esfregou os lábios, olhando para a mesa.

— É só isso?

— Não — eu disse, inclinando-me para frente e sibilando por entre os dentes. — Não é só isso não, porra. Quem te deu o direito de pensar que você poderia me trair desse jeito e pensar que eu ficaria bem com isso?

Meu peito estava pesado, e ele teve a audácia de olhar para o movimento antes de encontrar meus olhos.

— Eu contei para alguns amigos, e daí? — Ele abriu as mãos. — Não é grande coisa, Peggy.

— Não é grande coisa que a escola inteira esteja falando da gente? De mim?

Sua mandíbula se apertou.

— Calma. — Ele olhou em volta, com as mãos levantadas. — As pessoas nos viram. Meus amigos sabiam. Nós nunca aparecemos na festa e tínhamos saído para o baile juntos. Era contar a verdade a alguns companheiros de equipe ou fazê-los pensar que fomos até o final sem dizer nada.

Eu sentei, ainda fervendo, mas perplexa.

— Eles pensaram que fomos até o fim?

— O que mais você acha que eles pensariam depois de saber onde estivemos?

Eu podia sentir o rosto murchando, como se fosse sair flutuando por aí.

— Não sei.

Ele se inclinou para frente.

— Olha, eu nunca planejei que isso acontecesse, Pegs. Mas eu não pensei que eles iriam pirar, e eu não queria que mentiras fossem espalhadas sobre você. Você é minha namorada — ele fez uma pausa. — Ou era. Odeio dizer isso, mas a única razão pela qual isso tudo tomou essas proporções foi porque você está andando por aí como se tivesse levado um tapa.

— Você tá brincando comigo?

— Não. É duro, mas é a verdade. — Ele chupou o lábio, então estremeceu e passou um dedo sobre um dos cortes cicatrizados. — Esperei todo o fim de semana você me ligar e presumi que você se arrependeu do que fizemos quando não ligou. — Ele olhou para mim então. — Agora está claro que você de fato se arrependeu.

— Byron...

— Você alguma vez quis ficar comigo, Peggy?

A culpa assolou minhas entranhas.

— Quis.

Ele franziu a testa, sua mão agarrando a minha.

— Isso não precisa acabar, você sabe. — Nossos olhares se encontraram, os resquícios da dor de Dash persistindo em seu

rosto. Meu estômago embrulhou. — Eu sei que você disse que estava confusa, mas podemos conversar sobre isso. Se sairmos daqui juntos, eles vão calar a boca.

Puxei minha mão para trás e ri enlouquecidamente alto enquanto ficava de pé, meu corpo engolfado por uma nuvem de descrença.

— Peggy, espere.

Eu não parei. Eu voltei para o meu lugar enquanto zombarias e risadas começaram. Eu provavelmente o envergonhei. Bom. Foi apenas um pequeno pedaço do que Byron merecia depois de me deixar envergonhada por dias.

— Você está bem? — Willa perguntou quando voltei para nossa mesa.

— Não tão bem — eu murmurei enquanto a dor na minha cabeça se espalhava pelos olhos. — Eu odeio isso.

Daphne deu um tapinha nas minhas costas, e então uma comoção perto das portas fez nossas cabeças girarem.

Lars acabara de passar por eles, e a professora estava chamando por ele. Annika estava parada a poucos metros do sr. Andrews com o rosto contraído.

A mão de Daphne parou.

— Que isso?

Eu não tinha certeza do que tinha acontecido entre eles, mas quando vi o vinco marcando a testa de Daphne, eu sabia que ela estava morrendo de vontade de descobrir.

O sinal tocou, e todos começaram a se dirigir para as portas, mas esperamos.

— Você e Lars não estavam se conhecendo? — Willa perguntou, puxando a bainha da sua blusa.

— Se conhecendo é ótimo rótulo para isso — admitiu Daphne, então suspirou. — Mas, sim, ainda estamos nos conhecendo.

Estava na ponta da língua fazer mais perguntas, mas Willa foi mais rápida

— Exclusivamente?

Daphne engoliu em seco e começou a recolher o lixo.

— Sim.

Portanto era compreensível que ela estivesse se perguntando, provavelmente muito mais do que nós, por que Lars e Annika pareciam ter tido algum tipo de briga.

O resto do dia se arrastou, o relógio de cada sala de aula ameaçando fazer minha cabeça explodir enquanto me contorcia de agitação. Minha conversa com Byron não mudou nada. Ele não tentaria mudar nada. Isso mataria seu orgulho e esvaziaria seu ego.

Cuzão.

— Ei, Newland — Wade disse durante a aula de história, batendo um lápis na beirada de sua mesa. — Você e Woods terminaram?

Eu não queria dar atenção a ele, mas não pude deixar de dizer:

— Obviamente.

Ele voltou sua atenção para o quadro, e eu me concentrei em um amassado na mesa enquanto roía as unhas.

Quando a aula terminou, com os alunos correndo para a porta de uma vez, Wade permaneceu na sala enquanto eu me levantava e pegava minhas coisas.

— Não quer me passar seu número?

Pisquei para seu rosto sorridente.

— Hum, não. Desculpe. — Eu não sei porque me prestei a pedir desculpas. Talvez tenha sido o choque, e eu saí de lá em um instante.

No meu armário, peguei minha bolsa, enchendo-a com os livros que eu precisaria para o dever de casa, quando mais sussurros e suspiros me alcançaram.

— Você só pode estar brincando comigo — eu disse, batendo meu armário e prestes a gritar.

— Ei, Daph, se você terminar com o papai do bebê de Annika, me ligue — disse Danny, gesticulando com a mão na orelha. Ele e seus amigos riram enquanto desciam o corredor.

— Papai? — eu me virei para Daphne.

Sua boca se abriu, e ela pareceu desaparecer nas fileiras de armários bege atrás de nós.

— Ele a engravidou. — Não foi uma pergunta, mas uma declaração embebida em choque.

O que foi confirmado quando Willa correu, a preocupação gravando seu rosto e palavras.

— Você ouviu?

Daphne sacudiu a cabeça.

Ficamos imóveis enquanto metade da escola partia; Lars colocou a mochila no ombro, a cabeça abaixada enquanto caminhava pelo corredor. Ele nem olhou para Daphne.



Passei o sorvete de gotas de chocolate para Daphne e peguei o de hortelã, mergulhando minha colher.

Havíamos declarado uma reunião de emergência para fazer artesanato na minha casa, o que se transformou em uma festa de autocomiseração regada a sorvete antes mesmo de chegarmos aqui.

— Você já tentou ligar para ele? — Willa perguntou.

Daphne balançou a cabeça, os olhos vermelhos. Eu não sabia se já tinha visto minha amiga chorar antes; sabia que não era justo que ela parecesse ainda mais bonita quando o fazia.

— Eu não quero.

Willa e eu concordamos com a cabeça em compreensão.

— Mas quando isso aconteceu? — eu perguntei em voz alta, finalmente. — Quer dizer, você disse que eram exclusivos.

— Apenas há algumas semanas. — Daphne enfiou a colher na tigela. — Nós ficamos no início do verão, mas eu pensei que seria só uma vez, até que o encontrei na festa de Wade antes do início das aulas.

— Eu ouvi que ele e Annika ficaram antes das férias. Também ouvi dizer que o bebê pode ser dele ou do treinador Lenton.

Eu bufei.

— Sêrio? Ele tem uns quarenta anos.

Willa encolheu os ombros.

— Ele não está tão ruim para quarenta.

Daphne olhou para o sorvete.

— Acho que isso é apenas um boato.

Eu concordei.

— Mas como sabemos se há alguma verdade em tudo isso, então?

— Há um fundo de verdade em cada mentira — disse Daphne.

Eu fiz uma careta, odiando o quanto menti não apenas para Dash, mas também para mim mesma.

Willa bateu o pé no meu.

Eu soltei um suspiro jogando o sorvete no parapeito da janela e caindo em meus travesseiros.

— E a expressão no rosto de Annika no almoço.

— Ah, sim — disse Daphne, zombando. — Ela está definitivamente grávida.

— Ela parecia assustada — disse Willa.

Daphne grunhiu, e Willa se desculpou.

— Não — disse Daphne. — Você tem razão. Mas você não estaria também? Ela vai fazer dezoito anos só no mês que vem, se minha memória estiver correta.

Os minutos passaram enquanto Daphne assaltava seu sorvete e Willa e eu olhávamos para o teto.

— Como chegamos a esse ponto? — eu ponderei, meu coração doendo. — Tristes, confusas e deixadas em situações impossíveis.

Willa gemeu.

Quando Daphne começou a chorar de novo, com mais força desta vez, me sentei e deixei o sorvete de lado, enquanto Willa

entregava a ela alguns lenços. Enquanto Daphne tentava sem sucesso controlar tudo que estava sentindo, eu percebi uma coisa.

Ela e Willa poderiam estar envolvidas em situações impossíveis, mas eu não estava. Eu não precisava continuar me sentindo assim se não quisesse.

Eu tinha de encontrar uma maneira de fazer com que Dash falasse comigo.



Capítulo 26

Dash

Grávida.

Eu gostaria de poder dizer que ele estava pior do que eu, e sim, eu era o tipo de idiota que fazia esse tipo de comparações, mas tinha certeza de que ele ainda tinha o coração funcionando. Mesmo que estivesse em estado de choque.

— O que você vai fazer? — Rave perguntou, sentando no quadro de sua moto.

Ele era um idiota. Ele poderia estragar tudo, e aquela coisa custaria uns dois mil para consertar. Não corríamos com coisas baratas.

O papel estalou, e então Lars soltou um suspiro cheio de fumaça.

— Eu não sei.

Mais silêncio.

Eu não tinha certeza do que acontecia com esse tipo de situação, essas que vinham e mandavam tudo para o inferno, reduzindo todos nós a um bando de idiotas sem palavras; eu não gostava disso. Era como fazer papel de vítima, deitar e apenas levar a surra.

Eu não facilitaria as coisas assim. Eu estava ficando muito enjoado e cansado de tomar porrada.

Peguei meu celular, olhando para as mensagens de texto de Peggy que eu havia ignorado. Bem, ignorar seria a palavra errada, considerando que eu encarei cada uma delas por horas.

Sardas: Sinto muito, Dash.

Sardas: Preciso falar com você. Por favor, fale comigo.

Sardas: Por que você não responde? Pelo menos envie uma mensagem de volta. Eu não queria que isso acontecesse. Eu sinto muito.

Sardas: Eu acho que cometi um grande erro, e eu sinto muito. Eu sinto muito.

Minhas narinas dilataram quando li a última que ela tinha enviado, e então coloquei meu celular de volta no bolso.

— Ela vai seguir com a gravidez? — finalmente fiz a pergunta para a qual todos nós queríamos uma resposta.

Lars acenou com a cabeça.

— Ela já está com alguns meses.

Não achei que isso significasse que ela teria de prosseguir com a gravidez, mas de jeito nenhum eu participaria de um debate pré-vida. Eu não me importava o suficiente para me envolver nisso.

— E quanto a Daphne? — Jackson perguntou, com as mãos penduradas na frente do guidão. Ele foi o único que não se sentou. Em vez disso, se curvou sobre a moto.

Lars soltou um grunhido, e eu olhei para ele a tempo de ver seus olhos fecharem brevemente.

— Podemos não falar sobre isso? Eu... — Ele jogou o baseado fora, suspirando, enquanto a cabeça pendia. — Eu não sei.

Talvez seu coração estivesse tão fodido quanto o meu no final das contas. Mas eu ainda era o vencedor.

— Como isso aconteceu? Você não encapou antes?

Eu bufei, pegando um cigarro e acendendo-o.

— Por favor. Como se ele precisasse de aulas sobre sexo seguro agora.

Rave fez uma careta.

— Foi mal.

— Estourou. — Lars riu, o som sem humor. — Era dela, e quando eu perguntei se ela tinha estragado de propósito, Annika riu e disse que nunca se amarraria a um cara com uma bolsa de estudos e sem dinheiro. Ela não é estúpida.

— Discordo para caralho — eu disse com uma risada, então fechei a boca quando Rave olhou para mim. O jeito com que Annika quase implorou para chupar meu pau bateu na minha consciência interrompendo minha tristeza. A expressão de consternação em seu rosto quando saí da lavanderia naquela festa sem transar com ela agora fazia um sentido horripilante. Ela estava desesperada o suficiente para tentar atribuir a gravidez a outra pessoa, qualquer um, desde que suas contas bancárias fossem gordas o suficiente.

Pela primeira vez, escolhi manter meus pensamentos para mim mesmo.

— Eu coloquei sabendo que era muito pequena, mas não dei a mínima. Já tinha usado uma dessas antes.

Todos nós murmuramos em acordo.

— Acontece.

— Mas eu não achei que fosse estourar, porra.

Novamente mais silêncio.

Eu tinha ficado em casa a semana toda sem nada além de silêncio. Eu queria barulho. Eu precisava do caos.

— Quando e onde será a próxima festa?

Todos olharam para mim como se eu fosse louco, mas Lars inclinou a cabeça para trás, pensando.

— Tem algumas amanhã à noite. Uma perto da baía e outra na casa de Rosetta Carmichael, aniversário de dezoito anos dela.

— Você quer ir? — eu perguntei a ele. — Podemos botar para foder.

Lars concordou com a cabeça.

— Porra, sim, eu quero.

Os outros dois concordaram com a cabeça também, e então Lars mudou o assunto para mim.

— Falou com Peggy?

Eu sacudi a cinza do cigarro, rindo através de uma nuvem de fumaça.

— Porra, não.

Jackson coçou a barba por fazer.

— Ela sentou o cacete no Byron na escola.

Eu não queria saber. Eu não precisava saber.

— Como?

Que merda.

Como se ele pudesse ler o tormento contínuo entre meu cérebro e coração, Lars sorriu.

Rave chutou a pedaleira, se curvando para ouvir.

— Marchou até a mesa do time e fez com que ele a seguisse até outra mesa, só eles dois.

Ela o deixou tocá-la e beijá-la, depois o convidou para almoçar? Meus punhos cerraram e as terminações nervosas se agitaram quando o cigarro me queimou. Eu o deixei cair.

— Tenho certeza de que eles terminaram — disse Lars.

Jackson arrotou.

— Sim. Na frente de todo o refeitório. — Ele deu uma risadinha.
— Eu nunca vi a senhorita Peggy Sue parecer tão brava. Nem mesmo daquela vez em que você colocou formigas na lancheira dela.

Eu fiz uma careta.

— Eu não fiz isso.

O rosto de Jackson se contraiu enquanto ele se preparava para se lançar na pista.

— Ah, sim, você fez. E um milhão de outras coisas fodidas.

— Eu era o melhor amigo dela — eu me defendi.

— E seu maior algoz. — Ele se foi, me deixando perplexo.

— Droga — disse Raven. — Formigas? Eu acho que você deve se considerar sortudo por aquela garota até mesmo te aturar.

Eu rosnei, me levantando e passando a perna por cima da minha moto.

— Fodam-se todos vocês, vocês não sabem de porra nenhuma.

Eles não sabiam. Eles não sabiam quão perto estávamos de nos aventurar em algo que mudaria nossa vida. Em vez disso, nos aventuramos em algo de que nenhum de nós poderia se recuperar.

E foi tudo culpa dela.

Lars soltou um suspiro enquanto se levantava e pegava sua moto de merda. Não era uma merda, era realmente incrível, mas muito antiga.

— Eu preciso de uma porra de bebida.

— Eu ouvi isso, porra.

Rave estalou a língua.

— Então, para qual vamos amanhã à noite?

— Nenhuma. Ambas — eu disse. — Nem me importo.

Eu posso ter sido castigado, considerando que fui suspenso da escola, mas já estive de castigo mais de uma centena de vezes na minha vida e nunca tinha realmente cumprido algum.

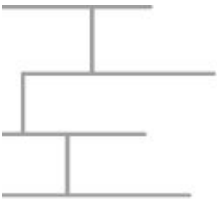
Papai estava muito ocupado transando com a secretária quando não estava trabalhando, e mamãe estava muito ocupada com Emanuel e seus problemas idiotas, que nem eram problemas, para perceber que eu havia saído de casa.

Quando papai me perguntou por que eu bati em Byron Woods, tudo que fiz foi dar de ombros. Mamãe disse a ele que era sobre Peggy, e então papai me lançou um olhar que dizia que ele entendia. Ele não estava feliz, mas sabia que Peggy estava namorando o idiota.

Não importava que ela estivesse namorando com ele. Isso nunca importou quando acordei com a ideia na cabeça de que ela deveria ser só minha.

Nada realmente importava. Se a vida quisesse continuar jogando merda em mim, eu iria me mover, desviar do jato, e não continuar parado.

Era hora de jogar a merda de volta.



Capítulo 27



Peggy

Eu rolei pelo Facebook, percebendo com um choque que Dash havia me bloqueado.

Ele quase não usava, nem eu, mas ele foi lá e me bloqueou.

Pulei para o Instagram, e logicamente, não consegui ver o perfil dele lá também.

— Isso que eu chamo de tomar atitudes extremas — eu disse, voltando ao Facebook.

As pessoas estavam postando sobre as festas desta noite. Selfies foram tiradas e postadas, locais marcados, e eu tive de me perguntar se algum pai na cidade se importava em saber onde os filhos estavam, se checavam suas postagens no Facebook. A menos, é claro, que eles os tenham impedido de ver certas coisas.

— Inteligente — eu disse, enfiando mais batata frita em minha boca, indiferente por estar falando sozinha.

— Pegs. — Mamãe parou na minha porta com o cabelo preso em um coque solto. Phil provavelmente ia sair com ela. — Estarei em casa por volta das onze. Você ficará bem?

Eu olhei para o saco de batata frita ao meu lado e o pote de molho e por fim para as minhas meias rosas fofas.

— Sim, estou preparada.

Ela sorriu, prestes a sair, então entrou no meu quarto para se sentar aos meus pés.

— Ouça, eu sei que você está passando por um momento difícil e sei que Dash não vem aqui há muito tempo.

— Faz uma semana — eu disse, um pouco na defensiva.

— Como eu disse, muito tempo. — Ela me pegou nessa. — E está me matando tentar te dar espaço, mas preciso saber. O que aconteceu?

Eu brinquei com a batata entre meus dedos. Eu poderia contar para ela. Eu poderia contar para ela, e talvez isso fizesse com que eu me sentisse um pouco melhor, ou talvez mamãe tivesse algum conselho para mim. Ou eu poderia não dizer nada e ela apenas esperaria que tudo se endireitasse, e então eu nunca teria de falar sobre isso.

Eu abaixei meu celular.

— Eu vou te atrasar.

— Não me importo. — Ela se acomodou na cama um pouco mais. — Solta tudo.

Depois de suspirar tão forte, que senti meus pulmões esvaziarem, eu contei. Quando soltei tudo, percebi quão ruim parecia, quão epicamente eu errei e quanto era grave a situação que eu estava. Eu ficaria com vergonha de admitir o que fiz com Byron, mas a maneira como ela reagiu me livrou de tudo o que eu senti ao explicar.

Seu primeiro ponto de preocupação foi Byron, e observei enquanto mamãe andava pelo meu quarto, arruinando seu cabelo enquanto xingava, uma nuvem de pairando sobre sua cabeça.

— Vou amarrá-lo pelas bolas imundas por abrir o...

— Mãe — eu disse, um pouco chocada.

Ela soltou um suspiro e ajeitou o suéter verde.

— Você precisa terminar com ele. Ele quebrou sua confiança.

— Eu sei — eu disse. — Eu já fiz isso, mais ou menos. — Pelo menos eu pensei ter feito.

— Não se atreva a dar a ele mais um pingão de atenção — ela avisou.

— Eu não vou.

— Devolva as passagens também.

— Eu já as coloquei dentro do armário dele. — Eu tinha feito isso no dia anterior, fingindo uma ida ao banheiro durante a aula.

— Ok. Bom. — Ela parou de andar e começou a arrumar o cabelo. — Amanhã iremos ao salão de beleza para fazer as unhas.

Eu balancei a cabeça, então peguei meu celular quando pensei que ela estava saindo.

Dash tinha me bloqueado, mas isso não me impediu de ver comentários úteis na postagem de alguém. Um dos que falou era Raven, dizendo a alguém que seria melhor aparecer no aniversário de dezoito anos de Rosetta.

Mamãe bateu com as mãos na lateral do corpo, me alertando de que ela ainda estava lá.

— E quanto ao Dash? Esse menino está apaixonado por você há anos. Não me surpreenderia se ele estivesse apaixonado, e você estivesse cega demais pela amizade para ver isso.

Minha garganta se apertou.

— Eu sei. — Fiz uma correção: — Quer dizer, eu sei disso agora.

— Ele vai te perdoar, eu garanto. — Ela se inclinou, beijando minha cabeça, em seguida, penteou meus cabelos com os dedos. — Não se culpe por isso. Você vai cometer muitos outros erros nessa vida. — Esse pouco de sabedoria me fez querer me trancar no meu quarto para sempre. — Conversaremos mais amanhã, mas continue tentando com Dash. Ele é esquisito, mas é estranhamente bom para você. — Suas sobrancelhas se encontraram quando ela deu um passo para trás, seus lábios se apertaram. — De uma forma que não deveria funcionar, mas simplesmente funciona.

— Na verdade — eu disse, balançando as pernas sobre a cama.
— Você se importa se eu for a uma festa? — Quando ela inclinou a cabeça e ergueu uma sobrancelha, corri para acrescentar. — Eu vou dirigir. Só para ver se ele está lá e vai falar comigo. Por favor.

Talvez fosse o desespero na minha voz, meus olhos ou postura, mas depois de me encarar por um longo momento, ela concordou.

— Não fique se ele não estiver lá. Depois do baile, acho que você precisa ficar quieta por um tempo.

Eu concordei e disse à mamãe que estaria em casa antes dela, então joguei as batatas no lixo para ir me arrumar.

Abrindo a porta do armário, tirei uma saia preta com babados e um par de meias da mesma cor. Eu já estava vestindo uma camiseta branca simples, quando lembrei de antes adicionar uma borrifada de perfume; em seguida passei uma escova pelos meus cachos emaranhados.

Meus olhos ainda exibiam os restos do rímel do dia, mas, me lembrando do comentário de Dash, “*você não precisa dessa merda*”, dei de ombros e peguei meu celular e as chaves.

A lua estava baixa no céu, rodeada por estrelas deslumbrantes e dançantes. A esperança se tornou indomável quanto mais perto eu chegava da casa de Rosetta, do outro lado do riacho. Ela morava a cinco minutos de carro da casa de Dash, então faria sentido que ele e os amigos acabassem aparecendo por lá.

Eu só esperava que ele de fato aparecesse, mas mesmo que Dash não fosse, eu estava cansada da autopiedade e de ter medo. Eu tentaria a festa na baía, e então iria para a casa dele e exigiria que alguém me deixasse entrar. Eu tinha de dizer a ele que sentia muito e, o mais importante, tinha de dizer a ele que percebi que eu também o amava.

Porque eu amava. Eu sempre o amei, mas não assim.

O amor, eu descobri, era algo que se multiplicava. Com cada beijo e cada toque, ele continuou a mudar de forma enquanto continuávamos a cair em sua armadilha.

Dash era um puto. Um idiota egoísta, imaturo e, às vezes, manipulador.

Mas isso não era tudo que ele era. Dash também era atencioso, inteligente, generoso e leal demais. O que ele provou de várias maneiras, lutando para permanecer como principal foco na minha vida.

Agora era a minha vez de lutar. Eu fui uma tola por pensar, mesmo que isso não arruinasse nossa amizade, que ele seria um namorado ruim.

Dash não seria. Ele era tudo o que eu procurava e esperava encontrar em outra pessoa, sem nunca ter ousado olhar ao meu redor. Nunca pensei que fosse possível, nem uma vez, e nas poucas vezes que pensei, o medo me atingiu com força e para valer. Não podíamos arriscar se não fosse funcionar. Mas nós arriscamos, e certamente funcionou. Eu simplesmente ignorei devido a um ingênuo sentimento de autopreservação. Afinal, você não pode estragar algo que nunca existiu.

Até que eu fiz exatamente isso.

Minha respiração ficou caótica quando estacionei no final da longa rua cheia de carros e segui a batida da música até a casa de tijolos dourados. Algumas pessoas da escola estavam fumando e bebendo do lado de fora. Acenei quando uma garota da aula de biologia sorriu para mim.

A música batia junto com meu coração frenético, enquanto meus olhos se ajustavam à luz fraca lá dentro. Eu me esgueirei para a sala de estar monstruosa onde casais estavam se beijando, ou fazendo provavelmente algo pior, nos sofás, enquanto outros dançavam ao redor deles. Eu me abaixei e abri caminho.

Saí da cozinha sem ter nenhum sinal dele ou de seus amigos; então parei na base da grande escada de carvalho, olhando para a multidão. Água espirrou atrás de mim, o som fraco sob o barulho da música. Peixes. Eles tinham um lado cheio de carpas sob a escada. Eu desviei os olhos da água borbulhante e em seguida abri caminho por entre uma multidão de pessoas para subir as escadas.

Finalmente, no segundo andar, avistei Lars, que não tinha ido à escola hoje, fumando no sofá. Raven estava do lado dele com as pernas de uma garota jogadas sobre seu colo, enquanto ele sussurrava em seu ouvido, mas eu não conseguia ver Jackson ou Dash.

Tentei ir até Lars, curiosa para saber como ele estava, quando uma voz me parou.

— Procurando por seu precioso BFF? — Virei e vi Byron encostado na parede, de olhos injetados. — Tente o último quarto no final do corredor.

Comecei a andar, em parte porque finalmente sabia onde ele estava e em parte porque não queria estar perto de Byron.

— Não diga que nunca te dei nada!

Eu ignorei seu último esforço e quando cheguei ao final do corredor, me preparei, sacudindo as mãos. Dash provavelmente estava lá ficando chapado com Jackson, e eu precisava preparar algum tipo de discurso. Eu poderia me dar uns tapas por não ter feito isso no caminho, em vez de ficar sonhar acordada. Eu precisava ter algo a dizer que o fizesse me ouvir, mesmo que Dash estivesse bêbado.

Resolvendo simplesmente revelar a verdade, empurrei a porta e fechei-a rapidamente atrás de mim. Quando olhei para a escuridão, não havia fumaça flutuando e nenhum cheiro enjoativo de maconha.

Não, o cheiro no quarto era aquele que fazia meu estômago dar um nó e fez com que minha respiração se interrompesse bem no meio.

Duas figuras estavam se movendo na cama, e incapaz de fazer qualquer coisa, muito menos alertá-los da minha presença, apenas observei Kayla puxar o edredom e soltar um gemido que jurei que ecoaria mentalmente nos anos seguintes.

Devo ter feito algum tipo de som que os alertou da minha presença, porque ela olhou para mim, um sorriso sinistro curvando sua boca, enquanto o corpo de Dash se movia sobre o dela, a cama rangendo e os lençóis mexendo.

Dash soltou uma reclamação áspera, e rolou para fora dela.

— Você não terminou — disse ela.

— Não posso — disse ele, a voz como cascalho. — Estou muito fodido.

O rosto de Kayla se contraiu como se ela estivesse ofendida.

— Bem, acho que agora é uma boa hora para dizer que temos companhia.

Meu corpo pareceu derreter, minha mão se estendendo cegamente para a maçaneta da porta atrás de mim, quando Dash disse, escuro e seco.

— Como se eu me importasse. Espera, eles trouxeram cigarro?

— Por que você não pergunta a ela? — Os seios de Kayla saltaram enquanto ela rolava e se levantava da cama, nua. — Tem um cigarro, Peggy?

Dash sentou-se tão rápido, que cambaleou, mas eu já tinha saído de lá.

Corri pelo corredor, tropeçando, quase caindo. Um cara me segurou, e eu murmurei uns agradecimentos; então voltei a correr com a visão turva e o coração sangrando, só que no chão do quarto acima da minha cabeça.

Como ele pôde? E com Kayla?

Do lado de fora, diminuí o ritmo para uma caminhada conforme aqueles avisos de Kayla voltavam para me atingir bem no fundo da alma. Eu não acreditei que ela seria capaz de me machucar. Com exceção de Byron, eu não acreditava que tivesse nada que ela pudesse querer. Eu não estava preocupada com Dash, porque eu nunca pensei que ele iria tocá-la.

Eu estava errada.

— Indo embora tão cedo? — A voz casualmente fria de Dash atravessou a poluição sonora.

Joguei um olhar por cima do ombro, percebendo que ele tinha encontrado uma dose de nicotina, em seguida, soltei uma risada azeda.

— O quê? — ele perguntou, logo atrás de mim, enquanto eu contornava um grupo de garotas que estavam fumando e nos observando. — Você acabou de chegar. Ainda não pode ir embora.

— E o que eu vou ver se ficar, Dash? Você fazendo sexo com outra pessoa?

Sua risada era amarga e sem remorso.

— Eu não fui até o fim, então é provável.

Tínhamos saído da garagem, e eu estava na metade do caminho até o meu carro quando virei e o empurrei.

— Você me odeia tanto assim?

Ele nem mesmo se moveu.

— Sim — disse entre os dentes, soprando fumaça no meu rosto. — Odeio.

— Acho que o sentimento é mútuo agora, então te vejo na próxima vida. — Eu me virei para o meu carro.

Dash agarrou meu pulso, me empurrando contra o carro de alguém, enquanto pairava sobre mim, seu peito pressionando o meu.

— Dói pra caralho, não é? Você não podia admitir, mas eu vejo isso agora. Está escrito em seu rosto. Você se importa mais do que deveria, e isso te mata.

— Vai se foder. — Tentei não engasgar com as palavras.

— Você já fez isso, Sardas — disse ele com outra risada amarga. — Me fodeu inteiro, e eu ainda não encontrei nada satisfatório sobre isso.

— Me solta. — Tentei puxar a mão que ele prendeu no metal frio atrás da minha cabeça.

— Por que você veio aqui? — Quando eu não respondi, sua voz aumentou para um grunhido, os olhos brilhavam com fúria. — Por que, hein? Diz.

— Queria tentar falar com você, pedir desculpas, mas isso não importa agora.

Suas sobrancelhas se juntaram, e a tensão em sua mandíbula lentamente diminuiu.

— Não?

— Não — eu disse e aproveitei a oportunidade para empurrá-lo para longe de mim. — Não importa se eu queria dizer que também te amo, porque você foi lá e arruinou tudo. — Eu caminhei em direção ao meu carro.

Assim que cheguei lá, ele me agarrou por trás, os braços apertados em volta da minha cintura enquanto sussurrava no meu ouvido.

— Você me ama?

Tentei tirar seus braços de cima de mim, cravando minhas unhas em sua pele.

— Não importa mais. Me solta, porra.

— Não. — Seus dentes mordiscaram minha orelha, e ele a soltou enquanto murmurava. — Eu diria que estamos quites, então.

Eu não queria fazer isso, mas tinha desespero suficiente correndo pelo meu corpo para deixar de lado o que deveria ou não fazer, então fiz o que tinha que ser feito. Levei a mão para trás e senti seu corpo inteiro ficando quieto enquanto passava minha mão em torno de seu pau. Um gemido soou no meu ouvido. Eu ignorei o arrepio que subiu e apertei com força.

— Filha da puta — ele berrou, seus braços se desdobrando enquanto o palavrão luminoso flutuava na noite.

Eu abri a porta do carro, mergulhando para dentro, enquanto Dash permanecia curvado.

Quando ele olhou para mim com um brilho enlouquecido em seus olhos, eu mostrei o dedo do meio para ele e me afastei.



Capítulo 28

Dash

Eu fiquei no gramado em frente à casa de alguém até que a dor em minhas bolas diminuísse o suficiente para me deixar respirar corretamente.

Exceto que ainda não conseguia respirar. Embora graças a um tipo diferente de dor.

Dor que se misturava com uma alegria excruciante, do tipo que nem deveria existir.

Queria dizer que também te amo.

A confissão se seguiu festa adentro, se repetindo obsessivamente enquanto as garotas batiam em meus braços e alguns caras tentavam chamar minha atenção. Eu subi as escadas, me jogando no espaço ao lado de Lars, que parecia estar prestes a voar de tão chapado que estava.

— Foi Peggy que eu vi sair correndo daqui? — perguntou com a voz arrastada.

— Arram — eu disse, botando os pés para cima da mesa de centro de vidro enquanto tentava forçar meu cérebro a pensar corretamente.

Minhas botas fizeram um som estridente quando encontraram o vidro, mas não me importei. Ela me amava. Peggy disse que estava apaixonada por mim.

Depois de me ver transando com outra garota.

Um gemido aqueceu a palma da minha mão enquanto eu a deslizava pelo rosto e afundava ainda mais no sofá. Porra. Que porra eu fiz?

Eu não tinha certeza se ela me perdoaria por isso. Eu a conhecia, e Peggy me perdoaria por um monte de coisas, mas o timbre sufocado em sua voz e a dor em seus olhos me disseram: eu estava ferrado.

Mas ela precisava disso. Peggy me machucou primeiro, pior, ela fez isso logo depois de eu dizer que estava apaixonado por ela. Poucas horas, se formos exatos. E eu queria exatidão naquele momento.

Ela decidiu me contar depois que eu estraguei tudo. Houve uma diferença. Então, que se dane, eu ia ficar chapado e tacar o foda-se na noite.

Jackson espreitou através da multidão na sala de estar, seus olhos procurando, em seguida, fixando-se em nós antes de se aproximar rapidamente. Ele chutou meus pés da mesa de centro, sentando-se logo em seguida, a expressão sombria.

— Nenhum de vocês, idiotas, atende seus celulares?

Lars não disse nada, apenas olhou através de finas fendas que antes pareciam olhos.

Eu dei uma tragada no cigarro, então completei com um gole de Jack Daniel's.

— Nem sei onde está. — Isso era verdade, embora eu tivesse certeza de que deixei em algum lugar naquele quarto depois que tentei sem sucesso foder Kayla.

Eu me encolhi, tomando outro gole grande e ardente de uísque. Eu nem poderia dizer que foi um ato impensado. Ah, eu estava pensando muito bem. Com o pau, meu coração e ego machucados.

Provavelmente não nessa ordem, mas eu não estava tomando as melhores decisões. Eu tinha fodido tudo, mas não sabia que Peggy sentia isso por mim; depois do que fizera no baile, eu estava lutando para acreditar que ela estava me dizendo a verdade.

Peggy provavelmente só sentia minha falta.

Tudo o que eu queria era vingança. Uma doce e entorpecente vingança na forma de uma fuga.

Então, foda-se a Peggy. Ela me destruiu. É justo que eu faça o que quiser.

Todos os meus pensamentos foram destruídos quando Jackson se inclinou para frente.

— Willa me contou algumas coisas ontem à noite.

— Que seu pau vale o divórcio dos seus pais depois de descobrirem que vocês estão transando? — Lars cuspiu, rindo.

Ora, ora. Fiquei tentado a perguntar a Lars como ele descobriu, mas apenas ri em vez disso.

— Legal.

Jackson balançou a cabeça, parecendo querer bater nossas cabeças uma na outra.

— Cale a boca. E, não, ela me disse que as coisas esquentaram entre Peggy e Byron, mas Peggy parou.

— Esquentaram?

Jackson coçou a bochecha.

— Eles estavam se pegando, e ele a estava tocando, mas ela disse a ele para parar.

Tudo ficou vermelho. Pulei do sofá e perdi o equilíbrio por um momento.

Jackson me empurrou de volta no sofá.

— Senta. Você não pode fazer outra merda para ser expulso, e ele nem está aqui. Eu o vi sair há cerca de dez minutos.

— Como se eu me importasse em ser expulso.

Jackson suspirou.

— Aparentemente, ela estava confusa por sua causa, não sabia como se sentia e não sabia o que fazer, então Peggy pisou no freio e mordeu a boca do Byron.

Eu não disse nada, com a visão ainda borrada.

— Você viu o corte no lábio? — Eu fiz uma careta, lembrando disso e de como as pessoas chamaram Peggy de selvagem. — Ela o mordeu para fazê-lo sair de cima dela, então Willa e Daphne pararam a limusine.

Enquanto Jackson continuava falando, lembrei de onde estava enquanto isso acontecia entre Byron e ela. Dentro do armazém escuro, me sentindo como se tivesse sido largado, como o filho da puta que eu era.

Ela teve de mordê-lo para fazê-lo parar.

Eu deveria ter tentado mais. Eu não deveria tê-la deixado com ele para ir encher a cara até afogar meus sentimentos. Eu deveria ter pressionado ainda mais. Eu sou Dash Thane, aquele não parava até conseguir o que queria. Mas, desta vez, eu não consegui lidar com o desafio, então dei um passo atrás, esperando que, pela primeira vez na minha vida, não tivesse de exigir que me dessem algo. Algo que não poderia ser comprado ou entregue a mim.

De pé, soltei uma série de xingamentos tão obscenos, que Jackson me encarou como se estivesse esperando que eu explodisse.

— Eu vou matar esse cara da próxima vez. Eu vou — Jackson me empurrou de volta para o sofá, e eu me levantei, ficando de frente para o seu rosto. — Pare de fazer isso, seu idiota.

Seus olhos verdes brilharam.

— Ela era namorada dele, e você estava trepando por aí, brincando com ela em vez de ser direto sobre o que sentia.

— Eu fui direto com ela. — Mas então eu desisti, deixando-a confusa, como um covarde. Pisquei, recuando e passando a mão no cabelo.

— Onde está a Peggy? — Kayla perguntou, passando o braço em volta do meu.

Eu a afastei.

— Vá embora antes que eu arremesse sua bunda pela janela.

Ela resfolegou, e então riu.

— Você é um idiota.

— Ei, Kayla — disse Lars, seus lábios se torcendo em um sorriso enquanto afundava nas almofadas do sofá.

Ela parou, jogando o cabelo por cima do ombro, enquanto batia os cílios para ele.

— Dizem que seu cara acabou de sair com Annabeth.

Suas sobrancelhas se repuxaram.

— O quê? — Uma risada escapou dela, então sua expressão confiante morreu. — Claro que não.

— Saiu há cerca de quinze minutos — disse Jackson.

Os lábios de Kayla se abriram, e seus ombros tremeram visivelmente quando ela levou a mão à testa.

— Mentira. — No entanto, o tom não mostrava nenhuma convicção.

Eu não sabia se Byron realmente tinha ido embora com Annabeth, e não me importava. Contanto que não estivesse perto de mim agora.

— Por que diabos a gente ia mentir sobre uma parada assim? — Lars balançou a mão para ela. — Não se preocupe, acredite ou não, só dê o fora daqui antes que a gente pegue alguma coisa de você.

Seu rosto se contorceu de indignação, mas ela não ficou por perto, e nem eu.

Depois de tropeçar até a porra quarto para encontrar meu celular, caminhei até as escadas antes de Jackson agarrar meu ombro e me puxar de volta.

— Eu juro por Deus, se você continuar me empurrando assim, eu vou...

— Você vai o quê? — ele perguntou, o olhar em seus olhos dizia que ele precisava de uma válvula de escape. — Se você quiser sair,

eu vou te levar para casa. Você está na merda. Você não vai a nenhum outro lugar.

Eu precisava vê-la, e esse idiota tinha a intenção de me impedir.

Peggy. Caralho. Eu queria me jogar escada abaixo, a culpa pulsando em cada veia do meu corpo. Senti repulsa ao saber que ela havia sido atacada por aquele animal, mas agora eu também a havia machucado.

Lars se juntou a nós enquanto descíamos as escadas, Raven longe do nosso alcance.

— Me leva até a casa da Peggy — eu disse enquanto entrávamos em sua caminhonete.

— Não. — Ele deu partida no veículo, os faróis iluminando um grupo de meninas dançando na rua.

— Sim — eu disse, minha cabeça se apoiando no vidro enquanto girava em ondas nebulosas.

Jackson não disse nada, e eu tentei levantar a cabeça, mas eu tinha exagerado, e logo a escuridão tomou conta.



Lars e Jackson me puxaram para fora do carro e me deixaram na varanda. Lars precisava de ajuda para voltar para o carro, então Jackson tocou a campainha e me deixou lá.

Não poderia exatamente culpá-lo, mas meu pai fez um esforço considerável para me ajudar a entrar.

De banho tomado e deitado de bruços na minha cama, repassei os eventos da noite anterior algumas vezes. Nunca foi tão fácil lembrar. Eu era um masoquista de primeira linha.

Mas se iria me sentir um merda de todas as maneiras possíveis, precisava ter certeza de que faria tudo certo.

Church se esfregou em meu corpo, então suas patas começaram a massagear minhas costas. Eu estava sem camisa, então suas unhas eram um problema, mas ele era uma das únicas coisas que

eu amava, então aguentei. Não era como se eu não merecesse sentir um pouco de dor.

— Toc, toc. — Papai abriu a minha porta.

Eu nem me incomodei em olhar para ele e resmunguei:

— Normalmente as pessoas preferem bater em vez de dizer “toc, toc”.

— Eu não tentaria bancar o espertinho comigo agora, seu bebum. — Ele fez uma pausa, e eu o ouvi tomar um gole de café. Eu mataria alguém por um pouco de café, mas não tinha certeza se meu estômago aguentaria qualquer coisa.— — Olha, eu já tive dezoito anos...

Eu gemi.

— Não... essa merda de novo não.

— Cale a boca. Eu já tive a sua idade e me lembro com muita clareza, ou não, de quantas merdas alguém pode fazer. No entanto, isso precisa parar, Dash. Você precisa aprender a se controlar.

— Eu não perdi o controle de absolutamente nada.

— Sair para festas todo o fim de semana, ser suspenso da escola por bater em alguém, e nem vamos falar sobre sua falta de respeito comigo e com a sua mãe.

Eu tossi, meu peito latejando.

— Apenas por minha querida mãe.

Ele soltou um barulho raivoso, e eu me encolhi. *Ultrapassei os limites.*

— Tá, tá. — Eu levantei um braço. — Eu vou melhorar, vou me esforçar mais, tanto faz.

Papai permaneceu parado, seu julgamento e as palavras não ditas que mantinha para si mesmo pesavam no ar viciado do meu quarto. Depois de um minuto, ele suspirou.

— Você tem o dia de hoje para ficar de ressaca, mas amanhã eu quero você de pé e fora da casa. Sem videogame amanhã.

Isso me fez rolar. Church protestou, suas unhas marcando minhas costas. Eu assobieei.

— O quê? O que jogar alguns jogos tem a ver com isso?

— Você tem motos novas na garagem e hectares de terra atrás da casa para ir pilotar. Saia e faça isso, ou eu não sei... — Ele jogou a mão que não estava presa na caneca. — Limpe essa merda de quarto.

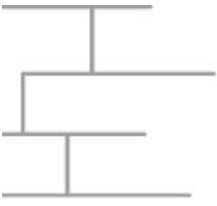
— É para isso que temos a Franny — eu disse para suas costas enquanto ele saía.

— Franny disse que não quer mais entrar na masmorra. Riscos ocupacionais.

— Riscos o quê? — Eu olhei ao redor, para a camada de lixo cobrindo o chão. Não era tão ruim assim. Havia só umas embalagens de comida, roupas, livros escolares, consoles de videogame e cabos e alguns copos e tigelas vazios. Eu pigarreei, então me joguei de volta na cama para me agarrar à minha infelicidade.

Eu ia passar o dia deprimido.

E no dia seguinte ficaria deprimido também, mas tentaria reconquistar minha melhor amiga.



Capítulo 29



Peggy

— **P**eggy. — Minha mãe bateu na porta. — Eu preciso ir até o centro da cidade.

Eu rolei a cabeça para fora do meu travesseiro, o suficiente para conseguir murmurar.

— Que incrível.

Mamãe fez uma pausa.

— Você tem certeza de que está bem?

— Eu vou ficar bem.

Mamãe esperou um pouco.

— Ok. Me ligue se precisar de alguma coisa. Não devo demorar.

Tive vontade de lembrá-la de que eu tinha dezoito anos e era perfeitamente capaz de ficar sozinha em casa, com o coração partido ou não. Mas não ia funcionar, e não era justo descontar o que eu estava sentindo nela, mas eu estava começando a não me importar.

Era muito difícil fazer isso, quando tudo que eu via eram as duas figuras se movendo em uma cama e tudo que ouvia era o som dos gemidos de Kayla. Em loop, tudo ficava se repetindo. Eu não conseguia desligar. Então tentei dormir, mas mesmo por trás das

pálpebras inchadas pelas lágrimas tudo me perseguia e exigia que eu olhasse.

Veja o que você fez.

Veja o que fomos fazer.

Alguns beijos mudaram tudo. Ou talvez teria mudado de qualquer maneira. Quem saberia? Acho que nunca saberemos. Mas não deveria ter acontecido da maneira que aconteceu. Se estivéssemos destinados a acabar trilhando esse caminho juntos, eu não acho que era para ser dessa forma. Qualquer coisa, menos essa dor que não deixava meu coração em paz.

Uma batida na janela me fez rolar, pisquei, limpando minha boca, quando uma sombra apareceu atrás das cortinas.

— Pegs.

Meu coração despencou no peito e depois disparou.

Ele sacudiu a janela.

— Me deixa entrar, Sardas, ou vou arrebentar essa janela feita de papelão.

— Vá para casa, Dash.

— Viu só? É vagabundo. Não era para te ouvir, mas eu ouvi. — Ele fez uma pausa. — Ou talvez tenha apenas imaginado, tanto faz. Me deixa entrar.

Eu o ignorei, mas vi suas palmas deslizando pelo vidro tentando encontrar apoio suficiente para levantar a janela trancada.

— Tudo bem. Você não me dá escolha.

Eu fiz uma careta ao dizer essas palavras, então meu coração disparou quando ele enfiou algo sob a madeira velha, de pintura lascando e caindo enquanto ele tentava arrombar a janela.

— Ah, meu Deus do céu. — Tirei as cobertas e, vestindo apenas uma camisa muito longa, uma calcinha e com o cabelo bagunçado no alto da cabeça, corri pelo corredor para abrir a porta da frente.

Como se esse fosse o seu plano, ele já estava lá, um sorriso brilhante no rosto quando ele entrou, me fazendo tropeçar um passo para trás.

— Você está horrível.

— Você está falando sério? — Fechei a porta, não para mantê-lo dentro, mas para manter qualquer coisa que pudesse ser dita longe de qualquer vizinho.

Dash inclinou o ombro e entrou na sala, recostando-se no encosto do sofá com os tornozelos cruzados.

— Vim rastejar.

Meus olhos turvos se arregalaram enquanto eu ria.

— Quem diz uma coisa dessas? Em vez de apenas rastejar?

Seu sorriso estava prestes a me fazer unhar seu rosto.

— Claramente eu. Quer que fique de joelhos? Eu não coloquei a boca em você ainda, mas se você se aproximar, eu ficaria mais do que feliz em atendê-la. — Seus olhos percorreram minhas coxas, os dentes mordiscando seu lábio inferior carnudo, mesmo enquanto os punhos e mandíbula se tensionavam. — Para tirar todo e qualquer resto daquela escória que tocou em você.

A saliva engrossou em minha língua, e minha garganta inchou.

— Você é um idiota.

Fui até a porta, prestes a abri-la, quando Dash disse.

— Tudo bem, tudo bem. Acho que não está na hora ainda de fazer essa piada. Me desculpe, ok? Tipo, desculpa para caralho.

Eu parei de me mexer, meu corpo ficou tenso.

— Sou egocêntrico, mas a gente já sabe disso. — Seus passos se aproximaram, as botas pesadas no chão de madeira. Sua voz continha um apelo suave. — Eu não sabia que você estava tão confusa, Peggy. Não achei que você gostasse do cara. Mas, mesmo assim, sei que fiz tudo errado. Eu estraguei tudo, me desculpe.

Meus pulmões congelaram, o ar saindo de mim em uma exalação seca.

— Você saberia se tivesse me ouvido nessas últimas semanas. Eu disse que gostava dele. Eu disse a você que o que estávamos fazendo estava me assustando.

— De novo, eu estraguei tudo. Mas pensar naquele cara tocando você daquele jeito... — disse Dash em uma expiração áspera. — Rasgou meu coração.

— Engraçado, eu não sabia que você tinha um.

— Eu mereço essa.

Eu engoli em seco, meus olhos queimando, e me virei para ver sua expressão torturada. Dash estava todo fodido também, mas melhor do que eu. Seus olhos azuis estavam mais vívidos sob as bolsas sob eles, e a bagunça cuidadosa que ele fazia no cabelo estava achatada de dez maneiras diferentes. Sua camisa branca estava amassada, assim como a calça jeans, e as botas, desamarradas.

O calor se fundiu ao mesmo tempo em que o ódio e a dor envolviam meu coração. Não parecia justo que, diante de mim, eu fosse capaz de finalmente apreciar tudo o que ele era, mais do que apenas um amigo, mas também estar muito arrasada para até mesmo querer isso.

— Como você chegou a essa epifania milagrosa, afinal?

— Isso não importa. — Eu fiz uma careta, porque, sim, importava, e ele deu alguns passos para mais perto. — Eu gostaria de ter entendido o que estava sentindo antes de tudo isso acontecer. Eu gostaria de ter engolido meu orgulho antes de deixar esse problema me vencer. Eu gostaria de ser capaz de pensar antes de agir. Desejo tantas coisas, mas não adianta desejar, porque estou aqui, incapaz de realizar qualquer uma dessas coisas. — Minha língua parecia grossa dentro da boca, então não disse nada. — Sardas, cansei de apenas desejar. Eu só quero consertar isso.

Meus olhos se fecharam. Eles reabriram quando sua mão encontrou meu rosto, seu polegar roçando minha pele enquanto Dash se aproximava ainda mais e olhava para mim.

— Eu amo você. Eu sempre te amei. E eu não sei quando exatamente esse amor mudou ou por que me fez agir como um idiota mais do que o normal, mas eu sei que não é recente. Eu sei que estaria mentindo se tentasse dizer que tudo é novo. — Seu

pomo-de-adão se mexeu. — Porque não é novo. A novidade é que finalmente posso reconhecer o que sinto e admitir isso.

Senti meu coração batendo em cada membro, cada veia e cada respiração, enquanto absorvia o que Dash acabara de dizer.

— Você... — Eu não conseguia nem falar, minhas cordas vocais tinham se tornado algodão-doce, frágeis, não confiáveis e muito macias.

Dash concordou com a cabeça, seu polegar encostando em meu lábio inferior e passando por baixo dele, os olhos observando a conexão.

— Sim, sem mais besteiras. Sempre falei a sério. — Seus lábios se contraíram. — Até que precisei admitir o que sinto por você. O que diz muita coisa, não é?

Olhei seus lábios, onde um pequeno corte ainda residia, fruto da briga com Byron. Eu queria tanto perdôá-lo de tudo o que tinha acontecido, mas enquanto olhava para aquela boca, não pude deixar de pensar em Kayla.

— Você sabia que me amava, mas estava numa boa para fazer sexo com outra pessoa?

Seus lábios se apertaram e seu polegar parou de se mover.

— Não há muito que eu possa dizer, além de que eu sinto...

— Sente muito, sim, já entendemos isso. Mas, Dash... — Eu ri, recuando e sentindo falta de seu toque. — Eu não consegui ir mais longe com Byron, porque só o pensamento me deixava enjoada. Porque eu estava começando a pensar que talvez também estivesse apaixonada por você.

— Peggy, porra. — Suas mãos se enrolaram ao lado do corpo. — Eu quero isso. Nós. Mais do que qualquer outra coisa no mundo. E se pudéssemos apenas começar de novo, você sabe que eu nunca faria isso...

— Mas eu não sou capaz de esquecer. — Eu endireitei meus ombros, me esforçado para deixar minha coluna reta e manter minha voz firme. — Não posso esquecer como foi ver você naquela cama com ela, dentre tantas opções.

Ele veio em minha direção, mas eu recuei. Dash parou, beliscando a ponte do nariz.

— E-eu nem sei o que dizer. Eu estava muito mal, fodido, mas não sou o tipo de pessoa que fica esperando alguém decidir que finalmente me quer, Peggy. — Uma risada áspera estourou. — Eu sou do tipo que fode outra pessoa para me ajudar a esquecer alguém. E não estávamos juntos. Nunca pensei que íamos nos falar novamente.

Lágrimas escorreram, e eu as afastei, meu coração apertando.

— Embora isso possa ser verdade, criou uma bagunça muito grande agora. Portanto, não existe realmente nenhum motivo para ter essa conversa.

— Existe, sim — ele grunhiu com a mandíbula apertada. — Existe, porque somos nós. Não conseguiríamos viver um sem o outro, mesmo se não nos apaixonássemos, e agora definitivamente não estamos conseguindo.

— Você não se sentia assim há quarenta e oito horas — Tive de lembrá-lo.

Dash esticou os braços.

— Porque eu odiava você quarenta e oito horas atrás. Você me destruiu, Peggy. Para ser honesto, saber que você estava namorando com ele, saber que ele tocou sua boceta naquela limusine está me destruindo.

Eu vacilei.

— Vê? — A emoção maculou minha voz, manchando minha visão. — Só vai embora. Estamos perdendo tempo e tornando isso ainda pior.

— Nenhum tempo é perdido com você, mesmo quando estamos terminando tudo.

Meus dedos se curvaram, as unhas fincando em minhas palmas.

— Eu não quero mais discutir. Eu quero que você saia.

— Isso é sobre a Kayla? Vamos lá — Dash disse. — Somos maiores do que essa besteira.

Como Dash descartou bem facilmente a dor que causou por conta de suas ações, algo escuro e totalmente destruidor se abriu dentro de mim.

— Não ouse menosprezar o que sinto. — Eu estava fervendo, meus dentes batiam uns contra os outros. — Mas você está fazendo isso, porque é o que você faz. Você é Dash Thane, certo? O menino que ignora como os outros se sentem e faz e diz o que quer, e sai impune sempre.

Suas narinas dilataram.

— Isso não é verdade, porra.

— É, sim. É verdade, porra. Mas não desta vez. — Eu marchei para a porta, abrindo-a. — Saia.

Dash não se mexeu.

— Isso é um erro. Nós dois cometemos erros suficientes. Podemos, por favor, não fazer mais nada e, em vez disso, encontrar uma maneira de superar isso? — Seus olhos imploravam, mas suas palavras estavam longe de ser suficientes.

Minha risada estalou e diminuiu no ar ao nosso redor.

— Vai, Dash. Agora.

— Não, apenas me escuta — ele rosnou.

— Por que eu deveria quando tudo o que você faz é minimizar o que você fez? A maneira como você me machucou?

— Porque eu te amo.

— Bem, eu não quero essa droga de amor. Agora, não. Nem amanhã. Nem em dez anos.

O choque pintou suas feições de um tom mais pálido.

— Você não está falando sério.

Peguei o vaso oriental atrás de mim, um dos únicos itens que mamãe pegou da casa do meu pai e joguei nele. Errei. De propósito. Mas foi o suficiente. Isso fez seus pés tropeçarem até a porta, e eu o empurrei pelo restante do caminho para fora.

— Peggy! — Ele bateu na porta quando a bati e tranquei. — Peggy, não faz isso, porra.

— Está feito. E nunca deveria ter começado — gritei através da madeira. — Vá para casa antes que eu chame a polícia.

Dash não se moveu por, pelo menos, cinco minutos. Eu o senti lá, como um cobertor sufocante no calor do verão, enquanto eu me sentava no chão com as costas contra a porta e chorava.



Fiquei na cama o resto do dia, minhas lágrimas secando no travesseiro, até que eu tivesse energia suficiente para as novas umedecê-lo novamente.

Eu queria viver isso. Queria saber como era se apaixonar por alguém e experimentar todas as coisas que as meninas da escola vivenciavam. Mesmo que eu me machucasse. Mas quem nunca sentiu a dor de um coração partido não era nada além de um sonhador tolo por pensar que poderia lidar com esses sentimentos. E se eu soubesse o tanto que o amor poderia me arruinar, nunca teria decidido ir atrás dele.

Pois o que descobri estava mais perto de casa do que jamais imaginei, o que só tornou tudo ainda mais devastador.

Mamãe me deu espaço, e eu fiquei grata, mas ela aparentemente pensou que já tinha me dado o suficiente quando entrou no meu quarto mais tarde, à noite, e se aninhou atrás de mim. Ela não me tocou e não se intrometeu. Apenas esperou, oferecendo conforto com sua presença.

E eu tentei, tentei muito não libertar cada pedaço rasgado de mim. Mas eles precisavam sair. Precisavam encontrar um lugar seguro para escapar. Eu não poderia mantê-los presos dentro de mim, caso contrário eu temia nunca mais sair do meu quarto.

Ela não disse nada enquanto eu falava, mas eu sabia que estava ouvindo, e enquanto eu engasgava com tudo o que tinha acontecido entre mim e Dash, eu queria chorar ainda mais ao ouvir tudo em voz alta.

— Não sei o que fazer agora — sussurrei quando terminei. — O que eu faço agora?

Mamãe então falou, sua mão pousando no meu quadril:

— Você continua a sentir e a fazer o que parece certo para você.

Fiquei surpresa, mas aliviada por mamãe não estar me dizendo para perdoá-lo.

— Mas como ele pôde fazer isso?

Mamãe se aproximou.

— Não há desculpas. Ele fez, e ponto final. Mas eu acredito que Dash está arrependido, que está culpado e que ama você.

Eu zombei, enxugando os olhos com o lençol.

— Ele é um mimado vaidoso.

Ela riu.

— Verdade. Mas ele é um mimado vaidoso que faria qualquer coisa por você. A ponto de se arruinar. — Um bocejo escapou dela.

— No entanto, isso não significa que possa usar o que você fez quando não sabia como se sentia como uma desculpa para te machucar.

Eu pensei nisso. Eu me virei para sentar e beber a água que mamãe trouxera com ela. O líquido frio desceu pela minha garganta seca, tentei imaginar como seria a vida dali em diante sem Dash. Parecia incompreensível — inviável — continuar sendo eu sem Dash ao meu lado. Mas eu tinha de fazer. Dash não me deixou escolha.

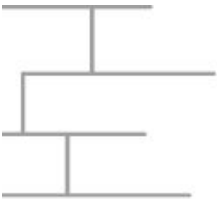
— Eu não quero ir para a escola amanhã. — Larguei o copo e voltei a me enfiar sob as cobertas.

Mamãe puxou um pouco do tecido para ela, fechando os olhos.

— Vou te dar um passe livre por causa do coração partido, mas depende de você como vai usá-lo. — Depois de um momento, ela acrescentou. — Eu teria dado dois, mas você quebrou meu vaso, então nada feito.

Eu sorri, e o movimento em meus lábios foi estranho, mas agradável. Eu só esperava me lembrar de como continuar fazendo

isso.



Capítulo 30



Peggy

Optei por não usar meu passe livre e arrastei meu corpo cansado para a escola.

A notícia de Lars, o pobre estudante bolsista bad boy, ser o pai do bebê de Annika, se espalhou como um incêndio. Tornou-se a única coisa na boca das pessoas quando não estavam comendo; quando vi Daphne em frente ao armário na segunda de manhã, eu sabia que ela estava tentando esconder o quanto isso a estava machucando.

— Você está bem? — perguntei. — Desculpa, é uma pergunta estúpida.

— Tudo bem. — Suas sobrancelhas franziram, vi uma camada de corretivo pesada sob seus olhos. — Você está uma merda.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela estava me puxando em direção ao banheiro feminino, Willa vinha logo atrás.

Algumas novatas demoraram lá, passando batom e endireitando as meias até o joelho. Com um sibilo de Daphne, elas recolheram suas coisas e foram embora.

— Você não precisava fazer isso — disse eu, observando a porta se fechar atrás delas.

— Precisava, sim. O que aconteceu na sexta à noite? — Daphne abriu a bolsa, tirando sua bolsa de maquiagem e vasculhando o interior.

Olhei para Willa, que deu de ombros e avançou com uma escova de cabelo. Meus olhos se arregalaram quando ela se lançou na ponta dos pés para alcançar meu cabelo emaranhado.

— Com Dash? — Eu fiz uma careta. — Ai.

— Desculpa — disse Willa. — Tá muito embaraçado.

Daphne começou a passar base no meu rosto. Eu normalmente não usava, mas não protestei quando ela disse:

— Você está tão vermelha, que parece estar com alergia. Então cala a boca e me deixa trabalhar. — Minha boca se fechou, e ela gemeu. — Eu não quis dizer calar a boca sobre Dash. O que aconteceu? As notícias do bebê de Lars e Annika podem ser um assunto em alta, mas isso não significa que as pessoas não saibam de Kayla e Dash.

Contive meu suspiro, o rosto de Daphne estava a centímetros do meu.

— Lógico.

— E Kayla, naturalmente, ela quer toda a atenção possível. — Daphne se afastou, inspecionando meu rosto, então acenou com a cabeça e pegou o pó.

Fechei os olhos enquanto ela o espalhava em todos os lugares.

— Eu os flagrei.

Willa engasgou, a escova ficando presa no meu cabelo.

— Jesus, Willa. — Esfreguei meu couro cabeludo.

— Desculpa. Isso é... não é de admirar que você esteja uma merda. Por que você não ligou pra gente?

— Eu estava ocupada sendo infeliz.

Daphne fechou a tampa, depois se virou e pegou o rímel.

— Ele é um cuzão.

— O mais cuzão de todos — acrescentou Willa.

— Fui lá para me desculpar, para tentar explicar, e aí vi... — Senti as lágrimas se acumulando, mas as impedi de cair o máximo que pude enquanto Daphne terminava de cobrir meus cílios. — Então, de alguma forma, ele descobriu exatamente o que aconteceu na limusine e foi até minha casa.

O toque de Willa desapareceu. Ela foi até a bolsa, pegando um elástico.

— Fui eu.

O olhar de Daphne a encontrou enquanto Willa fechava o rímel.

— Você contou para o Jackson?

Willa me ofereceu o elástico. Eu peguei, olhando para ela.

Ela mordeu o lábio.

— Me desculpa. Mas eu sabia que ele não ia falar com você. Jackson ia sair com eles naquela noite, e eu pensei que poderia ajudar se ele soubesse dos detalhes.

O nariz de Daphne se enrugou.

— Sua intenção era boa, mas ainda assim isso é uma merda, Willa.

Willa assentiu, e eu virei a cabeça para frente, prendendo meu cabelo em um pequeno rabo de cavalo. Eu sabia que Willa não tinha intenção de trair minha confiança, mas sim que desejava ajudar de alguma forma, então, mesmo que isso me irritasse, eu escolhi deixar passar.

— Não se preocupa com isso. Mas lamento dizer que não fará diferença, agora que ele dormiu com Kayla.

Daphne guardou a bolsa de maquiagem e verificou a sua maquiagem assim que o sinal tocou.

— Tente ignorar o sorriso presunçoso dela. Kayla está apenas regozijando.

— Ele nem teve um orgasmo. — Não sei por que disse isso. Era patético, mas não estava nem aí se estava sendo patética ou não.

Willa riu.

— Ah, meu Deus. Sério?

Eu balancei a cabeça, alisando um pouco da base endurecida perto do olho. O tom de pele de Daphne era um pouco mais escuro que o meu, mas a combinação errada não parecia tão terrível; de qualquer jeito, melhorou bastante em relação à forma como cheguei à escola.

Daphne bufou.

— Não acredito que você ficou olhando.

— Eu não conseguia me mexer — eu disse. — Como se eu tivesse surtado ou algo assim, eu só pude ficar olhando como uma idiota cobiçosa. — Eu soltei um suspiro. — E agora vou pagar por isso para sempre.

Willa fez beicinho e esfregou meu braço.

Daphne suspirou e depois mexeu no cabelo.

— Quem perde é ele, e aposto que já está sentindo isso.

Eu não tinha certeza se ela estava se referindo a Dash ou Lars. Eu coloquei minha bolsa no ombro, seguindo-as para fora do banheiro e pelo corredor dos armários, onde rapidamente guardamos nossas coisas e fomos para aula.

O almoço veio e passou antes que eu percebesse que estava me preparando para uma tempestade que não chegava. Dash não apareceu, e ninguém parecia se preocupar com isso. Talvez pensassem que Dash ainda estava suspenso, mas eu sabia que ele deveria ter voltado hoje.

Lars e Jackson espreitaram pelo refeitório, o primeiro prestes a parar em nossa mesa, quando tropeçou, cambaleando em Jackson, que xingou e olhou ao redor.

— Controle-se, cara.

— Daph — disse Lars, ou tentou.

Eu me perguntei se ele estava bêbado e o olhei. A camisa para fora da calça, a falta da gravata e o cabelo desgrenhado. Então eu olhei para seus olhos injetados de sangue. Era uma visão e tanto.

— Vá comer alguma coisa, Lars. — Daphne deu um gole na água pelo canudo. — Parece que você chegou agora do inferno.

— Eu estou no inferno. Nós precisamos conversar. — Todo o refeitório parecia estar prendendo a respiração enquanto ele cambaleava para mais perto, suas mãos batendo na mesa enquanto se inclinava sobre Daphne.

Ela parecia contente em ignorá-lo, mas eu sabia que de fato não estava. Seus pés se moveram sob a mesa e seus ombros ficaram tensos.

— Vai embora — ela disse.

— Ah, vai se foder. Você não me quer agora, é isso?

Daphne manteve os olhos baixos.

— Hm? — Lars berrou. — Pelo menos olha para mim quando for mentir descaradamente, mostrando esses teus dentes bonitos.

Daphne apoiou as mãos na mesa, prestes a se levantar.

— Senhor Bradby. Dirija-se ao escritório do diretor. Agora.

As mãos de Lars escorregaram da mesa enquanto ele jogava a cabeça para trás, uma risada baixa e rouca escapando de seus lábios.

— Você deve estar de brincadeira comigo. Por quê?

O sr. Denkins apenas arqueou uma sobrancelha enquanto gesticulava para as portas.

Lars gemeu, e Jackson deu um tapa nas costas dele.

— Acabe logo com isso.

Observamos em silêncio enquanto eles saíam, e, de repente, as bocas começaram a se mover.

Incluindo a minha.

— Ele está chapado?

— Quando ele não está? — Daphne disse.

— Eu não pensei que eles ficassem assim na escola. — Dobrei a embalagem sobre o meu almoço. Meu apetite ainda não havia retornado totalmente.

Willa mastigou seu macarrão e engoliu.

— Eles não ficam. Quer dizer, nem sempre.

Lambi os lábios, observando Daphne tentando agir como se os últimos minutos não tivessem acontecido.

— Você tem permissão para ficar chateada, você sabe disso — eu finalmente disse.

Daphne revirou os olhos.

— Eu estou, besta. Eu só não vou deixar que ele veja isso.

— Por quê? — Willa perguntou. — Ele claramente ainda quer ficar com você.

Daphne bateu sua garrafa de água na mesa.

— Ele engravidou outra menina. Eu não vou me tornar uma figurante em algum programa de pais adolescentes.

Eu sabia que ela não queria dizer isso. A película de lágrimas sobre seus olhos traiu suas palavras amargas.

Willa colocou um braço sobre os ombros e Daphne fechou os olhos, se recompondo.

— Só porque ela vai ter um filho dele, não significa que eles precisem ficar juntos. Meus pais são a prova disso.

— Eu sei. Mas não quero atrapalhar a possibilidade dos pais de uma pobre criança serem capazes de criá-la juntos. — Daphne agarrou sua bolsa, verificando seu celular. — Nunca se sabe, isso é o ensino médio. Annika pode não ser tão insuportável daqui a cinco anos, e eu não serei a razão pela qual eles em algum momento no futuro se olharão e se perguntarão: e se...?

Com isso, ela se levantou, dirigindo-se para as portas, com vários pares de olhos seguindo o movimento de seus quadris.

Willa e eu nos olhamos.

— Devemos segui-la?

Eu balancei a cabeça.

— Eu acho que ela precisa de um minuto. Daphne sabe que estamos aqui por ela.

Willa terminou de comer, e eu desejei que tivéssemos nos sentado do lado de fora. Dash não estava aqui, mas não pude deixar de procurar por ele em todas as cadeiras vazias.

Especialmente durante a última aula do dia, quando ele deveria se sentar ao meu lado. Estava começando a me deixar louca. Eu não queria procurá-lo. Eu não queria nada com Dash. Nunca. Mais. Mas por que ele não estava ali?

Lá fora, corri para o meu armário e troquei meus livros, pegando minhas chaves, enquanto fazia um caminho mais curto até as portas de vidro que levavam à liberdade. A liberdade de sentir sem que todos tentassem te dissecar como em um experimento científico. A liberdade de ficar com raiva em vez de mantê-la cuidadosamente velada, para que você não fique conhecida como a tola de coração partido que está ligeiramente perturbada.

— Ele geme de um jeito. — A voz de Kayla travou meus pés, parando-os em meu caminho na parte inferior das escadas do lado de fora. — Foi algo que você não iria acreditar. E ele é tão grande quanto os rumores dão a entender.

A cortina que cobria minha raiva caiu, e eu olhei para ela.

— É sério isso?

Kayla inclinou a cabeça, piscando como uma boneca.

— Desculpa, você está falando comigo?

— Não tenho certeza. Foi você quem acabou de falar sobre fazer sexo com um cara que não conseguiu nem gozar em você? — Com seu suspiro, eu sorri, a satisfação maliciosa ondulando profundamente. — Ah, sim. Era você, né?

— Você só está com inveja porque não era você.

Não consegui impedir que as palavras escapassem dos meus lábios, mesmo que tentasse:

— Arram. É por isso que ele foi capaz de fazer tudo descer pela minha garganta um minuto depois de eu ter colocado a boca nele. — Eu balancei a cabeça. — Estou com tanta inveja.

Suas bochechas ficaram coradas, seus lábios se achataram, e eu ri, a dispensando e passando pelos alunos que pararam para ouvir o que estava acontecendo. Em seguida, fui para meu carro.



Eu usei meu passe de coração partido na terça-feira e fiquei vagando pela casa, alternando entre chorar, comer, jogar e comer mais. Meu apetite havia voltado, mas não estava orgulhosa das escolhas que fiz.

Eu joguei mais cobertura de chocolate no pote de sorvete de cereja, então coloquei uma grande quantidade na boca enquanto reiniciava o jogo. Dash não estava online, e eu estava me mantendo longe das redes sociais.

Nada deixava um coração já zangado ainda mais furioso do que as pessoas se gabando de suas vidas maravilhosas.

— Putz grila — reclamei, tossindo, enquanto engolia o sorvete antes que derretesse o suficiente. Joguei o controle no chão e o peguei de volta, enquanto o jogo era atualizado inesperadamente.

A porta abriu e fechou, e os saltos da mamãe soaram no piso de madeira quando provavelmente jogou sua bolsa na cozinha; em seguida, ela se dirigiu para o meu quarto.

— Você usou seu passe livre.

— E estou usando com sabedoria — eu disse envolvida com outra bola de bondade cremosa.

Seus lábios se torceram quando viu a calda de chocolate na minha cômoda.

— Só não deixe nada disso cair nos lençóis. Eu lavei ontem.

Eu acenei para ela, olhado a tela da TV e gemendo quando vi que a tela de loading ainda não tinha passado.

— Ok, bem, vou pedir pizza para que você possa curtir ainda mais. — Ela foi embora, e eu teria dado um soquinho no ar só com a ideia de comer uma pizza de alho, mas provavelmente não seria capaz de comê-la.

Uma batida na porta da frente fez com que os saltos da mamãe parassem; coloquei meu pote de sorvete na mesa, prestes a

reiniciar o jogo, finalmente, quando uma voz estridente fez meu corpo inteiro se acalmar.

Fui até a porta do meu quarto para ouvir melhor.

— Ele não esteve aqui — ouvi mamãe dizer.

— Você está mentindo, ele está sempre aqui. É como a segunda casa dele ou algo assim. — May fez um som de fungada, e eu pude imaginar seu nariz no ar enquanto ela olhava para o nosso minúsculo vestibulo. — Eu só quero saber se Dash está bem.

Mamãe repetiu.

— Ele não está aqui e não vem há alguns dias.

May ficou quieta por um momento.

— Bem, onde está Peggy? Ela sabe?

— O que está acontecendo? Dash não está em casa? — mamãe perguntou.

May bufou.

— Se ele estivesse, eu não estaria me sujeitando a isso.

Uma breve explosão de risos da mamãe.

— Adeus, May.

— Espera — disse May, apressada. — Ele não voltou para casa desde a manhã de domingo. Não é normal Dash ficar longe por mais de uma noite. A porra do gato dele fica ansioso.

Church realmente ficava ansioso. Ele normalmente só comia quando Dash estava em casa. Ainda assim, eu não conseguia me mover. Para onde ele foi?

— Você falou com a polícia? — mamãe perguntou.

May não parecia gostar de como essa possibilidade soava.

— Não, Mikael disse que ele está apenas tendo um acesso de raiva e que só faríamos um estardalhaço desnecessário. — Era muito a cara de May fazer um circo, mas não desse jeito.

— No entanto, você está preocupada — disse minha mãe.

May não disse nada por um longo momento.

— Me avisa se o encontrar — Tardiamente, ela acrescentou. — Por favor.

Mamãe deve ter concordado com a cabeça, e a porta se fechou; eu andei pelo corredor para espiar pelas cortinas da sala de estar enquanto May se afastava do meio-fio em seu Mercedes branco-pérولا.

— Você não tem notícias? — Mamãe me cutucou. — Mesmo?

Eu deixei a cortina cair.

— Não. Nada.



— Isso aí, garota! Rebola!

Eu balancei os quadris mais rápido, o vestido preto que eu tinha roubado do armário da minha mãe se mexendo, revelando um pouco demais da minha coxa.

Eu não me importei. Eu não me importava com nada enquanto continuava bebendo vodca na garrafa que estava na minha mão e dançando na areia.

— Cai fora, Tenterson — disse Daphne, chutando areia nele.

Ele ergueu as mãos enquanto recuava.

— Ei, ela está dançando sozinha. Estou aqui apenas só pra assistir.

Assim como os outros cinco caras se aproximando com bebidas nas mãos. A música que vinha do minúsculo alto-falante era alta o suficiente para ser ouvida por metade da baía, e fiquei surpresa que qualquer um de nós pudesse ouvir alguma coisa, quanto mais falar.

Eu não queria falar. Eu só queria esquecer; descobri na quarta-feira à noite, quando encontrei metade de uma garrafa de vinho que mamãe e Phil dividiram no balcão, que o álcool provavelmente era bom para isso.

Eu terminei com a garrafa, culpei Phil pelo seu desaparecimento quando ele saiu para o trabalho na manhã seguinte e então fiz planos para colocar minhas mãos em mais álcool. Uma ressaca

valia a pena. Qualquer coisa capaz de apagar as memórias que me impediam de dormir, de sorrir, valeria a pena.

Dash já tinha levado o suficiente de mim, e eu não o deixaria levar mais.

— Uau, baby. Eu não sabia que ela tinha quadris, muito menos que sabia dançar desse jeito — disse uma voz masculina.

Meus quadris desaceleraram, eu estreitei os olhos para a voz e então o chamei com um dedo. Ele serviria. Há algo de especial em buscar distração com outro ser humano, e eu senti uma agitação quando Danny se aproximou. Senti me arrebatrar como uma droga cheia de promessas.

Talvez eu não pudesse fazer o que Dash tinha feito comigo, mas não precisava ir tão longe para dar força à necessidade de distração e esquecimento.

Suas mãos pegaram em minha cintura, seu hálito fedendo a cerveja quando ele abaixou a cabeça, me apertando.

— Você está cheirando bem para uma dançarina bêbada — disse ele.

— E se eu não estivesse tão bem? — ronronei, sem saber se fui bem-sucedida, mas não me importei.

O timbre de sua voz mudou, tornou-se mais áspero, quando ele falou com pressa.

— Eu provavelmente não me importaria. Só olhar para você está me deixando de pau duro.

Em suas marcas, preparar, vai. Eu agarrei seu rosto, meu corpo e lábios se esfregando nos dele, e então ele foi puxado para longe.

— Ei, que porra é essa?

— Vá caçar alguém que não esteja pirando — disse Raven, empurrando Danny para longe quando ele fez menção de voltar para perto de mim.

Danny me olhou, e eu pisquei, tomando outro gole da garrafa na minha mão. Queimava ao descer, mas era uma boa combinação para o que residia no meu peito.

— Vem me encontrar mais tarde, Peggy.

Eu provavelmente não iria, mas sorri de qualquer maneira e ignorei o olhar que Raven estava me dando.

— Pegs — disse ele, arrancando a garrafa da minha mão. Ele se virou para Daphne, mas ela estava pronta, com as mãos nos quadris e a sobrancelha arqueada, desafiando-o a dizer algo.

Ele se virou para mim.

— O que você está fazendo?

— O que parece? — perguntei, rindo enquanto tentava arrancar a garrafa dele.

Ele a colocou atrás das costas.

— Parece que você está bêbada pra cacete e agindo de maneira anormal.

Eu pulei, tentando alcançá-lo quando Raven levantou a garrafa sobre sua cabeça.

— Droga, você é muito alto. Devolve, não tem mais graça.

— Não vai ser engraçado quando você acordar amanhã.

Coloquei as mãos nos quadris.

— Estou me divertindo. Isso não é permitido?

Daphne cruzou a areia.

— Vamos, Pegs. Você está ficando muito bêbada e estou entediada. Vamos voltar para casa.

— Não — eu rebati, dando um passo para trás. — Você pode ir, mas eu fico.

Mamãe nem sabia que eu estava ali, mas eu tinha dezoito anos, pelo amor de Deus. Eu poderia ir a uma festa se quisesse.

Raven suspirou e puxou o celular.

— O que você está fazendo?

Ele fez uma pausa com o aparelho a meio caminho da orelha.

— Chamando reforços.

— Quem? — *Por favor, não diga Dash. Por favor, não diga Dash.*
Eu não sabia onde ele estava. Ninguém sabia.

Mas então eu parei.

— Quer saber? Vá em frente.

Daphne me seguiu enquanto eu subia na parte gramada, agarrando meus chinelos.

— Você vai chamar um Uber?

— Eu vou andando.

Raven me alcançou e me seguiu, eu não tinha certeza de como ele havia chegado ao topo da colina tão rápido.

— Vamos, senhoras. Está ficando tarde.

— Ugh. Não precisamos de escolta.

Daphne pressionou o celular contra a orelha.

— Você a leva para casa. Eu não vou andando.

Raven sorriu, mas esperou que eu o alcançasse.

— Te mando uma mensagem amanhã.

Em resposta, ignorei Daphne, ela tinha ajudado a acabar com minha diversão; em seguida, enfiei meus pés cheios de areia nos chinelos.

— Se você disser o nome dele, vou dar um soco no seu estômago — avisei Raven enquanto descíamos a rua.

Nós a cruzamos e contornamos por um beco até a próxima rua.

— Não ia dizer nada. De qualquer forma, não tenho notícias dele há quase uma semana.

Uma semana? Eu quase disse isso em voz alta, mas me contive. *Não pergunte. Não pergunte.*

— Onde diabos ele está? — Eu fechei minhas mãos. — Não importa, eu não quero saber.

— Claro, você não quer. — Ele suspirou, colocando a mão no bolso para verificar o celular. — E nenhum de nós sabe. Mas nós o encontraremos se ele continuar se escondendo.

Eu não queria falar sobre Dash. Uma nuvem escura passou por mim, poluindo meu interior quando pensei na ideia de Dash estar

dando uma festa em algum lugar. Dash ficava deprimido, mas era bom em fazer isso com estilo.

— Você estava na festa?

— Nah, mas um dos caras que mora na minha rua foi, e ele me mandou uma mensagem pelo Facebook dizendo que você estava lá, depois perguntou onde Dash estava.

— Não somos uma promoção de leve dois, pague um — eu disse, percebendo tarde demais que comecei a falar sobre ele novamente.

— Arram. — Raven diminuiu a velocidade quando alcançamos a minha rua. — Vejo você na segunda-feira. Que tal você ficar em casa até lá, hein?

Eu mostrei o dedo do meio para ele, e Raven riu, me observando enquanto eu arrastava os pés sobre alguns jardins e calçadas até chegar em casa.

Silenciosamente, me movi pela casa até a janela do meu quarto, ignorando a pontada que decidi me fazer uma visita quando imaginei Dash fazendo exatamente a mesma coisa, e deslizei para cima. A janela rangeu, e então a cabeça da mamãe voou para fora, se esforçando para manter os olhos abertos.

Eu gritei e tropecei para trás, caindo no canteiro do jardim.

— Você estava dormindo perto da minha janela?

— Pode apostar, sua ladra de vestidos — ela disse, grogue. — Entre aqui e use a droga da porta, pelo amor de Deus.

Mordi os lábios, um pouco em choque enquanto levava meu tempo circundando a casa. A lua apareceu no céu da meia-noite, as árvores que ladeavam o riacho atrás de nossa casa entrelaçando-o nas sombras. Eu esperei até que minha mãe tivesse adormecido para fugir, certa de que ela nunca descobriria. Eu tinha esquecido quem era minha mãe.

Ela abriu a porta, trancando-a atrás de mim.

— Você andou bebendo?

— Sim. — Não havia sentido em mentir. — Eu queria esquecer um pouco.

Um suspirou a deixou, então um bocejo.

— Estou muito chateada agora, Peggy, e não de uma maneira divertida. — Ela apertou seu robe felpudo. — Mas vou brigar com você amanhã. Estou muito cansada agora.

O alívio me inundou, e eu saltei pelo corredor para o meu quarto.

— Parece bom para mim.



— Em quantos problemas você se meteu? — Willa perguntou no dia seguinte enquanto falávamos pelo celular. Eu estava de castigo, então elas não puderam vir para o nosso encontro de artesanato; além disso, eu estava com muita ressaca para fazer qualquer coisa além de olhar para o ventilador de teto.

— De castigo para o resto da minha vida.

— Cala a boca — disse Daphne, depois fez uma pausa. — Espera, é sério?

A imagem do rosto vermelho da mamãe e os palavrões que ela jogou em cima de mim esta manhã durante o café da manhã fizeram minha cabeça latejar mais forte.

— Eu acho que sim. Mas provavelmente vou sair no próximo fim de semana.

Elas ficaram quietas.

— Por quê? — Willa perguntou.

— Porque é divertido. Porque eu já tenho dezoito. Porque eu deveria fazer essas coisas. — Eu reprimi um bocejo. — E porque ajuda, ok?!

Na última parte, Daphne disse.

— É verdade. Mas não exagere novamente. Há o bêbado alegre e, em seguida, o bêbado chato que só arruma confusão.

Eu estremei, não tendo muitas lembranças do que tinha feito, recordava apenas o básico.

— Eu fui a segunda opção?

— Mm-hmm.

— Isso é um pouco embaraçoso. — Eu precisava ter certeza de que agiria de forma um pouco mais elegante na próxima vez. — Então, alguém terminou o trabalho de história?

— Eu fiz semana passada — Willa falou.

Claro que ela fez.

— Não, vou começar hoje à noite. Me deixa adivinhar, você já fez pelo menos metade? — Daphne me perguntou.

— Na verdade, não. — Eu olhei para meu laptop, embaixo de uma pilha de roupas e livros na minha mesa. — Talvez eu comece mais tarde. — Ou talvez eu devesse tomar outro banho e tirar outra soneca para não ter de enfrentar minha mãe novamente.

— Jackson foi à festa ontem à noite? — Willa perguntou, parecendo cautelosa.

— Deus, Willa. Eu já sei — Daphne disse, exasperada. — Todo mundo sabe.

Willa fez um som sufocado, então tossiu.

— Merda. Acabei de inalar um pouco de limonada.

— Como isso aconteceu? — Perguntou Daphne.

— Porque você me fez engasgar.

Eu sorri para o teto, meus pés balançando enquanto levantava minhas pernas. Decidi livrá-la do sofrimento.

— Eu não o vi.

— Nem eu — disse Daphne.

— Estranho — disse Willa. — Ele não estava em casa ontem à noite.

— Vocês estão juntos ou algo assim?

Daphne bufou.

— O que Peggy queria perguntar é se o seu relacionamento secreto é real ou você está apenas brincando, porque o assunto é um tabu, e ele é gostoso.

Eu gargalhei.

— Não foi isso que eu disse.

— Mas nós queremos saber, não é? — Daphne riu. — Vamos, Willa. É só nos dizer.

Ela ficou quieta por um minuto.

— Ainda estou tentando processar o fato de que todos sabem.

— Bem, processe mais rápido. Preciso carregar meu celular logo.

— Vaca — Willa brincou. — Já estamos juntos há algum tempo. — Sua voz se acalmou. — Não que isso importe.

— Quanto tempo é “algum tempo”?

Eu amava o modo de Daphne interrogar as pessoas. Bem, em momentos como este. Isso significava que eu não precisava reunir coragem para perguntar as coisas.

— Alguns meses, talvez. Mas já dura mais do que isso. — Eu ouvi uma porta fechando antes que ela continuasse. — É que não sabíamos o que fazer.

— Vocês não são parentes de sangue. Qual é o problema além dos seus pais?

— Hum, nossos pais. — Ela suspirou. — Sem falar que temos o mesmo sobrenome. Não é exatamente normal.

— Não é — eu disse antes que pudesse me conter. — Quer dizer, eu entendo, mas como Daphne disse, vocês não são parentes, então não é tão ruim.

— Temos fotos juntos engatinhando. Largamos nossas chupetas ao mesmo tempo. Nossos pais costumavam tentar nos fazer passar por gêmeos. — Ela gemeu. — Eles nunca, nunca, lidariam bem com isso.

— Bem, dã — disse Daphne. — Mas você tem apenas oito meses até o fim das aulas, e então vocês vão se preparar para ir

para a faculdade.

Meus olhos arregalaram.

— Ah, por favor, me diz que vocês vão se matricular nas mesmas faculdades.

— Olha quem está animada agora — disse Daphne.

— Cala a boca — eu rosnei. — Eu preciso de emoção. Não julgue.

Willa riu.

— Está bem. E, sim, nós nos inscrevemos para algumas juntos.

Terminamos de conversar sobre Jackson quando Willa ouviu um barulho fora do seu quarto e começou a sussurrar. Meus olhos estavam começando a ficar pesados, então desliguei, murmurando algo sobre vê-las na segunda-feira antes de adormecer com o celular pendurado na ponta dos dedos.



Capítulo 31

Dash

O Silver Bridge Hotel não era o melhor estabelecimento da área, mas me deixou pagar em dinheiro, então reservei um quarto, pedi uma tonelada de comida e comecei minha nova vida como um campeão em comer até apagar meu arrependimento, remoer meu coração partido e ver TV durante o dia inteiro.

Bem, eu não quero essa droga de amor. Agora, não. Nem amanhã. Nem em dez anos.

Essas palavras me despedaçaram, e eu deixei a maior parte de mim para trás quando Peggy bateu a porta na minha cara. Era mais fácil assim.

Respirar, comer, dormir, sem a constante turbulência que esses pedaços soltos e quebrados iriam agitar.

Fazer um novo lugar no mundo para mim, onde não existiam memórias de Peggy e sem os lembretes constantes do que eu arruinei; essa foi a melhor ideia que eu já tive, honestamente.

E era por isso que eu fiquei puto quando meus amigos idiotas, de alguma maneira, conseguiram me rastrear.

Meu celular tocou, eu o peguei, confuso de estar tocando. Eu o desliguei para não ser incomodado pela recepção, porque eu já

estava devendo, visto que só paguei por uma semana. Agora já era segunda de novo, e eu precisava mover minha bunda até um caixa eletrônico.

— Tem alguém aqui perguntando por você, ei!

— Dash, qual o número do seu quarto? — A voz de Jackson veio pelo alto-falante.

Depois de engolir meu choque, sorri.

— Chuta. — Depois eu desliguei, deixando o celular no silencioso.

Levou cinco minutos para ele me achar, o que foi uma merda, de verdade, mas ele eventualmente me encontraria. Três batidas na porta. Eu demorei para ir até lá.

— Eu não quero sua salsicha, Larry James. Eu já disse a você, sou hétero.

— Que porra é essa? — Ótimo, Lars estava aqui também.

— Não, eu não estou querendo nada disso. Mulher. Eu gosto de mulher! — eu gritei, na maior cara de pau. — Mas eu tenho um amigo que pode querer seu número. O nome dele rima com...

— Dash, cala a boca, porra, e abre a porta.

Eu suspirei, tirando a corrente e depois retornando ao meu santuário na cama.

— Uau, lugar legal — Raven disse, e eu fiz uma careta, sem perceber que ele também se juntou ao expresso “Dash-sumiu-vamos-procurá-lo”

— Estou cultivando uns fungos ali.

— Sua mãe também está.

Lars deu uma risadinha.

— Não pode estar tão mal assim se está fazendo piada de mãe.

— Quarto 66? — Jackson falou lentamente. — Está faltando um seis.

Joguei meus pés para cima, indiferente que estava vestindo apenas uma camiseta e cueca. Culpa deles por se intrometerem.

— Temos imaginação por um motivo, babaca.

— Belas coxas. Você malha quadríceps, lindo? — Raven balançou as sobrancelhas.

Lutei contra a tentação de puxar minha cueca.

— Eu já disse a você, Larry. Eu sou hétero, porra.

Raven jogava nos dois times e cagava para o que qualquer um achasse sobre isso.

Isso não me incomodava, mas contanto que ele não saísse beijando nenhum cara perto de mim...

Raven suspirou, empoleirando-se na beirada da mesa laminada que devia ter mais de quarenta anos.

— Eu conheci um Larry uma vez.

— Quem se importa? Podemos apenas agarrá-lo e ir embora? — Jackson olhou ao redor. — Este lugar é deprimente pra caralho. — Ele respirou fundo, depois levantou a camisa até o nariz, resmungando por trás do algodão. — E cheira a pé sujo.

— Deixem meu santuário em paz. Tem sido meu fiel companheiro há uma semana. — Abri um saco de Doritos, colocando um na boca e mastigando. — Ao contrário de vocês, seus merdas.

Jackson gargalhou.

— Como diabos íamos saber que você estava escondido em algum hotel de merda que nem um gato machucado?

Lars concordou com a cabeça, roubando meu saco de Doritos.

— E não vamos esquecer que o mundo não gira em torno de você, idiota. Todos nós temos nossos próprios problemas.

Eu fiz uma careta quando ele enfiou um punhado das minhas batatas fritas na boca, então sorri.

— Como está a nova esposa?

— Ela não é minha esposa — disse ele, tossindo e espalhando migalhas laranja por todo o chão.

— Que nojo da porra. — Raven riu.

Lars mostrou a ele o dedo do meio.

— Ela não é... ainda. — Coloquei os braços atrás da cabeça. — Você vai precisar colocar um anel naquele dedo em algum momento.

— Segura a onda, Dash — Jackson avisou.

Jackson poderia ser considerado coração mole de todos nós, mas ele era o mais conivente, de longe. A única diferença entre a gente era que ele pensava mais antes de agir.

Uma característica que eu gostaria de ter. Dou a César o que é de César, mas nada mais. Eu não tinha mais nada para dar de qualquer maneira.

— Por quê? — Eu olhei para Lars. — Luta comigo.

Ele revirou os olhos, e eu ri.

— Outra hora. Eu tenho outros compromissos. Podemos ir logo?

— Certamente você pode. Vejo vocês no dia de São Nunca, até.

— Quem fica com as suas motos? — Raven perguntou, os olhos brilhando. — Se você não vai voltar, alguém precisa usá-las.

— Lars, porque ele está falido e ficará ainda mais pobre em breve.

Jackson tossiu, tentando abafar a risada.

— Obrigado, cara. — Lars assentiu com a cabeça.

— De nada. Agora fiquem à vontade para sair quando quiserem.

— Peguei o controle remoto. — Tenho que descobrir se Maria acaba se casando com Stephan ou se Giovanni interrompe a cerimônia.

— Você está brincando. — Jackson se virou para ver a pequena TV sendo ligada.

Raven pulou na cama, colocando os pés calçados com um par de Vans em cima do edredom mostarda.

— Estou dentro.

Nós batemos os punhos, então peguei um novo saco de salgadinho da mesa de cabeceira e ignorei os olhares das outras duas sentinelas silenciosas na sala.

— O que você disse para os seus pais? — Lars perguntou.

Eu suspirei, batendo no botão de pausa.

— Que estou de luto e estarei em casa quando não estiver mais. Provavelmente nunca.

— Luto? — Raven perguntou.

— Sobre o que poderia ter sido. — Tive vontade de acrescentar um *dã* no final, mas me contive.

As sobrancelhas de Lars se ergueram.

— Eles estão de boas com isso?

— Não exatamente. Papai acha que estou brincando. Mamãe fica feliz em saber que estou vivo.

Jackson riu de novo, então jogou as mãos para o ar.

— Vamos lá, ele está bem e claramente satisfeito por abandonar o ensino médio e morar em um hotel infestado de ácaros. Vamos cair fora.

Lars o seguiu até a porta, mas Raven parecia dividido.

— Eu não acredito que você recebeu permissão para ficar aqui.

Eu também não conseguia, mas tive a sensação de que só tinha mais alguns dias antes de meu pai me encontrar e me levar para casa. Eu planejava aproveitar ao máximo antes que isso acontecesse.

Lars bateu no batente da porta, estremecendo quando um pouco de tinta descascou.

— Olha, sabemos que você fodeu tudo com Peggy. — Eu esperei, tenso e pronto para lançar o controle remoto em sua cabeça. — Mas ficar deitado aqui não vai fazer com que ela te perdoe.

Peggy nunca me perdoaria, mas eu esperava que, pelo menos, ela sentisse a minha falta. Talvez fosse me procurar para ter certeza de que estou vivo, então ela esperançosamente iria ceder e me deixaria beijá-la até ficar sem ar. Isso estava ficando um pouco meloso, mas não me importei. Eu seria meloso por ela. Eu seria meloso, e isso seria muito fácil para Peggy.

— Adorei o papo. Tchau.

Raven esticou os braços sobre a cabeça enquanto ele se levantava.

— Você realmente não vem?

— Não, e se eu quisesse, o que não é verdade, meu carro está no estacionamento; acho que foi como você me encontrou. — Eu mastiguei mais algumas batatas, apertando o play no controle.

— Você é um filho da puta miserável.

— Nós já sabemos disso, Jack-Jack. Não há necessidade de desperdiçar suas palavras.

Eles saíram, a porta se fechando logo em seguida.

O silêncio que se prolongou com a ausência repentina incomodou. Para alguém que gostava de ficar sozinho, fiquei surpreso com o quanto realmente não me importava de os ter por perto. *Peggy realmente me ferrou*, pensei, pegando mais algumas batatas.

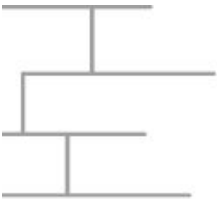
A porta foi reaberta, e Jackson enfiou a cabeça de volta.

— Ah, sim, esqueci de te dizer. Peggy parece ter um novo hobby, dançar seminua na praia enquanto bebe vodca enquanto deixa babacas se esfregarem nela.

— Mentira da porra — eu ofeguei, incapaz de entender. As batatas caíram da minha mão quando ele pegou o celular e cruzou a sala, jogando um vídeo na minha cara.

Era Peggy, sem dúvida, usando um pedaço de tecido preto e balançando seu corpo contra Danny Vestin.

— Filho de uma puta miserável. — Eu pulei da cama, correndo ao redor do quarto para pegar minhas coisas.



Capítulo 32



Peggy

Segunda-feira foi uma merda.

Eu cheguei atrasada de propósito, para evitar qualquer fofoqueiro olhando e querendo se fartar depois do pequeno show que eu tinha dado na noite de sexta.

Porém não precisava ter me preocupado. Não apenas porque eles ainda estavam muito obcecados com a relação instável de Annika e Lars, mas porque eu realmente fiz algo divertido, mesmo que um pouco estúpido. Eu não deveria ter vergonha de fazer as coisas que a maioria das garotas do nosso ano fazem quando iam a festas. Dançar e beber, embora de uma maneira desleixada.

Ugh.

Depois de afofar o cabelo e aplicar um gloss com aroma de maçã, peguei minha bolsa e me dirigi para a porta.

— Ah, bom, você está acordada. Leve o lixo para fora, por favor.

Parei e olhei por cima do ombro para mamãe, que estava de robe no sofá com seu Kindle no colo e uma caneca rosa na mão.

— Não vai trabalhar hoje?

— Estou menstruada e a tendência recente da minha filha de desenvolver um comportamento imprudente me fez precisar de um

dia para cuidar da minha saúde mental. — Seus olhos dispararam para mim, e ela tomou um gole de café ruidosamente.

— Uma bibliotecária dessas... — eu murmurei, deixando a bolsa e me arrastando para a cozinha para esvaziar o lixo.

— Uma adolescente dessas — mamãe disse, e eu abri um sorriso, apesar de não querer.

— Mais alguma coisa a fazer antes de chegar atrasada na escola? — Tentei manter a insolência longe da voz, mas, bem, era terça-feira, e não estava com vontade de tentar nada.

— Isso é tudo — disse ela, e eu peguei minha bolsa. — Por enquanto.

Eu meio que rolei os olhos então acenei sobre a cabeça enquanto passava pela sala de estar rumo à porta da frente e pegava minhas chaves.

Dentro do meu carro, liguei a música, precisando de algo para abafar os pensamentos. Quando deixados por conta própria, eles escolhiam me torturar com as mesmas imagens repetidas, até que eu mal pudesse ver mais nada na minha frente.

Estacionei ao lado do pequeno Mercedes de Daphne, em seguida abaixei o quebra-sol para verificar o cabelo. Eu o alisei esta manhã, e sem os cachos saltando, os fios caíam logo abaixo dos meus ombros. Eu também contornei os olhos com um pouco de delineador e fiz a festa com o rímel. Uma camada de corretivo atenuou as sardas que cobriam meu nariz e bochecha.

— Sem cachos hoje? — Willa perguntou, pulando da caminhonete de Jackson quando ele parou a algumas vagas de distância.

Ele deu a ela um sorriso que deixou suas bochechas vermelhas, e com sua bolsa sobre o ombro, caminhou até o prédio que estava começando a parecer uma cela de prisão.

— Eu tive um tempo extra — eu disse, fechando a porta e trancando-a antes de guardar minhas chaves. Esperamos que Daphne terminasse de prender o cabelo em um rabo de cavalo alto,

depois cruzamos o estacionamento e nos juntamos ao grupo que subia os largos degraus de concreto.

Minha pele se arrepiou enquanto passávamos por entre os corpos cheios de perfumes caros, loções pós-barba, colônias e spray de cabelo. Nossos armários estavam à vista, e de repente eu tive o desejo de me virar e descobrir por que meu estômago começou a se contorcer.

Eu ignorei, destrancando o armário e vasculhando meus livros.

— Merda — eu reclamei quando vi meu livro de história. — Não terminei o trabalho.

— O prazo era até hoje — disse Willa, fechando a porta e colocando suas coisas contra o peito.

Eu sabia disso, e sabia que devia ter feito. Eu estava distraída, meu cérebro relutante em funcionar normalmente.

— Quem se importa? — disse Daphne. — Você nunca se atrasou para entregar qualquer coisa antes, então ele vai te dar mais um dia sem te custar nada.

Eu ainda não estava gostando dessa ideia. Era o último ano, e se havia um ano, um semestre, para levar a sério ao se inscrever para a faculdade, era este.

Quase esfregando os olhos de frustração, lembrei de quanta maquiagem eu coloquei e deixei minhas mãos caírem. Elas atingiram minhas laterais como um tapa quando Danny parou, um sorriso cravado em sua bochecha.

— E aí, dançarina bêbada? Melhor do que no fim de semana?

Fiz todo o esforço possível para sorrir e mesmo assim continuou parecendo falso.

— Ah, merda — Daphne exalou.

— O quê? — Virei-me para ela e segui seu olhar até o meio do corredor.

— Ah, inferno — disse Danny. — Quando ele voltou?

— Melhor ir embora... — Veio a voz de Lars.

Daphne olhou para mim, seus olhos refletindo puro pânico, então disparou pelo corredor para a aula.

O sorriso de Lars se foi enquanto a observava desaparecer, e ele passou a mão na boca. Danny já tinha ido embora há um tempo, de modo que demorei mais do que qualquer outra pessoa para perceber o motivo.

Botas desamarradas flutuavam em minha direção, e meus olhos encontraram a calça baixa, a camisa para fora da calça e a gravata presa ao acaso.

Não.

Um calafrio passou por mim quando seus olhos árticos se concentraram em mim, sua mandíbula endureceu, coberta por pelos suficientes para certamente deixá-lo mais bonito ainda. O cabelo estava voltado para todas as direções, os fios dourados nem mesmo se mexendo quando ele se aproximou.

Dash estava de volta.

Prestes a correr, quase bati no peito de Lars. Ele me pegou, me segurando, e acenou para Dash acima da minha cabeça.

Eu não queria me virar. Eu não queria vê-lo. A bile estava fervendo, ameaçando fazer uma bagunça no meu estômago.

— Sardas.

Eu me afastei de Lars, esbarrando em Dash, com lágrimas nublando meus olhos antes de correr pelo corredor.

Eu deveria saber que ele me pegaria. Ele disparou na minha frente, me forçando a parar. Seus olhos estavam brilhando, claros, e pairavam sobre o meu rosto com um brilho calculado.

— Você pode correr, Sardas, mas eu posso correr mais rápido.

Minhas sobrancelhas se juntaram, assim como a fúria lentamente tensionando cada um dos meus membros.

— Saia. — Tentei contorná-lo, mas ele me seguia a cada passo.

— Não vou a lugar nenhum até que tenha olhado para você o máximo que puder.

Eu estalei a língua.

— O sinal está prestes a tocar.

Ele inclinou o ombro.

— Então vou ficar olhando para você até tocar.

Nós dois nos olhamos, ele com aquela contração irritante nos lábios, e eu com a boca cheia de mil e uma coisas que queria gritar para ele.

Os alunos se moviam, alguns parando para nos olhar enquanto os outros continuavam a conversa como se não existíssemos.

O sinal tocou. Eu levantei uma sobrancelha quando Dash não se moveu.

— Então?

Ele se aproximou, o dedo levantado em direção ao meu cabelo.

— Por mais que isso esteja sexy pra caralho, eu sinto falta de seus cachos. Suas sardas. Eu sinto sua falta. — Eu fiquei surpresa, o peito arfando, enquanto ele abaixava a cabeça, seus lábios vagando sobre minha bochecha. — E você precisa ir para o outro lado. — Com um beijo rápido no rosto, ele cambaleou para trás, sorrindo antes de me deixar lá.

— Idiota maluco — murmurei, me virando com as bochechas queimando e o coração batendo forte.



Fiquei sentada durante a aula, fervendo, a emoção como um nó constante na garganta, sendo bem difícil me concentrar. Dash teve coragem, apareceu bem na minha frente como se não tivesse me destruído sem deixar possibilidade de conserto.

As pessoas ainda estavam concentradas na história de Lars e Annika, ela não tinha ido para escola naquela manhã, mas não estavam tão absortos assim a ponto de não perceberem o reaparecimento de Dash.

— Ouvi dizer que ele foi suspenso e que o pai o mandou para um acampamento militar por duas semanas — disse alguém entre as aulas.

— Você é um idiota. Quem vai para o acampamento militar por duas semanas?

E era ainda pior com as líderes de torcida.

— Ele conheceu uma garota online, depois fugiu e se hospedou em um hotel com ela.

— Claro que não. — Selina bufou.

Annabeth acenou com a cabeça.

— Com certeza. Porra do Tinder, levando todos os caras decentes.

Eu mordi os lábios ao ouvir isso. Dash Thane estava longe de ser decente, até mesmo ele ria dessa palavra.

Dash era um canalha egoísta, conivente e imbecil.

Não havia nada a se romantizar em Dash, mas eles não se importavam. O que quer que tenha feito seus corações estúpidos baterem mais rápido foi aparentemente definido como decente.

Eu sabia que havia pouca ou nenhuma verdade por trás da maioria dos boatos, mas independentemente disso, o fato de Dash ter ido embora e simplesmente decidido que voltaria me irritou.

Passei o almoço na biblioteca, terminando freneticamente minha tarefa antes da aula de história daquela tarde. Mesmo ali, no silêncio que permeia a sala, não pude escapar dele. Dash encheu minha cabeça, fez todos os meus músculos se apertarem e encurtou minha respiração. Mas eu tinha de ignorar isso. Ignorar ele.

Eu mal consegui terminar o trabalho antes da hora de voltar para aula, mas era melhor do que nada.

Os corredores estavam quase vazios enquanto eu corria, minhas botas parecendo mais pesadas do que o normal. O sr. Andrews estava prestes a fechar a porta quando viu que eu me aproximava. Seu bigode balançou para o lado quando eu ofereci um sorriso fraco de desculpas, passei por ele e fui para o fundo da sala.

E então descobri um idiota na minha carteira.

— Guardei para você. Pensei que você gostaria dela quentinha.

Eu joguei minhas coisas na mesa onde ele deveria sentar e fiz o meu melhor para ignorá-lo.

— Ok, antes de começarmos, os trabalhos devem ser entregues na minha mesa quando vocês saírem.

Alguns gemidos encheram o ar, e todos nós abrimos nossos livros quando o sr. Andrews começou a escrever a matéria no quadro.

Algo pousou na minha mesa. Um pedaço de papel amassado. Eu ignorei, mantendo meus olhos treinados no quadro e a caneta girando entre os dedos. Como se eu não me importasse com aquilo. Como se sua presença não fosse nada para mim. Como se Dash nem existisse.

Até parece.

Outro pedaço de papel pousou no meu colo, e quando o sr. Andrews se ocupou abrindo o seu laptop para procurar algum material, eu desisti, abrindo o que estava enrolado nas pregas da minha saia.

Me perdoa?

Eu segurei uma gargalhada descrente e balancei a cabeça.

Outro pedaço caiu perto da minha mão. Lambi os dentes, tentando ignorar mais esse, mas a tentação de espiar seus esforços miseráveis pelo perdão me fez abrir esse também.

Ok, talvez não hoje. Mas um dia?

Eu o joguei para trás, atingindo Dash na testa. Ele riu, e o professor ergueu a cabeça, olhando feio para Dash.

— Senhor Thane. Voltou há menos de um dia e já está achando graça e algo?

Dash esticou os braços sobre a cabeça, fazendo a camisa subir.

— Eu estava pensando em uma piada que minha garota me contou outro dia. — Ele acenou com a mão. — Continue.

Eu engoli em seco quando peguei um vislumbre de osso do seu quadril então voltei meu olhar para a minha mesa.

Sua garota?

O sr. Andrews estreitou os olhos e balançou a cabeça.

— A menos que você deseje compartilhar da próxima vez, tente se controlar.

Dash grunhiu.

— Anotado.

Conforme a aula continuou, minha mesa ficou coberta com pequenas bolas de papel. Eu não tinha certeza se ele havia rasgado aqueles papéis previamente ou se havia se tornado um rasgador de papel profissional enquanto esteve fora, mas ninguém pareceu notar. Nem mesmo aqueles que caíram da mesa e pousaram perto dos meus pés.

Eu amo você. Eu quero você e só você. Vamos falar sobre quão idiota eu sou. Podemos dar uns amassos depois? Eu realmente sinto sua falta pra caralho.

O último fez minhas mãos ficarem imóveis, o ar enchendo meus pulmões.

Com a garganta engrossando, amassei todos eles e os coloquei dentro do meu estojo. Ao sair, deixei meu trabalho pela metade na mesa do professor e corri para o meu armário.

Eu precisava sair dali, ficar longe de Dash e lembrar o que ele tinha feito.

Isso era difícil, já que eu podia senti-lo nos meus calcanhares, andando silenciosamente atrás de mim.

Kayla me jogou de volta ao abismo, saindo de seu grupo de amigos para acenar para ele.

— Dash, querido. Onde você esteve?

Ele não disse nada, e eu não sabia se ele tinha parado para falar com ela. Continuei andando até chegar ao meu armário e trocar

meus livros. Peguei minha bolsa, jogando-a por cima do ombro e fechando a porta.

Byron estava lá, seu rosto e olhos duros.

— Você está com ele? Ou com Danny? Qual deles?

Com as pernas tremendo, dei um passo para trás.

— O quê?

Ele balançou a cabeça, olhando ao redor antes de abaixar a voz para apenas um rosnado sussurrado.

— Que palhaçada, Peggy. — Ele se recompôs, respirando fundo.

— Nós nem mesmo dissemos que tínhamos terminado.

— Não — eu disse enquanto controlava toda a dor e vergonha que se grudou em mim desde aquela noite. Eu as mantive presentes, usando-as como combustível. — Mas tenho certeza de que fui bem clara.

— Se você precisa que seus ouvidos sejam examinados, ficarei feliz em arrancar uma orelha e examiná-la para você. — Dash apareceu às minhas costas, e eu não tinha certeza há quanto tempo ele estava lá, mas a julgar pelo branco dos olhos de Byron, não achei que tivesse passado muito tempo. — Só para constar.

— Tirou umas boas férias? — Byron falou lentamente com um olhar severo para mim, então zombou de Dash. — Você teve sorte de não ter prestado queixa.

Dash assobiou entre os dentes.

— E você tem sorte de eu não ter tido a chance de matá-lo.

Byron deu um passo à frente.

— Eu adoraria ver você tentar de novo...

Eu interrompi Byron.

— Já chega.

— Pare de ser tão bebê chorão. Tenho certeza de que papai vai pagar para consertar seu nariz massacrado se você pedir com educação.

As narinas de Byron dilataram. Dash se aproximou mais das minhas costas e Byron acompanhou o movimento, rangendo os

dentes.

— Ela sabe que você trepou com a Kayla?

Dash rosnou, e eu recuei, efetivamente forçando-o a dar um passo para trás.

Byron riu.

— Ela é uma trepada bosta, não é? Mas, ei, melhor uma bosta do que nada.

Embora eu não gostasse de Kayla, odiei a maneira como Byron facilmente criticava alguém que uma vez chamou de namorada. Se ele falava isso de alguém de quem gostava, vai saber que tipo de coisas dolorosas, que nem mesmo eram verdade, ele não teria dito a meu respeito.

— Você é um escroto de marca maior, Woods.

Byron encolheu os ombros, retrocedendo enquanto sorria.

— Acho que é por isso que quase peguei sua garota. Gosto de curtir por aí.

— Eu não sou... — Eu fechei a boca. Era inútil discutir com Byron. Além disso, não queria nada com ele. Quanto antes ele fosse embora, melhor.

— Que seja, Peggy. Afinal, você não é tão diferente, é? Se divertindo com essa escória enquanto namorávamos. Espero que o carma coma sua bunda gorda.

Eu fiquei boquiaberta.

Dash já estava em movimento antes que eu pudesse impedi-lo, e Byron riu, levantando as mãos.

— Você já apertou? É deliciosa pra caralho. Eu recomendo muito.

Dash o agarrou pela camisa e o jogou na fileira de armários, o tempo todo Byron manteve as mãos levantadas, o sorriso em seu rosto o incitando.

— Se você fizer qualquer coisa...

Raven o puxou de cima dele, e Byron sacudiu os ombros rindo.

— Você quer ser expulso? Idiota do caralho.

A sra. Truncheon dobrou a esquina enquanto Dash olhava para as costas de Byron.

Eu exalei, aliviada, enquanto a sra. Truncheon seguia pelo corredor, de xícara de café na mão.

— Você deixou aquele saco de bosta apertar sua bunda? — Dash se aproximou, os olhos tremendo.

— Não que seja da sua conta, mas não. — Eu sorri para Raven, então saí.

Willa e Daphne estavam paradas ao lado do carro de Daphne, conversando; Jackson estava à frente, quase em sua caminhonete.

Dash me alcançou, seu braço roçando o meu.

— Posso passar na sua casa? Nós precisamos conversar.

— Não. — A chuva começou a cair do céu, e eu xinguei, acelerando o passo para evitar que meu cabelo enrolasse.

— Sardas — ele implorou.

Eu me virei para ele.

— Não me chame assim nunca mais. E pare de me seguir. — Dash tentou protestar, mas eu o venci. — Acabou, ok? Corremos o risco e não valeu a pena. Nós estragamos tudo, e agora não há como voltar atrás.

Com os olhos marejados, ele disse:

— Você não está falando sério.

— Eu estou. Com cada parte de mim concorda quando digo que nunca vou ser capaz de perdoá-lo. — Eu respirei fundo, quase resmungando minhas próximas palavras. — Então, faça um favor a nós dois e pare com essa insanidade. Encontre outra pessoa, supere e faça o que você faz de melhor.

— E o que seria isso?

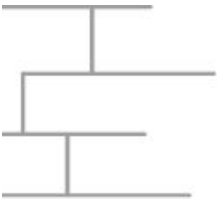
— Foder por aí. Você não conseguiria se comprometer se tentasse, e todo mundo sabe disso. Você só se preocupa com você mesmo, e seus fracos esforços para tentar provar o contrário são apenas uma perda de tempo.

Seus olhos foram para o chão, e ele pigarreou.

A culpa caiu sobre mim como se fosse uma rocha, mas não consegui voltar atrás em minhas palavras. Eu não queria. Elas precisavam ser ditas.

Willa, Daphne e Jackson apenas observavam enquanto eu entrava no meu carro. A porta estava quase fechada quando Dash a agarrou, inclinando-se sobre ela para me encarar.

— Você está errada. Estou comprometido com você desde antes de sabermos o que a palavra significava. Sexo não tem nada a ver com isso. Eu ficaria feliz em só foder você pelo resto da minha vida, porque o que eu faço de melhor... — Pisquei para afastar uma lágrima quando ele deu um sorriso sombrio e sem covinhas e foi fechar a porta. — É amar você.



Capítulo 33



Peggy

Na quarta-feira, encontrei um bilhete no meu armário.

Eu sou o maior idiota que existe.

Quinta também.

Eu não mereço você, mas isso não me impede de te querer para sempre.

Na sexta-feira eu nem olhei para o bilhete antes de jogá-lo na lata de lixo no caminho para a aula.

Eu ignorei Dash, cada avanço seu, cada olhar acalorado ou apelo silencioso, e me senti bem com isso. Confiante de que, com o tempo, poderia esquecer a tristeza que revestia meu coração e esquecer o próprio Dash. Um dia, seria simplesmente uma cicatriz. Um dia, não pareceria que meu coração foi esmagado com um martelo de carne. Um dia, talvez eu pudesse olhar para Dash novamente sem ansiar por algo que ele havia destruído.

Naquela noite, esperei até que mamãe tivesse saído para seu encontro com Phil. Ela ia ficar na casa dele, e eu deveria estar de castigo, mas estava de saída. Mandeí uma mensagem para Daphne

e Willa, pedindo que fossem à festa de Wade comigo, mas elas recusaram.

Willa estava se pegando com Jackson em casa enquanto os pais estavam fora da cidade, e Daphne, bem, eu não sabia o que ela estava fazendo. Mas aposto que não era assistir a reprise de *Gilmore Girls* como ela disse.

Eu não fui dirigindo. Por mais imprudente que eu estivesse me sentindo, não era tão cega para fazer algo tão idiota. Eu ia para tentar esquecer, e isso significava beber, então de jeito nenhum ficaria na casa de Wade ou deixaria meu carro lá.

Depois de vestir uma saia jeans justa, rasgada em uma das coxas, puxei um suéter cinza com estampa dos Rolling Stones e, em seguida, roubei um par de Manolos pretos da mamãe. Eu parecia casual, mas bem-vestida o suficiente para parecer que não me importava com o que as pessoas pensavam. Perfeito.

A motorista do Uber me deixou no meio da rua e assobiou.

— Festa de arromba, garota.

Entreguei a ela uma nota de vinte.

— Vamos torcer.

Abaixando a saia depois de sair do carro, olhei ao redor da rua escura repleta de adolescentes. As estrelas estavam desaparecendo atrás de nuvens escuras, e a lua era apenas uma fatia prateada no céu. Havia mais carros e mais pessoas aqui do que eu tinha visto desde a primeira vez que fui a uma das festas de Wade, mas tentei não deixar isso me amedrontar.

Não importava quem estava presente. Tudo o que importava era que eu estava lá e que ia me divertir um pouco.

Foi fácil encontrar as bebidas, então fui lá e meti a mão. Peguei uma garrafa inteira de Johnnie Walker e bebi o máximo que pude sem deixar que a minha maquiagem escorresse. Minha mão percorreu meu cabelo quando comecei a balançar os quadris ao som do baixo de um R&B que estava trovejando pela casa. Seguindo a música até a sala de estar, acenei para algumas

peessoas que me ofereceram um sorriso e ignorei os olhares curiosos de outras.

Comecei devagar, bebendo e pulando, enquanto as pessoas se esparramavam nos sofás, dançavam nas mesinhas de centro e pulavam no chão.

Um cara com olhos venenosos estava segurando o gargalo de uma garrafa de Jack, e eu semicerrei os olhos para ele, tentando descobrir se o já tinha visto antes ou não.

Eu não o conhecia. Wade deve ter convidado toda a cidade, e era por isso que havia tantas pessoas.

Continuei bebendo, e sua cabeça se inclinou enquanto ele me observava beber o líquido ardente. Logo peguei fogo, e ele se espalhou pelos meus membros. O suspiro que me deixou, fez meus olhos fecharem enquanto eu recostava na parede.

Quando os abri, o cara do sofá estava lá, encostado na parede ao meu lado.

— Nome?

— Isso importa? — Lambi os lábios. Ele tinha olhos bonitos. Escuros, profundos e emoldurados por uma espessa camada de cílios pretos que combinavam com seu cabelo cortado e barba por fazer salpicando a mandíbula e o pescoço grosso.

Seus lábios finos se encontraram, então se abriram quando ele sorriu, mostrando-me um vislumbre de seus dentes.

— Suponho que não.

Eu mal conseguia ouvi-lo e já perdi o interesse em dançar. Eu fiz um gesto com o dedo para ele me seguir, sabendo que viria. Eu provavelmente era uma ficada garantida para ele, e era exatamente isso que eu queria que ele pensasse. Nós fomos até as escadas, e a visão de Raven conversando com um cara de pele caramelo que às vezes andava com eles fez meus pés quase pararem.

Ele olhou para cima, as sobrelanceiras subindo, meu nome em seus lábios.

Não querendo causar nenhum alarme, eu acenei, sorrindo facilmente, então continuei subindo as escadas.

— Conhecido? — o cara que me seguia perguntou enquanto nos aproximávamos no topo.

Eu agarrei o corrimão enquanto um grupo de caras corria, se jogando escada abaixo e nos deixando em uma nuvem de risos.

— Raven? Sim. Você também?

Ele balançou a cabeça.

— Sou novo na cidade. Não te vi na escola.

— Eu frequento o Colégio Magnolia Cove. — Tomei outro gole de uísque enquanto caminhávamos por algumas garotas se beijando no corredor; em seguida, fui em direção à sala de estar no andar de cima.

O cara não disse nada, e cansada de chamá-lo de “cara”, desisti da tentativa idiota de permanecer misteriosa.

— Me chamo Peggy.

Sua camisa se esticou em seus braços enquanto ele os balançava e examinava a sala meio cheia antes de olhar para mim. Um sorriso floresceu quando ele disse:

— Todd.

Sentamos no chão perto de uma janela em arco longo, ele me contou onde havia crescido e como teve de se mudar para cá devido à transferência de emprego da mãe. Ela era enfermeira, e ele esperava ir para a faculdade de medicina.

— E você?

Continuei bebendo, a cabeça girando enquanto olhava para os copos plásticos sendo chutados no chão de mármore na nossa frente. Eu não queria saber da sua vida, mas enquanto ele falava, achei sua voz profunda um bom ajuste para o entorpecimento que acontecia dentro da minha cabeça.

— Eu? — perguntei, a cabeça balançando um pouco demais para a esquerda.

Ele franziu a testa olhando a garrafa entre as minhas pernas.

— Você já bebeu uma boa parte disso.

— É bom. — Tomei outro gole e depois ofereci a ele. Todd recusou levantando sua própria garrafa. — Eu quero fazer Ciência da Computação. Projetar alguns jogos.

Ele riu.

— Uau, isso é incrível.

— É. Podemos nos pegar agora?

Mais uma vez ele riu e tossiu.

— Ah, espere. Você está falando sério?

Eu balancei a cabeça, lambendo os lábios enquanto tentava ficar excitada olhando para ele. Eu poderia beijá-lo. Eu queria. Eu planejava beijar muitos meninos antes de deixar outro cara se aproximar o suficiente para me arruinar completamente de novo.

Colocando sua garrafa na mesa, ele olhou ao redor da sala, e eu também; da nossa posição, tudo o que vi foram pernas e mais lixo rolando pelo chão.

Sua pele quente encontrou a minha quando virei o rosto, e então sua testa estava quase tocando a minha, o cheiro de álcool pesando em nossas respirações.

— Você vai se lembrar de ter me beijado amanhã de manhã?

Minhas pálpebras ficaram pesadas quando pisquei.

— Depende de quão bem você fizer isso.

Seus olhos brilharam e depois fecharam quando sua boca se fundiu à minha. Ele levou o desafio a sério, seus lábios firmes persuadindo os meus a entrarem em ação.

Um rosnado ondulou ao nosso redor, e o fato de eu ter arrancado esse som dele me fez colocar a mão em seu rosto. Até que outro par de mãos me puxou do chão, e eu me toquei.

Todd não tinha feito aquele barulho. Veio da muralha furiosa e desbocada em forma de homem que estava me jogando por cima do ombro.

— Dash! — eu gritei, batendo meus punhos em suas costas revestidas de couro enquanto ele gritava para Todd.

— Você quer morrer, seu filho da puta?

— Ela não disse que tinha namorado. — Uma pausa. — Eu não iria ficar com ela assim por muito tempo. Ela bebeu muito.

O aperto de Dash nas minhas coxas apenas aumentou, e eu temia que fosse ficar um hematoma se ele não me largasse.

Meu estômago embrulhou e minha cabeça girou.

— Não me diga o que fazer ou vou arrancar sua língua estúpida e enfiá-la na sua bunda.

Então estávamos descendo escada abaixo enquanto eu continuava a gritar.

Ninguém o deteve. Ninguém nem tentou me ajudar. Todos se afastaram como o Mar Vermelho, e só depois que fui jogada no banco traseiro de seu carro e as portas foram fechadas que ele falou comigo.

— É como se você quisesse me ver sendo preso. — O motor ligou enquanto eu batia na porta, tentando abri-la. — Está trancada. Você não vai sair deste carro até que eu a deixe sair, então pode parar com isso.

— Argh. — Eu voltei a sentar no assento enquanto Dash acelerava pela rua. O mundo estava de cabeça para baixo, postes e telhados dançando nas janelas. — O que você está fazendo? — eu gritei.

— Levando sua bunda para casa. — Seu tom foi mais seco do que o normal, e eu ouvi o couro ranger como se ele estivesse apertando o volante com muita força.

— Eu não queria ser resgatada. Eu estava me divertindo. — Eu me obriguei a sentar, percebendo que era uma má ideia porque tudo demorava para tomar forma diante dos meus olhos embaçados. — Quem diabos você pensa que é?

— Seu namorado, mas aparentemente está demorando um pouco para você receber o memorando.

— Talvez porque você tenha trepado com outra pessoa.

Outro grunhido surgiu, e ele bateu a mão no volante.

— Nós não estávamos juntos, e você também me machucou, Peggy. Precisamos repassar isso mais uma vez? Porque mesmo que só pensar nisso me mate, não tenho outro lugar para estar.

— Ele era meu namorado.

— Ele nunca foi seu namorado.

Inclinei-me para frente, sibilando para Dash.

— Ele estava perto de ser, e ainda assim eu não teria feito sexo com ele.

— Chega. — Ele parou de falar. — Isso não é mais um jogo, Peggy. Nunca foi.

— Não é mais nada, Dash. Supera logo e me deixa em paz.

Ele estacionou na frente da minha casa.

— Se não é nada, então por que você está tão decidida a ficar bêbada e pegar outros caras?

— Porque eu posso, porque eu te odeio e porque quero esquecer tudo a seu respeito.

Ele soltou o cinto de segurança, virando-se para mim com as sobrelanceiras levantadas.

Eu gemi, me lançando na porta que ainda não abria.

— Me deixa sair.

Dash suspirou, então destrancou as portas, e eu quase caí na grama.

Ele contornou o carro, trancando-o e me içando no ar.

— Jesus. Me solta.

— Não. — Ele marchou sobre a grama, parando para pegar a chave reserva no esconderijo, atrás de um pedaço de madeira quebrado do lado de fora da casa, e então destrancou a porta.

Depois de me colocar na cama, ele saiu do meu quarto. Eu pensei que Dash tivesse ido embora quando ouvi a porta da frente se fechar, até que ouvi seus passos voltando pelo piso antigo.

— Você pode ir embora agora — eu disse, dando um chute para tirar os sapatos de mamãe.

Dash os agarrou, saindo do quarto novamente para levá-los para o quarto dela enquanto eu tirava a saia.

Ele voltou enquanto eu puxava o edredom, uma garrafa de água na mão. Segurando-a para mim, ele deu uma longa olhada nas minhas pernas nuas, soltou um suspiro alto e saiu do quarto novamente.

— O que você está fazendo agora? É melhor você ir embora!

— Não vou embora — disse ele, voltando com um saco de batata frita e abrindo-o.

Tirando as botas, Dash me observou tomar goles lentos de água; em seguida, colocou as batatas do meu lado na mesa de cabeceira.

— Você deveria comer alguma coisa para ajudar a absorver todo esse Johnnie.

Eu coloquei a garrafa na mesa e fiz uma careta enquanto ele tirava a jaqueta.

— E você deveria ir para casa.

Ele passou por cima das minhas pernas, deitando-se sobre o edredom e se enrolando de lado.

— Já estou em casa.

Essas palavras me fizeram cuspir, elas eram como um punho colidindo com meu peito, então eu gritei:

— Não, você não está. Você me destruiu. Você me arruinou. Acabou comigo. Você não está em casa. Você não tem mais nada a ver comigo. Eu não posso... — Respirei fundo algumas vezes, incapaz de conseguir ar suficiente enquanto o mundo se transformava em uma variedade de cores brilhantes. — Para onde você foi, afinal?

— Shh. — Ele me puxou para a cama e esfregou meu braço. — Acalme-se ou você vai ficar enjoada. Eu fiquei em um hotel de merda por uma semana e assisti novela pra caralho. — Vendo meus olhos semicerrados, ele acrescentou. — Sozinho.

— Sério?

— Sério.

Meu coração não parava de bater acelerado.

— Te odeio.

— Eu sei. — Dash parecia derrotado, mas eu sabia que não era o caso.

— Desprezo você.

— Eu sei.

— Valeu a pena?

— Não — ele disse. — Porra, não mesmo.

A queimação em meus olhos não podia se extinguir, então deixei a agonia rolar.

Dash observou, os seus também brilhando e fazendo com que minhas lágrimas caíssem mais rápido.

— Por favor, não chore, Sardas. — Eu nunca tinha ouvido ou visto Dash tão vulnerável. — Por favor — ele sussurrou.

— A culpa é sua — gaguejei.

— Eu sei. — Sua respiração aqueceu meu rosto enquanto ele suspirava. — Eu sei.



As batidas começaram perto da minha têmpora, e conforme cresciam, iam se transformando em uma bola gigante de dor dentro do meu crânio, que forçou meus olhos a se abrirem.

A luz do sol atingiu a cabeceira da cama, seus raios suaves indicando que amanhecera havia pouco. O brilho caiu sobre a cama; fechei os olhos, a boca seca e coberta por uma camada de baba que provavelmente levaria três rodadas de escovação para limpar.

Meus olhos estavam pesados, mas forcei as pálpebras a se abrirem novamente, observando os ângulos do homem deitado ao meu lado. Sua mão estava perto da minha e os pelos que a cobriam suavemente combinavam com os de seus cílios, um marrom-escuro que me chamava atenção para seus olhos azuis.

As profundezas desse olhar eram assustadoras. Embora a tentação de testar essas águas me chamasse, nunca senti isso tão intensamente como no mês passado. Agora eu sabia como era.

Você poderia se perder em um rosto como o dele — as maçãs do rosto salientes, as sobrancelhas arqueadas e a mandíbula masculina. A covinha e seu sorriso eram uma dose extra de charme desnecessário.

Mas eram os olhos. Eles não apenas faziam com que você se perdesse, iriam te assombrar até que você ficasse presa sob sua intensidade.

Mesmo dormindo, tudo o que Dash era não podia ser suavizado. Ele era uma besta adormecida velada por trás de um rosto angelical.

Sua voz me capturou antes dos seus olhos.

— Estou tão duro agora, que provavelmente poderia encostar no seu colchão e gozar.

Minha cabeça balançou enquanto eu tentava rolar os olhos.

— Bom dia para você também.

Um olho azul brilhante se abriu, e o sorriso grogue que iluminou seu rosto fez minha respiração parar por um momento, uma lufada de ar áspera deixando meu nariz.

— Porra, eu adoro acordar ao seu lado.

Rolei de costas, fechando os olhos contra a briga que acontecia dentro da minha cabeça.

— Você deveria ir embora antes de minha mãe chegar em casa.

— Não tão rápido, Sardas.

— Para de me chamar assim.

Dash bufou, sua voz rouca de sono.

— Como se você pudesse me impedir.

Eu não disse nada, desejando que ele fosse embora e que ficasse e me dissesse que tudo tinha sido um pesadelo louco.

— Você se lembra de beijar aquele cara na noite passada?

— Claro que lembro. — Eu não me importava que provavelmente o machucaria ao dizer isso. Eu queria machucá-lo. — Ele era doce, e ele...

— Ok, guarde suas garras. — Ele bocejou. — Não vou mentir, parecia que estava engolindo um buquê de facas quando vi aquilo.

Ignorando a náusea que suas palavras incitaram, tentei pensar em como Dash sabia que eu estaria lá. Uma imagem de Raven surgiu na minha cabeça. Deus. Dã.

— O que você quer que eu diga, Dash?

— Bem, que você estava, pelo menos, pensando em mim. Estou chateado, Peggy, mas estou tentando com todas as minhas forças consertar tudo.

— Tentando? — Suspirei, sem vontade de brigar com ele.

— Tentando ignorar isso por tempo suficiente para focar no objetivo final, o de longo prazo.

Eu soltei uma risada enojada.

— Longo prazo. E o que é isso?

Sua voz ficou áspera.

— Seus lábios nos meus, e de ninguém mais, por toda a eternidade.

Tremores encheram meu peito, quase me fazendo voar. Tentei esmagá-los.

— Eu não me arrependo. — Eu realmente não estava arrependida.

— Eu sei que você não está arrependida. É por isso que ainda estou aqui. Eu sei que você só fez isso porque está magoada comigo.

— Seu ego não conhece limites. — Eu empurrei os lençóis, querendo me afastar dele.

— Chame do que quiser, mas nós dois sabemos que é verdade, Peggy Sue.

Eu ajustei minha calcinha, que estava presa entre minhas nádegas, sabendo que ele estava olhando, e sorri enquanto abria a

gaveta e pegava uma nova.

— Você vai me matar, porra.

— Não, eu vou tomar banho. Não esteja aqui quando eu voltar.

Eu lavei o cabelo, me demorando sob a água quente para ter certeza de que havia apagado todas as decisões ruins que tomei na noite passada. Depois de escovar os dentes e enxaguar a boca, a névoa me arrastou para o meu quarto, e meu estômago se revirou quando vi Dash com a mão em torno de si mesmo.

— O que você está fazendo?

Ele grunhiu.

— O que parece?

Eu joguei minha toalha molhada nele.

— Pare com isso.

Ele a pegou com a mão livre e gemeu quando seus olhos passaram pelo meu corpo.

— Obrigado. Agora tire a outra toalha.

Meu estômago embrulhou e meus lábios se separaram.

— Não.

Ele sorriu com o tom suave da minha voz.

— Não?

Eu não conseguia tirar os olhos de seu comprimento. Em transe, fiquei ali, me sentindo ficar molhada enquanto ele se masturbava mais rápido, apertando e gemendo enquanto olhava para mim.

Ele havia tirado a camisa, a calça jeans e a cueca estavam amontoadas em suas coxas.

— Dash.

— Venha aqui.

Eu fui. Deus me ajude, eu não pude evitar: fechei e tranquei a porta e, em seguida, fui para a cama.

— Essa é a minha garota.

Suas palavras me envolveram como um abraço caloroso, enviando lava pelas minhas veias e diretamente para o meio das

minhas pernas. Agarrando minha mão, ele soltou o pênis e pegou meu rosto com ela.

— Agora, me deixa afastar a memória de cada idiota que se atreveu a colocar os lábios nos seus.

Eu caí sobre ele, meus lábios famintos, enquanto agarrava suas bochechas; então afundei meus dedos em seu cabelo, minhas pernas deslizando para montá-lo.

Sua língua estava quente, e eu senti gosto de hortelã.

— Você escovou os dentes?

— Roubei um pouco de enxaguante bucal — disse ele, a voz rouca, depois mordeu meu lábio. O ar atingiu minha pele enquanto ele puxava a toalha que estava envolvida em mim. — Puta merda, acho que estou prestes a explodir.

Comecei a me mover contra ele, o raciocínio se dissipando com a promessa de prazer e com tudo que eu queria, mas não poderia ter, embaixo de mim.

— Eu consigo sentir você — ele sussurrou, sua mão agarrando minha nuca enquanto a outra espalmava meu seio. — Quente e úmida sobre meu pau.

Eu gemi, ondas de choque de felicidade explodindo, enquanto meus quadris se moviam mais rápido, e sua língua passeava da minha boca para o meu pescoço, lambendo, antes que seus dentes arranhassem minha pele e então a mordessem. Eu resfoleguei, e Dash suavizou a dor me beijando.

— Merda, é como se eu tivesse treze anos de novo. Vou gozar.

Minha mão segurou sua cabeça no meu pescoço, meus olhos se fecharam enquanto eu perseguia a magia fluindo por mim.

— Eu também.

Um gemido profundo foi meu único aviso antes de sentir o calor cobrindo meu estômago, minha calcinha e seus dentes cravados na minha pele. Isso me fez entrar em uma espiral de prazer. Seus dedos encontraram a curva da minha coluna, percorrendo-a enquanto eu me balançava sobre ele, cavalgando em busca do meu

orgasmo; nossa respiração pesada era o único som além dos pássaros do lado de fora da janela do meu quarto.

Eu caí em cima de Dash, e ele riu enquanto seu gozo grudava em nós dois. Eu não me importei. Eu nem me importava que não poderia ficar com ele. Agora eu estava em paz. E aquela paz, acompanhada por suas mãos delineando cada curva e linha das minhas costas, tornou-se o suficiente para que eu fechasse meus olhos inchados e pesados.



Capítulo 34

Dash

O tempo passou lentamente, mas muito rápido ao mesmo tempo, enquanto eu ouvia o som da respiração tranquila de Peggy e a sentia aquecendo minha pele.

Seu rosto se aninhou em meu pescoço, e embora eu pudesse sentir meu esperma colando minha barriga na dela, eu não me afastaria por nada no mundo.

Sua pele era como seda, cabelos se movendo por minhas carícias. Eu não conseguia acreditar que poderia fazer aquilo. Que eu estava fazendo aquilo. Que ela estava esparramada sobre mim, confiando em mim para segurá-la enquanto ela sonhava.

Parecia um sonho. Como algum tipo de paisagem que eu só ousei imaginar, mas nunca pensei que pudesse realizar. Meus olhos se fecharam enquanto eu tentava absorver tudo naqueles minutos. Porque embora eu esperasse que quando acordasse, Peggy me perdoasse e pudéssemos ficar assim todos os dias, eu não tinha certeza se ela o faria.

Ver aquele cara acariciando seu rosto na noite anterior, observar Peggy o beijando enquanto eu abria caminho entre as pessoas festejando para chegar até ela foi como andar sobre fogo.

Eu estava pronto para bater a cabeça do infeliz na parede, mas tinha de me controlar. Eu estava lá por ela, e tirar sangue de um babaca não fazia parte do plano. Eu já tinha feito isso antes e não adiantou. O plano começou e terminou com ela. E eu ainda estava tentando organizar tudo, implorando e esperando por um novo começo.

Eu sabia por que Peggy o beijou, e embora eu quisesse dar um tapa na bunda dela e rosnar obscenidades em seu ouvido por me apunhalar repetidamente no peito, eu não podia. Ela o beijou pelo que eu fiz, e ela continuaria a agir como alguém que não era até que parasse de doer.

Eu esperava para caralho que, depois da noite passada, e depois que ela esfregou seu clitóris sobre o meu pau até que sua respiração ficasse ofegante, parte da dor tivesse se dissipado.

Meus olhos se abriram com o barulho da porta da frente. Olhei para a porta do quarto, vendo que estava trancada, e soltei um suspiro de alívio.

Os passos de Peony soaram no chão de madeira de baixa qualidade, o rangido fazendo Peggy se mexer.

Afastei meus dedos da curva de sua coluna, obcecado em tocá-la, em poder a tocar, e Peggy se acomodou novamente.

Seu cabelo estava úmido, fazendo cócegas no meu rosto, enquanto o cheiro de melão e algum tipo de flor flutuava em meu nariz. Eu imaginei que o cheiro dela devia estar relacionado ao shampoo, já que Peggy não costumava usar perfume. Agora eu confirmei. Lutei contra a ideia de levá-lo para casa para ficar cheirando. Na escala de esquisitice, isso seria bem alto. Ainda assim, pensei na ideia.

Sim, eu puxei meu pau para fora enquanto ela estava tomando banho, mas eu tinha de fazer aquilo. Era isso ou bater uma no carro, e eu preferia ser pego por ela do que pelos vizinhos.

Talvez eu tenha demorado. Talvez tudo tenha acontecido exatamente como deveria. Ela nunca saberia, e mesmo se soubesse, eu não estava arrependido.

— Peggy? — Peony chamou.

Merda.

Ela sacudiu a porta.

— Peg? Você está acordada? — Outra sacudida. — Por que sua porta está trancada? Já falamos sobre isso. É perigoso.

Bem suave, mãos se apertaram em torno de Peggy quando a senti respirar fundo.

— Ela está dormindo — eu disse, a voz mais áspera do que eu queria.

A porta parou de sacudir.

— Dash?

— Ele mesmo.

Houve uma longa pausa, e então:

— Você dormiu aqui?

Eu já tinha feito isso algumas vezes, mas a julgar pelo tom cuidadoso de sua voz, eu sabia que Peggy tinha contado a ela como nossa amizade havia mudado.

Peggy se sentou, os olhos piscando repetidamente e seus seios bem na frente do meu rosto.

— Sim — eu finalmente disse.

Outro momento de silêncio, e eu não dei a mínima para quem estava do outro lado da porta, eu tinha dois globos perfeitos quicando ao alcance da minha mão e boca. Escolhi a boca, já que minhas mãos já tiveram sua oportunidade.

— Diga a ela que eu gostaria de conversar quando ela acordar.

— Sem problemas. — Sentei-me, e a expressão de surpresa de Peggy se transformou em um grito interrompido quando coloquei a mão sobre sua boca e usei a outra para segurá-la em mim, enquanto minha boca fazia o reconhecimento de seu mamilo escuro.

— Dash. — Ela empurrou meus ombros, mas desistiu quando minha língua lambeu o pico endurecido. Suas coxas se apertaram

ao meu redor, e suas mãos relaxaram sobre meus ombros. — Pare — ofegou.

Eu parei, mas só depois de morder aquela obra de arte, o que me rendeu um chute no joelho e um gemido baixo. Eu me deitei, observando seu peito arfar enquanto colocava minhas mãos atrás da minha cabeça. Sua pele cremosa brilhava onde minha boca esteve, e ela agarrou meu queixo, levando meu olhar para o dela.

— Meu rosto está aqui.

— Para ser justo, passei toda a minha vida olhando para o seu rosto e nenhuma vez olhando para os seus seios. Me deixa tentar igualar um pouco o placar. — Lambi os lábios, então tirei a mão dela do meu queixo, mordendo seus dedos.

Ela sibilou, depois deu uma risadinha, mas já estava rolando para fora da cama.

— Espera, o que foi? — Tentei agarrá-la, mas ela já estava de pé e colocando uma camiseta verde limpa que atingiu o meio da coxa.

— Você precisa ir — disse ela, pegando uma escova e passando pelo cabelo.

— Diz a mulher com meu esperma na barriga.

Ela largou a escova e levantou a camisa, me dando uma bela visão de sua calcinha cinza manchada.

— Eca. — Alcançando os lenços umedecidos em sua mesa, ela puxou um, enxugando a barriga antes de jogá-lo no lixo.

— Sim, não precisa se preocupar comigo.

— Eu não estou preocupada — disse, mas jogou o pacote para mim. Eu li o rótulo: lenços demaquilantes com aroma de baunilha. Dei de ombros. Eles serviriam.

— Então, vamos tomar café da manhã com sua mãe e dizer a ela que está tudo bem? — Eu testei enquanto esfregava a região do meu púbis e a parte inferior da barriga.

Peggy ficou imóvel, um elástico de cabelo pendurado em seus dedos.

Seu rosto estava limpo, sem qualquer maquiagem, e meu peito se apertou. Com seus cachos emoldurando o rosto coberto de sardas, ela parecia minha Peggy de novo.

— Você é linda pra caralho, Sardas.

Seus ombros caíram, seus olhos cinzentos determinados suavizaram.

— Mesmo assim, você precisa ir embora.

— Eu não vou até que a gente converse sobre essa merda.

— Não há nada para falar — disse ela, amarrando o cabelo no alto da cabeça. — Talvez, eventualmente, possamos voltar a ser amigos. Mas não vai ser hoje, ok?

Meu coração estava prestes a desabar.

— Pegs.

— Não. — Ela suspirou, então mordeu o lábio quando seu olhar se fechou. — É... Eu não quero. Sinto muito.

— E o que houve de manhã? — Eu me sentei, confuso e ficando com raiva.

— O que tem? Você fica com garotas o tempo todo e vai embora. Isso não deve ser tão diferente.

Meu coração caiu, e uma risada leve voou pelos meus lábios secos.

— Ok, claro.

Eu me levantei, peguei minha camisa e botas, puxando-as, enquanto ela me observava.

— Eu não quis dizer...

— Quis, sim, e é verdade, mas você está se esquecendo de algo importante aqui — eu disse perto do seu rosto enquanto a empurrava contra a mesa.

Suas mãos se estenderam em busca de estabilidade entre a bagunça que se espalhava pela superfície branca. Seus olhos imploraram desesperadamente que eu mantivesse minha boca fechada. Mas eu me mantive quieto por muito tempo quando se tratava de Peggy.

— Você está esquecendo que eu nunca poderia me afastar de você. Então, sim... — eu disse, pressionando minha testa na dela enquanto deixava meus dedos encontrarem as curvas de seus quadris. — Eu vou. Mas eu te amo, e sei que você me ama também, o que significa que não há como fugir disso.

Beijeí seu nariz, senti o tremor em sua respiração em minha boca e inalei em seguida, o levando comigo enquanto pegava minha jaqueta, destrancava a porta e saía de seu quarto.

Peony estava tomando banho, o que eu agradei, porque cada passo que eu dava drenava todas as reservas de energia que eu tinha. Não havia como conseguir encará-la também.



Eu tinha acabado de passar pela porta quando meu celular tocou. Papai virou a esquina, vestindo calça de moletom e uma regata cinza, café e celular na mão.

— Onde você estava? Você está de castigo.

— Peggy estava bêbada e precisava de um resgate.

As sobranças de papai se encontraram, vincos franzindo sua testa.

— O que aconteceu?

Eu olhei para uma mensagem de Jackson.

Reunião de emergência na pista de skate.

Bloqueando a tela, guardei meu celular.

— Como eu disse, ela ficou bêbada.

— Isso não é típico dela. — Ele bebeu seu café, e eu tentei não me encolher.

— Eu que o diga. — Eu ia passar por ele. — Felizmente, não haverá outro episódio, a menos que eu esteja com ela.

Cheguei na metade do corredor antes que ele falasse novamente.

— Você ainda está de castigo.

— Há outra emergência.

— Com quem?

Fechei os olhos e contei até dez.

— Não sei. Tudo o que sei é que é uma emergência.

— Se você chegar em casa fedendo a maconha vou confiscar seu Xbox e seu celular.

Church veio saltitando pelo corredor, suas orelhas dobradas se contorcendo quando encontrou minha perna e começou a se enrolar em torno dela.

— Não que eu não goste de ter você por perto e tudo...

Papai bufou.

— Não vamos perder tempo com mentiras.

— Tudo bem. Por que você está em casa de repente?

Naquele momento, os saltos de mamãe desceram as escadas vindo em nossa direção.

Papai realmente sorriu para ela enquanto ela usava nosso corredor como sua própria passarela exclusiva. Eu olhei para minha mãe e encontrei um sorriso espelhando o de meu pai. Um sorriso real. Com dentes e tudo.

Eca.

— Ok, muito divertido e tudo, mas preciso ir.

— Você está de castigo — disse mamãe, caminhando até meu pai e passando o braço pela cintura do meu pai.

— O que é isso? Guerra de gangues?

Mamãe revirou os olhos e inspecionou as unhas.

— Tão dramático.

Papai fez um “hmmm”, tomando outro gole de café.

— Só imagino de quem ele puxou isso.

Mamãe e eu olhamos para ele.

Ele riu, então sacudiu a cabeça.

— Vá em frente, então. Esteja em casa por volta das quatro. Nós vamos jantar.

— Ok. — Eu parei. — Como é?

Os lábios vermelhos de mamãe franziram enquanto ela brincava com a cintura da calça de moletom do papai.

— Você ouviu. Jantar. Comer comida. Juntos.

Pisquei e comecei a me afastar antes que eles sugerissem uma viagem para a Disney.

Eu já tinha ido à Disney, mas foram os pais de Peggy que nos levaram, não muito antes de se separarem.

— Às quatro, Dash — papai frisou.

Eu concordei com um gesto sobre a cabeça.

— Ah, porra, tanto faz.



Raven e Lars já estavam lá, o carro de controle remoto de Raven fazendo um giro de trezentos e sessenta na pista.

— Não sabia que todo mundo traria seus carros — disse Raven.

Eu grunhi, deslizando o meu no corrimão.

— Não tô no clima para motos.

— O que há com esse olhar atordoadado?

— Meus pais.

Lars ergueu uma sobrancelha.

Eu coloquei meu carro no chão, ligando o controle remoto.

— Devo ter pirado, mas acho que eles podem realmente gostar um do outro.

Lars zombou.

— Eles são casados.

— Sim, mas papai tá ficando mais em casa, e não vejo Emanuel desde o início das aulas.

Raven acendeu um cigarro.

— Acho que eles estão cansados de ficar zoando por aí.

Eu fiz meu pequeno Mazda RX-7 saltar sobre o menor obstáculo, encolhendo-me quando bateu no chão com muita força e o para-choque raspou no concreto. Acionando o freio, balancei a cabeça, perplexo.

— O mundo está mudando. Eu não lido muito bem com muitas mudanças. — Eu poderia lidar melhor com tudo se tivesse uma certa loira de cabelos cacheados ainda à minha disposição, mas faria isso dar certo. Não havia alternativa para nós. Seríamos de novo uma dupla, mas ainda melhores. Dash e Peggy 2.0.

Se ela pensava que eu ficaria na friendzone novamente, eu a beijaria até ela aceitar a verdade.

— Nem me fale — disse Jackson, pulando a grade com uma garrafa de Jack Daniel's.

— Escroto. — Inclinei-me para frente, puxando um maço de cigarros amassado do bolso traseiro. Deslizando um entre os dentes, continuei: — Trazendo algo para beber quando eu não posso beber.

Ele abriu a tampa enquanto eu acendia meu cigarro com o isqueiro de Raven.

— Eu não ia te dar mesmo.

Jackson se sentou na beirada da pista, as pernas balançando. Eu fiz uma careta para sua postura tensa e a forma como seus ombros estavam curvados para dentro, como se ele tivesse lutado contra algo por muito tempo e agora tivesse sido derrotado.

— Por que você não pode beber? — Rave perguntou, pegando seu isqueiro de volta.

— Meu querido papai proibiu, e eu gosto do meu Xbox e do meu celular. — Soltei uma longa baforada de fumaça, fechando os olhos enquanto a nicotina fazia sua magia. — Preciso deles para ir atrás de Peggy, caso contrário não me importaria muito com as tentativas repentinas do meu pai de ser um pai.

— Chega dessa merda. — Jackson bebeu um longo gole do uísque e passou a mão na boca. — Tenho problemas reais aqui.

Todos nós olhamos para ele, esperando.

— E então? — eu perguntei quando ele não fez nada além de olhar para a pista.

Jackson tomou outro gole, nem mesmo estremeando enquanto engolia.

— Nossos pais descobriram.

— Caralho — Lars soltou.

A boca de Raven ficou aberta.

Eu franzi os lábios.

— E?

Jackson balançou a cabeça, olhando para mim; então suspirou:

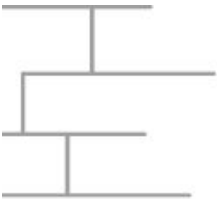
— E Willa vai se mudar para a casa do pai dela.

— Eles flagraram vocês? — Lars perguntou.

Eu ri em meio a uma névoa de fumaça.

— Não brinca, Sherlock.

— Não — disse Jackson, e meu cigarro quase caiu da minha boca. — Alguém os avisou.



Capítulo 35



Peggy

Eu consigo sentir você. Quente e úmida...

Nervosa, eu me levantei da cama. Escapei das memórias ligadas a Dash e da tentação de me tocar enquanto as deixava brilhar na minha cabeça.

Depois de me vestir, comi uma banana enquanto mamãe fazia café. Ela ficou quieta ontem, depois da nossa conversa no sábado, que consistiu basicamente em uma pergunta.

Dash e eu fizemos sexo?

Mortificada, não conseguia nem começar a explicar como eu me senti quando parei diante dela, com meu cabelo ainda despenteado pelas mãos ásperas dele. Eu neguei e afirmei que ele tinha apenas ficado aqui. Suas sobrancelhas se ergueram, e a torção em seus lábios permaneceu enquanto ela examinava meu rosto. O que quer que tenha visto deve ter sido suficiente para me deixar em paz, porque ela não forçou o assunto. Mamãe simplesmente disse para não trancar a porta novamente.

— Perdi uma meia — eu disse com a boca cheia, cansada do silêncio.

— Ah? Por que você não tenta procurá-la?

Eu olhei para ela, engolindo a pasta na minha boca.

— O que eu fiz agora?

Assoprando seu café, ela se recostou no balcão verde.

— Algo não está encaixando.

Esperei que ela continuasse, jogando a casca de banana no lixo.

— Você e Dash. Como ele veio parar aqui com você supostamente o odiando?

Eu forcei meus olhos a rolarem.

— Porque é Dash. Ele faz o que quer.

— Com você, nem sempre. Ele pode pressionar, mas respeitou seus limites. — Ela fez uma pausa, balançando a cabeça. — Bem, às vezes.

Então me arrependi de ter contado tanto a ela sobre o que aconteceu entre nós. Suspirando, fui até a mesa, verificando se tinha guardado meu livro de química, e fechei o zíper da bolsa depois de guardar meu almoço.

— Eu cedi um pouco. — Isso com certeza era verdade.

Mamãe fez um “hmmm” sobre a borda de sua caneca.

Aproveitei a oportunidade para me afastar enquanto podia e beijei sua bochecha.

— Vejo você mais tarde.

— Direto para casa — ela gritou enquanto eu enfiava meus pés nas botas perto da porta.

— Sim, capitã. — A porta de tela bateu atrás de mim.

Estacionei ao lado de Daphne, ignorando o Range Rover preto que estava entrando no estacionamento atrás de mim, a excitação explodindo dentro do meu estômago.

Soltando um suspiro trêmulo, verifiquei meu rímel aplicado às pressas, afofei meus cachos e peguei minha bolsa.

— Você parece diferente. — Daphne tomou um gole em uma xícara para viagem enquanto estava encostada em seu carro.

Batendo a porta, tranquei o carro, enquanto uma risada nervosa escapava.

— O quê?

Seus olhos percorreram minha blusa e saia amassadas, as meias aparecendo por cima das minhas botas surradas. Ela encolheu os ombros e tomou outro gole.

— Você entendeu.

Fui salva de responder sua avaliação aleatória pela única pessoa que eu esperava evitar.

— Que belo dia, senhoras.

A sobancelha de Daphne se ergueu.

— Se você diz, Thane.

Dash chegou mais perto. E mais perto. E ele não ia... ele fez. Seu braço envolveu meus ombros, e ele deu um beijo forte na minha cabeça.

— Senti sua falta, Sardas.

Eu o empurrei, minhas bochechas em chamas enquanto agarrava a mão de Daphne e a arrastava sobre o gramado.

— Eca, está úmido. Use a calçada, ou meus saltos vão afundar.

Nós mudamos para uma passarela, e ela gemeu com a terra acumulada em seus saltos pretos.

— Ugh, Peggy.

— Vamos logo — eu disse entredentes, olhando por cima do ombro para Dash, que estava caminhando preguiçosamente em nossa direção com um sorriso diabólico.

— O que está acontecendo? — Daphne acelerou o ritmo.

— Ele interrompeu minha sessão de amassos com um cara na festa de sexta no Wade, me jogou por cima do ombro como um gorila idiota e depois me carregou para o carro dele.

Daphne gargalhou, e alguns dos caras da equipe de lacrosse pararam e olharam enquanto ela jogava a cabeça para trás.

— Ah, Deus. Mentira. Ele realmente fez isso?

— Sim. — Suspirei.

Subimos os degraus.

— E então? Vamos lá, não acabou aí.

— Eu estava bêbada pra caramba, então ele me levou para casa. — Ela não disse nada, e quando olhei para Daphne, quase batendo na mochila de alguém, ela girou a mão num típico gesto de “continue”. — E não fizemos nada.

— Besteira. — Ela riu. — Eu sei que você fez. Você está com aquele olhar que diz que você transou ou chegou bem perto disso.

Quase tropecei quando nos aproximamos de nossos armários.

— Eu não estou.

— Está, sim. — Ela retrucou, destrancando o armário dela.

— Tudo bem. — Enfiei a bolsa dentro e tirei meu livro de inglês.

— Fizemos algo na manhã seguinte. — Ela bateu o armário, inclinando-se para perto com olhos cheios de expectativa. — Eu não posso dizer, é meio constrangedor.

— Nós nos esfregamos como pré-adolescentes — Dash disse atrás de mim.

Eu gritei, girando para dar um tapa no peito dele.

— Vai se foder, Dash.

Ele fingiu arquejar.

— Olha a linguagem, Peggy Sue. Isso não é maneira de falar com o homem que te pega do jeito certo.

Daphne soltou uma gargalhada atrás de mim.

— Até mais tarde, pombinhos.

— Nós, não...

Dash deslizou a mão pela minha boca.

— Ela sabe que você está mentindo.

Eu rosnei para ele.

— Quer parar? Qual é o seu problema?

Ele me empurrou de volta para o armário.

— Você é o meu problema. Mas no bom sentido. — Ele apertou minhas bochechas entre os dedos, franzindo meus lábios e

rapidamente me beijando. — Vejo você na hora do almoço, amorzinho.

Meu rosto estava pegando fogo, e ele caminhou pelo corredor até seus amigos, me deixando sozinha, com todo mundo me olhando e rindo.

Quem diabos ele pensa que é?

Eu deveria saber. Eu era a única pessoa que o conhecia melhor do que ninguém. E ainda assim, tinha esquecido as palavras que proferi esta manhã.

Dash Thane fazia o que queria.



Encontrei Daphne no meu armário antes do almoço, eu precisava pegar minha comida dentro da minha bolsa.

— Ele não vai desistir. — Ela examinou as unhas pintadas de um tom de coral.

— Nem me fale — eu bufei, pegando meu almoço. Algo caiu no chão, e eu gemi, não querendo nem pegar.

Meu coração me impediu, assim como Daphne, que pegou e estendeu para mim entre dois dedos.

— O que você vai fazer?

Abri o bilhete, meus olhos examinando suas palavras confusas.

Eu sou um idiota.E um bosta.E um calhorda.Mas eu amo você.E eu sei que você me ama e vai perceber,É por isso que escrevi este poema ruim de doer.

Daphne caiu na gargalhada, e eu lentamente fechei o papel, mordendo os lábios enquanto o enfiava dentro da bolsa.

— Você precisa mostrar isso aos seus netos.

— Você está agindo como se já tivéssemos nos entendido. — Eu bati a porta do armário, o peito borbulhando, uma bagunça total.

Daphne mordeu a maçã, mastigando antes de comentar:

— Porque você provavelmente é a única que não vê isso.

Nós entramos no refeitório, rumando para as portas da saída, para sentar do lado de fora.

— Ele dormiu com Kayla. Como sou a única, além dela, que se lembra disso?

— Porque você o ama, e isso te machuca, mas ele estava sofrendo na hora. E Dash é um idiota mesmo nos melhores dias. — Ela deu outra mordida, resmungando. — Se você e Byron não tivessem brincado um pouco naquela limusine, ele não teria ficado tão arrasado. Ele teria continuado a lutar por você, e você sabe disso.

A culpa se apoderou de mim; tirei alguns cachos da frente dos lábios enquanto o vento soprava sobre nós.

— Isso tudo é tão estúpido e confuso.

— O amor é sempre estúpido e confuso.

Eu fui em direção a uma mesa perto da borda do jardim, esperando que Dash não viesse procurar por mim. Ele sempre se sentava com os amigos no almoço mesmo.

— Você falou com Lars?

Ela jogou a maçã em uma lata de lixo e se sentou.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. Você soube algo da Willa? — perguntei enquanto deslizava para o banco.

O tempo havia esfriado, mas não tanto para que eu preferisse ficar sentada entre os olhos curiosos e sussurros descuidados. Onde eu era uma presa fácil para Dash.

Eu comemorei cedo demais.

— Ah, Peggy!

— Merda. — Eu me atrapalhei e deixei meu sanduíche cair no chão.

Daphne começou a engasgar com a água enquanto Dash se sentava bem ao meu lado.

— Ficou sem ter o que comer? Sem problemas. Eu comprei um pouco de macarrão com queijo para você.

Daphne estava chorando, abanando os olhos para manter a maquiagem no lugar.

Meu coração estava disparado, tropeçando em obstáculos inexistentes e caindo de cara no chão.

— Dash, por favor, vá embora. — Eu nem olhei para ele.

Seu joelho bateu na minha coxa enquanto ele se aproximava ainda mais. Chegou tão perto, que se um professor aparecesse, o que aconteceria em breve, ele seria convidado a mudar de lugar.

— Não vai rolar. Além disso, ouvi você falando da Willa. — Ele desembrolhou alguns talheres, enfiando no macarrão com queijo e empurrando um para mim.

O calor subiu, e o cheiro quase me fez salivar. Tentava não comprar muitas vezes na lanchonete, embora papai cuidasse de tudo que tivesse a ver com a escola. Mamãe gostava de fazer meu lanche. Desde que saímos da casa do papai, era algo que ela parecia se orgulhar de cuidar. Mas eu não poderia dizer que não me animava nos dias em que não trazia nada de casa.

Engolindo meu orgulho, puxei o macarrão com queijo para mais perto, mexendo antes de assoprar e dar uma garfada.

— Obrigada — resmunguei.

— De nada. — Dash começou a comer o seu.

— E quanto a Willa? — perguntou Daphne.

Dash engoliu a comida.

— Certo. Sim, alguém dedurou o lance dela com Jackson. Eu não acho que ela vai voltar.

Meu garfo caiu, e Dash o pegou antes de atingir a mesa, colocando-o no pote.

— Ela não vai voltar?

— Puta merda. — Daphne piscou, os olhos arregalados encarando a mesa de madeira.

— Isso — disse ele, destampando sua água e tomando um gole antes de oferecer a mim. Eu recusei. — Aparentemente ela foi expulsa. Foi morar com o pai.

O pai dela morava a meia hora de distância, nos arredores da enseada, e eu me virei para Daphne, sem saber o que dizer.

— Ela não nos contou — disse Daphne, franzindo a testa.

Dash acenou com o garfo.

— Acho que ela tem assuntos mais urgentes para resolver, como, ah, não sei, se mudar da casa onde cresceu.

Daphne cerrou os olhos para Dash, que apenas continuou comendo.

Ele tinha razão, então tentei não ficar chateada com isso.

— Precisamos ligar para ela.

Daphne acenou com a cabeça.

— Reunião de artesanato de emergência.

Terminamos de comer em silêncio. Principalmente porque eu estava morrendo de fome, mas também porque não sabia o que dizer com Dash parado ali, o choque mexendo tanto comigo quanto com Daphne.

Quando Lars veio até a mesa, Daphne ficou rígida, imediatamente arrumou suas coisas e disse que me encontraria na aula de geografia.

— Jesus — Lars gemeu, esfregando o queixo. — Ela realmente me odeia, hein?!

— Você engravidou outra garota quando você e ela estavam começando um relacionamento — disse Dash.

Lars quase rosnou.

— Foi antes de começarmos a ficar.

— Tanto faz como tanto fez — Dash respondeu.

Falei antes que os punhos que Lars cerrados sobre a mesa pudessem causar algum dano:

— Continue tentando.

Ele piscou, a mandíbula relaxando.

— SÉrio? Ela disse algo para você?

— Eu não te contaria se ela tivesse falado. — Guardei minhas coisas. — Tudo o que estou dizendo é que você deve continuar tentando. — Levantei, levando o lixo antes de ir para a porta, quando o sinal tocou.

— Sardas — Dash disse, exasperado. — Não vai nem me dar tchau? Eu comprei o lanche para você.

— Você não deve ter expectativas quando faz boas ações. — Eu passei por entre as mesas dentro do refeitório, mantendo meus olhos nas portas à frente.

Sua mão se esgueirou em volta da minha cintura assim que as portas se fecharam atrás de nós, e ele me puxou para uma pequena alcova atrás de uma fileira de armários.

— Dash, não. — Eu empurrei seu peito enquanto ele se pressionava contra mim.

— Fique brava, mas pelo menos olhe para mim. — Eu fiz uma careta para ele, e Dash riu, seu polegar dançando sobre minha bochecha. — Isso. — O humor desapareceu de sua expressão, e seus olhos adquiriram um brilho mais suave. — Você viu meu poema?

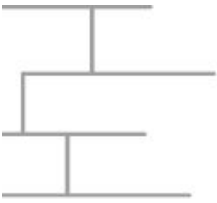
Um som me escapou, meio riso, meio respiração presa.

— Sim. Muito romântico.

Ele sorriu, depois lambeu os lábios, e eu sabia o que ele estava prestes a fazer, então me abaixei sob o braço que estava acima da minha cabeça e corri pelo corredor.

Sua risada me perseguiu.

— Nunca se esqueça que consigo correr mais rápido que você, Sardas.



Capítulo 36



Peggy

Eu não ficava online desde que Dash saíra do meu quarto no sábado. Em parte porque sabia que ele provavelmente estaria online e em parte porque não estava com vontade de jogar.

Mas depois da escola no dia seguinte, após outra rodada de Dash me encurralando a cada esquina, eu precisava me distrair. Dash estava em todos os lugares — na escola, no estacionamento, mandando mensagens para o meu celular com gifs patéticos, mas meio engraçados, e o pior de tudo, na minha cabeça.

Eu não conseguia esquecê-lo. Mas, pelo menos online, eu poderia ignorá-lo. Talvez até o bloqueasse. Embora fosse provável que ele aparecesse na minha casa.

Eu afastei meu dever de casa, então me inclinei em direção à mesa de cabeceira e peguei o controle. Enquanto esperava que o jogo carregasse, verifiquei o celular, esperando por uma mensagem de Willa. Não tínhamos contato com ela há um tempo, e Daphne e eu nos perguntamos se seus pais não teriam confiscado o celular.

Eu tinha de acreditar que ela entraria em contato ou então iria atrás do Jackson, que apareceu na escola parecendo ter caído no fundo de um barril de uísque e quase ter se afogado.

O jogo carregou, e eu segui em frente, decidindo que minhas armas precisavam de um *upgrade*. Peguei o machado de batalha e alguns nunchakus.

Isso vai servir.

Eu demorei cinco minutos antes de alguém atirar em mim, e então uma mensagem apareceu na tela. Eu sabia que ele estava online, mas fiquei feliz por Dash ter me deixado em paz. Até aquele momento.

Vaisef*der666: Quer que eu mate para você?

Não responda, não responda, não res...

PegSue12: Eu dou conta, obrigada.

Vaisef*der666: É, você dá mesmo. 😊

Ugh. Meu celular tocou, e parei o jogo para atender.

— Eu nem... Eu sei que não podemos ir a festas, mas eu preciso sair. Cinema?

Eu pensei na ideia, insegura.

— Estou de castigo.

Daphne gemeu.

— Só pergunta, talvez ela lide bem com a ideia.

Eu disse a Daphne que ligaria de volta. Eu poderia sair e comer um pouco de pipoca e desfrutar de um tipo diferente de distração.

— E aí, como está? — perguntou mamãe.

Risadas soaram fortes ao fundo. Risos familiares.

— Onde você está?

Ela zombou.

— Na casa de amigos. Por quê?

Eu balancei a cabeça, pulando da cama para verificar minha bolsa. Eu só tinha uma nota de vinte, o que não seria o suficiente.

— Daphne quer ir ao cinema.

Mamãe riu de algo que alguém disse.

— Claro, esteja em casa às nove.

Eu fiz uma careta, tirando o celular da orelha e verificando se realmente liguei para minha mãe e não para outra pessoa.

— Sério?

— Sim, estou meio ocupada, ok? Vejo você mais tarde.

— Espera — eu falei depressa. — Eu preciso de dinheiro.

Ela suspirou.

— Não estarei em casa por um tempo, então você terá que vir até aqui para pegar o cartão.

Papai nos deu um cartão de crédito para usarmos, mas mamãe tentava evitar, não querendo receber muito dinheiro dele quando não estavam mais casados. Ela sabia que me dar seria uma má ideia, mas ela me emprestava quando eu precisava de algo e ela estava sem dinheiro.

Peguei minhas chaves e bolsa, dando rapidamente uma olhada no espelho antes de assentir.

— Ok. Onde você está? Casa do Phil?

— Não, estou na casa da May. — Ela desligou, e mais uma vez, olhei para meu celular.

— Casa da May — eu murmurei as palavras sem parar, incapaz de entender enquanto dirigia até a casa de Dash.

E, caramba, ele estava online, o que significava que provavelmente estava em casa. O que queria dizer que eu precisava entrar furtivamente, pegar o cartão e sair correndo de lá.

Liguei para Daphne no caminho, e repassamos os horários do filme, decidindo sobre um que começaria em uma hora.

— E tacos — disse ela antes de desligar. — Eu preciso de umas porcarias de uns tacos.

Eu concordei, então encerrei a ligação pelo botão no volante do carro antes de dirigir pelos portões abertos.

O carro de segunda mão da mamãe parecia um alienígena empoleirado entre dois carrões, com sua pintura azul desbotada brilhando ao sol da tarde entre o Rover de Dash e o Mercedes de May.

Subi a escada curva até as pesadas portas de carvalho e empurrei uma delas. Eu não queria tocar a campainha e alertar a todos da minha presença. Era melhor se eu simplesmente pegasse o cartão e fugisse. Sem mencionar que deveria estar de castigo. Seja lá o que mamãe estivesse fazendo ali a fazia esquecer disso.

Tirei minhas botas. A casa era enorme, mas eu não deixaria Dash me ouvir passando pelo som dos meus passos em seu chão de madeira caro. Descendo o corredor na ponta dos pés, parei e me contive. Eu estava agindo como uma louca. Completamente estúpida. Que importa se ele me encontrar? Eu iria embora de qualquer maneira, como tinha planejado. Eu tinha planos.

Endireitando os ombros, passei pelo corredor sinuoso até que ouvi o som de risadas na sala mais próxima da cozinha.

Parei na entrada em arco, tentando entender o que via diante de mim. Mamãe e May estavam sentadas juntas, lado a lado, uma garrafa de champanhe aberta na mesinha de centro de vidro e um monte de fotos entre elas na espreguiçadeira marrom.

— Ele parece um fiapo — disse mamãe, segurando uma foto para examiná-la melhor.

May riu.

— Ah, você costumava dizer isso sempre, pensando que engraçada.

— Eu sou engraçada — mamãe respondeu, tomando um gole de champanhe.

— Continue dizendo isso a si mesma. — May franziu os lábios, folheando uma pilha do que parecia ser fotos minhas e de Dash no baile, a julgar pelos vislumbres de cores que combinavam com o meu vestido. Meu vestido arruinado.

Eu engoli em seco, então me fiz ser notada, limpando a garganta.

— Uh, oi.

Elas olharam por cima do ombro e May sorriu. Um sorriso verdadeiro. Dentes e tudo mais.

Deus. O que estava acontecendo?

— Querida, entre. Olha para isso — ela murmurou, gesticulando para que eu me juntasse a elas, dando tapinhas no espaço vazio ao seu lado.

Eu me aproximei, mas permaneci de pé.

— Oh, uau — eu me forcei a dizer, olhando para a foto de Dash e eu. Ele estava sorrindo contra minha cabeça, e eu estava me abaixando, sorrindo para o chão. Antes de saber o que estava fazendo, tirei a foto dela, segurando-a mais perto enquanto meu coração disparava.

Parecíamos felizes. Mesmo quando éramos tudo menos isso. Como se fosse natural que encontrássemos conforto um no outro enquanto o mundo continuava a girar sob nossos pés.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Um tremor percorreu minha mão quando devolvi a foto.

May me devolveu, tomando um gole de sua taça.

— Fique com ela. Eu revelei dezenas.

Claro que imprimiu.

Eu sorri em agradecimento, então limpei a garganta novamente, tentando me livrar da emoção enquanto contornava a mesa de centro em direção à minha mãe, que estava procurando em sua bolsa por sua carteira.

— Não exagera — ela avisou. — O que vocês vão assistir?

— Alguma comédia romântica.

Mamãe levantou uma sobrancelha.

— Você odeia isso.

— Ideia da Daphne. — Suspirei, colocando o cartão e a foto dentro do bolso da minha camisa. — Vamos comer tacos, então não

se preocupe com o jantar para mim.

— Tacos? — May animou-se. — Eu não como um taco há anos. Devíamos pedir alguns. Eles entregam? — ela perguntou à mamãe, já procurando o celular.

Mamãe sorriu para mim com um olhar que dizia que ela explicaria mais tarde.

— Uber Eats — eu disse a May.

— Uber o quê? — Ela franziu as sobrancelhas, suas longas unhas batendo na tela do celular.

— Um entregador pegará seu pedido e o trará para você — informou minha mãe.

A boca de May se abriu.

— Isso é genial. Por que não ouvi falar disso antes?

Eu balancei a cabeça, sorrindo para o chão enquanto ia embora.

— Bem, tenham um bom... O que é isso? — Uma pilha de inscrições para a faculdade estava disposta sobre a mesa de centro. Não havia notado na primeira vez que olhei.

— As inscrições de Dash para a faculdade — disse May. — Você se importaria de dar uma olhada nelas? Ele tem sido inflexível, só vai se inscrever nas faculdades para as quais você planeja se inscrever, então é melhor ter certeza de que escolheu as certas.

Meu coração parou quando peguei os papéis e comecei a folhear as páginas. Todas as três inscrições eram para faculdades que eu disse a ele que queria tentar. Uma faculdade local, Gray Springs e uma em Nova York.

— Parece tudo certo para mim. — Eu as coloquei em uma pilha bagunçada e saí da sala. — Vejo você mais tarde, mãe.

May fez um “hmmm”.

— Eles ainda estão brigados?

Eu não entendi a resposta da mamãe, muito decidida a sair de lá antes que as lágrimas finalmente escapassem.

Enfiando minhas botas, corri para o meu carro e tropecei quando vi Dash encostado na porta do lado do motorista.

— Eu disse que sou mais rápido. — Ele estava com os pés cruzados e não usava camisa, a calça de moletom preta cobrindo seus quadris bem definidos. Seu abdômen se contraiu quando ele se empurrou, dando um passo lento para a frente em seus chinelos. — Você achou que poderia vir aqui sem que eu soubesse?

— Como você descobriu? — perguntei, tentando cobrir a emoção que quase me dividiu a meros segundos atrás.

Ele bufou, coçando a barba que crescia sob o queixo.

— Eu sinto toda vez que você entra em algum lugar, Sardas. Pare de ser idiota.

— Eu não sou idiota. Você que é.

— Eu tenho sido um imenso idiota. O maior de todos. — Seus dentes se arrastaram sobre o lábio, e minha respiração ficou presa, saindo de mim enquanto eu o olhava. — Aonde você está indo?

— Isso não é da sua conta.

Uma sobrancelha se ergueu, e ele cruzou os braços sobre o peito, fazendo seus músculos parecerem ainda maiores.

— Bem, eu não tenho nenhum lugar para ir. Minha garota continua fugindo de mim, então vou esperar aqui mesmo até que ela abra sua linda boca e me diga o que vai fazer.

— Eu não sou sua garota.

— Então pare de olhar para o meu corpo como se quisesse lambê-lo.

Eu tossi uma risada, então tirei os olhos de sua pele lisa.

— Você é tão cheio de si.

— Você também pode ficar cheia de mim, é só me perdoar.

Meu estômago esquentou.

— Não acredito que você disse isso.

Seus dentes brilharam, os lábios se curvando em direção à sua bochecha direita.

— Vou dizer de novo para aqueles que não ouviram. — Sua voz aumentou. — Você também pode...

Eu me choquei contra ele, cobrindo sua boca com a minha mão. Sua língua deslizou por minha pele, seus olhos brilhando como joias azuis entre os cílios fascinantes.

— Pare com isso agora.

Percebi meu erro quando seus braços me envolveram, me segurando com força contra seu corpo. Encostei em seu peito enquanto tentava empurrá-lo.

— Vou perguntar mais uma vez antes de arrancar as chaves de você. Aonde você está indo que é tão importante a ponto de você ter que vir e pegar o cartão de crédito do seu pai?

Maldito seja por saber de cada pequena porcaria de detalhe.

— Para o cinema.

Ele resmungou, seus olhos tremendo enquanto o aperto aumentava. Meus seios ficaram espremidos contra seu peito quente, e tudo que eu podia sentir era o cheiro de sabão misturado com loção pós-barba fraca em sua pele.

— Sobre o meu cadáver. Com quem?

Superaquecendo. Eu estava superaquecendo e precisava parar com isso.

— Daphne.

Dash não me libertou. Sua mão foi para o meu queixo, inclinando-o para que sua boca pudesse se aproximar.

— Acho que vou com você para ter certeza de que não está mentindo.

Ah, meu Deus. Eu tinha de acabar com isso, porque ele com certeza iria junto. Eu sabia que Dash iria.

— Eu vi suas inscrições para a faculdade.

Uma respiração dura o deixou, acariciando meus lábios.

— Você viu, é?

Eu balancei a cabeça, e seu aperto afrouxou apenas o suficiente para eu empurrá-lo, mas não o bastante para escapar. Embora eu definitivamente pudesse, se eu quisesse. Acho que não queria.

— Por que você fez isso?

Suas sobrancelhas franziram.

— Porque esse sempre foi o plano.

Eu não tinha certeza se Dash estava se referindo à faculdade ou a nós.

— Mas aí a merda bateu no ventilador. Você não pode basear seu futuro nas minhas decisões.

— É ruim que não posso — disse ele. — Eu posso estudar administração em qualquer faculdade velha e miserável. Esses planos são flexíveis, mas os planos que tenho para você? — Ele balançou a cabeça. — Estão bem distantes de serem flexíveis.

Desisti de segurar as lágrimas, e Dash enxugou as que escorreram.

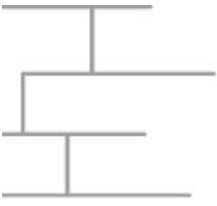
— E se...?

— E se o quê? Já estragamos tudo, agora temos uma opção. — Ele beijou uma lágrima solitária perto do meu olho, lambendo-a enquanto sussurrava. — Apostar tudo. Já fiz isso, estou esperando que você se arrisque e me acompanhe nessa.

— Estou com medo — disse, sem saber de onde veio essa confissão.

— Que bom. — O corpo de Dash parecia impossivelmente quente contra o meu, como se até mesmo sua pele estivesse tentando me tranquilizar. — Se o amor não te assusta, você não está apaixonada. E se você não está apaixonada, o que está acontecendo, Peggy? — Ele não esperou que eu respondesse. Dash abriu a porta e me ajudou a entrar. — Vou rastrear seu celular, só pra te avisar. — Depois de bater no teto do carro, ele observou enquanto eu ia embora.

Eu ainda estava me recuperando de tudo o que ele tinha dito. Tanto que seu último comentário nem me incomodou.



Capítulo 37



Peggy

Dash continuou com suas travessuras habituais pelo resto da semana, e eu estava cansada. Tão incrivelmente cansada de me sentir pendurada por um fio que está prestes a se partir... Eu precisava me soltar, mas, em vez disso, continuei esperando pela queda.

Se você não está apaixonada, o que está acontecendo, Peggy?

Eu sabia exatamente o que era. Eu estava apavorada, e ainda estava sangrando, o que só aumentava o terror.

Deixar tudo para trás significava que eu teria de perdoar, seguir em frente e tentar curar. Eu não tinha certeza se estava pronta para isso, mas também não tinha certeza se poderia continuar parada, na esperança de escapar de mais desgosto e decepção.

Remoer a mágoa em meu coração era mais fácil. Era mais simples, em alguns aspectos, do que abordar o motivo pelo qual estava lá, como um pedaço de cimento bloqueando uma artéria. Ele me machucou, mas eu o machuquei primeiro. Não era um jogo, e não era justo para nenhum dos dois, não havia uma maneira real de ganhar ou perder.

Willa finalmente entrou em contato por um novo número, dizendo que nos ligaria no sábado.

Quando apareceu na minha casa, houve lágrimas, abraços e mais lágrimas enquanto ela tentava nos contar o que havia acontecido.

— Quem disse a eles? — eu perguntei, botando minha foto com Dash em cima das folhas de papel que combinariam com o meu vestido.

Willa esfregou o rosto, sem maquiagem, mas ainda parecendo deslumbrante com seus cílios naturalmente longos e grossos e lábios inchados e rosados. Seus olhos estavam vermelhos, mas sua pele estava limpa.

— Eu não faço ideia.

— Nós vamos descobrir — disse Daphne, apontando o bastão de cola para ela. — Guarde minhas palavras. E quando o fizermos... — Ela passou a cola na altura da garganta como se a estivesse cortando.

Willa esboçou um sorriso, e eu afaguei sua mão.

— Então esse é o seu novo número?

— Sim — disse ela, olhando para seu álbum fechado, papéis e outros materiais escapando das bordas. — Papai me deu um celular novo, mesmo que minha mãe tenha avisado que não tenho permissão para ter um.

Daphne pigarreou.

— Não é como se ela pudesse definir alguma coisa depois de te expulsar de casa.

Willa sorriu novamente.

— Isso é exatamente o que papai disse.

— O que ele disse sobre você e Jackson? — perguntou Daphne.

Ela demorou a responder, ajustando a gola do vestido marrom-claro, no estilo camponesa.

— Ele não ficou feliz. Mas é aquilo, ele odeia a mamãe, então acho que mesmo que não ache que esteja tudo bem, está tentando nos aceitar para irritá-la.

Comecei a recortar a lua estampada no papel rosa-chiclete.

— Você e Jackson ainda estão juntos?

— Sim — disse ela, embora sua voz tenha ficado insuportavelmente suave. — Mas eu não sei como isso vai funcionar. Eu começo na escola pública na segunda-feira, e mamãe provavelmente está rastreando o celular dele.

Eu afastei a memória de Dash dizendo que estava rastreando o meu, apenas para ter outras lembranças tomando seu lugar. A maneira despreocupada com que ele tão facilmente continuava me tocando, tentando me beijar quando eu menos esperava ou mesmo quando eu esperava.

— Escola pública — Daphne franziu o nariz, então se conteve quando eu a encarei.

— Conheci um cara legal na festa de Wade no fim de semana passado.

Willa franziu a testa.

— Aquele que você beijou?

Eu concordei.

— O nome dele é Todd. Manda um oi por mim e diga a ele que sinto muito, Dash é um idiota.

Daphne soltou uma risada.

— Todd. Bonitinho.

— Ele era fofo, na verdade.

Willa olhou para seu álbum fechado, a limonada ainda cheia na frente dela. Abaixando a tesoura, eu arrastei a cadeira para mais perto e passei um braço em volta dela. Sua cabeça caiu no meu ombro enquanto eu esfregava seu braço; ouvi seu soluço.

— Ainda vamos nos ver.

— Todo maldito fim de semana. — Daphne se aproximou, agarrando a mão dela e apertando. — E você vai fazer alguns novos amigos. Só não deixe que eles nos substituam, ou vou ficar puta.

Willa soluçou, rindo.

— Eu não quero novos amigos. É o último ano; todo mundo já tem amigos.

— Incluindo você — eu disse. — Então se você não fizer amizade com mais ninguém, tudo bem também. Você tem a gente.

Daphne acenou com a cabeça.

— Você sempre vai ter a gente.

Depois de alguns minutos, voltamos a fazer as colagens, e Willa se acomodou, tomando um gole de sua bebida.

— Então — ela disse, colocando seu álbum de lado. — O que eu perdi em relação ao Dash?

— Tanta coisa boa. — Daphne dobrou uma folha de papel ao meio e começou a cortar ao longo da linha vincada. — Ele subiu o nível, mas a madame Peggy Sue desiste? Não. — Ela balançou a cabeça, rindo. — Não mesmo.

Revirei os olhos enquanto Willa fazia Daphne explicar tudo o que ele tinha feito na escola. Fiquei olhando para nossa fotografia na mesa, imaginando o que Dash estaria fazendo. Ansiava, mesmo que fosse por apenas um segundo, que ele aparecesse no meu quarto depois que as meninas fossem embora.

Eu sentia falta dele.

Eu senti a falta de Dash por muito tempo; eu tinha de me perguntar se sentir sua falta era o pior erro que eu poderia cometer quando estar com ele seria tão fácil quanto respirar. Se eu pudesse apenas esquecer o que aconteceu...

— Talvez eu não precise esquecer — eu disse.

— Hm? — Willa disse.

Daphne franziu a testa.

— Você está falando sobre o que Dash fez?

Suspirei.

— Talvez eu nunca esqueça, mas isso significa que não possa perdoá-lo?

Daphne começou a fazer “hmmm”.

— Você sabe minha opinião sobre isso. Ele não engravidou ninguém, então, no que me diz respeito, fique à vontade.

Willa deslizou o dedo ao redor da borda do copo, em seguida o lambeu.

— Vai doer, não importa o que você faça. Mas pode doer menos se você estiver feliz, em vez de se agarrar a todas as razões para não ser feliz.

— Uau. — Eu pisquei. — Isso foi profundo.

Daphne riu.

— Mas é verdade.

Eu pensei sobre isso enquanto ela e Willa discutiam o esquema de cores de suas colagens.

E, olhando para Willa, que estava fazendo o seu melhor para permanecer esperançosa em uma situação que destruiria cada gota de esperança que ela reunisse, eu decidi que Dash estava certo.

Eu estava sendo uma tola.

Eu simplesmente não sabia como admitir isso para alguém com um ego maior do que minha casa.



Mamãe não falou nada sobre sua repentina reconciliação com May.

Naquela noite, enquanto estava deitada no sofá zapeando pelos canais enquanto Phil preparava o jantar, decidi deixar de lado meus problemas e perguntar a ela sobre o assunto.

— Como você e May se reconciliaram?

Mamãe largou o controle remoto, virando a cabeça em minha direção, no braço do sofá.

— Depois que ela veio aqui procurando por Dash, liguei para ela alguns dias depois para ver se havia alguma notícia.

— Você ligou? — Não consegui esconder minha surpresa.

Ela soltou um som irritado.

— Eu praticamente ajudei a criar aquele menino, então é claro, eu queria saber se ele estava bem. E, bem, acho que apenas

começamos a conversar em vez de gritar e ficar com raiva.

— Hm — eu bufei.

Ela me cutucou com o chinelo.

— Isso é sobre o Dash? Ou você realmente queria saber?

— Na verdade, eu queria saber. Mas, sim. — Eu inalei profundamente, meus lábios ondulando quando soltei o fôlego e admiti. — Agora estou me perguntando sobre ele também. — Era bom ser completamente honesta com mamãe novamente.

Seu sorriso dizia que ela concordava.

— Vocês ainda não fizeram as pazes?

Eu balancei a cabeça, puxando um fio solto na minha calça de pijama com bolinhas douradas e cinzas.

— Não.

— Porque fazer as pazes dessa vez significaria que as coisas não estão mais exatamente no campo da amizade.

Meus olhos se voltaram para os seus, com um brilho de conhecimento.

— Bem por aí.

Ela colocou as pernas para cima, movendo-se e dando tapinhas no sofá para que eu me sentasse.

— Você está assustada? — ela perguntou quando eu sentei.

— Sim. — Eu dobrei as pernas e apoiei o queixo no joelho. — Quer dizer, já mudou tanto, que nem sei por que estou assustada, ou como dar o próximo passo.

Seus dedos brincaram com meus cachos.

— Nem sempre é preciso uma grande discussão ou um gesto elaborado. Às vezes, você simplesmente dá um passo, depois outro, e outro, até que tudo pareça estar bem.

Pensei nisso enquanto jantávamos, e então voltei para o meu quarto e liguei o Xbox.

Dash não estava online, mas eu esperei, jogando com Raven, até que vi seu nome de usuário aparecer.

PegSue12: Se você conseguir me matar, pode vir até aqui.

Houve uma pausa antes de Dash responder.

Vaisef*der666: Isso quer dizer...?

PegSue12: Acho que você terá que tentar me vencer para descobrir.

Ele não respondeu, mas jogou como nunca. Eu ri quando uma bomba caiu na minha casa, e o amaldiçoei por destruir algo que me custou trinta dólares para fazer.

Eu tinha acabado de escapar, e estava correndo pela rua para entrar furtivamente em um prédio, quando ele disparou do nada. Eu atirei de volta, balas zunindo e meu machado voando, e então meu estômago afundou.

Ele morreu.

Nós dois não dissemos nada por um longo tempo, e quando meu coração ameaçou explodir a cada batida, digitei outra mensagem.

PegSue12: Venha mesmo assim.

Ele desconectou um segundo depois, e comecei a andar pelo quarto.

O nervosismo passou por mim da cabeça aos pés, e bati as mãos em volta do rosto, tentando pensar com clareza.

Assim que pude, fui ao banheiro e tirei os restos de ravióli de cogumelos da boca, depois tentei fazer algo com meu cabelo, mas foi um caso perdido.

— Pegs.

Eu me virei, e vi mamãe encostada na minha porta, com a cabeça inclinada de curiosidade.

— O que você está fazendo?

Eu parei de mexer minhas mãos úmidas.

— Eu disse a Dash para vir aqui. — Então entrei em pânico por um motivo diferente. — Merda, quer dizer, droga. Eu esqueci de te perguntar...

Ela ergueu a mão.

— Aquele menino nunca pediu permissão para entrar em nossa casa. Mas, querida — ela ergueu uma sobrancelha — se acalme. E deixe a porta destrancada. Eu estarei na sala.

Eu balancei a cabeça, mesmo que ela já tivesse ido embora, então pulei quando minha janela se abriu, e Dash entrou como um raio, a cama balançando enquanto eu corria para fechar a porta.

— Isso foi rápido.

— Os dez minutos mais longos da minha vida. — Ele tirou as botas, e elas pousaram na frente da minha mesa. — Venha aqui.

Pisquei, meio atordoada com sua confiança, mas era o Dash, afinal. Demorei a ir para a cama. Ele enganchou suas mãos atrás das minhas pernas quando o alcancei, trazendo-me entre suas coxas, acariciando com os polegares minha calça de flanela.

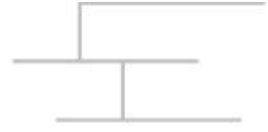
— Você está disposta a mergulhar de cabeça? — ele perguntou, e a borda de vulnerabilidade em seu olhar, marcando seu rosto e saturando sua voz, ameaçou me colocar de joelhos em um instante.

Meu coração batia forte e parecia machucar meu peito a cada respiração que eu tentava tomar.

Incapaz de aguentar mais, eu inclinei seu queixo e abaixei meus lábios para pairar sobre os dele.

— Sim. Você venceu.

— Sardas. — Uma risada silenciosa atingiu minha boca antes de seus lábios sussurrarem contra os meus. — Nós dois vencemos.



Capítulo 38

Dash

Sete meses depois

Ela estava radiante, coberta da cabeça aos pés em prata, iluminada pela lua que brilhava e sob a luz das estrelas.

Enquanto a ajudava a sair da limusine que aluguei, meu peito se encheu de algo além de ar. Minha respiração estava quente, aumentando o calor do meu coração.

— Você está maravilhosa.

Peggy pressionou a mão na minúscula tiara presa em seu cabelo. Usava não por qualquer regra idiota do baile, mas porque eu a coloquei lá.

— Depois de uma noite inteira de dança?

— Especialmente depois disso. — O motorista fechou a porta, tirando seu chapéu para mim, depois que eu lhe dei uma gorjeta generosa, e então voltou para o seu lado do carro.

Agarrado sua mão e pegando nossa mala com a outra, eu a levei até as portas do hotel. Alguns outros alunos estavam fazendo *check-in*, mas eu não me importava. Deixe que os hipócritas pensassem o que quisessem. Eles estavam ali pelo mesmo motivo.

Sim, não fizemos sexo. Mais de sete meses juntos, e ainda não tínhamos feito isso. Embora não significasse que desconhecíamos o corpo um do outro.

Nem fodendo.

Eu estava disposto a esperar, mesmo quando ela pressionou, sabendo que essa noite em particular seria o momento certo para apagar as memórias que às vezes azedavam seus olhos cinzentos sempre que ela avistava Woods ou Kayla. Mas eu pude conhecer cada centímetro delicioso de seu corpo de todas as outras maneiras que pude, às vezes beirando a loucura enquanto nos explorávamos tarde da noite.

Nós brincávamos, jogávamos um jogo, assistíamos aos nossos filmes, nos pegávamos de novo, e então a exploração começava novamente.

Peggy era a personificação de todas as minhas fantasias trazidas à vida. Não passava um dia sem que eu não me pegasse olhando para ela, mesmo por um momento, sentindo como se tivesse ganhado um presente que provavelmente não merecia. Um presente entregue a mim antes mesmo que pudéssemos murmurar nossas primeiras palavras e errar nossos nomes. Um presente que quase perdi por uma mistura de más decisões e sentimentos não reconhecidos.

— O que você está pensando? — Peggy perguntou assim que fizemos o *check-in* e entramos no elevador.

Um casal mais velho estava ao lado, uma mulher com bochechas endurecidas sorrindo para nós, provavelmente sabendo o que faríamos.

Eu não retornei o sorriso, mas Peggy, sim, então apertei o botão para o último andar.

— Tem certeza de que quer que eu responda isso perto de desconhecidos?

As bochechas de Peggy enrubesceram sob a leve camada de maquiagem que cobria suas sardas. Não as cobria completamente, planejei fazê-la suar o suficiente para que eu pudesse traçar a língua e dedos sobre elas até o sol aparecer no horizonte.

— Fica de boca fechada.

Eu a puxei para perto, curvando-me para esfregar meu nariz na lateral de sua cabeça.

— Tem certeza? Acho que você vai gostar do que eu estava pensando.

Sua mão apertou a minha, mas além disso ela permaneceu em silêncio até que o elevador apitou, e o casal saiu.

Quando as portas se fecharam, Peggy olhou para mim.

— Numa escala de um a dez?

Eu fingi pensar muito sobre o assunto.

— Onze.

Ela riu, e eu estava prestes a empurrá-la contra o espelho e roubar aquela risada quando as portas se abriram novamente.

Saímos e descemos o corredor acarpetado bege para uma das duas suítes da cobertura. Eu não sabia quem tinha reservado a outra, e não me importava. Eu tinha reservado esse quarto há quatro meses, sabendo que os outros idiotas mimados da escola fariam de tudo para ter a chance de ficar com um deles.

Peggy deslizou o cartão-chave para dentro, a porta apitou e entramos.

Sua mão deixou a minha enquanto ela caminhava para a janela. Eu coloquei nossas malas no chão, em seguida, tirei o paletó preto do *smoking* e joguei-o sobre a cadeira.

Suas mãos estavam pressionadas contra o vidro, a respiração embaçando-o enquanto ela olhava para o centro da cidade, para todas as árvores, a água e as casas abaixo.

— Sempre pareceu tão pequena.

— Magnolia Cove? — perguntei, caminhando para mais perto enquanto tirava as abotoaduras.

— Sim. Mas olhando assim... — ela parou, virando a cabeça, um sorriso se formando em seus lábios. — É tudo, menos pequena. É bonita.

— É — eu disse, meus olhos nela enquanto jogava as abotoaduras. Elas caíram no chão com um barulho, mas não me importei em ver para onde elas rolaram.

As mãos de Peggy deslizaram pelo vidro, enquanto as minhas pousavam em seus quadris, acariciando, afastando o tecido liso de seu vestido sobre sua pele ainda mais sedosa.

— Como você acha que vai ser?

— O quê? — perguntei em direção ao seu pescoço, tirando seus longos cachos da frente para roçar meus lábios sobre a curva.

Um som trêmulo precedeu sua resposta.

— A faculdade. Estar longe de casa.

Passei a língua contra seu pulso acelerado e a pressionei contra o vidro.

— Você já sabe a resposta para isso.

Seu zumbido era mais um gemido.

— Me fala de novo.

Eu a girei, minhas mãos agarrando as dela, levantando-as acima de sua cabeça contra a janela. Seus olhos estavam em minha boca, e seu peito subia e descia mais rápido a cada respiração.

Lambendo os lábios, encostei a testa na dela e deixei os narizes se tocarem.

— Será uma aventura. Do tipo que eu posso levar minha casa junto.

Puxando as mãos para longe das minhas, ela chutou os saltos antes de jogar os braços em volta do meu pescoço.

— Espero que você faça o que eu quero.

Suas palavras aqueceram minha pele, meu coração e meu pau.

Apertei sua bunda, deixando-a sentir quão duro eu estava.

— Você ainda está tomando a pílula? — Sua mãe havia conseguido uma receita um mês depois de começarmos a namorar. Eu trouxe vários preservativos comigo, mas não estava nem aí para eles.

Éramos Peggy e eu pela eternidade. Além disso, eu nunca tinha transado sem camisinha antes. Eu ouvi que era indescritível, mas não havia ninguém com quem eu topasse correr esse risco.

Peggy valia todos os grandes riscos. Ela sempre valeria.

Eu não me importava que ela sangrasse. Eu queria isso. Meu pau latejava com o quanto queria ser o único a fazer isso acontecer. Abri-la, roubar sua inocência e transformá-la em uma mulher feita apenas para mim.

Quando ela cravou os dentes no meu pescoço e beijou o local, pareceu uma afirmação para mim.

— Sim. Todos os dias. Está até na bolsa.

Depois do furacão que aconteceu com Daphne e Lars, era justo dizer que Peggy estava um pouco assustada com toda a coisa de pais adolescentes. Eu não poderia culpá-la, mesmo que a maioria das situações provavelmente não fosse tão complicada quanto a deles.

Puxando seu vestido, eu o puxei para cima e mantive os olhos nos dela, enquanto o material de seda escorregava dos meus dedos e caía no chão, atrás dela. Lentamente, deixei meus olhos vagarem. Peggy estava usando um sutiã sem alças, branco, com um pequeno laço no centro.

Aquele arco minúsculo, o material de renda amortecendo os seios, fez o ar parar dentro dos meus pulmões.

Limpei a garganta, meu dedo subindo para roçar o arco antes de traçar onde as costuras de seu sutiã encontravam sua pele cremosa.

— Talvez eu precise bater uma no banheiro antes. Podemos dar uns amassos depois, e eu vou ficar duro de novo.

Peggy riu, então estendeu a mão para trás e desabotoou o sutiã, e minha boca secou quando ele caiu no chão. O ar-condicionado do quarto fez seus mamilos endurecerem. Eu gostaria de pensar que era por minha causa, mas não me importei muito. Minhas mãos deslizaram ao redor deles, polegares sobre os bicos endurecidos, e então eu os apertei.

Suas mãos encontraram as minhas, segurando-as contra seus seios enquanto ela esfregava as coxas uma na outra. Eu olhei para baixo e vi a calcinha branca combinando.

— Ela também precisa ir embora.

— Você tira.

— Sim, senhora. — Antes de o fazer, me abaixei e a joguei por cima do ombro, então caminhei pela área de estar, quase tropeçando nos tapetes escuros que cobriam qualquer espaço que parecia muito vazio, e chutei a porta do quarto.

Na cama king-size, Peggy se jogou e só então deitou, rindo em um mar de linho cor de creme; eu agarrei a borda de sua calcinha e

a puxei.

Joguei-a por cima do ombro, e ela pousou na TV de tela plana na parede, o que só fez com que Peggy risse de novo.

Por mais que eu quisesse entrar nela, finalmente, o som de sua risada era muito bonito para se interromper. Então, alisando suas coxas, adiei o momento.

— Dash. — Ela se contorceu, tentando bater em minhas mãos.

Elas deslizaram por entre as coxas, e eu sorri quando Peggy encontrou meu olhar antes que eu as abrisse. Agora era a hora de interromper a risada.

Minha língua deleitou-se com Peggy, torturou e amou-a, sabendo que ela provavelmente não sentiria muito prazer, se é que sentiria algum, uma vez que meu pau a enchesse pela primeira vez.

Meus dedos a abriram, mexendo naquele botão antes de deslizar até a metade para dentro e torcer cuidadosamente. Eu sabia, não importa o quanto eu a preparasse, ainda iria doer, então quando seus gemidos se tornaram sussurros roucos, suas coxas tremendo continuamente, enquanto meus dedos e língua a mantinham no limite inebriante do prazer, eu a deixei gozar.

Suas pernas envolveram minha cabeça, quase balançando de um lado para o outro enquanto eu tentava extrair cada átomo de êxtase de seu corpo. Eu queria que Peggy fosse drenada de tanto prazer, que ficasse tão molhada e cansada, que relaxasse o máximo possível.

Afastando suas coxas da minha cabeça, me levantei rapidamente e arranquei a camisa, em seguida tirei a calça e a cueca. Não perdi tempo, sabendo que, se o fizesse, ela poderia ficar muito tensa. Não porque ela estivesse preocupada, mas sim porque não importava o quanto ela quisesse, sabia que ia doer.

Seus olhos estavam semicerrados, as mãos alcançando minha pele enquanto eu subia em cima dela e puxava sua perna para minhas costas. Quando ela me sentiu duro contra sua entrada molhada, estremeceu, e sua mão encontrou meu rosto.

— Está tudo bem.

Eu balancei a cabeça e beijei seu polegar quando ele se aproximou da minha boca. Eu me inclinei sobre o cotovelo, ao lado de sua cabeça, e usei minha mão livre para me impulsionar para dentro.

— Minha mãe do céu — eu disse, gemendo enquanto entrava devagar, tentando não forçar muito

Seus olhos permaneceram no meu rosto, e se estava doendo, ela não deixou transparecer. Seus dedos continuaram tocando meus lábios, e seus olhos brilhavam como joias, saciados, contentes em olhar para mim.

— Qual é a sensação?

— Apertada — eu disse, meus quadris se movendo, querendo ir mais rápido, meter nela, tomar, adorar, estocar até que eu mal pudesse enxergar.

— É?

Eu balancei a cabeça, minhas narinas dilatadas enquanto eu continuava indo contra aquela barreira. Eu queria que ela sumisse. Precisava acabar com aquela barreira. Eu precisava ir até o fim antes que meu coração parasse.

— Como veludo aquecido.

— É? — Ela gostou disso, seus lábios se ergueram. Mas eu podia ver a dor em seus olhos agora. — Vai com tudo, Dash. Manda ver.

Com essas palavras, eu parei, piscando para ela. Abaixei sobre seu corpo, até que nossas bocas se encontrassem e cada centímetro de nossa pele pudesse sentir os batimentos cardíacos acelerados um do outro.

— Mantenha seus olhos em mim — eu sussurrei.

Sua boca roçou na minha.

— Ok.

Afastei os quadris por um momento, e passei o braço livre por trás de suas costas até o ombro, segurando-a contra mim, enquanto eu mergulhava fundo; Peggy resfolegou.

Eu poderia ter ficado perdido naquele êxtase por horas, mas subi até a superfície e salpiquei seu rosto com beijos enquanto cuidadosamente me movia para dentro e para fora.

Seus olhos permaneceram cerrados, suas unhas arranhando minhas costas. Continuei a beijá-la, fazendo seus lábios se separarem enquanto meu pau forçava suas paredes a se ajustarem. Quando suas unhas escorregaram da minha pele, sua mão encontrando meu rosto e meu cabelo, eu sabia que o pior da dor estava passando, então me dei permissão para meter um pouco mais rápido.

Sua respiração se estabilizou, mas ela ainda lutava para encontrar minha língua; em vez disso, ela gemeu levemente enquanto eu mordiscava e sussurrava contra seus lábios como ela era gostosa.

Eu nunca senti nada parecido. Puro nirvana. Tão molhada, tão quente, tão apertada, tudo isso combinado com uma jovem mulher que me fazia ver estrelas apenas por beijá-la; eu estava acabado.

A bagunça que eu fiz começou a se manifestar nas nossas respirações ásperas e gemidos agudos, e eu não consegui segurar nem mais um segundo.

Era demais. Peggy era demais. Muito de tudo que eu nunca soube que precisava. Eu estava dentro dela. Minha melhor amiga. E eu não queria sair dali nunca.

— Porra, porra. — Eu gozei, tremendo que nem vara verde e segurando-a como se ela fosse um bote salva-vidas. Peggy acariciava minhas costas.

— Dash? — ela perguntou depois de um momento.

— Hmm? — Minha cabeça estava girando. Eu tinha certeza de que ainda estava meio duro dentro dela. — Merda, desculpe. — Eu comecei a me retirar, e seus braços me apertaram.

— Não, fique.

Nós ficamos parados, apenas respirando e nos tocando por um longo tempo.

— Você está bem?

— Perfeitamente.

Eu bufei em sua pele.

— Estou esmagando você e tenho quase certeza de que preciso te limpar, talvez pegar um pouco de Tylenol. — Fiz uma pausa, erguendo-me sobre os cotovelos. — Merda, eu sabia que tinha esquecido alguma coisa.

— Dash.

Passei a mão pelo cabelo, exasperado comigo mesmo.

— Estava perto da minha bolsa e tudo, mas Church estava tentando entrar na bolsa e...

— Dash.

— E então eu devo ter deixado cair no chão, aí mamãe estava perguntando quanto tempo as fotos demorariam...

Peggy explodiu, agarrando minhas bochechas:

— Dash, cale a boca. Eu vou ficar bem. — Eu fiz uma careta, e ela riu. — Eu não sei do que gosto mais, do seu sorriso ou da cara feia que você faz.

— Não tem necessidade de escolher. Eu posso fazer os dois ao mesmo tempo.

Ela riu mais enquanto eu sorria e fazia uma careta, sua boceta apertando mais forte em volta do meu pau. Sim, eu estava pronto para outra. Quando sua risada desapareceu, ela desenhrou uma linha entre minhas sobrancelhas.

— Você acha que será sempre assim?

— Tem sido assim há dezoito anos — eu disse. — Só fica cada vez melhor.

— Mesmo depois de piorar.

— Especialmente depois. — Eu beijei seu nariz. — Podemos fazer sexo de reconciliação agora.

— Idiota — disse ela.

— Você me ama.

— Eu amo. — Um sorriso melancólico atacou meu coração. — Me apaixonar por você foi a coisa mais difícil, mais exaustiva,

estimulante e maravilhosa que já me aconteceu. — Ela alisou a ponte do meu nariz. — Porque você se certificou de que seria com você. E eu estou tão feliz por ter feito isso.

Alívio e mil sentimentos violentos correram em mim. Meu coração pareceu explodir, meus braços envolvendo sua cabeça enquanto encaixava o rosto sob seu queixo e sussurrava em uma respiração rouca:

— Peggy Sue, eu te amo pra caralho.

— Versão 2.0.

— Versão 2.0, porra.

Agradecimentos

Ao meu marido e meus filhos. <3

Michelle, obrigada por tudo que fez por mim. De planilhas a leitura inicial e telefonemas de duas horas sobre todo o resto. Uma verdadeira salva-vidas.

Lucia, nem sei como dizer isso. Você já conhece as muitas maneiras pelas quais me ajudou. Eu vou te encontraaaaar.

Allie, obrigada por amar tanto Dash e Peggy, e por todo o seu incentivo e feedback. Quando este livro for lançado, já terei abraçado você na vida real. O que me diz disso?

Giana, seu entusiasmo por tudo que faço significa muito para mim. Você é real, e eu te amo.

Para o resto dos meus queridos amigos, respiro mais fácil porque tenho vocês comigo na minha vida. Eu os amo tanto, que pediria que alguém segurasse minha cerveja por vocês.

Jenny, da *editing4indies*, livro número oito. Insano. Muito amor e muito obrigada.

Emma, obrigada por revisar. Você é incrível e adorável.

Lauren, obrigada pelos gráficos sempre épicos e pela ajuda na revisão final.

Nina e a equipe da *Social Butterfly PR*, vocês, senhoras, são o epítome do trabalho em equipe. Obrigada por tudo que fizeram.

Stacey, Champagne Book Design, a maneira como você transforma palavras em livros me surpreende sempre. Obrigada.

Annette, sua alma generosa e linda. Obrigada por tudo que você faz.

Sarah, da Okay Creations, mais uma vez você me deixou sem palavras e muito apaixonada.

Meus primeiros leitores, equipe de rua, blogueiros e os membros do meu *Tea Room*, não posso agradecer o suficiente pelo apoio e amor sem fim que vocês me mostraram. Todos vocês são incríveis, e estou cheia com uma gratidão indescritível por todos.

Para você, se escolheu esse livro e o leu até o final, obrigada. Obrigada por voltar a ler mais palavras minhas. Se for a sua primeira vez, obrigada por me dar uma chance.

Obrigada, obrigada, obrigada. <3

Dearest reader,

I hope you enjoy Dash
and Peggy's story as
much as I enjoyed writing it.

All my love and gratitude,

E. J. L.



Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

- ✓ **TIKTOK:** <https://www.tiktok.com/@allbookeditora>
- ✓ **FACEBOOK:** <https://www.facebook.com/AllBookEditora>
- ✓ **INSTAGRAM:** <https://www.instagram.com/allbookeditora/>
- ✓ **TWITTER:** <https://twitter.com/AllBookEditora>

Após a leitura, não deixe de avaliá-la.

E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.